

LEI ELEITORAL DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

4ª reedição

Maria de Fátima Abrantes Mendes

Jorge Miguéis

**Actualizada, anotada e comentada
e com os resultados eleitorais de 1976 a 2002**

2005

LEI ELEITORAL DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

4ª reedição

Maria de Fátima Abrantes Mendes

Jorge Miguéis

**Actualizada, anotada e comentada
e com os resultados eleitorais de 1976 a 2002**

2005

A meus pais, Cristina Aurora e João Manuel da Costa Figueira

Mª Fátima Abrantes Mendes

À memória de meus pais

Jorge Miguéis

Edição dos autores

Título: **Lei Eleitoral da Assembleia da República**

Impressão e acabamento:

Depósito Legal:

ABREVIATURAS

AACS – Alta Autoridade para a Comunicação Social

AAGeral – Assembleia de Apuramento Geral

A.C. - Assembleia Constituinte

AC - Acórdão

A.L. - Autarquias Locais

al. - alínea

A.L.R. - Assembleia Legislativa da Região Autónoma

A.L.R.A.A. – Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

A.L.R.A.M. – Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira

A.R. - Assembleia da República

Artº - artigo

BDRE - Base de Dados do Recenseamento Eleitoral

B.I. - Bilhete de Identidade

BMJ – Boletim do Ministério da Justiça

C.C. – Comissão Constitucional

C. Civil - Código Civil
C.E. – Código Eleitoral
cfr. - confrontar
C.M. - Câmara Municipal
CNE - Comissão Nacional de Eleições
C.P. - Código Penal
C.P.A. - Código do Procedimento Administrativo
C.P.C. - Código de Processo Civil
C.R. - Comissão Recenseadora
C.R.P. - Constituição da República Portuguesa
D.A.R. - Diário da Assembleia da República
DEC - Decreto
DL - Decreto-Lei
DR - Diário da República
G.C. - Governador-Civil
IN/CM - Imprensa Nacional-Casa da Moeda
IPPAR - Instituto de Protecção do Património Arquitectónico
LEOAL – Lei Eleitoral dos Órgãos das Autarquias Locais
LO – Lei Orgânica
J.F. - Junta de Freguesia
MAI - Ministério da Administração Interna
M.R. - Ministro da República
nº - número
P.E. – Parlamento Europeu
p. ex. - por exemplo
P.G.R. - Procuradoria Geral da República
P.R. - Presidente da República
RDP - Radiodifusão Portuguesa
R.E. - Recenseamento Eleitoral
RP - Representação Proporcional
RTP - Radiotelevisão Portuguesa
STAPE - Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral
S.T.J. - Supremo Tribunal de Justiça
T.C. - Tribunal Constitucional
U.E. - União Europeia
v. - ver.

**LEI ELEITORAL
DA
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**

**Lei 14/79
16 Maio**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea d) do artigo 164º e da alínea f) do artigo 167º da Constituição, o seguinte:

TÍTULO I

CAPACIDADE ELEITORAL

CAPÍTULO I

CAPACIDADE ELEITORAL ACTIVA

Artigo 1º (Capacidade eleitoral activa)

1. Gozam de capacidade eleitoral activa os cidadãos portugueses maiores de 18 anos.
2. Os portugueses havidos também como cidadãos de outro Estado não perdem por esse facto a capacidade eleitoral activa.

I- O nº 1 do artigo reproduz na essência, o princípio constitucional da universalidade do sufrágio constante do nº1 do artº 49º (C.R.P.): “Têm direito de sufrágio todos os cidadãos maiores de dezoito anos, ressalvadas as incapacidades previstas na lei geral”.

Este princípio afasta, assim, qualquer hipótese de **sufrágio restrito** (em função do sexo, habilitações, rendimentos mínimos, raça, etc.), concretizando no direito eleitoral o princípio fundamental da igualdade dos cidadãos.

As incapacidades eleitorais activas para a A.R. são as previstas no artigo 2º.

II- O exercício do direito de sufrágio está dependente de inscrição prévia no recenseamento eleitoral (v. Lei nº 13/99, de 22 de Março – Estabelece o novo regime jurídico do Recenseamento Eleitoral)

O direito de recenseamento eleitoral, como pressuposto do direito de sufrágio, está constitucionalmente consagrado no artº 113º nº2.

III- Caso especial entre os estrangeiros é o dos **cidadãos de nacionalidade brasileira**, residentes e recenseados no território nacional, que possuam o **estatuto de igualdade de direitos políticos** obtido ao abrigo do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil, entrado em vigor a 5 de Setembro de 2001 (V. publicação do Tratado no DR, I Série A, de 14 de Dezembro de 2000 bem como do respectivo Regulamento – Decreto-Lei nº 154/2003, de 15 de Julho).

Os cidadãos investidos nesse estatuto podem ser eleitores da Assembleia da República, (v. artº 17º do Tratado e artºs 16º nº 1, 19º e 20º do Decreto--Lei nº 154/2003) e também podem ser eleitos face à nova redacção do nº 3 do artº 15º da CRP (revisão de 2001).

Dúvidas subsistem quanto à capacidade eleitoral (activa e passiva) dos brasileiros com residência permanente em Portugal mas não possuidores do referido Estatuto. Propondemos, contudo, a considerar que também esses cidadãos possuem capacidade eleitoral activa e passiva. O Brasil é, aliás, o único país concretamente abrangido pela nova disposição constitucional. Acontece, porém, que até ao momento a lei habilitante do exercício do sufrágio (lei do R.E.) não foi adaptada à nova realidade.

IV- O nº 2 reproduz um princípio geral consagrado na **lei da nacionalidade** (Lei nº 37/81, de 3 de Outubro, artº 27º): “se alguém tiver duas ou mais nacionalidades e uma delas for portuguesa, só esta releva face à lei portuguesa”.

Em termos eleitorais deve acrescentar-se a este princípio geral um outro, qual seja o de os cidadãos nessas condições só terem capacidade eleitoral activa desde que não tenham a sua residência habitual no território do outro Estado de que tenham também a nacionalidade. E, naturalmente, que estejam inscritos no Recenseamento Eleitoral, inscrição essa que é, aliás, obrigatória para quem resida no território nacional (artº 3º nº3 da Lei nº 13/99, de 22 de Março).

V- V. artº 3º desta lei onde se indicam, de forma mais concreta, quem são os eleitores da Assembleia da República.

V. também, sobre a extensão do direito de voto aos cidadãos de países de língua portuguesa, os artigos 3º e 4º do projecto de Código Eleitoral, elaborado em 1987 por uma comissão, nomeada pelo Governo, presidida pelo prof. Jorge Miranda e integrada, entre outros, pelo prof. Marcelo

Rebello de Sousa e pelo juiz do Tribunal Constitucional Luís Nunes de Almeida (v. separata do Boletim do Ministério da Justiça nº 364.)

Artigo 2º **(Incapacidades eleitorais activas)**

Não gozam de capacidade eleitoral activa :

- a) Os interditos por sentença com trânsito em julgado;**
- b) Os notoriamente reconhecidos como dementes, ainda que não interditos por sentença, quando internados em estabelecimento psiquiátrico ou como tais declarados por uma junta de dois médicos;**
- c) Os que estejam privados de direitos políticos, por decisão judicial transitada em julgado.**

I- Este preceito é comum a todas as leis eleitorais portuguesas. É uma norma aparentemente deslocada num diploma regulador do processo eleitoral, parecendo mais adequada a sua inserção na lei do recenseamento. Nos termos, aliás, dos artºs 49º e 50º da Lei nº 13/99 (lei do recenseamento) os cidadãos nas condições previstas neste artigo não podem inscrever-se no recenseamento ou, caso a incapacidade seja superveniente à inscrição, devem ser eliminados dos cadernos eleitorais.

II- A alínea c) tem redacção dada pela Lei nº 10/95, de 7 de Abril, que veio tornar conforme à Constituição (artº 30º nº 4 - “Nenhuma pena envolve como efeito necessário a perda de quaisquer direitos civis, profissionais ou políticos”) este preceito que, antes, retirava a capacidade também aos “definitivamente condenados a pena de prisão por crime doloso, enquanto não hajam expiado a respectiva pena...”

III- A incapacidade eleitoral activa determina, necessariamente, a incapacidade eleitoral passiva.

IV- V. artigo 146º.

Artigo 3º **(Direito de voto)**

São eleitores da Assembleia da República os cidadãos inscritos no recenseamento eleitoral, quer no território nacional, quer em *Macau* ou no estrangeiro.

I- Até à 4ª Revisão da Constituição da República operada em 1997, os eleitores residentes no Estrangeiro apenas votavam nas eleições da AR e do Parlamento Europeu, e quanto a esta última, a lei respectiva só admitia o direito de voto para os residentes nos outros 14 países da União Europeia (agora 24 países).

O novo texto constitucional (artº 121º nº 2 da C.R.P.) veio alargar o exercício do sufrágio na eleição para o Presidente da República, dispondo:

“A lei regula o exercício do direito de voto dos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro, devendo ter em conta a existência de laços de efectiva ligação à comunidade nacional.”

Ressalte-se que esta matéria já está regulamentada, em termos bem amplos – v. artº 1º do Decreto-Lei nº 319-A/76, de 3 de Maio, na redacção dada pela Lei Orgânica nº 3/2000, de 24 de Agosto – ao estender o direito de voto a tais cidadãos, desde que inscritos nos cadernos eleitorais para a eleição da Assembleia da República (reportada aqui à eleição de 1999) à data de publicação da LO nº 3/2000.

II- É o Decreto-Lei nº 95-C/76, de 30 de Janeiro, que regulamenta o modo especial de exercício do direito de voto (por correspondência) destes eleitores (v. Legislação Complementar).

Os eleitores de Macau, que até 20 de Dezembro de 1999 (data a partir da qual o respectivo território transitou para a administração da República Popular da China (v. artº 292º da C.R.P.))

embora integrados num dos círculos dos eleitores residentes no estrangeiro, exerciam o seu direito de voto tal como os eleitores do território nacional (voto pessoal e presencial), passaram a fazê-lo em idênticos moldes dos demais, isto é, através do voto por correspondência.

III- Ao contrário do que sucedeu nos dois primeiros actos eleitorais posteriores a 25 de Abril de 1974, em que os portugueses residentes no estrangeiro só acediam à condição de eleitores mediante o preenchimento de determinadas condições (artº 4º do DL nº 621-A/74 e artº 4º do DL nº 93-A/76), actualmente a sua inscrição no recenseamento não exige condições diferentes das que vigoram para os eleitores do território nacional.

IV- Ver artigos 12º e 13º.

CAPÍTULO II

CAPACIDADE ELEITORAL PASSIVA

Artigo 4º (Capacidade eleitoral passiva)

São elegíveis para a Assembleia da República os cidadãos portugueses eleitores.

I- V. artigos 15º nº 3 e 150º da C.R.P. e ainda a nota III ao artº 1º (sobre os cidadãos brasileiros).

II- Neste artigo reflecte-se o princípio geral de que **só é elegível quem é eleitor**. Questão diferente é a dos eleitores que tenham **dupla nacionalidade** que só não podem ser candidatos pelo círculo eleitoral que abrange o território do país da sua outra nacionalidade (v. artº 6º nº 2).

III- Note-se que não se exige aqui idade mínima diferente da fixada para a capacidade eleitoral activa (18 anos) ao contrário do que sucedeu nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1975 e Assembleia Legislativa de 1976 em que a idade mínima para ser elegível foi fixada em 21 anos (v., respectivamente, artº 5º nº 1 do DL nº 621-A/75, de 15 de Novembro e artº 5º nº 1 do DL nº 93-A/76, de 29 de Janeiro).

Também em vários países europeus há diferenças entre a idade mínima para eleger e a idade mínima para ser eleito, como por exemplo na Irlanda (18-24), na França (18-23) e na Itália (18-25).

Artigo 5º (Inelegibilidades gerais)

São inelegíveis para a Assembleia da República:

- a) O Presidente da República;**
- b) Os governadores civis e vice-governadores em exercício de funções;**
- c) Os magistrados judiciais ou do Ministério Público em efectividade de serviço;**
- d) Os juizes em exercício de funções não abrangidos pela alínea anterior;**
- e) Os militares e os elementos das forças militarizadas pertencentes aos quadros permanentes, enquanto prestarem serviço activo;**
- f) Os diplomatas de carreira em efectividade de serviço;**
- g) Aqueles que exerçam funções diplomáticas à data da apresentação das candidaturas, desde que não incluídos na alínea anterior;**
- h) Os membros da Comissão Nacional de Eleições.**

I- V. artºs 18º, 50º, 150º e 270º da CRP.

II- Este artigo tem redacção dada pela Lei nº 10/95 que veio ampliar sensivelmente o elenco dos cargos ou funções abrangidas.

III- As inelegibilidades como restrições a um direito fundamental devem limitar-se ao estritamente necessário à salvaguarda de outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos.

Nos casos apontados nesta norma pretende-se impedir a chamada “captatio benevolentiae” por parte dos titulares de determinados cargos ou funções, acentuando-se a sua neutralidade e imparcialidade. Visa-se também defender a independência e prestígio de certos cargos ou funções públicas.

IV- Quanto aos militares também a própria lei de Defesa Nacional consagra a inelegibilidade (v. artºs 31º nº 1 da Lei nº 29/82, de 11 de Dezembro, na redacção dada pela Lei Orgânica nº 4/2001, de 30 de Agosto e 31º-F, aditado por esta última lei), no caso dos magistrados é o respectivo estatuto que a prescreve (v. artº 11º da Lei nº 21/85, de 30 de Julho). No caso da CNE já a sua lei orgânica (artº 4º nº 2 da Lei n.º 71/78, de 27 de Dezembro - v. legislação complementar) prevê a perda de mandato dos membros em caso de candidatura a quaisquer actos eleitorais.

V- V. artigo 128º desta lei e artº 346º do C.P. (penas acessórias).

Artigo 6º **(Inelegibilidades especiais)**

1. Não podem ser candidatos pelo círculo onde exerçam a sua actividade *os governadores civis, os administradores de bairro, os directores e chefes de repartições de finanças e os ministros de qualquer religião ou culto com poderes de jurisdição.*

2. Os cidadãos portugueses que tenham outra nacionalidade não poderão ser candidatos pelo círculo eleitoral que abranger o território do país dessa nacionalidade.

I- As inelegibilidades prescritas neste artigo têm a mesma “ratio” das referidas no artigo anterior. São, porém, meras inelegibilidades locais ou territoriais, restritas a um círculo, aquele onde são exercidas determinadas funções (nº 1) ou em cuja área se inclui o país da outra nacionalidade (nº 2).

A C.R.P., no artigo 150º, admite-as classificando-as como “incompatibilidades locais”, parecendo estabelecer alguma confusão entre inelegibilidade e incompatibilidade.

Com efeito, “inelegibilidade”, ou incapacidade eleitoral passiva, é a impossibilidade de apresentação de candidatura a um determinado órgão electivo, implicando a perda de mandato caso seja detectada posteriormente à eleição, enquanto “incompatibilidade” é uma simples impossibilidade de exercício de dois cargos, profissões ou funções, não impedindo, contudo, a apresentação de candidatura e, portanto, a elegibilidade e atribuição do mandato. A incompatibilidade apenas impede o exercício simultâneo do mandato de deputado com outros cargos ou funções públicas.

Sobre esta matéria deve consultar-se a chamada “**lei das incompatibilidades**” (Lei nº 64/93, de 26 de Agosto, com as alterações introduzidas pelas Leis 28/95, de 18 de Agosto, 42/96, de 31 de Agosto, 12/98 de 24 de Fevereiro e ainda pela Lei nº 12/96, de 18 de Abril que estabeleceu um novo regime de incompatibilidades).

Repare-se que não estão abrangidos pela inelegibilidade os titulares dos órgãos próprios das regiões autónomas e do poder local bem como os Ministros da República (os quais, por força da 6ª Revisão Constitucional, passarão a ser designados por “Representante da República” a partir da nomeação feita pelo próximo Presidente da República, em 2006).

II- Deve referir-se que no caso dos “ministros de qualquer religião ou culto” a inelegibilidade pode abranger mais que um círculo eleitoral. Com efeito, os ministros das religiões com menor expressão em Portugal têm, muitas vezes, áreas de jurisdição espiritual que abrangem vários

distritos e mesmo no caso da religião católica existem bispos cuja área de jurisdição abrange mais do que um distrito (ou parte dele).

São situações de facto que podem gerar flagrantes desigualdades de tratamento, até ao momento não resolvidas (ver Acórdão do TC nº 602/89, publicado in DR II série de 06/04/90).

III- No nº 1 a referência aos governadores civis perdeu sentido em função da nova redacção dada ao artº 5º pela Lei nº 10/95, a qual veio alargar o âmbito de aplicação territorial (para nível nacional) da inelegibilidade outrora prevista neste artº 6º.

Segundo parecer da CNE, emitido na sessão de 26.07.95, os governadores civis e os vice-governadores civis que queiram candidatar-se, deixam de estar feridos de inelegibilidade desde que requeiram a suspensão do exercício de funções antes da apresentação efectiva da candidatura.

Os bairros administrativos foram extintos pela Lei nº 8/82, de 15 de Junho.

IV- A inelegibilidade referida no nº 2 apenas se aplica aos candidatos a deputados pelos dois círculos eleitorais fora do território nacional.

No entendimento do prof. Jorge Miranda (*in* “Estudos de Direito Eleitoral” - 1995, pág.172), que acompanhamos, os citados cidadãos “quando se encontram no território do Estado de que são também cidadãos ... deve entender-se que tão pouco possuem capacidade eleitoral activa”.

Artigo 7º **(Funcionários públicos)**

Os funcionários civis ou do Estado ou de outras pessoas colectivas públicas não carecem de autorização para se candidatarem a deputados à Assembleia da República.

I- V. artº 269º nº 2 da C.R.P.

II- Este preceito visa, fundamentalmente, assegurar o direito de livre candidatura dos funcionários da Administração Pública e demais agentes do Estado, impedindo que sejam questionados ou eventualmente prejudicados em função das suas opções político-partidárias.

CAPÍTULO III

ESTATUTO DOS CANDIDATOS

Artigo 8º **(Direito a dispensa de funções)**

Nos trinta dias anteriores à data das eleições, os candidatos têm direito à dispensa do exercício das respectivas funções, sejam públicas ou privadas, contando esse tempo para todos os efeitos, incluindo o direito à retribuição, como tempo de serviço efectivo.

I- A dispensa abrange candidatos efectivos e suplentes mas não contempla os mandatários das listas de candidatos.

O projecto de C.E., no seu artº 143º prevê o gozo desse direito por parte dos mandatários durante o período de funcionamento das assembleias de apuramento oficial dos resultados, o que se nos afigura adequado atentas as importantes funções que aí desempenham, nomeadamente o direito que possuem de reclamação, protesto e contraprotesto (v. artºs 108º nº 3 e 117º nº 2).

II- O direito à dispensa do exercício de funções é uma decorrência dos direitos constitucionais de participação na vida pública, art.º 48º da C.R.P., e de acesso a cargos públicos, art.º 50º n.º 1 e 2 da C.R.P..

Estes preceitos, asseguram, por um lado, que todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política directamente, e por outro, que podem aceder a cargos públicos em condições de igualdade não sendo prejudicados no seu emprego como consequência do exercício de direitos políticos.

Tanto mais que a Constituição da República Portuguesa, entende que a participação política dos cidadãos é “um instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático devendo a lei promover a igualdade no exercício dos direitos cívicos”, art.º 109º da C.R.P..

Ora, o direito à dispensa de funções dos candidatos, efectivos e suplentes, a uma dada eleição é essencial para lhe garantir que dispõe de tempo livre para promover a mensagem política e os conteúdos programáticos que defende.

Considera-se o direito à dispensa do exercício de funções como “um direito garantido aos candidatos, para que se possam concentrar na actividade da respectiva candidatura.” (*in* “Regime Jurídico das Candidaturas”, Filipe Alberto da Boa Baptista, Edições Cosmos, pág. 168), sendo que este direito envolve, em torno de si, a existência de vários outros direitos que dele dependem.

III- Resulta do disposto neste artigo 8º, que nenhum trabalhador que se candidate ao lugar de deputado pode ser prejudicado nos seus direitos laborais, incluindo o direito à retribuição e a outros abonos correlativos a que haja lugar, nem a dispensa do exercício das suas funções profissionais, por um período máximo de 30 dias, não só não pode dar azo à marcação de faltas injustificadas e ao consequente desconto na retribuição devida pelo tempo em que não esteve ao serviço por virtude da sua candidatura às eleições, como ainda não pode afectar **quaisquer outras regalias**, designadamente a antiguidade, decorrentes do vínculo laboral (atente-se na letra da lei, que refere contar o tempo da dispensa “**para todos os efeitos**”). A dispensa do exercício de funções não pode, aliás, ser recusada pela entidade patronal.

IV- Contudo, o recente **Código do Trabalho** (Lei nº 99/2003, de 27 de Agosto) veio dispor diferentemente para os **trabalhadores do sector privado**, nos seus artigos 225º nº 2 alínea h) e 230º nº 4, que abaixo se transcrevem:

Artigo 225º

Tipos de faltas

1- As faltas podem ser justificadas ou injustificadas.

2- São consideradas faltas justificadas:

(...)

h) As dadas por candidatos a eleições para cargos públicos, durante o período legal da respectiva campanha eleitoral;

Artigo 230º

Efeitos das faltas justificadas

1- As faltas justificadas não determinam a perda ou prejuízo de quaisquer direitos do trabalhador, salvo o disposto no número seguinte.

(...)

4- No caso previsto na alínea h) do n.º 2 do artigo 225º as faltas justificadas conferem, no máximo, direito à retribuição relativa a um terço do período de duração da campanha eleitoral, só podendo o trabalhador faltar meios dias ou dias completos com aviso prévio de quarenta e oito horas.

Ora, para além destas normas constituírem uma verdadeira alteração material da solução legal adoptada pelas diversas leis eleitorais (AR, PR, ALRAS, AL), são de construção jurídica altamente duvidosa e, porventura, inconstitucional por não se aplicarem aos funcionários e agentes da administração pública, conforme decorre do artº 5º do decreto preambular do referido Código, introduzindo, assim, uma gritante desigualdade no exercício dos mesmos direitos fundamentais (artºs 48º e 50º da C.R.P.).

V- No âmbito dos vários processos eleitorais a Comissão Nacional de Eleições (CNE) tem-se pronunciado sobre o exacto alcance da dispensa do exercício de funções dos candidatos, destacando-se, para o efeito, extractos dos seguintes pareceres:

1. “Os candidatos devem apresentar no local de trabalho uma certidão passada pelo Tribunal onde tenha sido apresentada a candidatura e donde conste tal qualidade.

O cidadão não tem de apresentar uma programação do tempo a utilizar à empresa onde trabalha, nem pode esta impedir o exercício do direito que a lei lhe confere, nem de algum modo, ameaçar os candidatos com a privação de quaisquer prémios, com o despedimento ou qualquer outra sanção”.

Mais se entendeu, em caso de consulta à CNE acerca desta matéria, alertar-se para o facto de a única interpretação vinculativa ser aquela que o Tribunal de Trabalho vier afixar face às circunstâncias de cada caso concreto.

(cfr. parecer de 30.11.82, reiterado em 16.09.97)

2. “Nada obsta a que um funcionário candidato às eleições legislativas se mantenha ao serviço e não goze do direito de dispensa consagrado no artº 8º da Lei nº 14/79, de 16 de Maio. De facto, o direito à dispensa de funções não é imperativo”. (cfr. deliberação de 14.05.1991)

3. “O trabalhador que se ausente ao serviço, por um período máximo de 30 dias anteriores à data das eleições, **não pode sofrer por esse motivo qualquer sanção pecuniária ou disciplinar nem qualquer redução nas suas regalias laborais**, sejam elas quais forem, cabendo em última instância aos tribunais apreciar da legalidade ou ilegalidade da conduta da entidade patronal”.(cfr. parecer de 27.06.96)

4. Em 02.06.98 expressou a CNE o seu parecer de que “o trabalhador usando o direito de dispensa do serviço durante o período consignado por lei para efeitos de campanha não perde o direito ao subsídio de refeição”. A fundamentação subjacente à mencionada deliberação baseia-se no facto do direito de acesso a cargos públicos ser um direito protegido na C.R.P., sendo vontade do legislador constitucional que ninguém pode ser prejudicado no seu emprego, na sua carreira profissional ou nos benefícios sociais a que tenha direito, em virtude do exercício de direitos políticos, do acesso a cargos electivos ou do desempenho de cargos públicos (cfr. artº 50º da CRP).

VI- É interessante frisar que esta é a questão que, com maior acuidade, é colocada à Comissão Nacional de Eleições.

A interpretação da frase “...contando esse tempo para todos os efeitos, incluindo o direito à retribuição, como tempo de serviço efectivo...” leva-nos a confrontar o disposto em diplomas que tratam desta mesma matéria. Assim, e para além do consignado no artigo 230º da Lei nº 99/2003 (Código do Trabalho):

a) No âmbito da função pública, segundo o artigo 13º do Decreto-Lei 184/89, de 2 de Junho (Princípios gerais de salários e gestão de pessoal) o sistema retributivo é o conjunto de todos os elementos de natureza pecuniária ou outra que são ou podem ser percebidos, periódica ou ocasionalmente, pelos funcionários e agentes por motivo de prestação de trabalho.

Ainda o mesmo diploma, no seu artigo 15º, refere que o sistema retributivo da função pública é composto por: remuneração-base, prestações sociais e subsídio de refeição e suplementos.

c) Por último, da análise do Decreto-Lei 100/99, de 31 de Março (Regime Jurídico das Férias, Faltas e Licenças dos funcionários e agentes da administração pública) verifica-se que, ao determinar os efeitos de cada uma das faltas justificadas constantes do elenco do artigo 20º, utiliza dois tipos de fórmulas, quais sejam:

- "... são equiparadas a serviço efectivo, implicando, porém, a perda do subsídio de refeição..."

- Ou "... não implicam a perda de quaisquer direitos ou regalias..."

Daqui resulta que o legislador prevê expressamente quais as faltas justificadas que determinam a perda do subsídio de refeição; quanto às restantes utiliza a terminologia acima indicada.

Pelo exposto parece que se o legislador quisesse determinar a perda do subsídio de refeição, na situação do artº 8º e de artigos similares na restante legislação eleitoral deveria tê-lo previsto expressamente, como o fez noutros casos.

Artigo 9º

(Obrigatoriedade de suspensão do mandato)

Desde a data da apresentação de candidaturas e até ao dia das eleições os candidatos que sejam presidentes de câmaras municipais ou que legalmente os substituam não podem exercer as respectivas funções.

I- Este artigo tem epígrafe com redacção dada pela Lei nº 10/95. A anterior epígrafe era apenas "incompatibilidades".

II- A justificação deste impedimento, limitado ao período de tempo em que decorre o processo eleitoral, é o de impedir que candidatos que sejam também importantes titulares de órgãos da administração eleitoral possam tirar benefício dessa dupla qualidade.

Com efeito os presidentes de câmara intervêm activamente no processo eleitoral, por exemplo, na definição dos desdobramentos e localização das assembleias de voto (artº 40º nº 4 e 43º), na nomeação e substituição dos membros das assembleias de voto (artº 47º nºs 3 a 7), na entrega e controlo do material eleitoral (artº 52º), na implementação e direcção do sistema de voto antecipado (artºs 79º-A, -B e -C) etc...

III- A alteração do teor da epígrafe deste artigo parece ter tido o objectivo de precisar o alcance da expressão legal "não podem exercer as respectivas funções", obrigando os autarcas abrangidos ao pedido de suspensão do mandato.

Note-se, contudo, que na vigência da anterior redacção da epígrafe do artigo - mantendo-se integralmente a redacção do respectivo corpo - não foi essa a interpretação expendida pelo T.C. em instância de recurso de uma deliberação da CNE sobre a matéria, o qual, no Acórdão 404/89 (DR - II Série de 14.9.89) entendia não ser exigível que os candidatos nas condições referidas suspendessem o mandato. Apenas não podiam exercer as suas funções.

Não obstante a Comissão manter o seu entendimento de fundo que saiu reforçado não só pela alteração da epígrafe como também pelo facto do Decreto-Lei nº 100/84, de 29 de Março (actualmente substituído pela Lei nº 169/99, 18 de Agosto), que regulamenta as atribuições e competências dos órgãos das autarquias locais, apenas contemplar a figura jurídica da «suspensão do mandato», a verdade é que quando solicitada a pronunciar-se por altura das eleições legislativas de 1995, emitiu o seguinte parecer:

..." Todavia porque persiste inalterável a redacção do corpo do preceito, sobre a qual recaiu a interpretação do Tribunal Constitucional, é à decisão desse douto tribunal que se deve ater.

Nesse sentido, parece que os candidatos à eleição para Assembleia da República que sejam presidentes de câmara ou que legalmente os substituam apenas não poderão exercer as respectivas funções desde a data de apresentação das candidaturas e até ao dia da eleição...". (cfr. acta da sessão de 26.07.1995)

IV- Face à ausência de regulamentação na já atrás referida Lei nº 169/99, da figura de "suspensão de funções", tem-se questionado se são suspensas exclusivamente as funções correspondentes ao cargo de Presidente, mantendo-se no entanto aquele como elemento integrante do executivo camarário (interpretação restritiva do artigo 9º), ou diferentemente se se

deve entender que a suspensão se refere a todas as funções - como Presidente e elemento do executivo.

Segundo parecer da CNE, emitido na sessão plenária de 06.09.99 aquando da eleição para a AR de 10.10.99, perfeitamente transponível para o acto eleitoral ora em apreço:

a) O estatuído no artigo 9º da LEAR é aplicável aos candidatos que sejam presidentes das câmaras municipais e aos que legalmente os substituem, quando efectivamente chamados a suprir a falta, impedimento ou suspensão do presidente;

b) Em absoluto, estão afastados da capacidade do presidente, actos em matéria eleitoral e actos de eficácia pública;

c) Os candidatos que são presidentes de câmaras municipais (ou que legalmente os substituem) estão impedidos de exercer todas as suas funções, exceptuando actos de mero expediente.

V- Em data mais recente (18.05.2004) e a propósito das eleições europeias, a CNE alterou o seu entendimento sobre a matéria, passando a sustentar que a alteração do teor da epígrafe do artº 9º da LEAR parece que teve como objectivo precisar o alcance da expressão legal “não podem exercer as respectivas funções”, obrigando, assim, os autarcas abrangidos ao pedido de suspensão do mandato.

Considera, agora, a CNE que:

“(…)

2. As competências e atribuições cometidas legalmente ao Presidente de Câmara Municipal (quer próprias, quer delegadas) foram amplamente alargadas com a Lei 169/99, 18 Setembro (alterada pela Lei 5-A/2002, 11 Janeiro).

3. Esta maior amplitude de competências modifica as funções que o Presidente de Câmara Municipal exerce em sentido que não se compadece com o entendimento que a CNE mantinha até à data.

(…)

5. As funções a que se reporta o corpo do preceito contido no art.º 9º LEAR apenas podem corresponder às do mandato para que o presidente de Câmara Municipal ou o seu substituto legal foram eleitos.

6. Inexiste a figura jurídica da suspensão de funções apenas se encontrando prevista a suspensão de mandato (art.º 77º Lei 169/99, 18 Setembro).

(…)”

Naturalmente que este entendimento veio, mais tarde, a ser contrariado, de forma enérgica, pela Associação Nacional de Municípios Portugueses que entende nada de substancial ter ocorrido, entretanto, que justifique a alteração, estribando-se ainda no já citado Acórdão do TC.

VI- Ver nota I ao artigo 6º e ainda artigos 57º nº 3, 77º e 79º da Lei nº 169/99, de 18 Setembro (Estabelece o quadro de competências, assim como o regime jurídico de funcionamento, dos órgãos dos municípios e das freguesias).

Artigo 10º (Imunidades)

1. Nenhum candidato pode ser sujeito a prisão preventiva, a não ser em caso de flagrante delito, por crime punível com pena de prisão maior.

2. Movido procedimento criminal contra algum candidato e indiciado este por despacho de pronúncia ou equivalente, o processo só pode seguir após a proclamação dos resultados das eleições.

Este preceito visa acautelar a dignidade que deve rodear um acto de fundamental importância nacional como é a eleição da A.R. impedindo que o processo eleitoral possa sofrer sobressaltos ou mesmo ser interrompido.

Artigo 11º **(Natureza do mandato)**

Os deputados da Assembleia da República representam todo o País, e não os círculos por que são eleitos.

I- Cfr. artigos 147º e 152º nº 2 da C.R.P.

II- Os deputados da A.R. exercem um “mandato representativo” na justa medida em que representam, não os seus eleitores e a sua circunscrição eleitoral, mas o conjunto da Nação. Eles são a expressão da vontade nacional.

Existem, na teoria do direito eleitoral, duas concepções distintas de mandato:

a) **O mandato imperativo** - em que a designação dos deputados consiste num mandato atribuído pelos eleitores aos eleitos para agirem em seu lugar e em vez deles. Isto significa que os eleitos ficam **vinculados** à vontade dos eleitores, podendo estes, inclusive dispor de uma sanção caso o eleito não cumpra as directivas dadas - é o princípio da revogabilidade dos eleitos.

Este tipo de mandato é característico dos sistemas eleitorais com círculos uninominais.

b) **O mandato representativo ou livre** - em que os deputados representam todo o País, não estando vinculados por um mandato preciso recebido dos eleitores do seu círculo, pelo que detém grande liberdade quanto aos seus actos e decisões. Nos sistemas eleitorais com círculos plurinominais é característico esse tipo de mandato.

III- Em Portugal, o papel centralizador e monopolizador dos **partidos políticos** na apresentação de candidaturas (ver artº 21º nº 1) leva ao apagamento dos candidatos que mantêm com os eleitores um compromisso bastante ténue, embora, desde a revisão constitucional de 1997, estejam criadas as condições para se avançar numa reforma eleitoral que, embora mantendo a matriz proporcional, ao introduzir a novidade da possibilidade de existência de círculos de um só deputado, dê maior aproximação e personalização aos mandatos.

Na verdade, para a generalidade dos autores a desejável aproximação do eleito ao eleitor só se tornará possível com a constituição de círculos uninominais. Neste caso o deputado único que for eleito terá uma relação muito próxima com os cidadãos que o elegeram sendo directamente responsabilizado pela sua actuação no Parlamento. E terá por outro lado uma legitimidade acrescida, pois para a sua reeleição estará menos dependente da direcção do partido e mais dos eleitores do seu círculo.

IV- No entanto é importante que se frise que, no sistema ainda vigente, não obstante só terem reais possibilidades de serem eleitos os indivíduos escolhidos pelos partidos políticos, tal não significa que os respectivos mandatos não sejam livres e que os partidos os possam substituir sem mais, caso discordem da sua actuação parlamentar.

V- Os deputados não representam os círculos por que são eleitos. Afasta-se, deste modo, a possibilidade de existirem deputados locais ou regionais. Atente-se, também, ao facto de poder ser candidato por um círculo alguém que não seja eleitor desse mesmo círculo (ver nota ao artigo 21º).

VI- Existem sistemas eleitorais que apesar de exigirem a apresentação de candidaturas através de lista permitem ao eleitor exprimir a sua preferência na selecção dos candidatos, diminuindo desta forma a distanciação dos deputados em relação ao eleitor. A este respeito podemos referir que existem três grandes formas de listas partidárias:

a) **lista fechada ou rígida** - a sequência dos candidatos não pode ser alterada. Os votantes têm apenas um voto e votam na lista como um todo. De um modo geral o nome dos candidatos não figura no boletim de voto. É o caso português.

b) **lista com voto preferencial** - o eleitor pode expressar a sua preferência por determinado candidato.

A ordem dos candidatos na lista pode ser alterada.

Em certos países o eleitor tem pelo menos dois votos (um voto para a lista partidária e um segundo voto para um candidato dessa lista) ou tantos votos quantos os deputados a eleger por determinado círculo. Noutros casos o eleitor pode utilizar todos os seus votos apenas num candidato (voto cumulativo).

c) **liberdade de escolha** na composição da lista (“panachage”).

O eleitor tem vários votos, pode compor uma lista a partir das propostas de lista apresentadas pelos partidos, bem como distribuir os seus votos entre os candidatos de várias listas.

VII- Para além da natureza pode também considerar-se, quanto ao mandato, a sua **duração**, que no caso desta eleição é de 4 anos (v. artºs 171º nº 1 e 174º nº 1 da C.R.P.), não existindo limites à reeleição, ao contrário do que sucede na eleição do P.R. (v. artº 123º nº 1 da C.R.P.), bem como no futuro, para os órgãos das autarquias locais (artº 118º nº 2 da C.R.P.).

TÍTULO II

SISTEMA ELEITORAL

CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO DOS CÍRCULOS ELEITORAIS

Artigo 12º (Círculos eleitorais)

- 1. O território eleitoral divide-se, para efeito de eleição dos deputados à Assembleia da República, em círculos eleitorais, correspondendo a cada um deles um colégio eleitoral.**
- 2. Os círculos eleitorais do continente coincidem com as áreas dos distritos administrativos, são designados pelo mesmo nome e têm como sede as suas capitais.**
- 3. Há um círculo eleitoral na Região Autónoma da Madeira e um círculo eleitoral na Região Autónoma dos Açores, designados por estes nomes e com sede, respectivamente, no Funchal e em Ponta Delgada.**
- 4. Os eleitores residentes fora do território nacional são agrupados em dois círculos eleitorais, um abrangendo todo o território dos países europeus, outro o dos mais países e o território de Macau, e ambos com sede em Lisboa.**

I- Cfr. artigo 149º da C.R.P.

II- A fixação da área geográfica dos círculos eleitorais é o único dos elementos do sistema eleitoral português que não encontra assento no texto constitucional, tendo tal matéria sido deixada para o legislador ordinário.

Na sequência do já referido na nota III ao artº 11º, as possibilidades abertas com as revisões constitucionais de 1989 e sobretudo de 1997, mesmo sem abrir mão do princípio da representação proporcional, vieram conceder maior liberdade legislativa quanto a opções neste domínio.

Na verdade, o artº 149º nºs 1 e 2 da C.R.P. admite a eleição de deputados por três tipos de círculos eleitorais - uninominais, plurinominais e nacional .

Ressalte-se, todavia, que esta maior liberdade não conduz ao afastamento de duas condições primordiais: 1.a divisão territorial para efeitos eleitorais e a dimensão dos círculos não pode violar a regra da proporcionalidade; 2. a delimitação do território em círculos eleitorais tem de basear-se em critérios objectivos e não ficar ao sabor de construções políticas artificiais (“gerrymander”).

III- Desde a primeira lei eleitoral portuguesa post 25 de Abril - lei eleitoral para a Assembleia Constituinte (Decreto-Lei nº 621-C/74, de 15 de Novembro) - que se mantém a orientação de fazer coincidir os círculos eleitorais do continente com os distritos administrativos, gorada que ficou a reforma eleitoral proposta pelo Governo ao plenário da A.R., em 1998.

IV- A actual lei eleitoral cria um círculo para cada uma das regiões autónomas, ao contrário do que estava consignado quer na lei eleitoral para a Assembleia Constituinte quer na primeira lei eleitoral para a A.R. (Decreto-Lei nº 93-C/76, de 29 de Janeiro), que apontavam para a existência de 4 círculos correspondentes aos anteriores distritos autónomos, que viriam contudo a desaparecer nos Estatutos Provisórios das Regiões (Decreto-Lei nº 318-B/76 - Açores e Decreto-Lei nº 318-D/76 - Madeira, ambos de 30 de Abril).

V- O preceituado quanto ao agrupamento dos eleitores residentes no estrangeiro em dois círculos eleitorais, conforme se trate dos residentes em território dos países europeus e dos residentes no resto do mundo, incluindo Macau, é inovador, face às disposições das duas leis eleitorais antecedentes.

Assim, em 1975, os territórios de Macau e Moçambique formavam cada um seu círculo eleitoral (Decreto-Lei nº 73-A/75, de 20 de Fevereiro) e a Emigração um outro círculo (artº 1º do Decreto-Lei nº 114-A/75, de 7 de Março). Em 1976 a emigração fazia-se representar por dois círculos (artº 1º nº 3 do Decreto-Lei nº 93-C/76) mas Macau estava integrado no círculo de Lisboa (artº 2º do Decreto-Lei nº 197-A/76, de 18 de Março).

VI- O número e sobretudo a **dimensão** dos círculos eleitorais constituem o ponto decisivo do princípio da representação proporcional.

Este princípio faz pressupor, em regra, a existência de círculos plurinominais (que elegem mais de 1 deputado), mas este facto, só por si, não significa que a proporcionalidade seja respeitada. Como refere James Hogan (em artigo publicado sob o título “Elections and Representation” na Cork University Press, 1945) “**quanto maiores** as circunscrições, isto é, quanto maior o número de membros que elegem, tanto mais acentuadamente se aproximará o resultado da proporcionalidade. Por outro lado, **quanto menor** for a circunscrição, isto é, quanto menos membros atribuir, mais radical será o afastamento da proporcionalidade”.

A este propósito também Gomes Canotilho e Vital Moreira afirmam “...E não basta que cada círculo eleja mais do que um deputado; torna-se necessário que eleja um número de deputados suficientemente grande para ser divisível de modo a atribuir mandatos a todas as forças políticas que obtenham uma percentagem significativa de votos ...” (Constituição da República Portuguesa anotada, 3ª edição revista).

A distorção da proporcionalidade implica um desvio ao “princípio da igualdade de voto”, na medida em que acarreta uma variação do “peso” do voto dos eleitores. A desigualdade das circunscrições e a imposição de cláusulas-barreira tem levado em alguns países à descaracterização do voto igual, que se define por **igual peso numérico e igual valor quanto ao resultado**.

Atendendo ao fim subjacente ao princípio da representação proporcional é costume dividirem-se os círculos plurinominais em três grupos:

- Os de pequena dimensão - 2 a 6 deputados
- Os de média dimensão - 6 a 15 deputados
- Os de grande dimensão - acima de 15 deputados.

Se se observar o mapa exemplificativo, que à frente se reproduz, conclui-se que à medida que a dimensão dos círculos aumenta, diminui a desproporção entre a percentagem de votos e a percentagem de mandatos obtidos.

VII- É curioso referir que, quer na lei eleitoral para a A.C. quer na lei eleitoral que regulou a primeira eleição para a A.R., se consagravam círculos uninominais (ver nota IV e V) sendo os respectivos deputados eleitos pelo sistema maioritário (cfr. preâmbulo do Decreto-Lei nº 621-

C/74, de 15 de Novembro e artigo 9º do mesmo diploma legal e Decreto-Lei nº 93-C/76, de 29 de Janeiro).

Na lei eleitoral vigente, dos vinte e dois círculos eleitorais estabelecidos, mais de metade são de pequena dimensão.

Se tivermos presente o mapa de deputados de 2002 e tomarmos como exemplo 2 círculos eleitorais de pequena dimensão - Portalegre (3 deputados) e Guarda (4 deputados), dois círculos de média dimensão - Coimbra (10 deputados) e Faro (8 deputados) e dois círculos de grande dimensão - Braga (17 deputados) e Lisboa (48 deputados) e os resultados da última eleição para a A.R., realizada a 2 de Março de 2002, e se aplicarmos o “índice de distorção da proporcionalidade” (que se calcula dividindo a percentagem de mandatos pela percentagem de votos multiplicado por 100) teríamos o seguinte quadro:

		CDS		CDU		PSD		PS		BE		índice de distorção
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Pequena Dimensão	Guarda 4 dep	9657...9,57 Omd	2234...2,21 Omd	48972...48,53 2md 50,00	34991...34,68 2md...50,00	1231...1,22 Omd	PS - 144 PSD - 103					
	Portalegre 3 dep	4419...6,46 Omd	8492...12,41 Omd	20955...30,60 1md...33,33	31004...45,31 2md...66,67	1072...1,57 Omd	PS- 130 PSD- 148					
Média Dimensão	Coimbra 10 dep	15629...6,67 Omd	11840...5,05 Omd	95944...40,95 5md...50,00	96806...41,32 5md...50,00	5664...2,42 Omd	PS - 121 PSD- 122					
	Faro 8 dep	15539...8,34 Omd	11696...6,27 Omd	70236...37,68 4md...50,00	75468...40,48 4md...50,00	5168...2,77 Omd	PS - 121 PSD - 132					
Grande Dimensão	Braga 18 dep	42074...9,28 1md...5,55	19808...4,37 Omd	201443...44,44 9md...50,00	169672...37,43 8md...44,44	7654...1,69 Omd	PS- 118 PSD- 112 CDS - 59					
	Lisboa 48 dep	96543...8,47 4md...8,33	100208...8,79 md...8,33	406499...35,65 18md...37,5	440790...38,66 20md...41,66	53092...4,66 2md...4,16	PS- 107 PSD - 105 CDU - 94 CDS - 98 BE-89					

É notório neste quadro que o índice de distorção confirma de forma bastante clara que a proporcionalidade tende a afirmar-se com maior nitidez nos círculos de grande dimensão.

Tanto assim é, que os pequenos partidos só no círculo eleitoral de Lisboa e Porto, de dimensão muito alargada, têm conseguido fazer eleger um a dois deputados (caso da UDP, do PSN e mais recentemente do B.E., que nas últimas eleições legislativas [2002] elegeu três deputados, sendo dois pelo círculo de Lisboa e um pelo Porto).

VIII- Na esteira da 4ª Revisão Constitucional de 1997, que veio flexibilizar e abrir as portas à indispensável reforma do sistema eleitoral português, cuja representatividade vem sendo posta em causa por crescentes sectores de opinião pública, o XIII Governo Constitucional por sua iniciativa, dando cumprimento a um dos grandes propósitos inscritos no seu programa («concretização de uma reforma do sistema eleitoral para a Assembleia da República, de modo que, preservando as características de pluralidade e proporcionalidade da representação, seja assegurada uma responsabilização política mais directa do deputado perante os seus eleitores»), cfr. “Programa eleitoral do Governo do PS e da Nova Maioria”), apresentou à Assembleia da República, em Abril de 1998, e após aturada discussão pública de um anteprojecto de revisão da LEAR, a proposta de Lei 169/VII.

Apesar de ter sido votada desfavoravelmente, por não se ter alcançado pelos partidos com representação parlamentar um consenso alargado sobre a matéria, julgamos do maior interesse salientar alguns dos pontos mais significativos, constantes da respectiva exposição de motivos:

1. Acolhimento do sistema de representação proporcional personalizada.
2. Criação de círculos parciais coincidentes com os distritos, prevendo-se a alteração do critério de distribuição do nº de mandatos por esses círculos, através da substituição do método de Hondt (actualmente consagrado no artº 13º nº2 da presente lei) pelo sistema de quociente simples e maior resto que, sendo mais proporcional, beneficiaria os círculos eleitorais mais pequenos.
3. Criação, no continente, de 103 círculos uninominais, cuja delimitação teve por base o critério de optimização das várias soluções encontradas em função da garantia de igualdade do nº de eleitores.

Nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, factores de diferenciação geográficos e de organização político-administrativa, aconselharam à não instituição de círculos uninominais nessas Regiões.

4. Afastamento da exigência, expressa no anteprojecto, de apresentação de listas a todos os círculos uninominais e plurinominais, por tal constituir um eventual obstáculo à apresentação de candidaturas por partidos com menor implantação territorial.

Reduziu-se, portanto, essa exigência ao mínimo compatível com a complementariedade que, nos termos do artº 149º nº1 da CRP, têm de ter os diferentes círculos, do seguinte modo:

- a) A apresentação de listas a um círculo uninominal obriga à apresentação de lista ao círculo parcial respectivo;
- b) A apresentação de uma lista a um círculo parcial implica apresentação de lista ao círculo nacional;
- c) Um partido com lista ao círculo nacional deve apresentar lista a, pelo menos, um dos círculos parciais do território nacional.

5. Consagração do duplo voto, com um voto para o candidato no círculo uninominal e outro voto para as listas candidatas aos círculos parcial e nacional.

6. Conversão dos votos pelo método de Hondt para a totalidade do nº de mandatos ao nível do círculo parcial (distrital), prevalecendo, contudo, a escolha uninominal dentro de cada círculo parcial e recorrendo-se ao círculo nacional para os mandatos não atribuídos ao nível uninominal quando não seja alcançada a representação ao nível parcial.

(o texto integral da proposta de Lei nº 169/VII encontra-se publicado no DAR II Série A nº 41, de 02.04.98).

IX- O círculo único, de âmbito nacional, a par de outras circunscrições territoriais é utilizado no sistema eleitoral de alguns países da União Europeia, como por exemplo, na Dinamarca, Grécia (com aproveitamento de restos) e Holanda.

Tem agora interesse destacar o sistema eleitoral alemão, que se caracteriza por ser um sistema misto, com duplo voto também denominado de representação personalizada: a **proporcionalidade** é garantida pela aplicação do método de Hondt aos resultados nacionais dos partidos; a **personalização** é garantida ao nível dos círculos uninominais que elegem o candidato que obtiver mais votos (sistema maioritário).

X- Sobre a organização dos círculos eleitorais ver artºs 24º e 32º do projecto de Código Eleitoral.

Artigo 13º **(Número e distribuição de deputados)**

1. O número total de deputados é de 230.

2. O número total de deputados pelos círculos eleitorais do território nacional é de 226, distribuídos proporcionalmente ao número de eleitores de cada círculo, segundo o método da média mais alta de Hondt, de harmonia com o critério fixado no artigo 16º.

3. A cada um dos círculos eleitorais referidos no nº4 do artigo anterior correspondem dois deputados.

4. A Comissão Nacional de Eleições fará publicar no Diário da República, 1ª série, entre os 60 e os 55 dias anteriores à data marcada para a realização das eleições, um mapa com o número de deputados e a sua distribuição pelos círculos.

5. Quando as eleições sejam marcadas com antecedência inferior a 60 dias, a Comissão Nacional de Eleições faz publicar o mapa com o número e a distribuição dos deputados entre os 55 e os 53 dias anteriores ao dia marcado para a realização das eleições.

6. O mapa referido nos números anteriores é elaborado com base no número de eleitores segundo a última actualização do recenseamento.

I- Os nºs 1, 2 e 3 têm redacção introduzida pela Lei nº 18/90, de 24 de Julho. A Lei Orgânica nº 1/99, de 22 de Junho, veio alterar os nºs 4 e 6 (anterior nº 5), aditando o nº 5.

II- Cfr. artºs 148º e 149º nº 2 da C.R.P..

III- A redacção do nº1 do presente artigo, introduzida pela Lei nº 18/90, foi, na altura, consequência da revisão constitucional de 1989 que veio diminuir o número de deputados na composição da AR, estabelecendo um mínimo de 230 e o máximo de 235 deputados.

Como se vê, a opção do legislador ordinário foi fixar esse número pelo mínimo constitucionalmente permitido.

Note-se, no entanto, que a 4ª revisão da Constituição (1997) voltou a reduzir o nº de deputados, instituindo agora um intervalo mais alargado entre o nº máximo (230) e o número mínimo (180), não tendo a lei eleitoral acompanhado tal alteração, na medida em que manteve o número de deputados em 230, o que à luz do artº 148º da CRP é o número máximo consentido.

IV- No tocante ao nº 2 é curioso realçar que a lei ordinária é mais precisa do ponto de vista técnico do que o texto constitucional ao exigir que o critério a utilizar na distribuição do número de deputados a eleger por círculo no território nacional seja encontrado, não pela aplicação da regra da proporcionalidade simples relativamente ao número de eleitores de cada círculo, mas pela aplicação do método da média mais alta de Hondt (ver notas ao artº 16º).

V- A excepção à regra da proporcionalidade diz respeito aos dois círculos eleitorais do estrangeiro, cujos colégios eleitorais são constituídos pelos cidadãos portugueses, inscritos no recenseamento, **não residentes** no território nacional (ver nota V ao artº 12º).

A redacção actual fixa em **dois** o número de deputados a eleger por cada um desses círculos, enquanto o texto anterior fazia corresponder **um deputado por cada 55.000 eleitores até ao máximo de dois**.

Aparentemente parece não haver discrepância entre o preceituado agora e o anteriormente, tanto mais que nas eleições legislativas realizadas de 1979 a 1987 sempre aqueles círculos elegeram dois deputados.

A razão de ser da actual disposição prende-se com a eventual redução de recenseados naqueles círculos que, poderiam vir a tornar-se círculos uninominais, sendo eleito o deputado pelo sistema maioritário.

O legislador preferiu tornejar tal dificuldade fixando em dois os deputados a eleger de modo a preservar um mínimo de proporcionalidade.

VI- Há quem se interrogue porque motivo nunca foi aplicada a regra da proporcionalidade nos círculos do estrangeiro.

A razão é simples. Dado o número elevadíssimo de cidadãos portugueses a residir no estrangeiro, que após se recensearem poderiam vir a exercer o direito de voto, não podia deixar de ser ponderado o número de deputados que viessem a eleger.

Como se lê no Diário da Assembleia Constituinte, páginas 3724 e seguintes “teve-se a intenção de impedir que viesse a ter um número porventura exagerado de deputados eleitos pelos emigrantes, um número tal que a maioria parlamentar e até a maioria governamental fossem

determinadas pelos emigrantes”, o que “poderia ser injusto relativamente aos cidadãos que se encontrem em Portugal, que vivem mais directamente os problemas portugueses...”

O número efectivo de cidadãos portugueses recenseados no estrangeiro tem, contudo, contrariado, tais preocupações.

Sobre o assunto deve ler-se o Acórdão do T.C. nº 320/89, publicado no Diário da República I Série de 4.04.89., que versa sobre a capacidade eleitoral activa dos não residentes na eleição para o Parlamento Europeu.

VII- É à CNE que compete elaborar o mapa com o número de deputados e a sua distribuição pelos círculos (exceptuando o caso dos círculos da emigração, cuja distribuição é fixa), devendo fazê-lo entre os 60 e os 55 dias anteriores à data marcada para a eleição sempre que se complete uma legislatura ou, entre os 55 e os 53 dias, em caso de dissolução e se o Presidente da República optar pela antecedência mínima na convocação das novas eleições para a A.R..

Para essa elaboração, a Comissão Nacional de Eleições necessita conhecer o nº de eleitores inscritos no recenseamento eleitoral em cada círculo, baseando-se para tal nos **resultados oficiais mais recentes** que o STAPE/MAI disponibiliza para o efeito.

Nesta matéria, há que salientar as inovações introduzidas pela nova lei do R.E. (Lei nº 13/99, de 22 de Março), nomeadamente, duas das suas características fundamentais:

a. inscrição contínua, só se suspendendo 60 dias antes de cada acto eleitoral (55 dias para os que completam 18 anos até ao dia da eleição (artºs 5º e 32º));

b. existência de uma base de dados central das inscrições (BDRE) no STAPE (artº 10º e segs).

Tais características vieram permitir que, a partir de 1999, os mapas de deputados sejam elaborados com base em resultados do R.E. mais recentes do que antes acontecia, quando, no limite, se poderiam utilizar dados com mais de 1 ano, atento o facto de as inscrições serem limitadas a um período anual (2 a 31 de Maio).

Afigura-se, contudo, que não chocaria – e transmitiria até uma maior segurança e certeza à operação – que os resultados utilizados para a elaboração dos mapas de deputados de um determinado ano (12 meses) se referissem à publicação anual que nos termos da lei (artº 67º) o STAPE, em 1 de Março, tem de fazer e que precede a exposição pública anual dos cadernos. O ideal seria, salvo melhor opinião, que houvesse 2 exposições anuais dos cadernos e com elas duas publicações de resultados, dessa forma se evitando a utilização de nºs já bastante ultrapassados.

É que o fornecimento de dados recentes – em cima dos actos eleitorais – obriga as CR e o STAPE a um esforço desmesurado face às alterações mínimas que eventualmente podem ocorrer na distribuição dos deputados pelos círculos eleitorais, alterações essas que podem ser determinadas pelo facto de haver C.R. mais lentas do que outras na comunicação de alterações ao R.E. em vésperas dos actos eleitorais.

Note-se que, em qualquer circunstância, os números utilizados – sejam os de Março de cada ano sejam os do 60º dia anterior à votação – serão sempre reportados a essa data de referência, sendo fatalmente diferentes dos que existirão no dia da votação.

VIII- A distribuição de deputados para a eleição de 20 de Fevereiro de 2005 é a seguinte (cfr. DR I Série A, Suplemento, nº 301, de 27.12.2004):

Círculos Eleitorais	Número de Deputados
1 – Aveiro	15
2 – Beja	3
3 – Braga	18
4 – Bragança	4
5 – Castelo Branco	5
6 – Coimbra	10
7 – Évora	3
8 – Faro	8
9 – Guarda	4
10 – Leiria	10
11 – Lisboa	48
12 – Portalegre	2
13 – Porto	38
14 – Santarém	10
15 – Setúbal	17
16 – Viana do Castelo	6
17 - Vila Real	5
18 – Viseu	9
19 – Açores	5
20 – Madeira	6

De referir, ainda, que nos termos do n.º 3 do presente artigo, a estes círculos há que acrescentar os círculos eleitorais da Europa e fora da Europa, correspondendo-lhes, respectivamente, dois deputados. O total de deputados é de 230.

Note-se que subsiste e se acentua a desertificação do interior – depois de Évora em 2002, é agora Portalegre que perde um deputado, passando, pela primeira vez, desde 1975, a haver um círculo eleitoral do território nacional com 2 mandatos, o que constitui uma evidente entorse da proporcionalidade. Este facto já o havíamos antecipado na anotação da anterior edição desta publicação, em 2002, alertando para esta situação de quase “inconstitucionalidade”. Com efeito, não é só a circunstância de haver 3 círculos eleitorais com 2 mandatos (Europa, Fora da Europa e Portalegre), que nos faz colocar a questão da constitucionalidade, mas também o facto de haver 2 círculos eleitorais com apenas 3 mandatos (Beja e Évora) e de ser previsível que dentro

de pouco tempo haja mais um círculo (Bragança) com 3 deputados, o que manifestamente começa a colocar seriamente em crise a proporcionalidade geral do sistema.

Julgamos, aliás, que só a agregação de alguns distritos ou uma nova organização de círculos eleitorais desligada dessa unidade administrativa, organização que confira dimensão aos círculos que não coloque em causa um princípio constitucional nuclear, poderá resolver o problema.

Entendemos, também, que o exemplo dos círculos da emigração (com 2 deputados) na eleição da A.R. e a existência de círculos eleitorais com 2 deputados nas eleições regionais das AL.R.A., além de ser uma opção muito discutível, se reporta a realidades demográficas, sociais e políticas bem específicas que, em parte, justificarão a existência de círculos não proporcionais ou de muito reduzida proporcionalidade.

IX- Apesar de não estar expressamente previsto na lei o recurso para o Tribunal Constitucional do mapa de deputados publicado pela CNE, nada obsta a que o mesmo seja interposto por qualquer partido político interessado, visto tratar-se de um acto administrativo executório e eficaz que vai condicionar a apresentação de candidaturas.

Assim já aconteceu, quer na eleição para a A.R. em 1985 (cfr. Acórdão do T.C. 200/85, publicado no DR II Série de 18 de Fevereiro de 1986), quer na eleição para a Assembleia Legislativa da Madeira, realizada a 9 de Outubro de 1988, tendo a UDP recorrido do mapa de deputados publicado pelo Ministro da República (cfr. Acórdão do T.C. nº 236/88, publicado no Diário da República, II Série, em 27 de Dezembro de 1988).

CAPÍTULO II

REGIME DA ELEIÇÃO

Artigo 14º

(Modo de eleição)

Os deputados da Assembleia da República são eleitos por listas plurinominais em cada círculo eleitoral, dispondo o eleitor de um voto singular de lista.

I- Cfr. artºs 10º nº 1 e 113º da C.R.P..

II- Como tivemos ocasião de referir nas notas aos artºs 12º e 13º, o actual sistema eleitoral português assenta na existência de círculos eleitorais plurinominais, isto é, círculos que elegem mais de um deputado. Também mencionámos que as duas primeiras leis eleitorais post 25 de Abril consagraram, excepcionalmente, círculos uninominais, apresentando-se a sufrágio listas com um só nome, sendo o mandato então conferido ao candidato da lista que obtivesse maior número de votos. Com a alteração introduzida ao artº 13º pela Lei nº 18/90, de 24 de Julho, essa situação foi ultrapassada, exigindo-se que nas candidaturas apresentadas pelas forças políticas figurem tantos candidatos (mais o número mínimo de suplentes) quantos o mapa de deputados definir, não havendo, à partida, nenhum círculo eleitoral que eleja menos de dois candidatos.

III- São as direcções partidárias que compõem as listas a apresentar a sufrágio (ver nota ao artº 21º) dispondo o eleitor de **um voto**, que incidirá globalmente sobre toda a lista, e não sobre o nome deste ou daquele candidato.

Note-se a que no caso português não aparece no boletim de voto a composição das listas partidárias, isto é, os nomes dos próprios candidatos, o que inviabiliza a prática do voto preferencial que permitiria ao eleitor ordenar a lista de acordo com as suas preferências.

Aliás, a par do voto preferencial existem os mais variados sistemas de voto, como por exemplo o **voto múltiplo** (cada eleitor tem vários votos ou tantos quantos os deputados a eleger), o **voto alternativo** (o eleitor pode indicar 2ªs, 3ªs ou 4ªs preferências), o **voto cumulativo** (o eleitor dispõe de vários votos congregando-os num só candidato), **voto duplo** (o eleitor tem dois votos; um para o seu círculo eleitoral, outro para o círculo nacional) etc...

IV- Os Estados democráticos dos nossos dias exigem que o **direito de sufrágio** seja ele também democrático, obedecendo a quatro princípios fundamentais:

Universalidade de voto - todos os cidadãos têm direito a eleger e a ser eleitos, independentemente do sexo, religião, raça, instrução ou rendimento.

Igualdade de voto - donde advém a expressão vulgarmente conhecida por “one man one vote” - cada eleitor deve dispor do mesmo número de votos, tendo todos eles a mesma eficácia jurídica, ou seja, o mesmo peso;

Voto directo ou manifesto - os eleitores escolhem “imediatamente” os representantes sem intervenção de “grandes eleitores” ou de qualquer vontade alheia;

Voto secreto - que tem como pressuposto a pessoalidade do voto.

Artigo 15º **(Organização das listas)**

1. As listas propostas à eleição devem conter indicação de candidatos efectivos em número igual ao dos mandatos atribuídos ao círculo eleitoral a que se refiram e de candidatos suplentes em número não inferior a dois nem superior aos dos efectivos, não podendo exceder cinco.

2. Os candidatos de cada lista consideram-se ordenados segundo a sequência da respectiva declaração de candidatura.

I- Do nº 1 deste artigo decorre que nos círculos com cinco ou mais deputados deverá ser apresentado um mínimo de **dois** suplentes e um máximo de **cinco**. Nos círculos com menos de cinco deputados, o número de candidatos suplentes nunca poderá exceder o número de efectivos.

Para exemplificar, veja-se como proceder nos círculos eleitorais de Aveiro, Beja e Portalegre:

Aveiro

Candidatos efectivos - 15

Candidatos suplentes - 2, 3, 4 ou 5

Beja

Candidatos efectivos - 3

Candidatos suplentes – 2 ou 3

Portalegre

Candidatos efectivos - 2

Candidatos suplentes - 2

A prática aconselha que os partidos políticos e/ou coligações apresentem sempre o máximo de candidatos suplentes face ao elevado número de vagas que por motivos vários ocorrem no seio da Assembleia da República (ver nota ao artº 18º).

II- Verifica-se uma irregularidade processual no caso de uma lista não conter o número total de candidatos (efectivos e suplentes), podendo esse facto levar à sua rejeição se não for completada no prazo legal (ver artºs 27º e 28º nº 3).

III- A razão de ser do preceituado no nº 2 prende-se com o facto das listas apresentadas a sufrágio serem rígidas e fechadas, não podendo a sequência dos candidatos ser alterada.

Já atrás se referiu que o escrutínio de lista, aliado ao sistema de representação proporcional, pode funcionar de diversas formas, consoante se trate de “listas bloqueadas” (deve votar-se em toda a lista) ou de listas que dêem a possibilidade de “variação”, isto é, de cada qual indicar as suas preferências ou ordená-la face aos nomes apresentados (voto preferencial), ou ainda de conceder total liberdade de escolha ao eleitor que pode “fazer” a sua própria lista (sistema

utilizado na Irlanda “single transferable vote”) e nalgumas situações compô-la misturando candidatos de diversas listas (“panachage”).

IV- A ordem de sequência dos candidatos é de primordial importância, devendo ser sempre respeitada, quer no período que antecede a eleição - pelo que não é indiferente o problema das substituições (ver nota ao artº 37º) - quer no dia da eleição por altura do apuramento para distribuição dos mandatos (artº 17º) e também em momento posterior à eleição face às vagas que entretanto ocorram na Assembleia da República (artº 18º).

Artigo 16º **(Critério de eleição)**

A conversão dos votos em mandatos faz-se de acordo com o método de representação proporcional de Hondt, obedecendo às seguintes regras:

- a) Apura-se em separado o número de votos recebidos por cada lista no círculo eleitoral respectivo;**
- b) O número de votos apurados por cada lista é dividido, sucessivamente, por 1, 2, 3, 4, 5, etc., sendo os quocientes alinhados pela ordem decrescente da sua grandeza numa série de tantos termos quantos os mandatos atribuídos ao círculo eleitoral respectivo;**
- c) Os mandatos pertencem às listas a que correspondem os termos da série estabelecida pela regra anterior, recebendo cada uma das listas tantos mandatos quantos os seus termos na série;**
- d) No caso de restar um só mandato para distribuir e de os termos seguintes da série serem iguais e de listas diferentes, o mandato cabe à lista que tiver obtido menor número de votos.**

I- Cfr. artºs 113º nº 5 e 149º nº 1 da C.R.P..

II- O sistema eleitoral consagrado na Constituição e na lei é o sistema de representação proporcional, e no que respeita às eleições para a A.R., na modalidade da média mais alta de Hondt. Nos outros casos de eleições de órgãos colegiais (como as Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas e os órgãos das autarquias locais directamente eleitos) apenas se exige que a conversão dos votos em mandatos se faça de harmonia com o princípio da representação proporcional, dando-se assim possibilidade ao legislador de optar por outro método. Diga-se, no entanto, que em qualquer dessas eleições se manteve o método de Hondt para apuramento dos resultados, aliás expressamente consagrado no que concerne às A.L.R. também nos respectivos Estatutos Político-Administrativos.

O princípio da representação proporcional encontra-se rigidamente fixado na Constituição não podendo sofrer quaisquer alterações na medida em que constitui limite material de revisão constitucional (artº 288º alínea h) da C.R.P.) e só com a obtenção dos votos de dois terços dos deputados em efectividade de funções será possível abandonar o método de Hondt para consagrar um outro método, bem como impor uma percentagem mínima de votos para a sua conversão em mandatos (artº 286º nº 1 da C.R.P.).

III- Como referem Vital Moreira e Gomes Canotilho (*in*, “Constituição da República Portuguesa anotada” 3ª edição revista, 1993) o sistema eleitoral proporcional procurou “fazer da A.R. um espelho político do país e não um meio de fabricar maiorias lá onde elas não existem”, lendo-se mais adiante “a composição da A.R. reproduzirá aproximadamente o universo político-eleitoral do país e em princípio só haverá **maiorias parlamentares quando houver maiorias eleitorais**”.

O reconhecimento do pluralismo partidário, sem artifícios redutores, justificou uma outra solução constitucional tal como a proibição de **cláusulas-barreira** (artº 152º nº 1 da C.R.P.), isto é, a exigência para acesso ao Parlamento de uma percentagem de votos nacional mínima.

IV- O método de Hondt é igualmente utilizado para aferir a distribuição de deputados pelos círculos eleitorais do Continente e Regiões Autónomas (ver nota ao artº 13º).

Também neste capítulo foi intenção do legislador aplicar o princípio da proporcionalidade ao número de eleitores inscritos por cada um desses círculos, em vez de, por exemplo, se predeterminar um número fixo de deputados a eleger por colégio eleitoral.

V- Sobre o modo de aplicação do método de Hondt veja-se o esquema abaixo, que foi retirado da lei eleitoral para a Assembleia Constituinte (Decreto-Lei nº 621-C/74 - artº 7º):

1º- Suponha-se que os mandatos a distribuir no colégio eleitoral são sete e que o número de votos obtido pelas listas A, B, C e D é, respectivamente, 12000, 7500, 4500 e 3000.

2º- Pela aplicação da 2.ª regra (alínea b)):

	Lista A	Lista B	Lista C	Lista D
Divisão por 1 =	<u>12.000</u>	<u>7.500</u>	4.500	3.000
Divisão por 2 =	<u>6.000</u>	<u>3.750</u>	2.250	1.500
Divisão por 3 =	<u>4.000</u>	2.500	1.500	1.000
Divisão por 4	3.000	1.875	1.125	750

3º- Pela aplicação da 3ª regra (alínea c))

12.000	>	7.500	>	6.000	>	4.500	>	4.000	>	3.750	>	3.000
1º		2º		3º		4º		5º		6º		7º
Mandato		Mandato		Mandato		Mandato		Mandato		Mandato		Mandato

Portanto: Lista A - 1º, 3º e 5º mandatos

Lista B - 2º e 6º mandatos

Lista C - 4º mandato

Pela aplicação da 4.ª regra (alínea d): o mandato pertence ao termo da série com o valor de 3000, mas há duas listas (A e D) a que o mesmo termo corresponde. Pela 4.ª regra o 7.º mandato

atribui-se à lista D. Assinale-se que esta regra constitui um desvio ao método de Hondt puro que, neste caso, mandaria atribuir o mandato à candidatura com o maior número de votos. É pois um método corrigido.

VI- É importante referir que a 4.^a regra só se aplica se os termos da série forem matematicamente iguais como no exemplo atrás apontado, senão releva a contagem das casas decimais (por exemplo 3000 e 3000,25) atribuindo-se o mandato em função das mesmas. Neste sentido se pronunciou o T.C. no Acórdão nº 15/90 (publicado na II Série do DR de 29.06.90), a propósito de uma situação de empate nas eleições para os órgãos das autárquicas locais, realizadas a 17 de Dezembro de 1989, nos seguintes termos: “O recurso às décimas é o único meio idóneo para exprimir em mandatos os votos expressos, configurando-se assim como a expressão democrática que o processo eleitoral deve assumir. A proporcionalidade não pressupõe nem impõe barreiras mas estabelece um jogo, ou conjunto de regras, que importa aceitar até às suas últimas consequências. O recurso às casas decimais constitui o aproveitamento máximo do sistema e tem a certeza dos apuramentos matemáticos, constituindo a via mais objectiva que melhor traduz a expressão quantitativa da vontade do eleitorado”.

VII- A leitura dos resultados das várias eleições para a A.R. leva-nos a concluir que o método da média mais alta de Hondt, aplicado à actual configuração dos círculos eleitorais, tem favorecido os grandes partidos. A esse respeito ver o estudo efectuado pelo prof. J. Tiago de Oliveira, «O sistema eleitoral português como forma de representação», *in* Análise Social, volume XVII, 1981, nº 65, págs 7 e segs. Nesse apontamento, que abarca as eleições de 1975, 1976 e 1980 chega-se à conclusão que acima retiramos, como seja a **sobrerepresentação** dos grandes partidos e coligações e a **subrepresentação** dos pequenos, acrescentando-se ainda a não representação dos mais pequenos partidos excepto se o voto se concentrar num grande círculo eleitoral, a dificuldade de aparecimento de novas forças partidárias, a indicação dos candidatos pelas direcções dos partidos e portanto a sua anonimidade. O autor concretiza ainda que o limite mínimo de representação parlamentar é, em regra, 2% de votação nacional e que o ponto de viragem entre a **sobre** e a **subrepresentação** é na ordem dos 15%. O estudo feito por Tiago de Oliveira e as conclusões a que chegou, nomeadamente a do método de Hondt não exprimir em termos proporcionais o voto nacional, baseou-se na aplicação do teste qui-quadrado e da regressão linear. A diferentes conclusões se pode chegar pela utilização do coeficiente de Gini, que permite aferir com maior clareza o grau de proporcionalidade na representação eleitoral (cfr. estudo realizado pelo técnico do STAPE Domingos Magalhães, *in* “Eleições” – revista do STAPE, nº2).

VIII- Para finalizar diremos que nas notas referentes ao sistema eleitoral já se tinha concluído não existir um sistema eleitoral perfeito, tendendo todos eles para uma ponderação da eleição. Assim, sendo inevitável algum favorecimento em qualquer método, parece que a opção pelo método de Hondt se baseou na tentativa de uma confortável funcionalidade que para o sistema político pode resultar da maior estabilidade governativa que a concentração partidária pode originar.

IX- O projecto de C.E. no seu art. 26.º ao estabelecer as regras sobre o modo de aplicação do método de Hondt restitui-o à sua pureza originária quando na sua alínea d) preceitua que caso haja um só mandato para distribuir e sendo os termos iguais e de candidaturas diferentes, o mandato cabe à candidatura que tiver obtido **maior número de votos**.

X- Dentro do sistema de representação proporcional o sistema de Hondt é um dos métodos possíveis de apuramento dos votos. A par deste método existem muitos outros como o **método de Niermeyer** utilizado na Alemanha, o **método de Sainte-Laguë** utilizado na Dinamarca, o **método de Hagenbach-Bischoff** na Grécia e no Luxemburgo, etc.

Artigo 17º (Distribuição dos lugares dentro das listas)

- 1. Dentro de cada lista os mandatos são conferidos aos candidatos pela ordem de precedência indicada no nº 2 do artigo 15º.**
- 2. No caso de morte do candidato ou de doença que determine impossibilidade física ou psíquica, o mandato é conferido ao candidato imediatamente seguinte na referida ordem de precedência.**
- 3. A existência de incompatibilidade entre as funções desempenhadas pelo candidato e o exercício do cargo de deputado não impede a atribuição do mandato.**

I- Cfr. Estatuto dos Deputados (Lei nº 7/93, de 1 de Março, com as alterações introduzidas pelas Leis nºs 24/95, de 18 de Agosto, 55/98, de 18 de Agosto, 8/99, de 10 de Fevereiro, 45/99, de 16 de Junho e 3/2001, de 23 de Fevereiro e ainda Declaração de Rectificação 9/2001, de 13 de Março, que o republica).

II- A distribuição dos lugares dentro das listas dos deputados eleitos faz-se de acordo com a ordenação dos nomes constantes da declaração da candidatura (v. artº 15º).

III- Se um ou mais candidatos de uma lista apresentarem a sua desistência, nos termos do artº 39º, a lista mesmo que não esteja completa é válida, conferindo-se o mandato ao candidato imediatamente a seguir na já referida ordem de precedência.

IV- Os artºs 20º e 21º do Estatuto dos Deputados enumeram as situações de incompatibilidade entre o exercício do mandato de deputado e o exercício de determinadas funções ou cargos. Como se afere do texto da lei, as incompatibilidades não impedem a atribuição do mandato, nem a sua subsistência, apenas proíbem o seu desempenho enquanto durar a situação de incompatibilidade.

Artigo 18º **(Vagas ocorridas na Assembleia)**

- 1. As vagas ocorridas na Assembleia da República são preenchidas pelo cidadão imediatamente a seguir na ordem da respectiva lista ou, tratando-se de coligação, pelo cidadão imediatamente a seguir do partido pelo qual havia sido proposto o candidato que deu origem à vaga.**
- 2. Quando, por aplicação da regra contida na parte final do número anterior, se torne impossível o preenchimento da vaga por cidadão proposto pelo mesmo partido, o mandato será conferido ao candidato imediatamente a seguir na ordem da lista apresentada pela coligação.**
- 3. As vagas ocorridas na Assembleia da República são preenchidas pelo primeiro candidato não eleito, na respectiva ordem de precedência, da lista a que pertencia o titular do mandato vago e que não esteja impedido de assumir o mandato.**
- 4. Não há lugar ao preenchimento de vaga no caso de já não existirem candidatos efectivos ou suplentes não eleitos da lista a que pertencia o titular do mandato vago.**
- 5. Os deputados que forem nomeados membros do Governo não podem exercer o mandato até à cessação daquelas funções e são substituídos nos termos do nº 1.**

I- Os nºs 1 e 2 do presente artigo foram introduzidos pela Lei Orgânica nº 1/99, passando a 3 e 4, os anteriores nºs 2 e 3.

II- Cfr. artºs 153º nº 2, 154º e 160º da C.R.P..

Ver ainda Regimento da A.R.(Resolução da Assembleia da República nº 4/93, de 2 de Março, com as alterações introduzidas pelas Resoluções nºs 15/96, de 2 de Maio, 3/99, de 20 de Janeiro, 75/99, de 25 de Novembro e 2/2003, de 17 de Janeiro) e Estatuto dos Deputados.

III- Em caso de vagatura ou de suspensão do mandato, o deputado será substituído pelo primeiro candidato não eleito na respectiva ordem de precedência, da lista a que pertencia o titular do mandato vago. Se o candidato chamado a substituir estiver impedido de assumir essas funções, sobe o candidato que se seguir, respeitando-se sempre a sequência da declaração de propositura das candidaturas.

É curioso referir que até às alterações mencionadas em I, a lei eleitoral nada previa quanto às listas de coligação no tocante ao preenchimento de vagas e substituições temporárias.

No entanto, a “praxis” da AR sempre foi no sentido ora consagrado que decalcava a solução legalmente prevista nas autarquias locais no então artº 73º nº 1 do DL nº 100/84, de 29 de Março, actualmente substituído pela Lei nº 169/99, 18 de Agosto (artº 79º).

No caso de já não restarem candidatos efectivos ou suplentes da lista não haverá preenchimento da vaga ou substituição. Para evitar tal situação é importante que cada lista apresente o número máximo de suplentes (ver nota ao artº 15º).

IV- Implicam a vagatura do mandato: a morte, a perda do mandato e a renúncia (cfr. artº 160º da C.R.P. e artºs 7º e 8º do Estatuto dos Deputados).

Como se constata da leitura desses artigos as causas de perda de mandato são taxativas, não podendo a lei ou o Regimento da A.R. acrescentar outras.

É importante trazer à colação as notas ao artº 11º acerca da natureza do mandato, que devido ao facto de ser livre, não pode ser revogado pelos eleitores, nem pelos próprios partidos por que foram eleitos.

Já tem acontecido alguns deputados abandonarem os partidos que os propuseram sem por isso perderem o seu mandato, a não ser que se inscrevam **noutro partido**. Se tal não ocorrer poderão continuar a exercer o mandato como **independentes**.

V- O nº 4 do preceito aponta para uma das situações de incompatibilidade. As incompatibilidades distinguem-se das inelegibilidades porquanto estas determinam a impossibilidade de candidatura, enquanto aquelas impedem que o cargo de deputado seja exercido simultaneamente com determinados cargos, ocupações ou funções, (ver artºs 20º e 21º do Estatuto dos Deputados e nota ao artº 17º da presente lei).

Quem estiver numa situação de incompatibilidade não pode **exercer** o mandato, pelo que deve suspendê-lo, sendo substituído pelo 1º candidato não eleito na respectiva ordem de precedência da lista a que pertencia.

Para além desta ocorrência o mandato pode ainda ser suspenso por vontade do deputado invocando motivo relevante (artºs 153º nº 2 da C.R.P. e artº 5º do Estatuto dos Deputados). A suspensão temporária do mandato não pode ocorrer por período inferior a 50 dias nem superior a 10 meses por período global em cada mandato.

VI- Temos vindo a apontar algumas das causas que determinam a vagatura de lugares na A.R. ou a substituição temporária de deputados por suspensão do mandato.

Devido a estas causas a **composição efectiva** da **A.R.** pode variar muito ao longo do tempo, nunca se sabendo ao certo quais os deputados que nela exercem funções, em determinado momento.

Estamos em crer que esta instabilidade na composição individual da Assembleia realça bem o desfazamento do eleitor relativamente aos eleitos, desvirtuando mesmo o princípio da representação proporcional que por força dos votos fez eleger determinados deputados e não aqueles outros, do fundo da lista ou suplentes que, por força das circunstâncias, vêm a adquirir tal estatuto.

TÍTULO III

ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL

CAPÍTULO I

MARCAÇÃO DA DATA DAS ELEIÇÕES

Artigo 19º (Marcação das eleições)

1. O Presidente da República marca a data das eleições dos deputados à Assembleia da República com a antecedência mínima de 60 dias ou, em caso de dissolução, com a antecedência mínima de 55 dias.

2. No caso de eleições para nova legislatura, essas realizam-se entre o dia 14 de Setembro e o dia 14 de Outubro do ano correspondente ao termo da legislatura.

I- Artigo com nova redacção dada pela Lei Orgânica nº1/99, de 22 de Junho.
Ver artigos 171º e 174º da C.R.P..

II- A alteração verificada no nº1 relativamente à anterior redacção é fruto do consagrado no artº 113º nº6 da CRP, aquando da sua 4ª revisão.

Assim, o prazo máximo para realização de eleições, contado da publicação do Decreto Presidencial a marcar o dia de votação passou dos tradicionais 90 dias para 60 dias.

III- A disposição contida no nº 2, nomeadamente o período fixado para a realização das eleições parece estar em contradição com o consagrado no artº 174º da CRP atento o facto de as legislaturas, e, bem assim, as sessões legislativas se iniciarem em 15 de Setembro.

Até à data apenas nos anos de 1980 (5 de Outubro), 1985 e 1991 (6 de Outubro), 1995 (1 de Outubro) e 1999 (10 de Outubro) as eleições se realizaram no período definido por este artigo, sendo que no segundo caso a ocorrência nessa data foi acidental pois tratou-se de uma eleição antecipada.

IV- A forma que reveste a marcação da eleição é a de Decreto do Presidente da República (v. p.ex. Dec. nº 100-B/2004, DR, I série A, de 22.12.04 que marca, no caso em apreço, as eleições antecipadas da A.R. para 20 de Fevereiro de 2005).

Tendo surgido dúvidas acerca da data a partir da qual se inicia o processo eleitoral, isto é, se releva para o efeito a data impressa no Diário da República ou ao invés a data da sua distribuição, a CNE, em deliberação de 05.05.98, perfilhou o Parecer da PGR de 01.03.79 - Proc. 265/78 que, a propósito da aplicação da disposição legal contida no artº 5º nº 1 do Código Civil (“A lei só se torna obrigatória depois de publicada no jornal oficial”), refere:

«I - Prescrevendo um diploma a entrada em vigor na data em que for publicado, a sua vigência inicia-se no dia em que é posto à disposição do público o Diário da República em que se encontra inserido.

II - O Diário da República é posto à disposição do público com o início da distribuição, o que sucede no momento em que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda expede ou torna acessíveis aos cidadãos em geral exemplares do referido jornal».

Tal problemática reveste-se da maior importância já que o início do processo não só faz despoletar uma série de prazos como proíbe a prática de determinados actos.

V- Este encurtamento do processo eleitoral há muito vinha sendo pedido por vários sectores de opinião e tornou-se possível, fundamentalmente, por compressão do período de apresentação de candidaturas e prazos conexos de sua apreciação pelos tribunais.

Ainda assim, noutros países os prazos do processo eleitoral, nomeadamente na sua fase pré-votação, são consideravelmente mais reduzidos, como seja o caso da Itália (45 dias), Grã-Bretanha (12/18 dias), Bélgica (40 dias), etc.

Em Portugal um maior encurtamento do prazo pré-votação é inviável enquanto se mantiver o processo em vigor de votação dos eleitores residentes no estrangeiro, que exige um mínimo de 5/6 semanas para o envio da correspondência de voto para as moradas dos eleitores (v. DL nº 95-C/76), bem como o exigente sistema de voto antecipado (v. artºs 79º-A a 79º-C).

Artigo 20º
(Dia das eleições)

O dia das eleições é o mesmo em todos os círculos eleitorais, devendo recair em domingo ou feriado nacional.

I- Com este artigo pretende-se evitar que o conhecimento dos resultados do escrutínio provisório pudesse influenciar a votação de eleitores que utilizassem o seu direito de sufrágio em dias diversos.

É por ser assim que, mesmo realizando-se as eleições no mesmo dia, tem existido um embargo de facto à divulgação dos resultados do continente e Madeira antes do encerramento das urnas eleitorais nos Açores.

II- É também por esse motivo que eleitores inscritos no estrangeiro - que votam por correspondência - têm, obrigatoriamente, de depositar o seu voto no correio o mais tardar no dia da eleição (v. artº 9º nº 2 do DL nº 95-C/76, de 30 de Janeiro) sendo considerados nulos os votos que chegam a Lisboa com carimbo do correio de origem posterior a essa data.

III- O projecto de C.E. consagra a obrigatoriedade de realização das eleições ao domingo.

Na prática é, aliás, essa a solução mais aconselhável, pois o encadeado de prazos das várias fases do processo eleitoral assim o aconselha, impedindo-se, por exemplo, que haja prazos a terminar em sábados ou domingos ou repetições de actos eleitorais em dias úteis (v. artº 102º nº 2).

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURAS

SECÇÃO I

PROPOSITURA

Artigo 21º
(Poder de apresentação)

1. As candidaturas são apresentadas pelos partidos políticos, isoladamente ou em coligação, desde que registados até ao início do prazo de apresentação de candidaturas e as listas podem integrar cidadãos não inscritos nos respectivos partidos.

2. Nenhum partido pode apresentar mais de uma lista de candidatos no mesmo círculo eleitoral.

3. Ninguém pode ser candidato por mais de um círculo.

I- Ver artºs 10º nº 2 e 151º da C.R.P..

II- O nº 1 consagra, na esteira da Constituição, o monopólio partidário da apresentação de candidaturas nas eleições legislativas, prejudicada que ficou, por altura da revisão constitucional de 1997, a proposta apresentada pelo Partido Socialista no sentido da consagração da possibilidade de apresentação de listas compostas e propostas por cidadãos não filiados partidariamente.

Persiste, assim, uma mediação partidária exclusiva na representação política. Os partidos políticos enquadram, ao mesmo tempo, eleitores e eleitos, não sendo admitidas outras formas de acesso ao cargo de deputado à A.R..

Tal situação leva a que autores como Vital Moreira e G. Canotilho afirmem que “o regime político português constitui uma das manifestações mais acabadas do estado de partidos” e que

“...não há apenas um quase monopólio de facto, mas um quase monopólio de direito” dos partidos na representação política.

Este exclusivo só é, actualmente, excepcionado - para além, obviamente, das eleições presidenciais - nas eleições dos órgãos das autarquias locais. De facto, a recente lei ordinária, na sequência do consagrado na revisão da Constituição de 1997, veio determinar, sem ambiguidades, o direito de grupos de cidadãos eleitores a apresentar candidaturas, para além da assembleia de freguesia que desde sempre estivera contemplado, aos restantes órgãos autárquicos – assembleia e câmara municipal.

III- Estão, portanto, excluídas as candidaturas de listas de cidadãos independentes à eleição da A.R., embora se admita que as listas partidárias integrem, além de militantes seus, cidadãos independentes.

Relativamente aos partidos deve ainda acrescentar-se que, ao contrário do que sucede noutros países (p. exemplo Itália, Suíça, Áustria, etc.) não se exige em Portugal um apoio expresso de um determinado número de cidadãos às suas listas bastando a prova de que mantêm devidamente regular o registo no T.C..

IV- O nº 3 visa, fundamentalmente um duplo objectivo:

a) que os partidos não apresentem candidaturas em vários círculos eleitorais dos mesmos cidadãos, o que seria um aproveitamento democraticamente pouco saudável da sua influência ou notoriedade;

b) que um mesmo cidadão não seja eleito por mais do que uma lista e/ou mais do que um círculo. É, aliás, a própria C.R.P. (artº 51º nº 2) que não permite que um eleitor pertença simultaneamente a dois ou mais partidos políticos, tornando claro que é inviável a representação de programas políticos diferentes por uma mesma pessoa. É, também, através do disposto nesta norma que se permite a conclusão que, sendo os círculos eleitorais como que “fracções” de um imaginário “círculo eleitoral único” - o que decorre da noção de que os deputados representam o país e não o círculo por que são eleitos (artº 11º) – os candidatos não necessitam, para se candidatarem num determinado círculo, de serem eleitores desse círculo.

V- V. artº 114º do projecto de C.E. e lei dos partidos políticos (consultar Lei Orgânica nº2/2003, de 22 de Agosto, em Legislação Complementar).

Artigo 22º **(Coligações para fins eleitorais)**

1. As coligações de partidos para fins eleitorais devem ser anotadas pelo Tribunal Constitucional, e comunicadas até à apresentação efectiva das candidaturas em documento assinado conjuntamente pelos órgão competentes dos respectivos partidos a esse Tribunal, com indicação das suas denominações, siglas e símbolos, bem como anunciadas dentro do mesmo prazo em dois dos jornais diários mais lidos.

2. As coligações deixam de existir logo que for tornado público o resultado definitivo das eleições, mas podem transformar-se em coligações de partidos políticos, nos termos e para os efeitos do disposto no *artigo 12º do Decreto-Lei nº 595/74, de 7 de Novembro.*

3. É aplicável às coligações de partidos para fins eleitorais o disposto no nº 3 do artigo 12º do *Decreto-Lei nº 595/74, de 7 de Novembro.*

I- V. artº 151º da C.R.P..

O Decreto-Lei nº 595/74, de 7 de Novembro foi revogado pelo artigo 41º da nova lei dos partidos políticos – L.O. nº 2/2003, de 22 de Agosto. Nesse sentido, onde se lê artigo 12º do Decreto-Lei nº 595/74, de 7 de Novembro, deve, agora ler-se “nº 3 do artigo 11º da L.O. nº 2/2003.

V., ainda, artºs 9º e 103º da Lei nº 28/82, de 15 de Novembro (Lei do T.C.) bem como artº 23º da presente lei.

II- O n.º 1 tem redacção alterada pela Lei n.º 14-A/85 resultante do aparecimento no ordenamento jurídico constitucional português do T.C., que concentrou, nesta matéria, os poderes que a redacção primitiva da lei cometia ao S.T.J. e CNE.

III- As coligações de partidos políticos permitem, na prática, um melhor aproveitamento - em termos da relação n.º de votos/n.º de mandatos - do sistema de representação proporcional constitucionalmente acolhido (método da média mais alta de Hondt), sistema que tende a proteger e a valorizar as listas que obtenham o maior n.º de votos.

Tal como se conclui da leitura deste artigo e do anterior as coligações previstas pela lei portuguesa são as de **lista única**, isto é, lista comum na qual são integrados elementos dos vários partidos coligados. A lei não admite, portanto, as chamadas coligações post-eleitorais, exigindo que o acordo das listas se faça antes das eleições, com o aparente objectivo de que os eleitores não sejam eventualmente surpreendidos por coligações espúrias.

Todavia, na realidade, tal pode vir a suceder através de acordos parlamentares de incidência governamental que já não dependem da vontade dos eleitores, mas antes das direcções partidárias.

IV- O n.º 2 refere a diferença entre coligações eleitorais, constituídas especificamente para uma determinada eleição nos termos da lei eleitoral, e coligações permanentes de partidos, constituídas por tempo indefinido nos termos da lei dos partidos políticos. Os partidos integrantes de uma coligação permanente não têm de, para cada acto eleitoral, fazer a respectiva anotação (v. Acórdão do T.C. n.º 267/85 - DR. II Série de 22.3.86).

V- Nada impede, no entanto, que as coligações eleitorais sejam celebradas apenas para um número restrito de círculos eleitorais, isto é, a constituição de uma coligação não obriga os partidos a coligarem-se em todos os círculos eleitorais (refira-se, como exemplo, a coligação “Aliança Democrática” - PSD + CDS + PPM - que, em 1979 e 1980, apresentou candidaturas em todos os círculos com excepção dos Açores e da Madeira).

VI- Nos termos do artigo 12.º n.º 4 da LO n.º 2/2003, os **símbolos e siglas das coligações** (para fins eleitorais ou permanentes) têm de reproduzir rigorosamente o conjunto dos símbolos e siglas dos partidos que as integram.

VII- V. art.ºs 113.º a 119.º do projecto de C.E.

V. também Acórdãos do T.C. n.ºs 169/85, 174/85, 178/85, 179/85, 181/85, 182/85 (DR II Série de 24.10.85, 09.01 e 10.01.86).

Artigo 22.º-A (Decisão)

1. No dia seguinte à apresentação para anotação das coligações, o Tribunal Constitucional, em secção aprecia a legalidade das denominações, siglas e símbolos, bem como a sua identidade ou semelhança com as de outros partidos, coligações ou frentes.

2. A decisão prevista no número anterior é imediatamente publicada por edital, mandado afixar pelo presidente à porta do Tribunal.

3. No prazo de vinte e quatro horas a contar da afixação do edital, podem os mandatários de qualquer lista apresentada em qualquer círculo por qualquer coligação ou partido recorrer da decisão para o plenário do Tribunal Constitucional.

4. O Tribunal Constitucional decide em plenário dos recursos referidos no número anterior, no prazo de quarenta e oito horas.

Artigo introduzido pela Lei n.º 14-A/85.

V. art.º 9.º b) da Lei n.º 28/82 (Lei do T.C.).

Artigo 23º
(Apresentação de candidaturas)

- 1. A apresentação de candidaturas cabe aos órgãos competentes dos partidos políticos.**
- 2. A apresentação faz-se até ao 41º dia anterior à data prevista para as eleições, perante o juiz do círculo judicial com sede na capital do círculo eleitoral.**
- 3. Nos círculos eleitorais com sede em Lisboa e Porto a apresentação das candidaturas é feita perante os juizes dos juízos cíveis.**
- 4. Nos círculos das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira a apresentação faz-se perante o juiz do círculo judicial com sede na respectiva capital.**

I-O nº 2 tem nova redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99, de 22 de Junho, decorrendo esta da redução de 80 para 60 dias do processo eleitoral.

Em consequência desta redução vários prazos ligados à apresentação de candidaturas (artºs 26º, 27º, 28º, 31º, 32º e 36º) sofreram alterações, o mesmo sucedendo com prazos relativos à constituição das mesas de voto (artºs 46º e 47º).

II- São normalmente os estatutos de funcionamento interno dos partidos políticos ou coligações que definem quais os órgãos com competência para apresentar candidaturas a actos eleitorais.

III- Ver os nºs 4 e 5 do artº 13º e nota VII elaborada a propósito do mesmo. Tudo aponta para que só após a publicação, pela Comissão Nacional de Eleições, do mapa de distribuição de deputados pelos círculos eleitorais, que em situação normal se situará entre o 60º e o 55º dias antes da votação ou, no limite, em situação de excepção, no 53º dia anterior, se inicie o período de apresentação de candidaturas, pois é apenas nessa altura que os concorrentes estão habilitados a saber quantos candidatos efectivos e suplentes têm de apresentar, exceptuando naturalmente o caso dos círculos do estrangeiro em que o n.º de deputados é fixado pela lei (artº 13º nº 3).

IV- Nos termos do nº 3 deste artigo, com redacção dada pela Lei nº 10/95, as candidaturas aos dois círculos eleitorais dos residentes no estrangeiro são apresentadas perante os juizes dos Juízos Cíveis de Lisboa (cfr. Artº 12º nº 4) e, nos termos do nº 4, perante os Tribunais de Ponta Delgada e Funchal nos casos dos círculos dos Açores e Madeira, respectivamente.

V- V. artº 171º nº 2 que indica o horário de funcionamento das secretarias judiciais para os efeitos deste artigo.

Cfr. A este respeito o Acórdão do TC nº 287/92, DR II Série, nº 217, de 19.09.92..

Artigo 24º
(Requisitos de apresentação)

- 1. A apresentação consiste na entrega da lista contendo os nomes e demais elementos de identificação dos candidatos e do mandatário da lista, bem como da declaração de candidatura, e ainda, no caso de lista apresentada por coligação, a indicação do partido que propõe cada um dos candidatos.**
- 2. Para efeito do disposto no nº1, entendem-se por elementos de identificação os seguintes: idade, filiação, profissão, naturalidade e residência, bem como número, arquivo de identificação e data do bilhete de identidade.**
- 3. A declaração de candidatura é assinada conjunta ou separadamente pelos candidatos, e dela deve constar que:**
 - a) Não estão abrangidos por qualquer inelegibilidade;**
 - b) Não se candidatam por qualquer outro círculo eleitoral nem figuram em mais nenhuma lista de candidatura;**
 - c) Aceitam a candidatura pelo partido ou coligação eleitoral proponente da lista;**
 - d) Concordam com o mandatário indicado na lista.**
- 4. Cada lista é instruída com os seguintes documentos:**

- a) Certidão, ou pública-forma de certidão, do Tribunal Constitucional comprovativa do registo do partido político e da respectiva data e ainda, no caso de lista apresentada por coligação, documentos comprovativos dos requisitos exigidos no nº 1 do artigo 22º;**
b) Certidão de inscrição no recenseamento eleitoral de cada um dos candidatos, bem como do mandatário, identificando-os em função dos elementos referidos no nº 2.

I- Segundo doutrina fixada pelo T.C. a apresentação de candidaturas não carece de ser feita por requerimento que obedeça aos requisitos de uma petição inicial (cfr. Acórdãos 219/85 e 220/85 - DR, II Série de 18/2/86 e 27/2/86, respectivamente).

Em sentido diverso pronunciou-se a Comissão do Código Eleitoral que considerou, na nota introdutória ao seu projecto, que a mesma deveria revestir a forma de requerimento.

Em consonância com essa ideia o artº 126º do citado projecto pretende introduzir entre o partido (ou coligação) e o respectivo mandatário a figura do delegado do partido (ou delegados de cada um dos partidos de uma coligação) a quem compete requerer a apresentação da candidatura, o que, aliás, já está contemplado na nova lei eleitoral para os órgãos das autarquias locais (v. artº 21º da LO nº 1/2001, de 14 Agosto).

II- A alínea a) do nº 4 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

III- Por força da Lei nº 13/99, de 22 de Março (Lei do Recenseamento Eleitoral) as Comissões Recenseadoras são as entidades autorizadas a passar certidões de inscrição no recenseamento eleitoral (cfr. artº 68º), devendo passá-las, gratuitamente, no prazo de 3 dias (cfr. artº 158º alínea a) do presente diploma).

IV- Na declaração de candidatura referida no nº 3 não se exige a junção de elementos comprovativos da identificação dos candidatos, como sejam, a indicação do número, data e entidade emitente do respectivo bilhete de identidade, e que actualmente substituem a necessidade de as assinaturas serem notarialmente reconhecidas. Não obstante, na prática, a maioria das candidaturas tem apresentado os seus processos com as assinaturas dos candidatos (e do mandatário) notarialmente reconhecidas, atitude que se nos afigura excessiva mas que por outro lado retira quaisquer dúvidas que se possam colocar ao juiz que aprecia as candidaturas sem sobrecarregar demasiado os partidos e coligações dado o nº limitado de candidatos.

Outro entendimento, naturalmente, se justifica nas eleições autárquicas onde o elevadíssimo nº de candidatos impõe a dispensa do reconhecimento notarial. Refira-se, a propósito, que no projecto de CE, no seu artº 125º nº 2, se exige o reconhecimento notarial das assinaturas em todos os processos de apresentação de candidaturas.

V- Nada obsta, também, que apesar de toda a documentação apresentada o juiz solicite a exibição do B.I. dos candidatos ou mandatários (cfr. p. ex. Acórdãos do T.C. nºs 219/85, 220/85, 221/85, 222/85 e 558/89 - DR, II Série de 18.02, 27.02 e 12.03.86 e 04.04.90 respectivamente).

VI- V. artºs 128º, 169º e 170º, sendo este último particularmente importante por impor a gratuitidade de todos os documentos e certidões necessárias à instrução dos processos de apresentação de candidaturas.

Artigo 25º **(Mandatários das listas)**

1. Os candidatos de cada lista designam de entre eles ou de entre os eleitores inscritos no respectivo círculo mandatário para os representar nas operações referentes ao julgamento da elegibilidade e nas operações subsequentes.

2. A morada do mandatário é sempre indicada no processo de candidatura e, quando ele não residir na sede do círculo, escolhe ali domicílio para efeitos de ser notificado.

I- A designação do mandatário deve acompanhar o processo de apresentação de candidaturas e fazer parte integrante dele.

A forma que deve revestir este acto pode ser a de uma simples declaração onde os candidatos designam o mandatário, indicando os seus elementos de identificação, n.º de eleitor e domicílio na sede do círculo.

II- Na prática e tendo em atenção que existem actos do processo eleitoral que se objectivam ao nível concelhio não repugna que os mandatários substabeleçam em representantes concelhios.

III- No que diz respeito às listas concorrentes aos dois círculos eleitorais dos residentes no estrangeiro há que referir que, nos termos do artº 1º do DL nº 411-B/79, de 3 de Outubro, os respectivos mandatários “podem ser designados de entre os candidatos respectivos, de entre eleitores recenseados no respectivo círculo **ou de entre eleitores recenseados em qualquer círculo eleitoral**”.

A parte final do preceito citado encontra justificação na necessidade de assegurar a maior proximidade possível entre o mandatário e o tribunal onde é apresentada a candidatura, proximidade essa que é exigida pela exiguidade dos prazos de reclamações e recursos do processo eleitoral.

Artigo 26º

(Publicação das listas e verificação das candidaturas)

1. Terminado o prazo para apresentação de listas, o juiz manda afixar cópias à porta do edifício do tribunal.

2. Nos dois dias subsequentes ao termo do prazo de apresentação de candidaturas o juiz verifica a regularidade do processo, a autenticidade dos documentos que o integram e a elegibilidade dos candidatos.

I- O nº 2 tem redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99 que apenas veio incidir no encurtamento (de 3 para 2 dias) do prazo concedido ao juiz para verificação das candidaturas. Cfr. nota V ao artº 19º e nota I ao artº 23º.

II- V. artºs 5º e 6º (inelegibilidades) e 24º (requisitos formais da apresentação das candidaturas).

III- Neste artigo objectiva-se, relativamente à fase de apresentação de candidaturas, **o princípio da jurisdicionalidade dos recursos em matéria eleitoral**, constitucionalmente acolhido no nº 7 do artº 113º (“o julgamento da regularidade e da validade dos actos de processo eleitoral compete aos tribunais”) que tem continuidade em todo este capítulo e, bem assim, no capítulo III do título V. Os tribunais de comarca aqui referidos actuam, portanto, em primeira instância, sendo o T.C. a instância de recurso final (v. artº 32º quanto ao contencioso das candidaturas e 118º quanto ao contencioso da votação e apuramento).

IV- Independentemente da verificação das candidaturas é efectuado o sorteio das listas apresentadas (v. notas ao artº 31º) e afixado o edital referido no nº1, tal não significando contudo que as listas tenham sido ou venham a ser admitidas. Aliás, a existência de irregularidades processuais e/ou a falta de documentos não determinam a rejeição liminar da lista.

Artigo 27º

(Irregularidades processuais)

Verificando-se irregularidade processual, o juiz manda notificar imediatamente o mandatário da lista para a suprir no prazo de dois dias.

I- Redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99 que reduziu de três para dois dias o prazo de suprimento de irregularidades. Ver nota I ao artº 26º.

II- Se o processo de apresentação de candidaturas contiver irregularidades estas tanto podem ser supridas após notificação do tribunal como por iniciativa espontânea do mandatário, independentemente de notificação, até ao despacho de admissão ou rejeição (cfr. Acórdão do T.C. 227 e 236/85 publicados no DR II Série de 05 e 06.02.86, e 527/89 - DR, II Série de 22.03.90).

III- A rigorosa observância dos trâmites e prazos indicados neste artigo e nos seguintes é exigida porque como refere o Acórdão do T.C. 262/85 (DR, II Série de 18.03.86): “o processo eleitoral desenvolve-se em cascata, de tal modo que não é nunca possível passar à fase seguinte sem que a fase anterior esteja definitivamente consolidada” ou, como refere o Acórdão do T.C. nº 189/88 (DR II Série de 07.10.88), “nele (processo eleitoral) funciona o **princípio da aquisição progressiva dos actos**, por forma a que os diversos estágios depois de consumados e não contestados no tempo útil para tal concedido, não possam ulteriormente, quando já se percorre uma etapa diversa do **iter** eleitoral, vir a ser impugnados; é que, a não ser assim, o processo eleitoral, delimitado por uma calendarização rigorosa, acabaria por ser subvertido mercê de decisões extemporâneas que, em muitos casos poderiam determinar a impossibilidade de realização de actos eleitorais”.

IV- Se a irregularidade disser respeito ao próprio mandatário ele mesmo será notificado. Caso tal não seja possível parece que o deverá ser o partido ou coligação respectivo. Todavia, e aparentemente em sentido diverso, deve aqui referir-se o Acórdão do T.C. nº 227/85 (DR II Série de 05.02.86) que estabelece que a irregularidade resultante da falta de identificação e morada do mandatário pode ser suprida até ao momento do despacho que manda suprir irregularidades, pelo próprio proponente (leia-se, partido ou mandatário) “sponte sua”, uma vez que o juiz não o pode fazer por óbvia impossibilidade.

V- No que diz respeito a irregularidades processuais a lei não distingue entre irregularidades essenciais e não essenciais ou entre pequenas e grandes irregularidades, nem define quais são supríveis e quais as não supríveis. Assim, todo e qualquer vício pode, em princípio, e respeitados os prazos legais, ser sanado (v. p. ex. Acórdãos do T.C. nºs 220/85, 234/85, 250/85, 262/85, etc. - DR II Série de 27.02, 06.02, 12.03 e 18.03.86 respectivamente, relativos a eleições autárquicas).

VI- Também proferido em eleições autárquicas, o Acórdão do TC nº 698/93, publicado no DR II Série de 20.01.94, admitiu que a falta de candidatos suplentes não é motivo de rejeição da lista, desde que estejam ou venham a ser indicados efectivos suficientes.

VII- Quanto à contagem de prazos, neste artigo e nos seguintes, bem como no capítulo III do título V (contencioso eleitoral) deve consultar-se o artº 279º do Código Civil e o artº 171º desta lei.

Artigo 28º **(Rejeição de candidaturas)**

- 1. São rejeitados candidatos inelegíveis.**
- 2. O mandatário da lista é imediatamente notificado para que proceda à substituição do candidato ou candidatos inelegíveis no prazo de dois dias, sob pena de rejeição de toda a lista.**
- 3. No caso de a lista não conter o número total de candidatos, o mandatário deve completá-la no prazo de dois dias, sob pena de rejeição de toda a lista.**
- 4. Findos os prazos dos nº s 2 e 3, o juiz, em quarenta e oito horas, faz operar nas listas as rectificações ou aditamentos requeridos pelos respectivos mandatários.**

I- Os nºs 2 e 3 têm redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99. Ver nota I ao artº 26º.

II- Ver também artºs 5º, 6º (ineligibilidades) e 32º e segs. (recurso contencioso da apresentação de candidaturas).

III- Na sequência da nota V do artigo anterior também a ocorrência de ineligibilidades entre os candidatos não implica a imediata rejeição da lista. O legislador preserva até ao limite do possível a integridade da lista embora, nesta fase, exija que ela tenha o nº total de candidatos (a totalidade dos efectivos + o mínimo de suplentes).

IV- Relativamente ao disposto no nº 3 deve apontar-se a doutrina emanada do T.C. a propósito de eleições autárquicas, mas que julgamos transponível para as eleições legislativas, que vai no sentido de, e passamos a citar o sumário da Acórdão nº 259/85 (DR II Série de 18.03.86): “muito embora a indicação de candidaturas suplentes em número inferior ao máximo legalmente permitido, se bem que superior ao mínimo estabelecido na lei, não constitua uma verdadeira e própria irregularidade processual, deve-lhe ser aplicado o regime de suprimento dessas irregularidades, não para se considerar que o juiz deve convidar o mandatário a aditar candidatos à lista, mas para se admitir que o mandatário o venha a fazer, por sua própria iniciativa, dentro do prazo de suprimento de irregularidades” (*in* “Acórdãos do T.C. - 6º volume”).

Em sentido idêntico, embora noutro plano, devem apontar-se os Acórdãos do T.C. nº 264/85 e 565/89, publicados no DR II Série de 21.03.86 e 05.04.90, respectivamente, também sobre eleições autárquicas, donde se afirma que quando o mandatário é convidado a suprir irregularidades pode, “sponte sua”, nessa altura proceder a outras correcções na lista, incluindo quer a substituição de candidatos que hajam desistido quer o aditamento de novos candidatos.

Artigo 29º **(Publicação das decisões)**

Findo o prazo do nº4 do artigo anterior ou do nº2 do artigo 26º, se não houver alterações nas listas, o juiz faz afixar à porta do edifício do tribunal as listas rectificadas ou completadas e a indicação das que tenham sido admitidas ou rejeitadas.

Artigo 30º **(Reclamações)**

- 1. Das decisões do juiz relativas à apresentação das candidaturas podem reclamar para o próprio juiz, no prazo de dois dias após a publicação referida no artigo anterior, os candidatos, os seus mandatários e os partidos políticos concorrentes à eleição no círculo.**
- 2. Tratando-se de reclamação apresentada contra a admissão de qualquer candidatura, o juiz manda notificar imediatamente o mandatário da respectiva lista para responder, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.**
- 3. Tratando-se de reclamação apresentada contra a não admissão de qualquer candidatura, o juiz manda notificar imediatamente os mandatários das restantes listas, ainda que não admitidas, para responderem, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.**
- 4. O juiz deve decidir no prazo de vinte e quatro horas a contar do termo do prazo previsto nos números anteriores.**
- 5. Quando não haja reclamações, ou decididas as que tenham sido apresentadas, o juiz manda afixar à porta do edifício do tribunal uma relação completa de todas as listas admitidas.**
- 6. É enviada cópia das listas referidas no número anterior ao governador civil ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República.**

I- Os n.ºs 2, 3 e 4 foram introduzidos pela Lei n.º 14-A/85, passando a 5 e 6 os anteriores n.ºs 3 e 4.

II- V. art.º 32º e segs. (recurso contencioso para o T.C.).

III- Os n.ºs 2 e 3 consagram o **princípio do contraditório**, ausente na versão inicial da lei, dando assim acolhimento a uma exigência mínima num processo deste tipo.

IV- Saliente-se que parece ser possível que qualquer candidato reclame da admissão de outro candidato, ainda que incluído na sua própria lista (v. Acórdãos do T.C. n.ºs 217/85 e 231/85 - DR II Série de 18.02 e 01.03.86, referentes a eleições autárquicas).

Artigo 31º **(Sorteio das listas apresentadas)**

1. No dia seguinte ao termo do prazo para apresentação de candidaturas o juiz procede, na presença dos candidatos ou dos seus mandatários que compareçam, ao sorteio das listas apresentadas, para o efeito de lhes atribuir uma ordem nos boletins de voto, lavrando-se auto do sorteio.

2. A realização do sorteio e a impressão dos boletins de voto não implicam a admissão das candidaturas, devendo considerar-se sem efeito relativamente à lista ou listas que, nos termos do artigo 28º e seguintes, venham a ser definitivamente rejeitadas.

3. O resultado do sorteio é afixado à porta do tribunal, sendo enviadas cópias do auto ao governador civil, ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República, e à Comissão Nacional de Eleições.

I- O n.º 1 tem redacção dada pela Lei Orgânica n.º 1/99. Ver nota I ao art.º 26º.

II- A realização do sorteio das listas apresentadas ainda antes de, em definitivo, se saberem quais as candidaturas admitidas é exigida pela necessidade da rápida impressão dos boletins de voto, nomeadamente os destinados aos círculos eleitorais dos residentes no estrangeiro (ver DL n.º 95-C/76, de 30 de Janeiro). Com efeito, para esse dois círculos, o STAPE/MAI inicia a remessa da correspondência eleitoral (nela se incluindo o boletim de voto) a cada um dos eleitores com cerca de 5/6 semanas de antecedência relativamente ao dia da eleição. Tal antecedência justifica-se por dois motivos:

- a) O carácter específico da votação por correspondência que, necessariamente, a exige;
- b) A deficiência de funcionamento dos serviços postais de alguns dos países para onde é remetida essa correspondência.

Deve referir-se que, relativamente aos restantes 20 círculos eleitorais, a impressão dos boletins de voto se inicia normalmente após a consumação do processo de apresentação de candidaturas, com a sua admissão definitiva.

III- Não se entende a não referência ao envio de cópia do auto do sorteio também ao STAPE/MAI a quem compete ordenar a impressão dos boletins de voto (art.º 95º n.º 4). Nesse sentido, aliás, se encaminhou o projecto de C.E. (art.º 199º n.º 4) acrescentando aquela entidade ao lote das restantes.

SECÇÃO II

CONTENCIOSO DA APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATURAS

Artigo 32º **(Recurso para o Tribunal Constitucional)**

1. Das decisões finais do juiz relativas à apresentação de candidaturas cabe recurso para o Tribunal Constitucional.

2. O recurso deve ser interposto no prazo de dois dias, a contar da data da afixação das listas a que se refere o nº 5 do artigo 30º.

I- O nº 1 tem redacção dada pela Lei nº 14-A/85, pois na versão inicial o recurso era feito para o Tribunal de Relação respectivo e o nº 2 foi alterado pela Lei Orgânica nº 1/99.V. nota I ao artº 26º.

II- V. artº 113º nº 7 e 223º nº 2 c) da C.R.P.. A primeira desta normas constitucionais já a referimos na nota II ao artº 23º e quanto à segunda ela resulta da emergência do T.C. na revisão da Constituição de 1982 e que atribui a esta entidade o julgamento, **em última instância**, da regularidade e validade dos actos do processo eleitoral (v. também artºs 8º d) e 101º da Lei nº 28/82). A razão de ser desta atribuição ao T.C. da parte fundamental do contencioso eleitoral resulta, como justamente referem Vital Moreira e G. Canotilho em anotação ao artº 116º da C.R.P. (leia-se artº 113º), da “ideia de que, tratando-se de questões de **legitimação**, através de eleições dos órgãos de poder político, elas seriam materialmente questões jurídico-constitucionais”.

III- No direito eleitoral tal como ensina o Prof. Jorge Miranda, o contencioso - embora de tipo administrativo - é atribuído aos tribunais judiciais e ao T.C., atenta a natureza constitucional da administração eleitoral. Com efeito só essas instâncias devem julgar em matéria de direitos, liberdades e garantias, onde naturalmente se insere o direito de sufrágio.

IV- V. Acórdão do T.C. nº 256/85 (DR II Série de 18.03.86) cujo sumário (*in* “Acórdãos do T.C. - 6º volume”) refere que “as decisões dos juizes de comarca proferidas sobre reclamações apresentadas no decurso dos processos de apresentação de candidaturas às eleições autárquicas são decisões judiciais e, por isso, delas cabe recurso para o T.C., quando se recusem a aplicar uma norma com fundamento em inconstitucionalidade, recurso que é obrigatório para o Ministério Público quando se verifique, designadamente, a situação do artº 280º da C.R.P.

Artigo 33º (Legitimidade)

Têm legitimidade para interpor recurso os candidatos, os respectivos mandatários e os partidos políticos concorrentes à eleição no círculo.

I- A enumeração feita neste artigo é taxativa, instituindo-se como que uma presunção de que as pessoas ou organizações elencadas serão as únicas prejudicadas com as decisões finais do juiz relativas à apresentação de candidaturas (v. Acórdão do T.C. nº 188/88 - DR II Série de 07.10.88).

II- A indicação como partes legítimas para o recurso de candidatos, mandatários e partidos políticos é um pouco redundante, daí que o projecto de C.E. (artº 135º) apenas refira os mandatários das candidaturas.

III- V. ainda Acórdãos do T.C. nºs 261/85 e 271/85 (DR II Série de 18.03 e 25.03.86).

Artigo 34º (Interposição e subida de recurso)

1. O requerimento de interposição de recurso, do qual devem constar os seus fundamentos, é entregue no tribunal que proferiu a decisão recorrida, acompanhado de todos os elementos de prova.
2. Tratando-se de recurso contra a admissão de qualquer candidatura, o tribunal recorrido manda notificar imediatamente o mandatário da respectiva lista, para este, os candidatos ou os partidos políticos proponentes responderem, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.
3. Tratando-se de recurso contra a não admissão de qualquer candidatura, o tribunal recorrido manda notificar imediatamente a entidade que tiver impugnado a sua admissão nos termos do artigo 30º, se a houver, para responder, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.
4. O recurso sobe ao Tribunal Constitucional nos próprios autos.

I- Artigo com redacção dada pela Lei nº 14-A/85, resultante da introdução nesta fase do princípio do contraditório e da substituição dos Tribunais de Relação pelo T.C..

II- O nº 4 implica que não pode haver recursos directos para o T.C., isto é, só pode haver recurso de decisões de tribunais de 1.ª instância onde foram apresentadas as candidaturas (v. p. ex. Acórdão do T.C. nº 240/85 - DR II Série de 04.03.86).

O recurso ao T.C. deve ser formalmente apresentado no tribunal de 1ª instância.

Artigos 35.º (Decisão)

1. O Tribunal Constitucional, em plenário, decide definitivamente no prazo de quarenta e oito horas a contar da data da recepção dos autos prevista no artigo anterior, comunicando telegraficamente a decisão, no próprio dia, ao juiz.
2. O Tribunal Constitucional proferirá um único acórdão em relação a cada círculo eleitoral, no qual decidirá todos os recursos relativos às listas concorrentes nesse círculo.

I- Artigo com redacção introduzida pela Lei nº 14-A/85.

II- Quer a comunicação telegráfica do nº 1 quer a unicidade do acórdão referido no nº 2 resultam da necessidade de **economia e celeridade processuais**, tendo em atenção a exiguidade dos prazos exigida pelo encadeamento das várias fases do processo eleitoral que impõe, nomeadamente, que não se iniciem actos preparatórios da campanha eleitoral (p. ex. artºs 63º nº 3 e 65º nº 3) sem que as candidaturas estejam todas definitivamente admitidas.

Artigo 36º (Publicação das listas)

1. As listas definitivamente admitidas são imediatamente afixadas à porta do tribunal e enviadas, por cópia, à Comissão Nacional de Eleições e ao governador civil, ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República, que as publicam, no prazo de vinte e quatro horas, por editais afixados à porta do governo civil ou do Gabinete do Ministro da República e de todas as câmaras municipais do círculo.
2. No dia das eleições as listas sujeitas a sufrágio são novamente publicadas por editais afixados à porta e no interior das assembleias de voto, a cujo presidente são enviadas pelo governador civil ou pelo Ministro da República juntamente com os boletins de voto.

I- O nº 1 tem redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99. Cfr. nota I ao artº 26º.

II- V. artºs 52º nº 2 e 95º nº 5.

III- O envio de editais às entidades referidas tem como principal objectivo que elas conheçam as candidaturas e as levem em consideração nas operações relativas à **campanha eleitoral** em que intervém sobretudo a CNE a quem compete a organização dos tempos de emissão de **direito de antena** na rádio e na televisão (artºs 62º e 63º).

IV- O objectivo do nº 2 é o de facultar a todos os eleitores **o conhecimento dos partidos ou coligações concorrentes** no seu círculo eleitoral e, sobretudo, **o conhecimento dos nomes dos candidatos** uma vez que eles não figuram nos boletins de voto (v. artºs 11º, 15º e 95º).

SECÇÃO III

SUBSTITUIÇÃO E DESISTÊNCIA DE CANDIDATURAS

Artigo 37º

(Substituição de candidatos)

1. Apenas há lugar à substituição de candidatos, até quinze dias antes das eleições, nos seguintes casos:

- a) Eliminação em virtude de julgamento definitivo de recurso fundado na inelegibilidade;**
- b) Morte ou doença que determine impossibilidade física ou psíquica;**
- c) Desistência do candidato.**

2. Sem prejuízo do disposto no artigo 15º, a substituição é facultativa, passando os substitutos a figurar na lista a seguir ao último dos suplentes.

I- Do disposto no nº 2 parece decorrer que a substituição só é obrigatória se a lista tiver menos de dois suplentes para além da totalidade do nº de efectivos. Conclusão forçosa é também a de que depois do prazo indicado no nº1 - 15 dias antes da eleição - ainda que a lista fique com um número de candidatos, entre efectivos e suplentes, inferior ao legalmente estipulado, não será rejeitada.

II- O Acórdão do T.C. nº 207/87 (DR II Série, de 02.07.87) admite a possibilidade de substituição de um candidato dentro do prazo facultado para o suprimento de irregularidades (artº 27º).

Argumenta-se aí que “se se pode substituir um candidato que venha a ser considerado inelegível e se se pode completar uma lista que inicialmente não continha o nº total de candidatos, parece evidente que por igualdade ou até maioria de razão, se pode substituir um candidato que não pode ser admitido por, em relação a ele, se não terem provado os chamados requisitos de apresentação”.

III- V. nota IV ao artº 28º.

Artigo 38º

(Nova publicação das listas)

Em caso de substituição de candidatos ou de anulação de decisão de rejeição de qualquer lista, procede-se a nova publicação das respectivas listas.

A publicitação de todas as alterações nas listas visa prosseguir a finalidade de dar conhecimento público das mesmas aos eleitores (v. nota III ao artº 36º).

Artigo 39º

(Desistência)

1. É lícita a desistência da lista até quarenta e oito horas antes do dia das eleições.

2. A desistência deve ser comunicada pelo partido proponente ao juiz, o qual, por sua vez, a comunica ao governador civil ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República.

3. É igualmente lícita a desistência de qualquer candidato, mediante declaração por ele subscrita com a assinatura reconhecida perante notário, mantendo-se, porém, a validade da lista apresentada.

I- As listas que, mercê de desistências, fiquem com um número de candidatos, entre efectivos e suplentes, inferior ao limite estipulado pelo artº 15º mantêm, no entanto, a sua validade se essa circunstância ocorrer para lá do 15º dia anterior ao da eleição. De outro modo poderia suceder que houvesse “compra” de desistências ou eventuais infiltrações de elementos afectos a umas listas para inviabilizarem as outras.

V. nota I ao artº 37º.

II- A desistência da totalidade de uma lista (nº 2) é comunicada pelo respectivo mandatário, enquanto que as desistências individuais são, naturalmente, comunicadas pelos próprios (nº 3).

III- A desistência de uma lista implica a perda imediata do direito ao tempo de antena na rádio e TV posterior à data de apresentação (deliberação da CNE de 10.9.85), bem como da presença de delegados nas mesas das assembleias de voto. V. notas ao artºs 45º e 62º.

IV- As desistências de listas são comunicadas às mesas eleitorais pelos Governadores Civis/Ministros da República, através das Câmaras Municipais, lavrando-se edital para ser afixado à porta das assembleias de voto.

CAPÍTULO III

CONSTITUIÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE VOTO

Artigo 40º

(Assembleia de voto)

1. A cada freguesia corresponde uma assembleia de voto.

2. As assembleias de voto das freguesias com um número de eleitores sensivelmente superior a 1.000 são divididas em secções de voto, de modo a que o número de eleitores de cada uma não ultrapasse sensivelmente esse número.

3. Até ao 35º dia anterior ao dia da eleição, o presidente da câmara municipal determina os desdobramentos previstos no número anterior, comunicando-os imediatamente à correspondente junta de freguesia.

4. Da decisão referida no número anterior cabe recurso, a interpor no prazo de 2 dias, por iniciativa das juntas de freguesia ou de, pelo menos, 10 eleitores de qualquer assembleia de voto, para o governador civil ou, nas Regiões Autónomas, para o Ministro da República, que decidem, em definitivo e em igual prazo.

5. O mapa definitivo das assembleias e secções de voto é imediatamente afixado no governo civil e nas câmaras municipais.

I- Os nºs 2, 3 e 4 têm redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- As comunicações (feitas normalmente por edital) referidas no nº 3 devem indicar os locais de funcionamento das assembleias ou secções de voto (v. Acórdão do T.C. nº 266/85, DR II Série de 21.03.86).

Refira-se aqui que este como todos os actos administrativos preparatórios das eleições, bem como os actos do contencioso eleitoral, são susceptíveis de recurso para o Tribunal Constitucional (artº 8º f) e artº 102º-B da Lei nº 28/82, alínea e artigo introduzidos pela lei nº 85/89, de 7 de Setembro)(v., também, art.º 77º nº 4 da lei nº 15-A/98 – lei orgânica do referendo).

III- O aumento de 800 para 1000 do nº de eleitores por secção de voto há muito que se impunha. Com efeito a crescente dificuldade em preencher as mais de 12.000 mesas eleitorais (são necessários cerca de 60.000 eleitores) apesar da obrigatoriedade do desempenho de funções de membro de mesa, bem como a aparente fixação do nível da abstenção acima dos 25% aconselhava a esse aumento. De notar que estas alterações na legislação eleitoral e na lei orgânica do regime do referendo precedem a alteração na lei do recenseamento eleitoral, que veio corroborar tal opção (v. art.º 52º nº 2 da Lei nº 13/99, de 22 de Março - novo regime jurídico do R.E.) que, a nosso ver, poderá ainda ser ampliada para a casa dos 1500 eleitores sem prejuízo do normal decurso do processo de votação.

IV- A actual redacção do preceito ora em apreço banuiu, igualmente, a anexação de assembleias de voto de freguesias diferentes, acompanhando a evolução da legislação de âmbito nacional que vedou a utilização deste expediente a partir de 1995 nas eleições em que tal era permitido.

Artigo 41º **(Dia e hora das assembleias de voto)**

As assembleias de voto reúnem-se no dia marcado para as eleições, às 8 horas da manhã, em todo o território nacional.

I- V. artºs 48º nº 3 e 89º.

II- No dia da eleição é **proibido o exercício da caça** nos termos do nº 3 do artº 85º do DL nº 227-B/2000, de 15 de Setembro.

III- Institucionalizou-se também a “praxis” de, por iniciativa das respectivas federações ou órgãos directivos, se não realizarem no dia da eleição espectáculos desportivos que possam implicar grandes deslocações de número significativo de espectadores e praticantes, tendo-se em vista o combate eficaz à abstenção. Já no que diz respeito à celebração, no dia da eleição e no anterior, de festividades religiosas ou profanas tem sido entendido pelos órgãos de administração eleitoral não haver justificação para a sua proibição ou não realização, apenas se exigindo que as mesmas não sejam palco de manifestações, directas ou indirectas, de propaganda eleitoral e se processem em local afastado das assembleias ou secções de voto.

IV- Tem-se permanentemente ventilado a necessidade de as assembleias eleitorais do território nacional iniciarem os seus trabalhos ao mesmo tempo, o que obrigaria a que na Região Autónoma dos Açores elas abrissem às 7.00 horas e encerrassem às 18.00 horas locais (existe a diferença de uma hora entre o território continental e a R.. A. da Madeira relativamente à R. A. dos Açores).

Tal necessidade prende-se com a “inevitável” divulgação pelos órgãos de comunicação social de sondagens à boca da urna (e até resultados provisórios) feitas no continente e R. A. da Madeira uma hora antes do fecho das assembleias eleitorais nos Açores e que com a facilidade de comunicações hoje existente (TV por satélite e por cabo, por exemplo) se torna, na prática, impossível impedir sem uma “férrea” regulamentação proibindo essa divulgação. A solução apontada tornearia a situação, sem necessidade de publicação de legislação “impopular” para os “media” que, com o enorme poder “de facto” que detêm, não deixariam de a combater de forma vigorosa e, nalguns casos – como actualmente, de facto, sucede - a violariam sem grande reboço.

Independentemente da solução a adoptar no futuro, afigura-se-nos que esta é uma “falsa questão” pois não nos parece que os eleitores sejam influenciados pela divulgação de resultados de sondagens à boca das urnas uma hora antes do seu fecho, como nos parece não o serem com a divulgação de sondagens clássicas até 2 dias antes da eleição, como, aliás, está consagrado na nova lei das sondagens (v. artº 10º da Lei nº 10/2000, de 21 de Junho).

A maturidade que o eleitorado vêm demonstrando ao longo dos últimos 25 anos aconselha, com efeito, que se lhes não atribua um estado de menoridade cívica e intelectual.

Artigo 42º
(Local das assembleias de voto)

1. As assembleias de voto devem reunir-se em edifícios públicos, de preferência escolas, sedes de municípios ou juntas de freguesia que ofereçam as indispensáveis condições de capacidade, segurança e acesso. Na falta de edifícios públicos em condições aceitáveis, recorrer-se-á a edifício particular requisitado para o efeito.

2. Compete ao presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal e, nos municípios de Lisboa e Porto, aos administradores de bairro respectivos, determinar os locais em que funcionam as assembleias eleitorais.

I- A afectação de edifícios escolares é sempre regulada por despacho conjunto dos Ministérios da Educação e Administração Interna nele se indicando as autoridades escolares a quem o governador civil deve dirigir a solicitação e os termos e limites da utilização (cfr. p. ex. DR, II Série n.º 50, de 28.02.2002).

II- O STAPE tem recomendado aos presidentes de C.M. que na determinação dos locais de funcionamento das assembleias eleitorais seja tida em conta a sua boa acessibilidade e a necessidade de funcionarem preferencialmente em pisos térreos de modo a que seja facilitada a votação de deficientes, idosos e doentes.

III- Em Lisboa e Porto **foram extintos os bairros administrativos** pela Lei nº 8/81, de 15 de Junho, existindo, porém, nomeadamente em Lisboa, estruturas que herdaram parte dos seus poderes (as chamadas Repartições Periféricas) e que são utilizadas pelas Câmaras para descentralizar os procedimentos eleitorais.

Artigo 43º
(Editais sobre as assembleias de voto)

1. Até ao 15º dia anterior ao das eleições os presidentes das câmaras municipais ou das comissões administrativas municipais anunciam, por editais afixados nos lugares do estilo, o dia, a hora e os locais em que se reúnem as assembleias de voto e os desdobramentos e as anexações destas, se a eles houver lugar.

2. No caso de desdobramento ou anexação de assembleias de voto, os editais indicam, também, os números de inscrição no recenseamento dos cidadãos que devem votar em cada secção.

I- V. nota II ao artº 40º.

II- As alterações introduzidas no artigo 40º eliminaram a possibilidade anteriormente existente de anexação de assembleias de voto (anterior nº 3 daquele preceito) pelo que a subsistência neste artigo da referência a “anexações” se deve a lapso do legislador (v. nota IV ao artº 40º).

Artigo 44º
(Mesas das assembleias e secções de voto)

1. Em cada assembleia ou secção de voto é constituída uma mesa para promover e dirigir as operações eleitorais.

2. A mesa é composta por um presidente, pelo seu suplente e por três vogais, sendo um secretário e dois escrutinadores.

3. Não podem ser designados membros da mesa os eleitores que não saibam ler e escrever português e, salvo nos casos previstos no nº 3 do artigo 47º, devem fazer parte da assembleia eleitoral para que foram nomeados.

4. Salvo motivo de força maior ou justa causa, é obrigatório o desempenho das funções de membro da mesa de assembleia ou secção de voto.

5. São causas justificativas de impedimento:

a) Idade superior a 65 anos;

b) Doença ou impossibilidade física comprovada pelo delegado de saúde municipal;

c) Mudança de residência para a área de outro município, comprovada pela junta de freguesia da nova residência;

d) Ausência no estrangeiro, devidamente comprovada;

e) Exercício de actividade profissional de carácter inadiável, devidamente comprovada por superior hierárquico.

6. A invocação de causa justificativa é feita, sempre que o eleitor o possa fazer, até três dias antes da eleição, perante o presidente da câmara municipal.

7. No caso previsto no número anterior, o presidente da câmara procede imediatamente à substituição, nomeando outro eleitor pertencente à assembleia de voto.

I- O nº 3 tem nova redacção dada pela Lei nº 10/95.

Os nºs 5, 6 e 7 foram aditados por esse mesmo diploma, sendo que os dois últimos reproduzem com ligeiros ajustamentos o teor do nº 7 do artigo 47º, que no entanto – talvez por lapso - não foi revogado. Ver nota VI do referido artigo.

II- V. artºs 47º a 49º, 51º, 52º, 86º a 106º, 147º, 156º a 160º e 164º.

III- Os membros de mesa devem estar inscritos no recenseamento eleitoral da freguesia onde exercem funções, não sendo contudo necessário que pertençam à secção de voto para que são nomeados.

Nada impede que os candidatos sejam nomeados membros de mesa desde que façam parte da respectiva assembleia de voto.

O projecto de C.E. (artº 173º nº 2) bem como a actual LEOAL (artº 75º nº 2 da LO 1/2001, 14 de Agosto) vai um pouco mais além do que o nº 3 deste artigo exigindo que o presidente e o secretário da mesa possuam escolaridade obrigatória.

IV- O exercício de funções de membro de mesa é, obrigatório e, a partir de 1999, remunerado (art.º 9º ou Lei nº 22/99, de 21 de Abril). Trata-se, além disso, de um dever jurídico que decorre do dever de colaboração com a administração eleitoral consagrado no nº 4 do art. 116º da C.R.P. (actual artº 113º).

Refira-se a este propósito que a Procuradoria Geral da República ao pronunciar-se sobre uma eventual indemnização na sequência de um acidente sofrido por um membro de mesa referiu, em conclusão, que este “enquanto desempenha as funções é um servidor do Estado, embora deste não receba qualquer remuneração pela prestação desse serviço” e que “a responsabilidade do Estado por acidente em serviço ... não pode ser excluída ao abrigo do disposto na alínea a) do nº1 da base VII da Lei nº 2127, de 3 de Agosto de 1965” (v. Processo nº 48/81 - DR II Série de 25.8.1982).

V- Os aditamentos (nºs 5, 6 e 7) a este artigo reproduzem o consagrado nos nºs 2, 3 e 4 do artigo 80º da Lei nº 45/91, de 3 de Agosto (primeira lei orgânica do regime de referendo nacional), diploma esse que no nº 1 da mesma norma impunha, expressamente, como obrigatório e não remunerado o exercício de funções de membro de mesa. Esse artigo veio a manter-se na actual lei orgânica do regime do referendo nacional (art.º 89º da Lei nº 15-A/98).

VI- Sobre estas matérias veja-se, como inovação relevante e de importante alcance, a **Lei n.º 22/99, de 21 de Abril** (regula a criação de bolsas de agentes eleitorais e a compensação dos membros das mesas das assembleias ou secções de voto em actos eleitorais e referendários) que

vem, julga-se, resolver os graves problemas que há muito se sentiam na constituição e funcionamento das mesas, em virtude da dificuldade de recrutamento de eleitores e/ou da sua ausência no dia da eleição (v. o diploma em Legislação Complementar). O diploma em causa, pretende dar resposta às duas questões fundamentais que, até 1999, se colocavam:

1ª- **o recrutamento de elementos suficientes para as mesas** – através da constituição, em cada freguesia, de uma bolsa de agentes eleitorais, formada por voluntários que se inscrevem junto das câmaras municipais e que são seleccionados e escalonados em função das suas habilitações literárias, em primeiro lugar, e em função da idade, em segundo lugar (v. art.º 1º a 5º). Na falta de elementos escolhidos nos termos das leis eleitorais, a bolsa de agentes actua supletivamente para preenchimento das vagas quer na fase de designação antes do dia de votação, quer no próprio dia da eleição (v. art.º 8º);

2ª- **a compensação dos membros de mesas** – atribuindo a todos eles – quer os designados pelas forças políticas, quer os nomeados pelo presidente da C.M., quer os saídos dos agentes eleitorais – uma gratificação cujo montante é igual ao valor das senhas de presença auferidas pelos membros das assembleias municipais dos municípios com mais de 40 000 eleitores (até 2004 – 68,98 €).

Naturalmente que esta gratificação não deve ser atribuída quando a mesa não se constitui ou quando algum membro designado falta. Mas, evidentemente, que nos parece que se a mesa se chega a constituir e só não desempenha as suas funções por motivos alheios à sua vontade (por exemplo “boicote”) haverá lugar à atribuição da remuneração.

Artigo 45º (Delegados das listas)

1. Em cada assembleia ou secção de voto há um delegado, e respectivo suplente, de cada lista de candidatos às eleições.

2. Os delegados das listas podem não estar inscritos no recenseamento correspondente à assembleia ou secção de voto em que devem exercer as suas funções.

I- V. artºs 46º, 50º, 50º-A, 86º, 88º, 93º, 99º, 102º, 105º, 122º, 159º, 160º, 161º e 167º.

II- O nº 2 tem em vista assegurar a eficaz fiscalização das operações eleitorais sendo, aliás, “praxis” institucionalizada a nomeação de delegados para exercerem funções junto de mais do que uma assembleia ou secção de voto.

Além disso, qualquer eleitor pode ser delegado de lista uma vez que não se exige que saiba ler e escrever (embora tal seja, na prática, imprescindível), não se exige também que esteja inscrito na freguesia onde vai exercer funções e, finalmente, não se consagram incompatibilidades especiais, podendo, p. ex., um candidato ser também delegado.

III- Os delegados das listas, no exercício das suas funções, não podem exhibir elementos de propaganda que possam violar o disposto no artº 92º (v. nota II a esse artigo).

Artigo 46º (Designação dos delegados das listas)

1. Até ao 18º dia anterior às eleições os candidatos ou os mandatários das diferentes listas indicam por escrito ao presidente da câmara municipal, delegados e suplentes para as respectivas assembleias e secções de voto.

2. A cada delegado e respectivo suplente é antecipadamente entregue uma credencial a ser preenchida pelo partido ou coligação, devendo ser apresentada para assinatura e autenticação à autoridade referida no número anterior quando da respectiva indicação, e na qual figuram obrigatoriamente o nome, freguesia e número de inscrição no recenseamento, número, data e arquivo do bilhete de identidade e identificação da assembleia eleitoral onde irá exercer as suas funções.

3. Não é lícito aos partidos impugnar a eleição com base na falta de qualquer delegado.

I- O nº 1 tem redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99.

II- v. nota III ao artº 42º.

III- O STAPE aconselha às C.M. um modelo de credencial único para todas as eleições que elas reproduzem e que pode ser requisitado pelas candidaturas.

A indicação, por escrito, dos delegados e a apresentação para assinatura das respectivas credenciais é, como se infere do disposto no nº 2, simultânea.

Na prática alguns partidos políticos concebem os seus próprios modelos de credencial, dentro dos parâmetros legais, que apresentam para autenticação à C.M..

IV- O nº 3 quer significar a não obrigatoriedade da indicação de delegados por parte das candidaturas.

V- Afigura-se-nos que, nesta matéria, só se torna necessária a indicação, até ao 18º dia anterior à eleição, dos delegados que vão estar presentes à reunião para escolha dos membros das mesas (v. artigo 47º), isto é, um por cada freguesia. É, a nosso ver, perfeitamente admissível que os restantes delegados às mesas das secções de voto possam ser indicados até muito perto do dia das eleições. Cremos ser essa uma forma adequada e legítima de, por um lado haver reuniões com o maior número possível de candidaturas e, por outro lado, haver delegados no maior número possível de mesas eleitorais representando o maior número possível de candidaturas. O que se pretende alcançar – a efectiva e eficaz participação das candidaturas e a adequada fiscalização do acto de votação – justifica, a nosso ver, esta interpretação.

Artigo 47º

(Designação dos membros da mesa)

1. Até ao 17º dia anterior ao designado para a eleição devem os delegados reunir-se na sede da junta de freguesia, a convocação do respectivo presidente, para proceder à escolha dos membros da mesa das assembleias ou secções de voto, devendo essa escolha ser imediatamente comunicada ao presidente da câmara municipal.

Quando a assembleia de voto haja sido desdobrada, está presente à reunião apenas um delegado de cada lista de entre os que houverem sido propostos pelos candidatos ou pelos mandatários das diferentes listas.

2. Na falta de acordo, o delegado de cada lista propõe por escrito, no 16º ou 15º dias anteriores ao designado para as eleições, ao presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal dois cidadãos por cada lugar ainda por preencher para que entre eles se faça a escolha, no prazo de vinte e quatro horas, através de sorteio efectuado no edifício da câmara municipal ou da *administração de bairro* e na presença dos delegados das listas concorrentes à eleição, na secção de voto em causa. Nos casos em que não tenham sido propostos cidadãos pelos delegados das listas, compete ao presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal nomear os membros da mesa cujos lugares estejam por preencher.

3. Nas secções de voto em que o número de cidadãos com os requisitos necessários à constituição das mesas seja comprovadamente insuficiente, compete aos presidentes das câmaras municipais nomear, de entre os cidadãos inscritos no recenseamento eleitoral da mesma freguesia, os membros em falta.

4. Os nomes dos membros da mesa escolhidos pelos delegados das listas ou pelas autoridades referidas nos números anteriores são publicados em edital afixado, no prazo de quarenta e oito horas, à porta da sede da junta de freguesia, podendo qualquer eleitor reclamar contra a escolha perante o presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal nos dois dias seguintes, com fundamento em preterição dos requisitos fixados na presente lei.

5. Aquela autoridade decide a reclamação em vinte e quatro horas e, se a atender, procede imediatamente a nova designação através de sorteio efectuado no edifício da câmara municipal ou da administração de bairro e na presença dos delegados das listas concorrentes à eleição na secção de voto em causa.

6. Até cinco dias antes do dia das eleições, o presidente da câmara ou da comissão administrativa municipal lavra o alvará de nomeação dos membros das mesas das assembleias eleitorais e participa as nomeações ao governo civil ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República e às juntas de freguesia competentes.

7. Os que forem designados membros de mesa de assembleia eleitoral e que até três dias antes das eleições justifiquem, nos termos legais, a impossibilidade de exercerem essas funções são imediatamente substituídos, nos termos do n.º 2, pelo presidente da câmara municipal.

8. Nos municípios onde existirem bairros administrativos a competência atribuída neste artigo ao presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal cabe aos administradores de bairro respectivos.

I- O n.º 1 tem redacção dada pela Lei Orgânica n.º 1/99. Ver nota III ao artº 42º.

II- Na falta de indicação precisa do dia em que terá lugar a reunião dos delegados para procederem à escolha dos membros das mesas das assembleias e secções de voto, seria de toda a conveniência o presidente da Junta de Freguesia indagar junto da Câmara Municipal quais os nomes dos delegados indicados pelas listas, para poder proceder à sua convocação.

Se não for possível a obtenção desses nomes, o Presidente da Junta deve então afixar edital indicando o dia e a hora da reunião.

Naturalmente que a reunião referida na norma só terá lugar se houver mais que uma candidatura com delegado presente. Em circunstância alguma uma só candidatura – por ser a única a comparecer à reunião – pode preencher todos os lugares da(s) mesa(s) eleitoral (ais).

De todo o modo deve acentuar-se que, face ao prazo constante do n.º 1 do artº 46º, parece seguro que o único dia em que a reunião dos delegados se deve (pode) realizar é o 17º anterior ao da eleição. Não deve, por isso, ser marcada para antes desse dia, por forma a que todas as candidaturas possam estar presentes.

III- Muitas queixas têm chegado à CNE acerca da actuação, alegadamente abusiva, do Presidente da Junta de Freguesia nas reuniões com os delegados das candidaturas. Deve ficar claro que, no âmbito desta fase, a actuação do presidente da junta de freguesia limita-se a:

1. convocar os delegados para a referida reunião;
2. a receber os mesmos na sede da junta de freguesia e criar as condições necessárias para a realização da reunião;
3. assistir à reunião, se assim o entender, não podendo pronunciar-se sobre a constituição das mesas;
4. comunicar a existência ou não de acordo ao presidente da câmara e, havendo acordo, afixar o edital que lhe é remetido pela câmara com os nomes dos membros da mesa escolhidos, à porta da sede da junta de freguesia.

Importa assim realçar que, no decorrer da reunião, **o presidente da junta de freguesia não tem qualquer poder de intervenção, nem sequer como moderador, já que a sua actuação é, apenas, a de mera assistência.**

IV– Já quanto à participação de membros das juntas de freguesia e câmaras municipais como elementos integrantes nas mesas das secções de voto e na medida em que apenas a Lei eleitoral para os órgãos das autarquias locais (artº 76º LO n.º 1/2001, 14 de Agosto) fixa a incompatibilidade daqueles, a CNE aprovou, na sessão plenária de 02.06.2004, um parecer apresentado pelo seu membro, Dr. João Almeida, e que, em súmula, reza o seguinte:

(...)

-não é recomendável a participação de membros das juntas nas mesas das secções de voto, uma vez que terão de garantir o funcionamento dos serviços da freguesia pelo tempo da votação, sendo claro que **existe impedimento objectivo relativamente ao presidente da junta e ao seu substituto legal**, já que, sem ambos, será impossível garantir aquele funcionamento efectivo e ininterrupto durante as 11 horas pelas quais estão abertas as urnas quando não existam funcionários da autarquia ou, havendo-os, não será garantida a permanente direcção do seu trabalho;

-a mesma regra vale para os membros dos executivos municipais, sendo que **a incompatibilidade objectiva** valerá, por sua vez, **para os presidentes e vice-presidentes das câmaras**, uma vez que, muito embora não existindo obrigação de manter abertos os serviços municipais, de facto superintendem no processo a nível concelhio, concentram informações e prestam apoios diversos. (...)

Acresce, ainda, noutra plano “que é também objectivamente incompatível o exercício de funções de mandatário de uma candidatura com as de membro de mesa de secção de voto” e que “as qualidades de mandatário ou de delegado das candidaturas ou seu substituto constituem impedimento ao exercício de funções na administração eleitoral”.

V- A CNE tem entendido que “o delegado de força política, mesmo que não tenha apresentado cidadãos para o sorteio a que se refere o nº 2 do artº. 47º, não pode ser impedido de assistir ao mesmo” (parecer de 26.09.80).

VI- A actuação supletiva do presidente da Câmara (nº 3) deve, naturalmente, pautar-se por critérios de equidade e equilíbrio político.

VII- O nº 5 não refere entre que eleitores deve ser feito o sorteio. Sabendo-se que legalmente têm de ser eleitores daquela assembleia eleitoral (artº 44º nº 3) pode colocar-se a questão de saber se as listas concorrentes poderão ou não indicar nomes para o sorteio ou se se trata de mero sorteio, através dos cadernos eleitorais, entre todos os eleitores. Inclino-nos para a primeira hipótese, por nos parecer mais conforme com o espírito dominante no artigo.

VIII- O recurso para o Tribunal Constitucional sobre a nomeação dos membros das mesas deve ser interposto no prazo de um dia subsequente ao termo do prazo legal para o Presidente da Câmara decidir a reclamação, independentemente de a mesma ter sido decidida. A falta de decisão no prazo legal tem de entender-se como um acto tácito de indeferimento, de imediato recorrível (Acórdão do T.C. nº 606/89, in “Acórdãos do Tribunal Constitucional, 14º volume, pág 601).

IX- Relativamente à substituição de membros de mesa devido a impedimento (nº 7) a lei não é clara quanto à questão de saber se a substituição é feita tendo em atenção o disposto na parte inicial (sorteio de entre nomes propostos) ou na parte final (nomeação directa pelo Presidente da Câmara) do nº 2. Neste caso já nos parece que, atendendo à altura em que pode ser feita, será de aplicar o disposto na parte final do nº 2. Ainda sobre substituições v. a nota V ao artº 44º.

X- Os alvarás de nomeação são normalmente remetidos pelo presidente da C.M. para a residência dos designados (ou entregue ao delegado de lista que eventualmente tenha indicado nomes) com antecedência que permita a substituição em caso de força maior ou justa causa (nº 7).

XI- Tal como foi referido na nota IV ao presente artigo, quer a LEOAL quer a LO do instituto do referendo definem, em norma própria, quais os cargos ou funções que impedem o exercício de funções de membro de mesa.

Assim, para além das atrás mencionadas entidades, também não podem ser designados membros de assembleia ou secção de voto:

Os cidadãos feridos de inelegibilidades, os deputados, os membros do Governo e dos Governos Regionais, os Ministros da República, os governadores e os vice-governadores civis e os mandatários das candidaturas. (cfr. Artº 76º da LEOAL)

XII- Relativamente aos delegados das listas está hoje consagrado o entendimento de que não podem ser membros das mesas (v. artº 50º nº 2 da presente lei).

XIII- V. artº 164º e, como mecanismo supletivo de preenchimento das mesas, a Lei 22/99.

Artigo 48º **(Constituição da mesa)**

1. A mesa da assembleia ou secção de voto não pode constituir-se antes da hora marcada para a reunião da assembleia nem em local diverso do que houver sido determinado, sob pena de nulidade de todos os actos em que participar e da eleição.

2. Após a constituição da mesa, é logo afixado à porta do edifício em que estiver reunida a assembleia de voto um edital, assinado pelo presidente, contendo os nomes e números de inscrição no recenseamento dos cidadãos que formam a mesa e o número de eleitores inscritos.

3. Sem prejuízo do disposto no nº1, os membros das mesas das assembleias ou secções de voto devem estar presentes no local do seu funcionamento uma hora antes da marcada para o início das operações eleitorais, a fim de que estas possam começar à hora fixada.

4. Se até uma hora após a hora marcada para a abertura da assembleia for impossível constituir a mesa por não estarem presentes os membros indispensáveis ao seu funcionamento, o presidente da junta de freguesia designa, mediante acordo unânime dos delegados de lista presentes, substitutos dos membros ausentes, de entre cidadãos eleitores de reconhecida idoneidade inscritos nessa assembleia ou secção, considerando sem efeito a partir deste momento a designação dos anteriores membros da mesa que não tenham comparecido.

5. Os membros das mesas de assembleias eleitorais são dispensados do dever de comparência ao respectivo emprego ou serviço no dia das eleições e no dia seguinte, sem prejuízo de todos os seus direitos e regalias, incluindo o direito à retribuição, devendo para o efeito fazer prova bastante dessa qualidade.

I- É o carácter obrigatório do exercício de funções de membro de mesa (v. notas IV e VI ao artº 44º) que justifica o disposto no nº 5 deste artigo. Se assim não fosse haveria uma penalização injusta a cidadãos chamados a exercer um dever que lhes é imposto por lei e cuja gratificação é puramente simbólica.

Precise-se, contudo, que de acordo com entendimento da CNE este direito apenas é reconhecido aos trabalhadores em efectividade de serviço, abrangendo além da retribuição quaisquer outros subsídios a que o trabalhador tenha normalmente direito.

Para tal fim os membros da mesa devem oferecer como prova o alvará de nomeação e certidão do exercício efectivo de funções.

II- Dúvidas poderão colocar-se, apenas, quanto ao subsídio de almoço que, por definição, exige a presença efectiva do trabalhador no serviço. Atentas, porém, as razões atrás expostas os órgãos da administração eleitoral têm geralmente defendido que também esse subsídio deve ser incluído no âmbito daquilo que a lei define como “direitos e regalias”. (V. notas V e VI ao artº 8º)

III- V. artº 90º.

Artigo 49º **(Permanência na mesa)**

- 1. A mesa, uma vez constituída, não pode ser alterada, salvo caso de força maior. Da alteração e das suas razões é dada conta em edital afixado no local indicado no artigo anterior.**
- 2. Para a validade das operações eleitorais é necessária a presença, em cada momento, do presidente ou do seu suplente e de, pelo menos, dois vogais.**

I- Se por qualquer motivo a mesa ficar reduzida a dois elementos as operações eleitorais devem suspender-se de imediato só se reatando com a presença de um mínimo de três elementos (“quorum”).

A interrupção de funcionamento da assembleia eleitoral, embora não prevista em casos como este, não deve exceder três horas, analogicamente com o que sucede em caso de tumulto (artº 90º nº 1 e 94º nº 5).

Ver a este propósito o artº 257º do projecto de Código Eleitoral.

II- A ausência de um membro de mesa – durante o seu funcionamento e já depois de ter iniciado funções – por período não razoável deve determinar a sua substituição pelo presidente da mesa, com o acordo dos delegados das listas, sendo da ocorrência lavrada menção na acta. Obviamente que a questão se porá, com mais acuidade, quando estejam presentes apenas 3 membros de mesa.

Artigo 50º (Poderes dos delegados)

1. Os delegados das listas têm os seguintes poderes:

- a) Ocupar os lugares mais próximos da mesa, de modo a poder fiscalizar todas as operações de votação;**
- b) Consultar a todo o momento as cópias dos cadernos de recenseamento eleitoral utilizadas pela mesa da assembleia de voto;**
- c) Ser ouvidos e esclarecidos acerca de todas as questões suscitadas durante o funcionalmente da assembleia de voto, quer na fase de votação, quer na fase de apuramento;**
- d) Apresentar, oralmente ou por escrito, reclamações, protestos ou contraprotostos relativos às operações de voto;**
- e) Assinar a acta e rubricar, selar e lacrar todos os documentos respeitantes às operações de voto;**
- f) Obter certidões das operações de votação e apuramento.**

2. Os delegados das listas não podem ser designados para substituir membros da mesa faltosos.

I- Este artigo tem redacção dada pela Lei nº 10/95, tendo sido o respectivo nº 2 totalmente inovador.

II- Muito embora cada delegado possa ter o seu suplente é evidente que na assembleia eleitoral só é permitida a presença de um deles, admitindo-se apenas que nos curtos momentos da passagem de testemunho possam os dois permanecer na assembleia.

III- **As listas desistentes perdem**, obviamente, o **direito de ter delegados** que os representem nas assembleias eleitorais.

IV- Os delegados muito embora representem as listas não devem no exercício das suas funções no interior da assembleia eleitoral exhibir emblemas, “crachás”, autocolantes ou outros elementos que indiciem a lista que representam tendo em atenção o disposto no artº 92º. Nesse sentido se tem pronunciado a CNE (deliberação de 05.08.80).

V- Caso ocorra simultaneidade de eleições - p. ex. eleições da A.R. e P.E., como em 1987 - um mesmo delegado deve representar o partido político ou coligação que apresente listas aos dois actos eleitorais. De outra forma pode gerar-se uma aglomeração inconveniente de delegados de lista.

VI- O novo nº 2 cuja justeza, no plano dos princípios, se não questiona poderá, contudo, em nossa opinião, gerar dificuldades na constituição das mesas. A experiência anterior revelou que foi a disponibilidade dos delegados das listas para integrar as mesas que permitiu, num número não desprezível de casos, a sua constituição e funcionamento.

Não se pretendendo, à partida, defender solução contrária, parece que numa situação limite, em que se corra o risco de não funcionamento da mesa - e, em consequência, se gere a impossibilidade de os eleitores exercerem o seu direito de sufrágio e terem de regressar à assembleia de voto uma semana depois - pareceria preferível, na falta de outros elementos, recorrer aos delegados de lista, tanto mais que também os membros de mesa são, como os delegados, indicados em primeira linha pelos partidos políticos.

É nesse sentido o entendimento da CNE, expresso no parecer aprovado em 02.06.2004 a que já se fez referência na nota IV ao artº 48º, e que nesta parte se transcreve:

(...)

“No que concerne à inclusão de delegados das listas ou seus substitutos nas mesas, continua a não estar em causa a incompatibilidade ou impedimento entre a filiação a uma candidatura e a qualidade de membro da mesa, o que determina que **um delegado de uma candidatura ou um seu substituto possa ser designado para integrar uma mesa**, mas existe irrecusável **incompatibilidade objectiva entre os cargos**, pelo que, sendo nomeado para integrar uma mesa um delegado de uma candidatura ou um seu substituto, deve ser admitida a sua substituição (se a candidatura respectiva o requerer) em tempo útil mínimo imediato ao conhecimento do facto e com prejuízo dos prazos normais previstos nas leis, como forma de garantir a igualdade de oportunidades das candidaturas” (...)

VII- Nas recentes eleições para a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (17 Outubro 2004), a Comissão Nacional de Eleições tomou conhecimento, no próprio dia da votação, de que o Presidente de uma determinada assembleia de voto estaria a impedir o delegado de uma força concorrente de exercer os direitos de fiscalização conferidos pelo artº 51º do DL nº 267/80, de 8 de Agosto (artº 50º da presente lei), proibindo-o, nomeadamente, de tomar notas na fotocópia que o mesmo possuía do caderno eleitoral respeitante à mencionada secção de voto e de o mesmo estar nas proximidades da mesa com “papel e caneta”.

Na medida em que tal actuação não tinha qualquer fundamento legal, foi deliberado pelo plenário chamar, desde logo, a atenção do referido presidente de mesa de que é lícito aos partidos concorrentes obterem as cópias dos cadernos eleitorais, conforme dispõe o artigo 29º nº 1 alínea c) da Lei do Recenseamento e ainda os artºs 51º e 53º nº 4 da Lei Eleitoral para a ALRAA (leia-se artºs 50º e 51º nº 4 da LEAR), e nas mesmas fazerem as anotações que tiverem por convenientes.

Esta deliberação tem, naturalmente, aplicação a qualquer acto eleitoral.

VIII- V. artºs 159º, 160º e 161º.

Artigo 50º-A **(Imunidades e direitos)**

1. Os delegados das listas não podem ser detidos durante o funcionamento da assembleia de voto, a não ser por crime punível com pena de prisão superior a três anos e em flagrante delito.

2. Os delegados das listas gozam do direito consignado no nº 5 do artigo 48º.

I- Artigo aditado pela Lei nº 10/95.

II- Só o nº 2 deste artigo é verdadeiramente inovador, uma vez que o nº 1 tem texto idêntico ao anterior nº 2 do artigo 50º.

III- Ver notas I e II do artº 48º.

Artigo 51º **(Cadernos de recenseamento)**

1. Logo que definidas as assembleias e secções de voto e designados os membros das mesas, a comissão de recenseamento deve fornecer a estas, a seu pedido, duas cópias ou fotocópias autenticadas dos cadernos de recenseamento.

2. Quando houver desdobramento da assembleia de voto, as cópias ou fotocópias abrangem apenas as folhas dos cadernos correspondentes aos eleitores que hajam de votar em cada secção de voto.

3. As cópias ou fotocópias previstas nos números anteriores devem ser obtidas o mais tardar até dois dias antes da eleição.

4. Os delegados das listas podem a todo o momento consultar as cópias ou fotocópias dos cadernos de recenseamento.

I- Na prática são as próprias C.R. - ou as C.M. - quem toma a iniciativa da extracção de cópias dos cadernos logo a seguir ao 15º dia anterior ao da eleição.

De notar, aliás, que nos termos do novo regime jurídico do RE – artº 58º da Lei nº 13 /99 – a extracção dos cadernos para os actos eleitorais compete às C.R. (excepto no caso do estrangeiro em que essa competência é do STAPE) que, todavia, poderão necessitar do auxilio das C.M. para a operação logística de extracção das cópias. Quando as C.R. não tenham, de todo, possibilidades de extracção dos cadernos através dos seus ficheiros e/ou base de dados, a sua emissão poderá ser solicitada ao STAPE até ao 44º dia anterior ao da eleição (artº 58º nº3).

II- De notar que os cadernos eleitorais devem levar em linha de conta as operações prescritas na lei do recenseamento relativas ao seu período de **inalterabilidade** (artº 59º da Lei nº 13/99) que se inicia no 15º dia anterior ao da eleição, dia em que neles é lavrado um termo de encerramento. Essas operações estão descritas no artº 57º e visam conferir segurança e assegurar a intocabilidade dos cadernos nas vésperas das eleições. V. nota I ao artº 83º.

Artigo 52º **(Outros elementos de trabalho da mesa)**

1. O presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal, ou, nos municípios de Lisboa e do Porto, o administrador de bairro entrega a cada presidente de assembleia ou secção de voto, até três dias antes do dia designado para as eleições, um caderno destinado às actas das operações eleitorais, com termo de abertura por ele assinado e com todas as folhas por ele rubricadas, bem como os impressos e mapas que se tornem necessários.

2. As entidades referidas no número anterior entregam também a cada presidente de assembleia ou secção de voto, até três dias antes do dia designado para as eleições, os boletins de voto que lhes tiverem sido remetidos pelo governador civil ou, nas regiões autónomas, pelo Ministro da República.

I- V. nota III ao artº 42º.

II- Na prática, tem competido às C.M. proceder a toda a distribuição do material eleitoral às mesas das assembleias eleitorais. Exceptuando os cadernos eleitorais todo o restante material chega-lhes do STAPE através dos governos civis/Ministros da República.

No que diz respeito aos cadernos eleitorais as C.M. têm centralizado a sua recepção solicitando-os às C.R. e aproveitando depois para entregar, em conjunto, todo o material.

Nestes casos fica prejudicado o disposto no nº 3 do artigo anterior.
Casos existem em que as C.M. têm optado pela distribuição do material no próprio dia das eleições, antes da abertura das urnas, garantindo assim o máximo de segurança possível.

TÍTULO IV

CAMPANHA ELEITORAL

CAPÍTULO I

PRINCÍPIOS GERAIS

Artigo 53º

(Início e termo da campanha eleitoral)

O período da campanha eleitoral inicia-se no 14º dia anterior e finda às 24 horas da antevéspera do dia designado para as eleições.

I- Este artigo tem redacção dada pela Lei nº 10/95, tendo sido encurtado o período da campanha de 20 para 13 dias, encontrando-se regulamentada na lei, quer as acções que podem ser levadas a cabo, quer as garantias necessárias para que tal seja possível.

II- Cfr. artigo 113º nº 3 da C.R.P..

III- A demarcação de um período especial, durante o qual o Estado faculta aos intervenientes, em condições de igualdade, meios específicos e adicionais de campanha, para permitir que aqueles com menos recursos económicos possam também transmitir as suas mensagens e assegurar, dessa forma, o esclarecimento das suas candidaturas, não impede que as actividades de campanha se comecem a desenvolver antes, normalmente a partir da publicação do decreto a convocar as eleições.

Tal período, compreendido entre a publicação do decreto que marca a eleição e o início da campanha eleitoral, é comumente designado por «**pré-campanha**», realidade que não encontra expressão em nenhuma das leis eleitorais, não tendo por isso regulamentação específica.

Tal facto tem criado inúmeras situações de conflito pois quer o cidadão eleitor em geral, quer algumas entidades públicas, acham pouco normal que as forças políticas e os candidatos desenvolvam fora do período da campanha toda uma actividade de mobilização das suas candidaturas, nomeadamente através de cartazes com apelo ao voto, distribuição de panfletos, venda de material alusivo às eleições, etc...

As únicas proibições existentes nesta fase preparatória das eleições dizem respeito à afixação de propaganda em determinados locais e o recurso aos meios de publicidade comercial (ver notas aos artºs 66º e 72º).

IV – Pelas razões atrás aduzidas e até muito recentemente, esse período de pré-campanha caracterizava-se pela inexistência de regras que assegurassem uma igualdade de oportunidades a todas as candidaturas, nomeadamente no seu «tratamento» pelos órgãos de comunicação social, no posicionamento das entidades públicas e na actuação dos cidadãos investidos de poder público, o que levava a um crescendo de queixas por parte das forças concorrentes Tal ausência de regras não impedia, contudo, uma tomada de posição da Comissão Nacional de Eleições, que sempre pugnou pela observância de critérios éticos e de equidade e pela necessidade de assegurar a livre expressão e confronto das diversas correntes de opinião, sobretudo nos meios de comunicação social, princípios, aliás, subjacentes aos artºs 18º nº 2 e 37º da C.R.P..

Relembre-se, a propósito, a anotação feita pelos autores a este mesmo artigo da lei eleitoral da AR, aquando da 1ª reedição desta obra em 1995:

“Atendendo ao facto de na maior parte deste período de “pré-campanha” se conhecer já o conjunto das candidaturas, seria desejável que os órgãos de comunicação social fornecessem uma panorâmica equilibrada das listas que vão estar na corrida eleitoral, por forma a não omitir nenhuma das forças em presença, tanto mais que os candidatos eventualmente prejudicados durante a pré-campanha não podem vir a ser «compensados» no período da campanha, mormente na televisão, pois tal iria privilegiar um candidato num período que por lei deve garantir plena igualdade de tratamento e fruição equitativa de tempo de antena. (A este respeito ver Acórdão do T.C. nº 438/89, publicado na II Série do DR de 8.9.1989 que apesar de se reportar a um processo eleitoral do Parlamento Europeu se aplica, «mutatis mutandis», às eleições legislativas).”

Já no tocante ao posicionamento das entidades públicas, a postura da Comissão Nacional de Eleições era bem mais rígida (v. anotações ao artº 57º).

V- Estes considerandos estão de alguma forma ultrapassados com a publicação da Lei nº 26/99, de 3 de Maio, que veio alargar a aplicação dos princípios reguladores da propaganda e a obrigação da neutralidade das entidades públicas à data da marcação das eleições (ou do referendo), diploma que veio acolher o entendimento que a Comissão Nacional de Eleições há longos anos vem fazendo, e que pelo interesse de que se reveste aqui se reproduz na íntegra:

Lei nº 26/99 de 3 de Maio

Alarga a aplicação dos princípios reguladores da propaganda e a obrigação da neutralidade das entidades públicas à data da marcação das eleições ou do referendo

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 61º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1º Âmbito de aplicação

O regime previsto na presente lei é aplicável desde a marcação do decreto que marque a data do acto eleitoral ou do referendo.

Artigo 2º Igualdade de oportunidades

Os partidos ou coligações e os grupos de cidadãos, tratando-se de acto eleitoral, os candidatos e os partidos políticos ou coligações que os propõem, tratando-se de referendo, têm direito a efectuar livremente e nas melhores condições a sua propaganda, devendo as entidades públicas e privadas proporcionar-lhes igual tratamento, salvo as excepções previstas na lei.

Artigo 3º Neutralidade e imparcialidade das entidades públicas

1 - Os órgãos do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais, das demais pessoas colectivas de direito público, das sociedades de capitais públicos ou de economia mista e das sociedades concessionárias de serviços públicos, de bens do domínio público ou de obras públicas, bem como, nessa qualidade, os respectivos titulares, não podem intervir directa ou indirectamente em campanha eleitoral ou para referendo, nem praticar quaisquer actos que favoreçam ou prejudiquem uma posição em detrimento ou vantagem de outra ou outras, devendo assegurar a igualdade de tratamento e a imparcialidade em qualquer intervenção nos procedimentos eleitorais ou referendários.

2 - Os funcionários e agentes das entidades referidas no número anterior observam, no exercício das suas funções, rigorosa neutralidade perante as diversas posições, bem como perante os diversos partidos e grupos de cidadãos eleitores.

3 - É vedada a exibição de símbolos, siglas, autocolantes ou outros elementos de propaganda por titulares de órgãos, funcionários e agentes das entidades referidas no nº 1 durante o exercício das suas funções.

VI- A campanha eleitoral consiste na promoção das candidaturas com vista à captação dos votos, regendo-se por determinados princípios, enunciados no artº 113º da C.R.P., dos quais se destacam:

- a) Liberdade de propaganda (ver, designadamente, os artºs 58º e 59º do presente título);
- b) Igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas (ver artºs 56º, 62º a 66º, 69º nº 6, 73º e 74º);
- c) Imparcialidade das entidades públicas perante as candidaturas (ver artºs 57º, 68º e 71º).

De notar que o mencionado artº 113º acrescenta ainda ao elenco o “princípio da transparência e fiscalização das contas eleitorais” que actualmente se revê em diploma complementar específico – Ver na Legislação Complementar a Lei nº 19/2003, de 20 de Junho, que entrou em vigor, na sua plenitude, a partir de 1 de Janeiro de 2005.

VII- Na prossecução destes princípios é de realçar o papel disciplinador e fiscalizador da Comissão Nacional de Eleições, órgão independente da administração eleitoral, a quem - devido à sua composição, ao estatuto dos seus membros e ao modo do seu funcionamento - é cometido por lei assegurar a igualdade de tratamento dos cidadãos em todas as operações eleitorais, bem como a igualdade de oportunidades de acção e de propaganda das candidaturas (Ver artº 5 nº 1 als. b) e d) da Lei 71/78, de 27 de Dezembro, na legislação complementar).

VIII- Na véspera do acto eleitoral, e no próprio dia da eleição, até ao encerramento das assembleias de voto é proibida qualquer propaganda eleitoral (ver artº 141º).

Nesse sentido entende a CNE que «não podem ser transmitidas notícias, reportagens ou entrevistas que de qualquer modo possam ser entendidas como favorecendo ou prejudicando um concorrente às eleições em detrimento ou vantagem de outro» (deliberação de 7.12.82).

IX- Sobre o ilícito relativo à campanha eleitoral ver artºs 129º a 145º.

Artigo 54º

(Promoção, realização e âmbito da campanha eleitoral)

1. A promoção e realização da campanha eleitoral cabe sempre aos candidatos e aos partidos políticos, sem prejuízo da participação activa dos cidadãos.

2. Qualquer candidato ou partido político pode livremente realizar a campanha eleitoral em todo o território nacional e em Macau.

I- Ver anotação do artº 21º.

II- Cfr., entre outros, os artºs 37º, 45º e 48º da CRP.

III- Sobre o âmbito do território eleitoral cfr. artº 12º.

IV- O facto da promoção e realização da campanha eleitoral caber primordialmente aos partidos políticos e candidatos por eles apresentados, não significa que o cidadão se coloque numa situação de simples “ouvinte” ou “espectador” dos seus programas e propostas de actuação, mas pelo contrário que participe intensamente nas diversas actividades desenvolvidas pelas candidaturas (reuniões, comícios...) por forma a esclarecer-se devidamente sobre o sentido a dar ao seu voto. São múltiplos os meios utilizados pelas forças concorrentes com vista ao esclarecimento e promoção das suas candidaturas e que vão desde a ocupação de tempos de antena, a afixação de cartazes, a remessa de propaganda por via postal, a reuniões e espectáculos em lugares públicos, à publicação de livros, revistas, folhetos, utilização da Internet, etc...

V- Quanto aos meios utilizados para promoção da campanha eleitoral nos **dois círculos do estrangeiro** são os seguintes:

. remessa, por via postal, de documentação escrita que os partidos políticos e candidatos considerem úteis para o esclarecimento do eleitorado aí residente;

. emissão de tempo de antena em onda curta bem como emissões de tempo de antena efectuadas através da RTP Internacional e RTP África, meios estes que preenchem de forma satisfatória as necessidades de esclarecimento, muito embora as datas em que são emitidos todos os tempos de antena surja numa altura em que muitos dos eleitores já “de facto” votaram dado que recebem o boletim de voto para votarem por correspondência com bastante antecedência e não poderem esperar pelo fim da campanha para fazer a remessa postal, sob pena de ela não chegar a Lisboa a tempo do escrutínio (10º dia posterior à eleição).

(V. artºs 3º e 4º do DL nº 95-C/76, de 30 de Janeiro e artº 62º nº 2 alíneas a) e b) do presente diploma)

De notar, ainda, que, após a passagem de Macau para a administração chinesa, já não faz sentido o destaque dado a este território no nº 2 do presente artigo, diluído que está no círculo eleitoral de fora da Europa.

VI- As actividades de campanha eleitoral decorrem sob a égide do princípio da liberdade de acção dos candidatos com vista ao fomentar das suas candidaturas, presumindo-se que deste princípio resulte a garantia de igualdade entre todos os concorrentes ao acto eleitoral.

Contudo não se trata de um direito absoluto, que tem ou pode ter os limites que a lei considera necessários à salvaguarda de outros princípios e liberdades, consagrados constitucionalmente, tais como o direito ao bom nome e reputação, à privacidade, propriedade privada, ordem pública... (cfr p.ex. artº 26º da C.R.P.).

Dos prejuízos resultantes das actividades de campanha eleitoral que hajam promovido são responsáveis os candidatos e os partidos políticos.

Do ponto de vista da responsabilidade civil, refira-se, a título de curiosidade, que o projecto de C.E. vai mais longe apontando para a criação de um seguro obrigatório de responsabilidade civil, que venha a cobrir tais prejuízos (cfr. artº 210º do referido projecto).

Para além do estatuído no Título do ilícito eleitoral, os partidos são também criminalmente responsáveis, nos termos do Código Penal.

Em democracia, as campanhas eleitorais devem decorrer sob a égide dos princípios da maior liberdade e da maior responsabilidade. As eventuais ofensas pessoais ou a difusão de imputações tidas por difamatórias além de deverem ser dirimidas em sede competente - os tribunais - , podem levar à suspensão do direito de antena (ver notas aos artºs 133º e 134º).

Artigo 55º

(Denominações, siglas e símbolos)

1. Cada partido utiliza sempre, durante a campanha eleitoral, a denominação, a sigla e o símbolo respectivos.

2. Em caso de coligação, podem ser utilizados as denominações, as siglas e os símbolos dos partidos coligados ou adoptadas novas denominações, siglas e símbolos.

3. A denominação, a sigla e o símbolo das coligações devem obedecer aos requisitos fixados na legislação aplicável.

I- O preceituado no nº 2 foi revogado pela Lei nº 5/89, de 17 de Março, a qual também já foi banida da ordem jurídica através da Lei Orgânica dos Partidos Políticos (LO nº 2/2003). Ver nota VI ao artº 22º.

II- A utilização indevida de denominação, sigla ou símbolo constitui infracção eleitoral prevista e punida no artº 130º.

Artigo 56º

(Igualdade de oportunidades das candidaturas)

Os candidatos e os partidos políticos ou coligações que os propõem têm direito a igual tratamento por parte das entidades públicas e privadas a fim de efectuarem, livremente e nas melhores condições, a sua campanha eleitoral.

I- Cfr. artº 113º nº 3 alínea b) da C.R.P.

II- Este princípio, que vincula as entidades públicas e privadas, consiste na proibição de privilégios e de discriminação às diversas candidaturas.

III- Ver nota V ao artº 53º. Da leitura do artº 2º da Lei nº 26/99 parece inferir-se que ela retoma no essencial do seu conteúdo o preceituado na disposição legal ora em apreço, o que significa, na prática, que apenas se concede às candidaturas o «direito a efectuar livremente e nas melhores condições a sua propaganda» devendo as entidades públicas e privadas «proporcionarlhes igual tratamento», sem que a tal corresponda qualquer sanção. Não a prevê a mais recente Lei 26/99, nem a própria lei eleitoral.

IV- Tem sido sobretudo na aplicação do referido princípio às forças candidatas, no que concerne aos meios televisivos e radiofónicos, que recaem as queixas dos concorrentes.

A este propósito, é curial trazer à colação uma deliberação tomada pela CNE por altura das eleições presidenciais de 1996 (cfr. Sessão de 13/02/96) quando foi chamada a intervir para mandar repor, numa determinada estação de televisão, a igualdade de oportunidades e de tratamento de duas candidaturas, cujas iniciativas de campanha eleitoral estavam sendo sistematicamente omitidas, destacando-se para o efeito as seguintes passagens:

“...não é prevista em nenhuma disposição legal, qualquer sanção para esta violação.

Ela não existe no Decreto-Lei nº 319-A/76 (leia-se aqui Lei 14/79, 16 Maio), o que facilmente se verifica com análise completa deste diploma”....” Mesmo o artº 46º (leia-se artº 56º) não é claro na imposição de um concreto dever de actuação dos órgãos de comunicação social, no sentido de concederem as mesmas igualdades a todas as candidaturas, relativamente ao trabalho da iniciativa desses órgãos de comunicação social, tal como vem a público.”

“...A sua previsão está, por isso, apenas vocacionada para as condutas de quem prejudique as acções de campanha eleitoral promovidas pelas candidaturas, expressando o direito de que elas se façam livremente, sem entraves. Ora, não é o caso de um órgão de comunicação social, que não interfere, de forma alguma, em qualquer acção de campanha de uma candidatura, mas apenas a ignora no seu espaço...”...”E não se pense que, por não estar prevista qualquer sanção especial, ela fica contemplada no «caldeirão» do artº 156º (leia-se artº 168º)...Em primeiro lugar, porque este preceito prevê a aplicação da sanção a quem «não cumpra obrigações impostas por lei», mas o artº 46º (nesta lei artº 56º) não se refere a dever que alguém tenha concretamente de assumir,...mas apenas expressa o direito que as candidaturas têm...”...entende esta Comissão que para os órgãos de comunicação social, visual e falada (televisões e rádios), não existe qualquer lei ou disposição que imponha condutas e regimes concretos que garantam o pluralismo e igualdade de oportunidades nas eleições para a Assembleia da República, para o Presidente da República, para as Assembleias Regionais ou para as Autarquias. Isto, porque o disposto no artº 116º nº 3 b) da Constituição (leia-se artº 113º) ainda não foi objecto de regulamentação própria em relação a estes órgãos privados de comunicação social, ao contrário do que sucede com a imprensa escrita...”.

No sentido de clarificar algumas das actuações dos órgãos de comunicação social à luz destes princípios, a CNE já no âmbito do novo articulado, reiterou em 26/05/99, as posições de fundo atrás defendidas, explicitando:

“...Assim, e não obstante a Comissão desde sempre pugnar para que as actividades dos órgãos de comunicação social sejam presididas por preocupações de equilíbrio e abrangência, continua a inexistir a imposição de um concreto dever de actuação por parte desses órgãos...”

“...Situação diversa, será já o tratamento desigual ou a omissão na cobertura noticiosa ou informativa de iniciativas partidárias que actualmente, por força do alargamento da aplicação

dos princípios reguladores da propaganda, devem ser divulgadas a partir da data de publicação do decreto que marca o dia da eleição ou do referendo.

V- À parte a cobertura noticiosa que obriga os meios de comunicação social a dar igualdade de oportunidades às forças candidatas, considera-se, que os programas televisivos e radiofónicos cuja natureza não seja estritamente informativa – estão neste caso os debates e entrevistas – gozam de uma maior liberdade e criatividade na determinação do seu conteúdo, norteando-se por critérios jornalísticos.”

Tal não significa, porém, que para esses debates apenas sejam convidadas determinadas forças políticas candidatas. São, nesse sentido, as deliberações tomadas pela CNE nas sessões plenárias de 05 e 08.03.2002, proferidas por altura das eleições para a AR de 2002, delas se transcrevendo o seguinte:

“(…)

Não é admissível (para além de ser violador do princípio legal da igualdade de tratamento de todas as forças políticas) que a referida estação de televisão (e rádio) ignore pura e simplesmente a existência de outros partidos ou coligações, como que varrendo estes do universo eleitoral. De resto, não pode sustentar-se um critério jornalístico que se limite a escolher para debate este ou aquele partido, eliminando os restantes concorrentes à eleição.

5. ...quanto aos programas radiofónicos ou televisivos que não sejam estritamente informativos, uma coisa é admitir uma maior liberdade e criatividade jornalística ou editorial na determinação do conteúdo dos programas, outra bem diferente é seguir um critério que dê exclusiva relevância a determinadas forças políticas em detrimento (e mesmo completo apagamento) de outras;

6. Isso, a lei (artigos 56º e 64º nº 2 da LEAR) não permite. E nunca a CNE emitiu qualquer parecer donde possa inferir-se que interpreta aqueles normativos de forma a permiti-lo;

7. Sendo uma campanha eleitoral um processo que se prolonga por actos no tempo, seria de todo inadequado que a análise da observância do princípio da igualdade de tratamento tivesse de ser feita pelo conjunto da cobertura, pois de outra forma estaria descoberta a maneira de, por um acto isolado praticado no fim da campanha, se poder argumentar a favor da igualdade de oportunidades.

(…)”

VI- Estes princípios são igualmente válidos para a imprensa, a qual em matéria de tratamento jornalístico das candidaturas, move-se num quadro regulamentar mais apertado.

Nesse sentido, cfr. DL nº 85-D/75, de 26 de Fevereiro (v. legislação complementar)

VII- Para prossecução dos direitos de igualdade de oportunidades e de tratamento às diversas candidaturas o legislador procurou, por um lado, conceder a todas elas as mesmas condições de propaganda (acesso aos meios de comunicação social, direito de antena, cedência de recintos e edifícios públicos, etc...) e, por outro lado, impor determinadas restrições ao exercício da liberdade de propaganda (interdição de publicidade comercial, de divulgação de sondagens, determinação de locais para afixação de propaganda, limite de despesas igual para todos os candidatos, etc...).

VIII- A igualdade das candidaturas é uma igualdade jurídica e não qualitativa, desde logo porque os partidos políticos que se apresentam a sufrágio são “ab initio” desiguais, quer quanto à sua implantação eleitoral, capacidade de mobilização, quer quanto aos recursos materiais de que dispõem. Pretendeu-se, através desta igualdade jurídica, que na corrida eleitoral todos tivessem iguais possibilidades de participação, excluindo-se quaisquer discriminações entre “partidos grandes e pequenos”, “partidos do governo ou da oposição” e “partidos com ou sem representação parlamentar” (ver “Direito Constitucional” de Gomes Canotilho).

IX- No direito comparado, em particular nas ordens jurídicas dos países da União Europeia, admite-se, as mais das vezes, uma diferente ponderação das candidaturas, tendo em atenção os

resultados alcançados em anteriores eleições, os assentos parlamentares e nalguns casos até os próprios resultados da eleição em causa.

Em Portugal, pelo contrário, o princípio da igualdade tende a ser absoluto, visto que num ou noutro preceito se consagra uma igualdade gradativa, como é exemplo o direito de antena: os partidos que concorrem em todo o território nacional têm direito a mais tempo de antena do que os que concorrem apenas por certos círculos.

X- Compete à CNE a tutela deste princípio, sublinhando-se que tem sobre os órgãos e agentes da administração os poderes necessários ao cumprimento das suas funções (ver artº 7º da Lei nº 71/78).

Das deliberações da CNE cabe, nos termos da alínea f) do artº 8º e do artº 102º-B da Lei nº 28/82 (alínea e artigo introduzidos pela Lei nº 85/89, de 7 de Setembro) recurso contencioso para o Tribunal Constitucional.

XI- No período da pré-campanha, para além da CNE e no que respeita ao direito de acesso aos órgãos de comunicação social das diversas correntes de opinião, chama-se a atenção para a acção a desempenhar pela Alta Autoridade para a Comunicação Social (V. artºs 3º e 4º da Lei nº 43/98, de 6 de Agosto).

Artigo 57º

(Neutralidade e imparcialidade das entidades públicas)

1. Os órgãos do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais, das demais pessoas colectivas de direito público, das sociedades de capitais públicos ou de economia mista e das sociedades concessionárias de serviços públicos, de bens do domínio público ou de obras públicas, bem como, nessa qualidade, os respectivos titulares, não podem intervir directa ou indirectamente em campanha eleitoral nem praticar quaisquer actos que favoreçam ou prejudiquem uma candidatura em detrimento ou vantagem de outra ou outras, devendo assegurar a igualdade de tratamento e a imparcialidade em qualquer intervenção nos procedimentos eleitorais.

2. Os funcionários e agentes das entidades referidas no número anterior observam, no exercício das suas funções, rigorosa neutralidade perante as diversas candidaturas, bem como perante os diversos partidos.

3. É vedada a exibição de símbolos, siglas, autocolantes ou outros elementos de propaganda por titulares de órgãos, funcionários e agentes das entidades referidas no nº 1 durante o exercício das suas funções.

4. O regime previsto no presente artigo é aplicável a partir da publicação do decreto que marque a data das eleições.

I- Redacção dada pela Lei Orgânica nº 1/99, de 22 de Junho.

II- Cfr. artº 113º nº 3 alínea c) da C.R.P..

III- Anote-se, que, num espaço de tempo exíguo, foram publicados dois diplomas legais contendo preceitos idênticos.

O primeiro desses diplomas, com data de 3 de Maio de 1999, veio alargar até à data da marcação das eleições ou do referendo, de uma forma genérica sobre todas as eleições para os órgãos de soberania, das regiões autónomas e do poder local bem como do instituto do referendo, a aplicação de dois dos princípios enformadores do processo eleitoral - o princípio da igualdade de oportunidades e da neutralidade e imparcialidade das entidades públicas (artºs 2º e 3º da Lei nº 26/99); o segundo diploma, datado de 22 de Junho de 1999, veio alterar o artº 57º ora em análise, introduzindo-lhe, para além de uma redacção mais actualista, a obrigatoriedade do seu acatamento não só na campanha mas a partir da publicação do decreto que marca a data das eleições (nº 4 do presente artigo).

Somos de parecer que a aparente duplicidade destas disposições – artºs 1º e 3º da Lei 26/99 e artº 57º da Lei nº 14/79 – se deve ao facto de, no tocante à primeira, não estar prevista nenhuma norma cominatória em caso de violação, razão que terá levado o legislador, para dissipar quaisquer dúvidas, a incluí-la de novo no próprio corpo da lei eleitoral.

Assim sendo, deverá a mesma ser entendida, no quadro da presente lei, como uma mera norma interpretativa.

Ver, ainda, nota V ao artigo 53º.

IV– O alargamento, agora determinado, do âmbito de aplicação destes princípios vem pôr fim ao diferente entendimento que a CNE e a Procuradoria-Geral da República perfilhavam sobre a matéria.

Atentos os princípios e objectivos subjacentes ao processo eleitoral, a CNE sempre se havia pronunciado no sentido da sua aplicação desde o início do processo e não só no período da campanha, remetendo-se a PGR a uma leitura estritamente sistemática dos diplomas eleitorais, considerando que tais princípios se aplicavam apenas durante os curtos dias de campanha (v. por todos o despacho de 09.12.93 do Senhor Procurador-Geral sobre o processo relativo a queixa contra o então Primeiro-Ministro, Prof. Aníbal Cavaco Silva).

Refira-se, a talhe de foice, que não só o projecto do Governo de alteração da lei eleitoral da AR acolhe integralmente o entendimento que a CNE, há longos anos, vinha fazendo (proposta de lei nº 169/VII – DAR II Série A nº 41, de 02.04.98 – artº 42º) – “os princípios gerais enunciados no presente capítulo são aplicáveis desde a publicação do decreto que marque a data da eleição”, como a nova Lei Eleitoral dos Órgãos das Autarquias Locais (v. artº 38º Lei Orgânica nº 1/2001, 14 Agosto) o adopta, em definitivo, no novo texto legal.

V– A ausência de intervenção das entidades públicas, de forma directa ou indirecta, na campanha (neutralidade) bem como a proibição da prática de actos da parte das mesmos que, de algum modo favoreçam ou prejudiquem uma candidatura em detrimento ou vantagem de outra ou outras (imparcialidade), abrange quer os seus titulares quer os seus funcionários e agentes.

VI– O dever de neutralidade e imparcialidade a que todas as entidades públicas estão parcialmente obrigadas durante o decurso do processo eleitoral, tem como finalidade a manutenção do princípio da igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas que constitui uma concretização, em sede de direito eleitoral, do princípio geral da igualdade (artº 13º e 113º nº 3 alínea b) da CRP).

Trata-se de direitos fundamentais de igualdade que revestem a característica de direito subjectivo público e beneficiam por isso, do regime dos direitos, liberdades e garantias (v. anotação ao artº 116º da CRP (actual artº 113º) *in* Constituição anotada, Gomes Canotilho e Vítor Moreira, 3ª edição, 1993).

Tanto assim é que a Constituição da República Portuguesa prevê ainda, no seu artº 22º, a responsabilidade civil das entidades públicas cujas acções ou omissões praticadas no exercício das suas funções e por causa desse exercício resultem em violação dos direitos de liberdade e garantias ou em prejuízo de outrem.

Ressalte-se, ainda, que tais princípios não são exclusivos do processo eleitoral, mas antes regem toda a administração na sua relação com os particulares. O Código do Procedimento Administrativo determina expressamente que a Administração Pública deve reger-se pelo princípio de igualdade (artigo 5º, nº 1 do C.P.A.) e pelo da imparcialidade (artigo 6º do mesmo Código), em cumprimento, aliás, de injunção constitucional (artigo 266º, nº 2 da CRP).

VII– A imposição de neutralidade às entidades públicas, exigível desde a data da marcação das eleições, não é incompatível com a normal prossecução das suas funções. O que o princípio da neutralidade postula é que no cumprimento das suas competências as entidades públicas devem, por um lado, adoptar uma posição de distanciamento em face dos interesses das diferentes forças político-partidárias, e por outro lado, abster-se de toda a manifestação política que possa interferir no processo eleitoral.

Ora a normal prossecução das suas atribuições não consubstancia uma interferência ilegítima naqueles processos, realçando-se, desde logo, que muitas das entidades até têm um papel activo no seu desenrolar.

A propósito dos processos eleitorais da AR a CNE, em deliberação datada de 9.11.80, tem acentuado que tal princípio não significa que o cidadão investido de poder público, funcionário ou agente do Estado, incluindo qualquer membro do Governo, não possa, no exercício das suas funções, fazer as declarações que entender convenientes sobre a actuação governativa, mas terá de o fazer objectivamente de modo a não se servir das mesmas para constringer ou induzir os eleitores a votar em determinadas listas ou abster-se de votar noutras, não fazendo, quer o elogio de forças políticas, quer atacando as forças políticas da oposição. Sobre esta temática compulse-se, por exemplo, o Acórdão do TC nº 808/93 (DR II Série nº 76, de 31.03.94) tirado nas eleições autárquicas de Dezembro de 1993.

VIII- Problema de extrema complexidade é o que respeita à situação de uma mesma pessoa reunir a qualidade de titular de cargo público e a de candidato.

Há ocasiões em que essa dupla qualidade pode importar a violação do princípio da neutralidade e imparcialidade porque é posta em causa a equidistância e isenção que os titulares dos órgãos devem opor às diversas candidaturas.

A complexidade desta questão está bem patente no Acórdão do TC nº 808/93, já acima referido, nomeadamente nas respectivas declarações de voto onde se retira que alguns dos conselheiros do TC tenham considerado que a análise do tribunal se devia ater a um “contrato de limites” ou seja, a uma censura de casos extremos, inequívocos ou flagrantes.

Prosseguindo, dizem que “o entendimento radical da igualdade entre as candidaturas parece mais conforme com um sistema onde pura e simplesmente a recandidatura fosse de todo em todo proibida” ... “Na realidade, o candidato que exerce um cargo político e que procura a reeleição não está (não pode estar!) em situação «pura» de igualdade de circunstâncias com os demais concorrentes que anteriormente não exerceram as funções para que concorrem”.

Por todo o exposto, constata-se, pois, que são dois os requisitos principais para que haja violação da lei: o titular do órgão de um ente público tem de estar no exercício das suas funções e tem de forma grosseira favorecer ou prejudicar um concorrente eleitoral.

IX- Sobre uma queixa dirigida contra o Primeiro-Ministro, Eng. António Guterres, por altura das eleições autárquicas de Dezembro de 1997 e tendo em atenção que tal personalidade era, simultaneamente, destacado dirigente partidário a CNE, em deliberação de 29.12.97, tirou a seguinte conclusão: “Os titulares dos órgãos políticos, pelo facto de o serem, não estão inibidos de exercer os seus direitos político-partidários. Mister era que se procurasse transparência quando actuavam numa ou noutra veste, de titular de órgão político ou de dirigente político”.

A mesma factualidade se repetiu recentemente numa entrevista concedida a um canal televisivo pelo então Primeiro-Ministro, Dr. José Manuel Durão Barroso, na sua residência oficial e em vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, sobre a qual recaiu uma queixa por violação do princípio da neutralidade e imparcialidade, por, no entender da força política participante, as declarações por ele proferidas contrariarem tais princípios.

Na senda da anterior deliberação, entendeu a CNE, face às declarações em causa e atento o seu conteúdo, que um titular de cargo público que também é dirigente partidário tem o direito, nesta última qualidade, de exercer acções de natureza política e eleitoral e de manifestar as opiniões políticas do seu partido.

Não tão pacífica no seio do plenário da Comissão foi a questão da entrevista ter sido concedida na residência oficial do Primeiro-Ministro, o que poderia inculcar a ideia de que, nesta qualidade, estaria a intervir na campanha eleitoral. A opinião dominante foi, contudo, de que esse facto, por si só, não podia ser o ponto dominante nem revelador da não observância dos princípios ora em análise (cfr. Acta de 02.06.2004).

X- Conforme se retira do Despacho de 9.12.93 do Senhor Procurador-Geral da República no processo a que se alude na nota IV a este preceito ...”são afastados da incriminação aqueles actos que, contendo-se, segundo a lei e as regras da experiência comum, no exercício normal de

atribuições de titulares de poder público são, em abstracto, susceptíveis de influenciar o comportamento dos eleitores” ...”O anúncio ou a promessa de medidas de âmbito governamental destinavam-se certamente a convencer ou a mobilizar o eleitorado.

Mas a persuasão e mobilização do eleitorado são objectivos comuns a qualquer discurso político...”

XI– Ainda segundo deliberação da CNE, tomada em 13/10/96, o princípio da neutralidade não impede os órgãos da administração pública, ou as sociedades anónimas de capitais públicos, de aprovarem, em período eleitoral, medidas de administração com efeitos populares.

Tais medidas, porventura contestáveis do ponto de vista político, não são objecto de incriminação legal, que, caso acontecesse, levaria a que, iniciado o período eleitoral, os poderes públicos ficassem coarctados de tomar qualquer medida ou projecto político bem aceite pela opinião pública.

XII– Na esteira da deliberação de 9.11.80 e na parte respeitante à cobertura jornalística nos vários órgãos de comunicação social (televisão, rádio e imprensa) a Comissão conclui em recomendação de 10.09.85 que «não é de excluir a participação de candidatos que sejam membros do Governo e que intervenham na campanha eleitoral não nessa qualidade, mas inequivocamente na qualidade de candidatos e sem invocação das suas funções oficiais».

XIII– Sendo ténue a fronteira entre o direito de informação do Governo e o aproveitamento, pelo Governo, dos órgãos de comunicação social, esse assunto também foi objecto de tomada de posição pela CNE que, num caso concreto e para evitar a retirada de benefícios do exercício do poder, impôs limites à divulgação de notas officiosas e à cobertura noticiosa de actos do Governo depois do começo da campanha eleitoral.

Ainda sobre notas officiosas, atente-se na deliberação da CNE de 1996, tomada por altura das eleições regionais de então, que refere:

(...) A cobertura noticiosa de actos do governo e a divulgação de notas officiosas devem ser feitas por forma a salvaguardar o tratamento não discriminatório das diversas candidaturas e circunscrever-se às situações previstas na lei, quando “(...) pela sua natureza justifiquem a necessidade de informação oficial pronta e generalizada, designadamente quando se refiram a situações de perigo para a saúde pública, à segurança dos cidadãos ou outras situações de emergência (...)...”

XIV– A violação deste preceito leva a um regime sancionatório mais grave, surgindo no capítulo das infracções uma outra figura complementar- a do “Abuso das funções públicas ou equiparadas”, que se pode considerar em certa medida uma decorrência da violação dos princípios da neutralidade e imparcialidade (ver artºs 129º e 153º).

Artigo 58º

(Liberdade de expressão e de informação)

1. No decurso da campanha eleitoral não pode ser imposta qualquer limitação à expressão de princípios políticos, económicos e sociais, sem prejuízo de eventual responsabilidade civil ou criminal.

2. Durante o período da campanha eleitoral não podem ser aplicadas às empresas que explorem meios de comunicação social, nem aos seus agentes, quaisquer sanções por actos integrados na campanha, sem prejuízo da responsabilidade em que incorram, a qual só pode ser efectivada após o dia da eleição.

I- Cfr. artºs 37º e 38º da C.R.P..

II- Ver notas IV e V ao artº 54º.

Artigo 5º
(Liberdade de reunião)

A liberdade de reunião para fins eleitorais e no período da campanha eleitoral rege-se pelo disposto na lei geral sobre o direito de reunião, com as seguintes especialidades:

- a) O aviso a que se refere o nº2 do artigo 2º do Decreto-Lei nº406/74, de 29 de Agosto, deve ser feito pelo órgão competente do partido político, quando se trate de reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos ou abertos ao público e a realizar por esse partido;
- b) Os cortejos, os desfiles e a propaganda sonora podem ter lugar em qualquer dia e hora, respeitando-se apenas os limites impostos pela manutenção da ordem pública, da liberdade de trânsito e de trabalho e ainda os decorrentes do período de descanso dos cidadãos;
- c) O auto a que alude o nº 2 do artigo 5º do Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto, deve ser enviado por cópia ao presidente da Comissão Nacional de Eleições e ao órgão competente do partido político interessado;
- d) A ordem de alteração dos trajectos ou desfiles é dada pela autoridade competente e por escrito ao órgão competente do partido político interessado e comunicada à Comissão Nacional de Eleições;
- e) A utilização dos lugares públicos a que se refere o artigo 9º do Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto, deve ser repartida igualmente pelos concorrentes no círculo em que se situarem;
- f) A presença de agentes de autoridade em reuniões organizadas por qualquer partido político apenas pode ser solicitada pelo órgão competente do partido que as organizar, ficando esse órgão responsável pela manutenção da ordem quando não faça tal solicitação;
- g) O limite a que alude o artigo 11º do Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto, é alargado até às 2 horas da madrugada durante a campanha eleitoral.
- h) O recurso previsto no nº 1 do artigo 14º do Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto, é interposto no prazo de quarenta e oito horas para o Tribunal Constitucional.

I- A alínea h) foi aditada pela Lei nº 10/95.

II- Cfr. artº 45º da C.R.P..

III- Ver Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto, na legislação complementar.

IV- Sobre o tema existe um conjunto de deliberações da CNE, aplicáveis a todas as eleições, das quais seleccionamos as mais importantes e que reproduzimos tendo em atenção a ordem das alíneas (cfr., por todas, a deliberação de 30.06.87):

1. «Quando se trata de reuniões ou comícios apenas se exige o aviso a que se refere o nº 2 do artº 2º do Decreto-Lei nº 406/74, não sendo necessário para a sua realização autorização da autoridade administrativa, visto a lei eleitoral ter carácter excepcional em relação àquele diploma legal».

O aviso deverá ser feito com dois dias de antecedência.

2. «No que respeita à fixação de lugares públicos destinados a reuniões, comícios, manifestações, cortejos ou desfiles, nos termos do artº 9º do Decreto-Lei nº 406/74, devem as autoridades administrativas competentes em matéria de campanha eleitoral reservá-los por forma a que a sua utilização possa fazer-se em termos de igualdade pelas várias forças políticas e/ou candidatos, utilização essa condicionada à apresentação do aviso a que se refere o artº 2º do Decreto-Lei nº 406/74.

«Aqueles autoridades após a apresentação do referido aviso só podem impedir ou interromper a realização de reuniões, comícios, manifestações ou desfiles com fundamento na previsão dos artºs 1º e 5º do Decreto-Lei nº 406/74 e alterar o trajecto com fundamento na necessidade de manutenção da ordem pública, da liberdade de trânsito e de trabalho, e de respeito pelo

descanso dos cidadãos, devendo as ordens de alteração aos trajectos ou desfiles ser transmitidas ao órgão competente do partido político (candidato) interessado e comunicadas à CNE.»

Por autoridades administrativas competentes em matéria eleitoral deve entender-se governadores civis na área das sedes dos distritos e presidentes das Câmaras nas demais localidades.

3.«As autoridades administrativas, e os governadores civis em particular, não têm competência para regulamentar o exercício das liberdades públicas e em especial o exercício da liberdade de reunião. O artº 9º do Decreto-Lei nº 406/74 tem de ser entendido como conferindo um dever de indicar recintos para reuniões que ampliem as possibilidades materiais do exercício de tal direito.

Não pode, pois, ser interpretado no sentido de permitir a limitação de direitos por autoridades administrativas, sob pena de, nessa hipótese, ter de ser considerado como violando o artº 18º nº 2 da C.R.P..

4. «São ilegais as limitações que visem circunscrever as campanhas eleitorais a um ou dois espaços pré determinados pelas entidades competentes» (Ver relatório de Actividades da Comissão durante o ano de 1988, publicado no Diário da Assembleia da República, Suplemento, de 15.04.89 p.472-(7)).

5. «A realização de espectáculos públicos no âmbito da campanha eleitoral regula-se exclusivamente pelo Decreto-Lei nº 406/74, não sendo necessária qualquer licença policial ou outra».

6. «As sessões de esclarecimento não têm limite de horas quando realizadas em recinto fechado».

V- O direito de reunião não está dependente de licença das autoridades administrativas, mas apenas de comunicação.

O conhecimento a ser dado a essas autoridades serve apenas para que se adoptem medidas de preservação da ordem pública, segurança dos participantes e desvio do tráfego.

VI- Sobre direito de reunião, em geral, tem interesse referir aqui o Acórdão do T.C. nº 132/90, publicado no DR II série de 4.09.90, nomeadamente as alegações apresentadas que suscitam a inconstitucionalidade do nº 1 do artº 2º e o nº 3 do artº 15º do DL nº 406/76 por contrário ao espírito e à letra do artº 45º da C.R.P..

VII- Ver artigos 135º e 136º (ilícito).

Artigo 60º **(Proibição da divulgação de sondagens)**

Desde a data da marcação de eleições até ao dia imediato ao da sua realização é proibida a divulgação de resultados de sondagens ou inquéritos relativos à atitude dos eleitores perante os concorrentes.

Artigo revogado pela Lei nº 31/91, de 20 de Julho (publicação e difusão de sondagens e inquéritos de opinião) que regulamentava esta matéria no seu artº 8º, substituída actualmente pela Lei 10/2000, de 21 de Junho (Regime Jurídico da publicação ou difusão de sondagens e inquéritos de opinião). Ver corpo da lei em vigor em Legislação Complementar e em especial as anotações aos artºs 10º, 11º e 16º.

CAPÍTULO II

PROPAGANDA ELEITORAL

Artigo 61º **(Propaganda eleitoral)**

Entende-se por propaganda eleitoral toda a actividade que vise directa ou indirectamente promover candidaturas, seja dos candidatos, dos partidos políticos, dos titulares dos seus órgãos ou seus agentes ou de quaisquer outras pessoas, nomeadamente a publicação de textos ou imagens que expressem ou reproduzam o conteúdo dessa actividade.

I- Ver notas aos artºs 53º e 54º.

II- **Propaganda eleitoral** é o conjunto de acções de natureza política e publicitária destinadas a influir sobre os eleitores com vista a obter a sua adesão às candidaturas e, em última análise, a conquistar o seu voto. Para além dos comícios, espectáculos, sessões de esclarecimento e outros meios de contacto pessoal com os eleitores são sobretudo importantes as mais ou menos sofisticadas técnicas publicitárias utilizando meios gráficos (cartazes, tarjas, panfletos, cartas, etc.), sonoros e audiovisuais (tempos de antena na TV e rádio).

III- A referência aqui feita a “quaisquer outras pessoas” deve entender-se no quadro definido no artigo 54º nº 1 quando ressalva a “participação activa dos cidadãos” na promoção e realização da campanha eleitoral.

IV- Não existem diferenças de maior nas técnicas e meios propagandísticos utilizados nos países da U.E. durante o período de campanha eleitoral. Contudo, pela curiosidade do facto, não queremos deixar de ressaltar o modo “sui generis” como decorreu a campanha na Alemanha por altura das eleições federais de 1980. Antes do início daquela os partidos com assento no Bundestag Alemão (Parlamento Federal) assinaram um “Convénio de Cavalheirismo” com vista à realização de uma campanha eleitoral cavalheiresca e objectiva.

De acordo com o pacto firmado, ficavam os partidos obrigados a respeitar e cumprir um conjunto de deveres, dos quais destacaremos:

- Renúncia a todo o tipo de insultos e ofensas pessoais;
- Renúncia à difusão de imputações que respeitem aos outros partidos e que sejam utilizados para os difamar;
- Solicitação aos seus filiados para que não retirem nem deteriorem cartazes de outros partidos;
- Limitação de custos da campanha eleitoral.

Alguns afloramentos destas medidas foram já adoptados, parcialmente, no nosso país, pelos partidos políticos quer em matéria de afixação de propaganda quer em termos de contenção de gastos de campanha. Nesse sentido, e tendo em vista as eleições para a AR 2002, a CNE promoveu um encontro com as forças políticas representadas na Assembleia a fim de se estabelecer um conjunto de regras mínimas a seguir na campanha eleitoral, destacando-se o acordo obtido quanto à não utilização de pendões, faixas e tarjas em material plástico.

Para além disso, acordou-se também que nos anúncios de publicidade comercial haverá um escrupuloso cumprimento da lei, isto é, não promovendo os partidos a inserção de mensagens de propaganda nos anúncios das realizações da campanha. (ver, a propósito, nota XIV ao artº 67º e nota X ao artº 72º).

Artigo 62º (Direito de antena)

1. Os partidos políticos e as coligações têm direito de acesso, para propaganda eleitoral, às estações de rádio e televisão públicas e privadas.

2. Durante o período da campanha eleitoral as estações de rádio e de televisão reservam aos partidos políticos e às coligações os seguintes tempos de antena:

a) A Radiotelevisão Portuguesa, S.A., em todos os seus canais, incluindo o internacional, e as estações privadas de televisão:

De segunda-feira a sexta-feira - quinze minutos, entre as 19 e as 22 horas;

Aos sábados e domingos - trinta minutos, entre as 19 e as 22 horas;

b) A Radiodifusão Portuguesa, S.A., em onda média e frequência modulada, ligada a todos os emissores regionais e na emissão internacional:

Sessenta minutos diários, dos quais vinte minutos entre as 7 e as 12 horas, vinte minutos entre as 12 e as 19 horas e vinte minutos entre as 19 e as 24 horas;

c) As estações privadas de radiodifusão de âmbito nacional, em onda média e frequência modulada, ligadas a todos os emissores quando tiverem mais de um:

Sessenta minutos diários, dos quais vinte, entre as 7 e as 12 horas e quarenta, entre as 19 e as 24 horas;

d) As estações privadas de radiodifusão de âmbito regional:

Trinta minutos diários

3. Até dez dias antes da abertura da campanha as estações devem indicar à Comissão Nacional de Eleições o horário previsto para as emissões.

4. As estações de rádio e de televisão registam e arquivam, pelo prazo de um ano, o registo das emissões correspondentes ao exercício do direito de antena.

I - Os nºs 1, 2 e 4 têm redacção dada pela Lei nº 35/95, de 18 de Agosto.

II - Cfr. artigo 40º nº 3 da C.R.P..

III- O tempo de antena anual a que têm direito, nos termos do artº 40º nº 1 da CRP, os partidos políticos e as organizações sindicais, profissionais e representativas das actividades económicas, bem como outras organizações sociais de âmbito nacional, **deverá ser suspenso** no serviço público de televisão (Continente e Regiões Autónomas) e de rádio, um **mês antes da data fixada para o início da campanha eleitoral**.

(Ver artº. 50º da Lei nº 31-A/98, de 14 de Julho - Lei da televisão - e 53º da Lei nº 4/2001, de 23 de Fevereiro - Lei da Rádio -, e ainda para as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, artº 4º respectivamente da Lei nº 26/85, de 13 de Agosto e da Lei nº 28/85 da mesma data).

De realçar que esse tempo de antena anual não constitui publicidade comercial nos termos do artº 72º.

IV- Não contendo a lei qualquer explicitação quanto ao âmbito e formas da «propaganda eleitoral» via televisão ou rádio, deverá entender-se que o «acesso» a que o preceito se refere visará promover todas as formas de propaganda, seja pela actuação directa dos candidatos ou seus representantes, seja pela reprodução de textos ou imagens por si escolhidos.

Por deliberação da CNE de 19.10.79 ficou decidido «que as forças políticas concorrentes pudessem levar material próprio para a propaganda eleitoral na televisão e radiodifusão.

Relativamente aos candidatos que não seguissem esta via, era-lhes assegurada igualdade de meios técnicos e de acesso, quer no tocante à televisão como à rádio».

Não obstante a deliberação da CNE se impor face às exigências do moderno marketing eleitoral, pensa-se que a forma como é veiculada na prática essa propaganda veio introduzir uma relativa desigualdade entre as candidaturas que produzem e utilizam o seu próprio material e aquelas que se atêm à simplicidade do estúdio.

Esta realidade está hoje mais agravada pois, para além das condições que eventualmente sejam disponibilizadas pelo serviço público de televisão e rádio, não se retira da lei qualquer obrigatoriedade para os operadores privados, de criação dessas mesmas condições (reserva de estúdios, locução...).

V- A partir de 1995, altura em que foram introduzidas alterações à Lei da AR e do PR, o direito de antena com fins eleitorais, que já se estendia aos operadores privados de radiodifusão, passou também a abranger, de forma obrigatória, as estações privadas de televisão.

Essa obrigatoriedade foi desde o início contestada pela SIC, que entendeu não observar o legalmente disposto, invocando, em síntese:

- tratar-se de uma imposição, eventualmente inconstitucional, violadora das condições estabelecidas no contrato de concessão celebrado com o Estado;

- não ser exigível aos operadores privados conceder tempo de antena, visto essa ser uma finalidade a prosseguir pelo serviço público de Televisão;

- não ser admissível que o Estado “interfira” na liberdade de programação das estações privadas de TV.

Reconhecendo-se aspectos válidos nesta argumentação, afigura-se contudo que ela esbarra num dado jurídico fundamental, qual seja o de a Constituição no seu artigo 40º n.º 3 consagrar de forma inequívoca que nos períodos eleitorais os concorrentes têm direito a tempos de antena nas estações emissoras de rádio e televisão, de âmbito nacional e regional, não se distinguindo entre o serviço público e as estações privadas (como, aliás, expressamente se faz no n.º 1 da mesma norma). Sufraga a favor deste entendimento os trabalhos preparatórios da revisão constitucional de 1989 - na sequência da qual a norma que vimos citando emergiu com nova redacção no texto constitucional, - trabalhos esses que decorreram quando o aparecimento de operadores privados de televisão era um dado muito previsível que, aliás, condicionou toda a discussão, como se pode verificar através da leitura do DAR II S, n.º 74-RC de 14/02/89 e DAR, I S, n.ºs 72 e 75 de, respectivamente, 29/04/89 e 5/05/89.

Pretendeu, provavelmente o legislador constitucional alargar aos operadores de TV o regime que já vigorava, sem contestação, para os operadores privados de radiodifusão, visando dessa forma, através de um meio comunicacional muito poderoso, proporcionar aos eleitores, ao menos durante um curto período, o maior conhecimento possível sobre as propostas políticas que se confrontam e dessa forma motivá-los a uma participação consciente e esclarecida no acto eleitoral.

Podendo eventualmente afirmar-se, num ponto de vista estritamente liberal, que neste aspecto pontual a CRP será “menos democrática”, não se deixará contudo de reconhecer que numa democracia actualmente a amadurecer o papel pedagógico de todos os agentes de comunicação social é ainda indispensável.

VI- Na RTP o tempo de antena é actualmente transmitido nos seus 4 canais: RTP1, Canal 2, RTP Internacional e RTP África, sendo de ressaltar a importância dos dois últimos canais no esclarecimento e informação dos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro.

VII- No tocante à RDP foi deliberado pela CNE em 8 de Setembro de 1995 que a transmissão dos tempos de antena em onda média e frequência modulada abarcava simultaneamente a Antena 1, 2 e 3.

Tendo presentes as eleições para a AR/95 e quanto à questão de saber se os emissores regionais da RDP estavam igualmente obrigados a emitir tempos de antena, para além daquele que transmitiam em simultâneo quando em cadeia nacional, foi entendido pela CNE naquela mesma data, que o problema se colocava relativamente ao círculo do Porto visto aí concorrer uma força política que não tinha apresentado candidaturas no resto do país.

Como segunda informação oficial, a RDP não possuía emissor regional a abranger a área do Porto, o assunto ficou prejudicado não havendo tempo de antena autónomo nas estações regionais da Radiodifusão Portuguesa.

VIII- Só estão obrigadas a transmitir os tempos de antena dos candidatos as estações privadas de âmbito nacional e regional (art. 40.º n.º 3 da CRP).

No que respeita às estações de radiodifusão de âmbito local, e apesar de não se lhes aplicar o regime dos tempos de antena, tal não significa que fiquem impedidas de emitir programas relativos ao acto eleitoral, desde que respeitem o princípio da igualdade de oportunidades.

IX- As condições técnicas de exercício do direito de antena devem ser fixadas pela CNE tendo sido usual nos últimos actos eleitorais ou referendários, as estações de televisão e as rádios de âmbito nacional elaborarem um conjunto de procedimentos para o exercício do direito de antena pelos partidos políticos e coligações concorrentes que ficam sujeitos a aprovação final da Comissão.

Esses procedimentos dizem respeito a pormenores técnicos, tais como horários de gravação e transcrição dos programas de direito de antena, características dos materiais pré-gravados, procedimentos a seguir em caso de avaria ou falhas de energia eléctrica e termos do acesso ao material de arquivo.

Quanto aos indicativos de abertura e fecho de cada unidade, e dado que a sua ausência era susceptível de provocar confusão junto do eleitorado, recomendou a CNE, às estações de televisão e rádio, por altura do referendo de 28 de Junho, a feitura de separadores identificativos dos partidos políticos e grupos intervenientes, antes da passagem dos respectivos tempos de antena. (cfr. acta de 17.06.98). Note-se que a existência de tais separadores passou a ser exigível no âmbito das regras sobre tempo de antena consagradas na lei eleitoral para os órgãos das autarquias locais (artº 57º nº 3 da LO 1/2001, de 14 de Agosto).

X- Em deliberação tomada a 17.06.98, a CNE concluiu que a não indicação do período de transmissão da alínea d) do presente artigo para as estações privadas de radiodifusão de âmbito regional constituía um caso omissivo, que deve ser preenchido conforme o disposto na alínea c), isto é, ficar compreendido entre o período das 7 horas às 24 horas, por ser injustificável que se pretenda fazer campanha eficaz entre as 24 horas e as 7 horas, período de descanso normal dos cidadãos.

O teor desta deliberação foi de certo modo reiterado pela Procuradoria-Geral da República conforme se pode ler no Parecer nº 2/99, votado na sessão de 6 de Abril de 2000, do seu Conselho Consultivo: “a circunstância de o legislador haver omitido na alínea d) (reporta-se este parecer ao estatuído no artº 58º da Lei do Referendo – Lei nº 15-A/98, de 3 de Abril) qualquer referência a um horário de tempos de antena eleitorais não significa que as estações regionais possam unilateralmente efectuar as transmissões quando o entenderem. Não causa por isso perplexidade que a Comissão tenha no caso exercido as suas competências na matéria socorrendo-se de critérios inspirados na própria lei...”.

A título de curiosidade refira-se que, actualmente, são 7 as estações de rádio nessas condições: Rádio-Press (vulgo TSF), Rádio Regional de Lisboa, SA (Nostalgia), Rádio Altitude, Posto Emissor do Funchal, RDP – Centro Regional da Madeira, Rádio Clube de Angra e Clube Asas do Atlântico.

XI- A não indicação à CNE do horário previsto para as emissões não implica que as estações fiquem desobrigadas de transmitir os tempos de antena, sujeitando-se desse modo às directrizes da Comissão.

Já quanto à alteração do horário no decurso das emissões dos tempos de antena, a Comissão Nacional de Eleições não tem levantado obstáculos, desde que a mesma seja previamente comunicada às diversas candidaturas e naturalmente que seja operada dentro dos parâmetros legalmente previstos (deliberação de 27.12.90).

XII- Ainda sobre os horários de emissão, tem-se constatado, no que aos canais de televisão diz respeito, que todos eles têm praticamente coincidido na hora de emissão dos tempos de antena, indicando, para o efeito, o período que menores prejuízos lhes pode acarretar em termos comerciais, o que significa, neste caso, tratar-se de um período de fraca audiência.

De molde a evitar tal actuação, frustrante dos objectivos subjacentes à divulgação dos tempos de antena, seria desejável obrigar àquela transmissão imediatamente antes ou depois do principal serviço noticioso da noite. (ver notas ao artº 69º).

XIII- Nalguns Estados Comunitários, como a França, a Alemanha e a Holanda o direito de antena resulta da consagração legal ou jurisprudencial, enquanto noutros Estados, como a Grã-Bretanha e a Itália, esta faculdade deriva da mera “praxis”. Na esmagadora maioria dos casos, o direito de antena abrange apenas as estações públicas de radiotelevisão e de radiodifusão, fazendo-se a sua distribuição em função da representação parlamentar existente à data da eleição.

XIV- Nos termos do disposto no nº 4 o material constante das emissões correspondentes ao tempo de antena deve ficar registado e arquivado, pelo prazo de um ano, devendo ser encarada, no futuro, a hipótese da entrega desse material na CNE, o que não só enriqueceria o seu espólio documental sobre material de propaganda, como também a sua concentração numa única entidade facilitaria eventuais estudos neste domínio.

XV - Acerca do direito de antena ver artºs. 226º e 227º do projecto de C.E., que neste último preceito, parece condicionar o tempo de antena nas rádios locais a uma manifestação da vontade por parte daquelas junto da CNE, solução acolhida pela lei do referendo (artº 59º da Lei nº 15-A/98, 3 de Abril).

XVI- Sobre a violação dos deveres das estações de rádio e televisão ver artº 132º e sobre a utilização abusiva do tempo de antena ver artºs 133º e 134º.

Artigo 63º **(Distribuição dos tempos reservados)**

1. Os tempos de emissão reservados pela Radiotelevisão Portuguesa, S.A., pelas estações privadas de televisão, pela Radiodifusão Portuguesa, S.A., ligada a todos os seus emissores e pelas estações privadas de radiodifusão de âmbito nacional são atribuídos, de modo proporcional, aos partidos políticos e coligações que hajam apresentado um mínimo de 25% do número total de candidatos e concorrido em igual percentagem do número total de círculos.

2. Os tempos de emissão reservados pelos emissores internacional e regionais da Radiodifusão Portuguesa, S.A., e pelas estações privadas de âmbito regional são repartidos em igualdade entre os partidos políticos e as coligações que tiverem apresentado candidatos no círculo ou num dos círculos eleitorais cobertos, no todo ou na sua maior parte, pelas respectivas emissões.

3. A Comissão Nacional de Eleições, até três dias antes da abertura da campanha eleitoral, organiza, de acordo com os critérios referidos nos números anteriores, tantas séries de emissões quantos os partidos políticos e as coligações com direito a elas, procedendo-se a sorteio entre os que estiverem colocados em posição idêntica.

I- Os nºs 1 e 2 têm redacção dada pela Lei nº 35/95, de 18 de Agosto.

II- Compete à CNE proceder à distribuição dos tempos de antena (ver artº 5º nº 1 alínea f) da Lei nº 71/78).

III- A distribuição do tempo de antena na RTP, RDP e estações privadas de televisão e radiodifusão de âmbito nacional é feita em proporção do número de candidatos apresentados por cada lista.

Nesse sentido, e tendo presente o disposto nos artºs 12º e 13º nº 1 da presente lei, veio estabelecer-se como limite para o direito de acesso à antena que as forças políticas concorrentes apresentem um mínimo de 58 deputados e concomitantemente concorram a 6 círculos eleitorais.

IV- Os tempos de emissão atrás referidos serão emitidos para todo o território nacional, independentemente dos círculos por onde concorrem os partidos políticos e as coligações.

Face à sugestão feita à CNE para que a distribuição dos tempos de antena na RTP, no tocante às Regiões Autónomas, se fizesse apenas entre os partidos concorrentes àqueles círculos eleitorais, foi deliberado por aquele órgão não satisfazer tal pretensão visto que essa situação não estava contemplada na Lei Eleitoral, nomeadamente neste preceito, que obstava também a uma campanha eleitoral suplementar para aquelas Regiões.

V- Já no que respeita aos tempos de emissão reservados pelos emissores regionais da Radiodifusão Portuguesa e pelas estações privadas de âmbito regional a sua repartição far-se-á em condições de igualdade entre os partidos políticos e as coligações que tiverem apresentado

candidatos no círculo ou num dos círculos eleitorais cobertos, no todo ou na sua maior parte, por aquelas estações.

Ver nota X ao artº 62º.

VI- Tendo em vista o princípio da igualdade de tratamento das candidaturas, a CNE ao organizar o sorteio dos tempos de antena nas estações de rádio de âmbito nacional tem em atenção a destriça dos períodos horários em que os mesmos terão lugar, procedendo a sorteios separados nos períodos obrigatoriamente indicados (v. alíneas b) e c) do nº 2 do artº 62º), evitando dessa forma que haja hipótese de uma candidatura ter a maioria dos seus tempos fora dos períodos considerados de maior audiência.

A este propósito cfr. Acórdão do T.C. nº 165/85, publicado no D.R. II Série de 10.10.85.

VII- Segundo deliberação tomada pela CNE em 10.09.85 a **desistência da lista** de candidatos implica a perda imediata do direito ao tempo de antena posterior à data da sua apresentação.

VIII- A CNE só poderá proceder à distribuição dos tempos de antena após a comunicação pelos tribunais competentes acerca das listas definitivamente admitidas, razão pelo qual se aponta para o prazo máximo de três dias antes da abertura da campanha para o seu sorteio.

Contudo, tem sido prática daquele órgão, comunicar antecipadamente às forças candidatas as fracções de tempo em que serão divididos os tempos globais de cada uma delas, com a finalidade de facilitar a preparação do material que pretendem utilizar.

Por altura das eleições legislativas de 10 de Outubro de 1999, a CNE, tendo presente as alterações à lei eleitoral introduzidas pela Lei nº 35/95, que vieram reduzir, não só o tempo global do direito de antena, como também o tempo diário de emissão e o número de forças concorrentes, deliberou que o sorteio de distribuição dos tempos reservados seria efectuado com base em fracções de 3m para as transmissões nas estações de televisão e de 5m nas estações de rádio (o mesmo critério foi seguido nas eleições legislativas antecipadas de 2002).

Para além destas fracções acresce sempre no último dia de campanha eleitoral uma fracção correspondente ao resto de tempo de antena a que as listas tenham direito.

IX- Ver artº 132º.

Artigo 64º

(Publicações de carácter jornalístico)

1. As publicações noticiosas diárias ou não diárias de periodicidade inferior a quinze dias que pretendam inserir matéria respeitante à campanha eleitoral devem comunicá-lo à Comissão Nacional de Eleições até três dias antes da abertura da campanha eleitoral.

2. Essas publicações devem dar tratamento jornalístico não discriminatório às diversas candidaturas, nos termos do Decreto-Lei nº 85-D/75, de 26 de Fevereiro e demais legislação aplicável.

3. O disposto no nº 1 não se aplica à imprensa estatizada, que deve inserir sempre matéria respeitante à campanha eleitoral e cumprir, para efeito de igualdade de tratamento, o preceituado na legislação referida no número anterior.

4. As publicações referidas no nº1, que não tenham feito a comunicação ali prevista, não podem inserir propaganda eleitoral, mas apenas a matéria que eventualmente lhes seja enviada pela Comissão Nacional de Eleições.

I- Segundo o entendimento perfilhado pela CNE em 03.01.86 o espírito da lei vai no sentido de abranger as publicações noticiosas quinzenais.

II- Ver o Decreto-Lei nº 85-D/75, de 26 de Fevereiro, que considera **matéria relativa à campanha** as notícias, reportagens, a informação sobre as bases programáticas das candidaturas, as matérias de opinião, análise política ou de criação jornalística, a publicidade comercial de realizações, etc...

Às notícias ou reportagens de factos ou acontecimentos de idêntica importância deve corresponder um relevo jornalístico semelhante. A parte noticiosa ou informativa não pode incluir comentários ou juízos de valor, não estando contudo proibida a inserção de matéria de opinião, cujo espaço ocupado não pode exceder o que é dedicado à parte noticiosa e de reportagem e com um mesmo tratamento jornalístico.

III- Ver artº 113º nº 3 alínea b) da CRP que consagra o princípio da igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas, o que importa para as entidades jornalísticas o dever de tratar de forma igual, e sem discriminações, todas as candidaturas bem como as iniciativas que levarem a cabo, sem dar maior relevo a umas em detrimento de outras, com o fundamento, designadamente, na pretensão maior valia de uma delas (ver notas ao artº 56º).

IV- Relativamente ao nº 3 deve referir-se que ele é no momento uma norma sem aplicação, atento o facto de não haver imprensa estatizada. Existem, contudo, publicações informativas de carácter jornalístico pertencentes a entidades públicas ou delas dependentes que estando, pela sua própria essência, vinculadas aos princípios da igualdade e da neutralidade e imparcialidade (v. anotações aos artºs 56º e 57º) não carecem de comunicar à CNE a pretensão de inserir matéria respeitante à campanha eleitoral, devendo sempre assegurar a igualdade de tratamento às candidaturas em presença.

V- O princípio ora em análise assume tal importância no desenrolar do processo eleitoral, que se pretende seja isento e igualitário para todas as partes nele envolvidas, o que levou a CNE, logo após a marcação das eleições regionais 2000, a divulgar a seguinte deliberação, passando-se a transcrever os principais pontos, inteiramente aplicáveis às eleições legislativas:

...“1. As diversas candidaturas concorrentes devem ser tratadas de forma isenta e imparcial, de modo a que todas exerçam os seus direitos em perfeita igualdade de condições;
2. Espera-se que os órgãos de comunicação social, de âmbito regional ou nacional, enquanto meios de informação e formação da opinião pública, observem escrupulosamente o princípio do tratamento não discriminatório das candidaturas, devendo dar a notícias ou acontecimentos de idêntica importância relevo jornalístico semelhante;
3. De igual modo, as matérias de opinião, análise ou criação jornalística não devem assumir uma forma directa ou indirecta de propaganda de certas candidaturas em detrimento de outras;
4. Os candidatos que sejam titulares de cargos públicos ou agentes do Estado devem abster-se, na campanha eleitoral, de intervir nessa qualidade, e espera-se que os órgãos de comunicação social tenham esse facto em consideração;
5. A cobertura noticiosa de actos do governo e a divulgação de notas oficiais devem ser feitas por forma a salvaguardar o tratamento não discriminatório das diversas candidaturas e circunscrever-se às situações previstas na lei, quando “(...) pela sua natureza justifiquem a necessidade de informação oficial pronta e generalizada, designadamente quando se refiram a situações de perigo para a saúde pública, à segurança dos cidadãos ou outras situações de emergência (...)....”

VI- Apesar da terminologia utilizada no nº 1 e no nº 4 deste preceito ser diferente, uma vez que se fala, respectivamente em “inserir matéria respeitante à campanha eleitoral” e “inserir propaganda eleitoral”, julga-se haver neste caso identidade de conceitos, estando explícito na nota II o que se considera por matéria relativa à campanha.

VII- As publicações referidas no nº 1 deste preceito que não tenham feito a comunicação ali prevista não poderão inserir matéria respeitante à campanha eleitoral mas apenas aquela que eventualmente lhes seja enviada pela CNE.

VIII- Esta norma é de nulo efeito prático relativamente à miríade de jornais de âmbito local, agindo a CNE casuisticamente quando instada por qualquer queixa.

IX- O disposto no presente artigo não é aplicável às publicações de carácter jornalístico que sejam propriedade de partidos políticos, o que deverá constar expressamente no respectivo cabeçalho (ver artº 70º).

X- As infracções cometidas no âmbito do Decreto-Lei nº 85-D/75 serão punidas nos termos do seu artº 13º.

Artigo 65º **(Salas de espectáculos)**

1. Os proprietários de salas de espectáculos ou de outros recintos de normal utilização pública que reúnam condições para serem utilizados na campanha eleitoral devem declará-lo ao governador civil do distrito, ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República, até dez dias antes da abertura da campanha eleitoral, indicando as datas e horas em que as salas ou recintos podem ser utilizados para aquele fim. Na falta de declaração ou em caso de comprovada carência, o governador civil ou o Ministro da República podem requisitar as salas e os recintos que considerem necessários à campanha eleitoral, sem prejuízo da actividade normal e programada para os mesmos.

2. O tempo destinado a propaganda eleitoral, nos termos do número anterior, é repartido igualmente pelos partidos políticos e coligações que o desejem e tenham apresentado candidaturas no círculo onde se situar a sala.

3. Até três dias antes da abertura da campanha eleitoral, o governador civil, ou o Ministro da República, ouvidos os mandatários das listas, indica os dias e as horas atribuídos a cada partido e coligação de modo a assegurar a igualdade entre todos.

I- O Governador Civil ou o Ministro da República deve assegurar os recintos necessários e adequados ao desenvolvimento normal da campanha dispondo para o efeito dos poderes necessários. Em todo o caso, a requisição de salas de espectáculo ou de recintos públicos deverá ser feita em tempo útil, de modo a permitir a realização de iniciativas integradas na campanha.

II- Segundo entendimento da CNE os clubes desportivos não estão obrigados a ceder as suas instalações para fins da campanha eleitoral, ficando contudo sujeitos, se for caso disso, à sua requisição pelo G.C. ou M.R.

III- Segundo deliberação da CNE de 9/12/82 estas autoridades devem promover o **sorteio** das salas de espectáculo entre candidaturas que pretendam a sua utilização para o mesmo dia e hora, **não relevando**, nesta matéria, **a prioridade da entrada de pedidos**. Já em 1995 a Comissão, em deliberação de 19 de Setembro, reiterou este entendimento e precisou que “ o sorteio terá aplicação às reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos ou abertos ao público requeridos até ao momento em que o Governador Civil, nos termos do artigo 65.º n.º 3 da Lei n.º 14/79, de 16 de Maio, ouve os mandatários das listas” (ou candidaturas).

IV- Nos termos do art. 5º nº 1 alínea g) da Lei nº 71/78 (lei da CNE) compete a este órgão decidir os recursos que os mandatários das listas e os partidos interpuserem das decisões do Governador Civil ou, no caso das regiões autónomas, do Ministro da República, relativas à utilização das salas de espectáculos e dos recintos públicos.

De referir a este propósito as conclusões do Acórdão do TC nº 19/86, publicado no DR II série de 24.04.86, que apesar de tratar de um recurso suscitado por altura das eleições presidenciais de 1986 é aplicável a qualquer outro processo eleitoral:

...”o acto pelo qual o GC ou o MR decide os casos de utilização das salas de espectáculo e dos recintos públicos pelas diversas candidaturas à Presidência da República não é um acto definitivo, havendo lugar a recurso para a CNE.

Decorre daí que havendo superintendência da CNE sobre as decisões do GC e do MR nesta matéria, não possa haver recurso directo para o TC, porque só a decisão da CNE, para a qual a lei manda recorrer, constitui acto definitivo contenciosamente impugnável.”

V- No que concerne aos encargos resultantes da utilização de salas de espectáculo, ver nºs 5 e 6 do artº 69º.

VI- Com referência ao ilícito, cfr. artº 137º.

Artigo 66º **(Propaganda gráfica e sonora)**

1. As juntas de freguesia devem estabelecer, até três dias antes do início da campanha eleitoral, espaços especiais em locais certos destinados à afixação de cartazes, fotografias, jornais murais, manifestos e avisos.

2. Os espaços reservados nos locais previstos no número anterior devem ser tantos quantas as listas de candidatos propostas à eleição pelo círculo.

3. A afixação de cartazes e a propaganda sonora não carecem de autorização nem de comunicação às autoridades administrativas.

4. Não é permitida a afixação de cartazes nem a realização de inscrições ou pinturas murais em monumentos nacionais, nos edifícios religiosos, nos edifícios sede de órgãos de soberania, de regiões autónomas ou do poder local, nos sinais de trânsito ou placas de sinalização rodoviária, no interior de quaisquer repartições ou edifícios públicos ou franqueados ao público, incluindo os estabelecimentos comerciais.

I- A actividade de propaganda político-partidária, seja qual for o meio utilizado, pode ser desenvolvida livremente fora ou dentro dos períodos de campanha, com ressalva das proibições e limitações expressamente previstas na lei.

Decorrendo do direito fundamental da liberdade de expressão e pensamento, o princípio constitucional da liberdade de acção e propaganda (cfr artº 37º nº 1 e 113º nº 3 alíneas a) e b), da CRP) não está limitado aos períodos eleitorais, é directamente aplicável e vincula as entidades públicas e privadas, só podendo sofrer restrições, necessariamente por via de lei geral e abstracta e sem efeito retroactivo, nos casos previstos na Constituição e “devendo as restrições limitar-se ao necessário para salvaguardar outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos” (artº 18º da CRP).

A liberdade de propaganda política, tenha ou não cariz eleitoral ou de apelo ao voto, vigora, pois, tanto durante a campanha como fora dela, residindo a diferença no **grau de protecção** do exercício das iniciativas de propaganda, que é maior, face à lei, no decurso da campanha eleitoral.

II- A matéria relativa à propaganda gráfica deverá ser vista, supletivamente, à luz da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto, (ver em Legislação Complementar), subordinada à epígrafe «Afixação e inscrição de mensagens publicitárias e de propaganda» e que veio definir as condições básicas e os critérios de exercício das actividades de propaganda, tendo atribuído às C.M. a competência para ordenarem e promoverem a remoção dos meios e mensagens de propaganda política em determinados condicionalismos (Ver nota VIII ao presente artigo).

Com a entrada em vigor da Lei nº 97/88 procurou-se equilibrar dois interesses: o do direito à «expressão livre do pensamento» (artº 37º nº 1 da CRP) e o da defesa e preservação do património e do ambiente (artº 66º nº 2 alínea c) da CRP).

Para além de estabelecer proibições (artº 4º nº 2), esta lei fixou igualmente limites à liberdade de propaganda, quais sejam, a afixação em propriedade particular que passa a depender de consentimento do proprietário (artº 3º nº 2).

O poder que o legislador concedeu aos particulares para a defesa da sua propriedade privada, não pode ser sub-rogado na administração autárquica que não tem competência para remover tal propaganda.

Nos termos do seu artº 11º, a edição de actos normativos de natureza regulamentar, necessários à sua execução, compete à assembleia municipal, por iniciativa própria ou por proposta da CM.

Refira-se, a propósito, que parece inútil a existência de regulamento em matéria eleitoral, se este se reduzir a uma sobreposição relativamente à Lei 97/88, 17 Agosto. Por outro lado, se o mesmo a contrariar, há sempre o perigo de ficar ferido de inconstitucionalidade, uma vez que a mencionada lei, na parte que versa sobre o exercício da liberdade de expressão, é matéria da competência absoluta da Assembleia da República. (v. deliberação da CNE de 06.07.2004).

III- Como achega à correcta definição dos vários conceitos presentes nesta matéria e que são por vezes confundidos, dir-se-á que se entende por:

- **Mensagens de publicidade** - toda a divulgação que vise dirigir a atenção do público para um determinado bem ou serviço de natureza comercial com o fim de promover a sua aquisição;

- **Mensagens de propaganda** - toda a divulgação de natureza ideológica, designadamente, a referente a entidades e organizações políticas, sociais, profissionais, religiosas, culturais, desportivas e recreativas;

- **Propaganda eleitoral** - toda a actividade que vise directa ou indirectamente promover as candidaturas, seja a actividade dos candidatos, dos partidos políticos, dos titulares dos seus órgãos ou seus agentes, de grupos de cidadãos proponentes ou de quaisquer outras pessoas, bem como a publicação de textos ou imagens que expressem ou reproduzam o conteúdo dessa actividade.

IV- Sobre a Lei nº 97/88 deve-se consultar o Acórdão do TC nº 636/95, publicado no DR II série, nº 297, de 27/12/95, que conclui pela não inconstitucionalidade das normas dos artºs 3º nº 1, 4º nº 1, 5º nº 1, 6º nº1, 7º, 9º e 10º nºs 2 e 3 do atrás mencionado diploma.

Da sua leitura retira-se, na parte que interessa, a seguinte doutrina:

«Sobre a caracterização jurídico-constitucional da liberdade de propaganda política»

...”...este direito apresenta uma dimensão essencial de defesa ou liberdade negativa: é, desde logo, um direito ao não impedimento de acções, uma posição subjectiva fundamental que reclama espaços de decisões livres de interferências, estaduais ou privadas...”

«A norma do artigo 3º nº 1, da Lei nº 97/88»

...”...do enunciado da norma do artº 3º, nº 1, aqui em apreço, e do seu contexto de sentido, não pode derivar-se um qualquer sentido de limitação do exercício da liberdade de propaganda constitucionalmente consagrada. E não pode porque essa norma está aí tão-só a desenvolver a funcionalidade de imposição de um dever às câmaras municipais.

Este dever de disponibilização de espaços e lugares públicos para afixação ou inscrição de mensagens de propaganda - que radica, afinal, na dimensão institucional desta liberdade e na corresponsabilização das entidades públicas na promoção do seu exercício - não está, por qualquer modo, a diminuir a extensão objectiva do direito...” ”...Essas determinações - que...se dirigem aos titulares do direito e ordenam o seu exercício - não teriam, com efeito, sentido se, à partida, esse mesmo exercício houvesse de confinar-se (e, assim, de ser pré-determinado) aos espaços e lugares públicos disponibilizados pelas câmaras municipais...”

«A norma do artigo 4º nº 1, da Lei nº 97/88»

...”...o artigo 4º não se dirige às câmaras municipais nem, pois, a uma sua qualquer actividade regulamentar. O que a lei aí faz é ordenar por objectivos a actuação de diferentes entidades: das câmaras municipais, quanto aos critérios de licenciamento de publicidade (o que não está em questão), e dos sujeitos privados, quanto ao exercício da propaganda....”

«A norma do artigo 5º nº 1, da Lei nº 97/88»

...”...O procedimento de obtenção de licenças de obras de construção civil implicadas em certos meios de propaganda tem que ver com uma realidade própria que a norma devolve aos «termos da legislação aplicável». Já não é pois o facto-propaganda que a norma está ali a regular, mas um outro que com ela entra em relação ocasional, consistente na execução de obras de construção civil....”...o licenciamento não é um acto administrativo desvinculado da lei...(cf. o Decreto-Lei

nº 455/91, de 20 de Novembro, e, designadamente, a enumeração taxativa dos casos de indeferimento previstos no artigo 63º)...”

«A norma do artigo 7º nº 1, da Lei nº 97/88»

...”...O dever de os órgãos autárquicos organizarem os espaços de propaganda surge então vinculado à directiva constitucional de asseguramento das condições de igualdade e universalidade constitutivas do sufrágio. Afora isto, subentram aqui as considerações que sobre a norma do artigo 3º...se deixaram antes expendidas...”

V- Os órgãos executivos autárquicos não têm competência para regulamentar o exercício da liberdade de propaganda e não podem mandar retirar cartazes, pendões ou outro material de propaganda gráfica, assim como concomitantemente, as autoridades policiais se devem abster de impedir o exercício dessa actividade política, no desenvolvimento de direitos fundamentais dos cidadãos. Nesse sentido, prescreve a lei, que a aposição de mensagens de propaganda, seja qual for o meio utilizado, não carece de autorização, licenciamento prévio ou comunicação às autoridades administrativas, sob pena de se estar a sujeitar o exercício de um direito fundamental a um intolerável acto prévio e casuístico de licenciamento que, exactamente por ser arbitrário, pode conduzir a discriminações e situações de desigualdade das forças políticas intervenientes (cfr. Parecer nº 1/89 da Procuradoria-Geral da República, publicado no DR II Série de 16.6.89 e Acórdão do TC nº 307/88, de 21 de Janeiro).

VI- Para além das juntas de freguesia, devem também as câmaras municipais colocar à disposição das forças intervenientes espaços especialmente destinados à afixação da sua propaganda (cfr. artº 7º da Lei nº 97/88).

Esta obrigação não significa, segundo deliberação da CNE, que às forças políticas e sociais apenas seja possível afixar propaganda nos citados espaços.

A liberdade de expressão garante um direito de manifestar o próprio pensamento, bem como o da livre utilização dos meios, através dos quais, esse pensamento pode ser difundido. Por isso, os espaços postos à disposição pelas C.M., no âmbito da Lei nº 97/88, e pelas J.F., como aqui se preceitua, constituem **meios e locais adicionais** para a propaganda.

É que, a não ser assim considerado, poder-se-ia cair na situação insólita de ficar proibida a propaganda num concelho ou localidade, só porque a C.M. ou a J.F. não tinham colocado à disposição das forças intervenientes espaços para a afixação material de propaganda (cfr. acta de 30.09.97).

VII- As forças políticas e os órgãos autárquicos nem sempre têm demonstrado a melhor compreensão na aplicação concreta desta lei, facto que tem originado inúmeras queixas junto da CNE, que foi levada a intervir ao longo de vários processos eleitorais para salvaguarda dos princípios da liberdade de oportunidades de acção e propaganda das candidaturas (artº 5º nº 1 alínea d) da Lei 71/78).

Nesse sentido foram emanadas várias deliberações destacando-se, através de extracto, as seguintes:

1. «Para além dos locais expressamente proibidos nos termos do artº 66º nº 4 da Lei nº 14/79 e artº 4º nº 2 da Lei 97/88 (...«monumentos nacionais, edifícios religiosos, sedes de órgãos de soberania, de regiões autónomas ou de autarquias locais, tal como em sinais de trânsito, placas de sinalização rodoviária, interior de quaisquer repartições ou edifícios públicos ou franqueados ao público, incluindo estabelecimentos comerciais e centros históricos...), a afixação ou inscrição de mensagens de propaganda é livre devendo respeitar-se as normas em vigor sobre protecção do património arquitectónico e do meio urbanístico, ambiental e paisagístico, dependendo do consentimento do respectivo proprietário ou possuidor quando se trate de propriedade particular»

2. «As autoridades administrativas não podem proibir a afixação de propaganda em propriedade particular nem proceder à destruição de propaganda nela afixada, incorrendo na pena prevista no artº 139º nº 1 desta Lei os que causarem dano material na propaganda eleitoral afixada».

3. «Os meios móveis de propaganda partidária, nomeadamente as bancas dos partidos e coligações, para venda ou distribuição de materiais de propaganda política, não estão sujeitos a qualquer licenciamento prévio nem podem ser objecto de qualquer restrição ou regulamento por parte das autoridades administrativas, designadamente Câmaras Municipais ou Governos Cívicos.».

4. «Os executivos autárquicos podem não consentir e, por isso, limitar a afixação de propaganda apenas, mediante fundamentação concreta, nos casos expressamente previstos na lei.

É necessário justificar e indicar concretamente as razões pelas quais o exercício da actividade de propaganda não obedece, em determinado local ou edifício, aos requisitos previstos na lei. E mesmo neste caso não podem os órgãos executivos autárquicos mandar remover material de propaganda gráfica colocado em locais classificados ou proibidos por lei sem primeiro notificar e ouvir as forças partidárias envolvidas (artºs 5º nº 2 e 6º nº 2, da referida Lei nº 97/88.».

5. «No caso de os imóveis afectados estarem classificados como monumentos nacionais ou se situarem em zonas históricas como tal oficialmente declaradas (reconhecimento feito pelo IPPAR), a colocação de pendões configurará a não observância não já de mera limitação mas, sim, da proibição absoluta constante do nº 2 do artº 4º da Lei nº 97/88.

Trata-se da protecção de zonas e prédios que pela sua dignidade política e estatuto constitucional ou pelo seu valor histórico e cultural devem ser preservadas da afixação de qualquer propaganda»

6. «O artº 4º da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto, proíbe a propaganda em locais que prejudiquem a beleza ou o enquadramento de monumentos nacionais - nº 1, alínea b) – e em monumentos e centros históricos como tal declarados ao abrigo da competente regulamentação urbanística - nº 2.

Existem locais abrangidos pelas zonas de protecção de imóveis assim classificados pela Lei nº 13/85, de 6 de Junho. Esta lei descreve, no seu artº 8º, o “monumento”, distinguindo-o do “conjunto” e do “sítio”, o que tudo constitui o imóvel que poderá ser protegido nos termos do artº 23º dessa mesma lei. Ora, a citada Lei nº 97/88 refere somente o monumento, distinguindo-o, no seu nº 2, dos locais que afectam a sua beleza ou enquadramento».

7. «O artº 4º nº 1 da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto, admite que o exercício do direito constitucional de difusão de propaganda eleitoral possa causar alguns prejuízos na medida em que a alínea c) do atrás mencionado preceito apenas contempla o escopo de o exercício da actividade de propaganda “não cause prejuízos”».

8. «As C.M. podem, nos termos do artº 4º da Lei nº 97/88, não permitir a colocação de painéis de propaganda eleitoral em local onde irá realizar obras, por poderem causar prejuízos a essas obras, desde que essa não permissão seja feita para todas as forças políticas. Se a razão dessa não permissão é o prejuízo para as obras que realiza, não pode a Câmara colocar outros painéis, inclusive de publicidade da obra, a não ser que se trate de obra participada pelo FEDER».

9. «Sobre a colocação de suportes de propaganda em postes de iluminação pública parece poder inferir-se que cabe à empresa responsável pela distribuição de electricidade aferir do perigo que os mesmos possam apresentar para a segurança das pessoas ou das coisas. Porém, é exigência legal que os proprietários da propaganda sejam formalmente notificados para removerem os cartazes indicando-se os fundamentos concretos que determinam essa necessidade. E só depois de decorrido o prazo para a força política retirar esses meios de propaganda, poderá a empresa removê-los».

10. «Nas áreas de jurisdição da Junta Autónoma das Estradas, e quando se verificar existir perigo para a circulação rodoviária, segundo critério uniforme não dependente do entendimento individualizado de cada direcção regional, deverá aquela entidade notificar, fundamentadamente, os partidos que tenham colocado propaganda político-eleitoral nessas condições para procederem à respectiva remoção».

11. «É proibida a implantação de tabuletas, anúncios, reclames, com ou sem carácter comercial, a menos de 100 metros do limite da zona das estradas regionais (cfr. Artº 5º nº 2 alínea n) e alínea l do nº 1 do artº 9º do Decreto Legislativo Regional nº 15/93/M, de 4 de Setembro, na redacção dada pelo DLR nº 10/96/M, de 4 de Julho)».

Também o Decreto-Lei nº 105/98, de 24 de Abril, alterado pelo DL nº 166/99, de 13 de Maio proíbe a afixação ou inscrição de publicidade e respectivos suportes fora dos aglomerados urbanos e visíveis da rede nacional fundamental e complementar de estradas.

12. «A afixação de um cartaz não identificando o partido que o colocou, não põe esse partido em igualdade de condições com os restantes nem assegura o completo esclarecimento dos eleitores (...). Assim sendo, não goza ele da protecção concedida ao material eleitoral».

13. «Para que um edifício seja sede de uma qualquer pessoa pública, nomeadamente, de órgão de autarquia local é necessário que aí funcionem os seus serviços.

...Os imóveis pertencentes ao domínio privado de uma câmara municipal estão sujeitos, em tudo o que não for contrariado por disposições administrativas específicas, ao regime jurídico da propriedade particular. Nesse sentido, a afixação ou inscrição de mensagens de propaganda depende do consentimento do respectivo proprietário ou possuidor (artº 3º da Lei nº 97/88)».

VIII- A colocação de meios amovíveis de propaganda em lugar público não carece de licenciamento por parte das autoridades administrativas, não podendo contudo a sua localização ferir os princípios estabelecidos no artº 4º da Lei 97/88 (a este propósito leia-se o Acórdão do TC n.º 525/89, publicado no DR II série de 22.03.90).

Atendendo à multiplicação de reclamações contra a remoção de meios amovíveis de propaganda e à notória insuficiência dos fundamentos aduzidos pelas câmaras municipais para consumação desses actos, a CNE, por altura das eleições para o Parlamento Europeu de 13 de Junho de 2004, viu-se obrigada a prestar os necessários esclarecimentos juntos dos vários intervenientes eleitorais, nos seguintes termos:

“1.- A afixação de mensagens de propaganda eleitoral é livre, não carecendo de licença prévia, por parte das autoridades administrativas. Quando o meio utilizado envolva a execução de obras de construção civil, apenas estas estão sujeitas a licenciamento, nos termos gerais.

2.- Os espaços de propaganda que as câmaras municipais devem colocar à disposição das forças concorrentes são meios adicionais, não impedindo a utilização de outras formas e espaços de propaganda que as forças partidárias entendam utilizar.

3.- Da conjugação das disposições da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto (Afixação e Inscrição de mensagens de publicidade e propaganda) com as da Lei 169/99, de 18 de Setembro (Estabelece o quadro de competências e regime jurídico de funcionamento dos órgãos dos municípios e das freguesias), os presidentes de câmara não têm, em matéria de propaganda política e eleitoral, competência legal para a prática de outros actos que não sejam de mera execução, salvo nos casos previstos no nº 3 do artigo 68º da citada Lei 169/99.

4.- No exercício dos seus poderes de gestão dos bens do domínio privado dos municípios, as câmaras municipais e os seus presidentes não se encontram, em matéria de propaganda política e eleitoral, eximidos da obrigação de promoverem os fins públicos, gerais ou específicos, e de observarem as formalidades aplicáveis à administração do estado *latu sensu* e, sobretudo, da observância estrita dos deveres gerais de independência e neutralidade.

5.- Sempre que ocorra afixação ou inscrição de mensagens de propaganda ainda que em violação do nº 2 do artigo 4º da Lei 97/88, não podem os órgãos executivos autárquicos mandar remover matéria de propaganda sem primeiro **notificar e ouvir as forças partidárias envolvidas**.

6.- As câmaras municipais só podem remover meios amovíveis de propaganda política e eleitoral que não respeitem o disposto no nº 1 do artigo 4º da Lei 97/88 quando tal for determinado por tribunal competente ou os interessados, depois de ouvidos e com eles fixados os prazos e condições de remoção, o não façam naqueles prazos e condições, sem prejuízo do direito de recurso que a estes assista.

7.- Os actos pelos quais as câmaras municipais ordenarem a remoção ou destruição de propaganda devem ser fundamentados nos termos gerais de direito relativamente a cada meio de propaganda cuja destruição ou remoção seja ordenada e, quando praticados pelos seus presidentes nas condições referidas em 3º *in fine*, deve igualmente ser fundamentado o estado de emergência e, a seu tempo, feita prova de que o assunto foi submetido à primeira reunião de câmara subsequente.

8.- Excepcionalmente poderão ser removidos meios amovíveis de propaganda que afectem directa e comprovadamente a segurança das pessoas ou das coisas, constituindo perigo eminente cuja conjuração se revele incompatível com a observância das formalidades legais, sem prejuízo da imediata notificação dos interessados.

9.- A afixação em propriedade privada depende, única e exclusivamente, do consentimento do respectivo proprietário ou possuidor. Caso não se verifique consentimento e, entretanto, tenha sido afixado ou colocado qualquer material de propaganda, podem aqueles inutilizá-lo.

Nesse sentido, por iniciativa de particulares e a seu pedido, podem as câmaras municipais destruir, rasgar ou por qualquer forma inutilizar cartazes e outros suportes afixados ou colocados em locais de que sejam proprietários ou possuidores os particulares, os quais serão susceptíveis de ressarcimento nos termos do artigo 9º da Lei 97/88.”

IX- Na sequência de uma queixa apresentada à CNE acerca da destruição de propaganda eleitoral por uma empresa proprietária de postes que se encontravam na **via pública**, foi entendido por aquele órgão que tal acto constituía ilícito eleitoral.

X- Em sessão de 04/05/99, a CNE, apreciando uma exposição enviada pela Câmara Municipal de Lisboa, considerou, relativamente a todos os municípios, que os **equipamentos urbanos** (vidrões, ecopontos, papeleiras) não se incluem na categoria de espaços e locais adequados para afixação de propaganda.

XI- Por altura das eleições legislativas de 2002, foi muito questionada a utilização de fotografias de crianças em cartazes de propaganda. Chamada a pronunciar-se, a CNE, em sessão de 05.03.02, verificou existir de facto um vazio na lei, no sentido em que o legislador não legislou especificamente sobre esta matéria. Encontra-se apenas o art. 14º n.º 2 do Código da Publicidade que refere que, “os menores só podem ser intervenientes principais nas mensagens publicitárias em que se verifique existir uma relação directa entre eles e o produto ou serviço veiculado”.

É verdade que as crianças não dispõem de capacidade eleitoral activa pelo que não serão destinatários da propaganda. No entanto, as disposições normativas do Código da Publicidade não se aplicam à propaganda política. É entendimento de direito que aquilo que não é proibido pela lei entende-se permitido. Não se poderá impedir este género de propaganda política enquanto não se tiver o apoio da lei para o fazer.

XII- Na mesma altura e relativamente a propaganda eleitoral em centros comerciais, deliberou a CNE, em plenário de 26.02.2002, o seguinte: “a distribuição de propaganda em locais abertos ao público, no caso os centros comerciais, independentemente das áreas de utilização comum serem no interior ou exterior dos mesmos, não parece diminuir sensivelmente a extensão e o alcance do conteúdo essencial do princípio da propriedade privada. Pelo contrário, vedar essa possibilidade parece coarctar de forma excessiva o princípio da liberdade de propaganda, pelo que este deve prevalecer sobre o primeiro.”

XIII- A presente lei não fixa limite de horas para a propaganda sonora, à excepção do consignado no direito de reunião (cfr. artº 59º alínea g).

Sobre tal assunto, refira-se que a solução consagrada na lei do referendo (artº 50º Lei nº 15-A/98, de 3 de Maio) não admite propaganda sonora antes das 7 nem depois das 23 horas, limites estes não acolhidos na actual Lei Eleitoral para os órgãos das autarquias locais que estipula a proibição deste tipo de propaganda antes das 9 e depois das 22 horas (v. artº 44º da LEOAL 1/2001, 14 Agosto).

XIV- Cabe às câmaras municipais e/ou aos governadores civis e sem prejuízo dos poderes das autoridades policiais a competência para fiscalizar os limites impostos à propaganda sonora, nomeadamente quanto aos níveis de ruído, conforme decorre do DL nº 292/2000, de 14 de Novembro (Regime Legal sobre a poluição sonora).

XV- O uso de autocolantes ou de outros elementos que induzam a opção de voto dentro dos locais de trabalho é questão melindrosa que em princípio cabe aos órgãos dirigentes da cada empresa ou serviço decidir, havendo contudo quem expressamente já tenha defendido que à excepção dos trabalhadores que estejam em contacto com o público, não deveria restringir-se o direito à livre exibição de tais elementos.

A afixação de cartazes ou de outras formas de propaganda no interior dos locais de trabalho só deve ser permitida em locais de convívio exclusivamente reservados aos trabalhadores.

Este último ponto encontra-se, aliás, contemplado no nº 2 do artº 219º do projecto de C.E. e bem assim no artº 51º da Lei do Referendo e artº 45º nº 2 da LEOAL.

XVI- Sobre os materiais proibidos na afixação ou inscrição de propaganda, ver artº 4º nº 2 da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto, na redacção dada pela Lei nº 23/2000, de 23 de Agosto e sua anotação.

XVII- Para além das acções de propaganda atrás referidas, (comícios e reuniões públicas, cartazes...) tem sido ultimamente utilizado pelas forças políticas o envio, por “mailing”, de postais ou folhetos de propaganda.

Em Portugal os custos de propaganda postal são suportados pelas candidaturas, ao contrário do que acontece noutros países, nomeadamente em Inglaterra, onde o Estado isenta de franquia postal tal tipo de propaganda.

O artº 239º do projecto de Código Eleitoral vem a consignar a isenção de franquia postal mas apenas em relação ao envio de uma circular de propaganda para os eleitores recenseados no estrangeiro.

Refira-se, aliás, que a via postal parece ser a única via a utilizar pelas candidaturas e/ou partidos que as apoiam devido não só a constrangimentos impostos a esse nível pelo país onde residem, mas também porque, mesmo nos casos excepcionais de permissão, nunca os tribunais portugueses teriam competência para avaliar sobre a legalidade dessas campanhas eleitorais.

Nesse sentido, ver artigos 3º e 4º do Decreto-Lei nº 95-C/76, de 30 de Janeiro.

XVIII- Ver artºs 138º, 139º e 140º (ilícito eleitoral)

Artigo 67º

(Utilização em comum ou troca)

Os partidos políticos e as coligações podem acordar na utilização em comum ou na troca entre si de tempo de emissão ou espaço de publicação que lhes pertençam ou das salas de espectáculos cujo uso lhes seja atribuído.

I- Com a distribuição e sorteio dos tempos de antena (artº 63º) e das salas de espectáculos e recintos públicos (artºs 65º e 68º), os candidatos adquirem imediatamente o direito à sua utilização, direito esse que pode ou não ser exercido, pode ser objecto de troca ou de utilização comum, exceptuando-se a cedência de tais «espaços» por uma candidatura a outra em regime de acumulação, por configurar, face ao princípio da igualdade de oportunidades e de tratamento, um acrescentamento ilícito a favor de uma candidatura.

II- A faculdade de **troca** é da exclusiva competência das candidaturas, a ela não se podendo opor os candidatos que não utilizem tal direito.

Quanto ao momento da sua efectivação, não resultam da letra da lei quaisquer limites temporais. Nesse sentido não é exigível fazê-la reportar ao momento imediatamente seguinte ao sorteio e distribuição dos espaços atrás designados.

III- Segundo doutrina fixada no Acórdão do T.C. nº 23/86, publicado no DR II Série, de 28.04.86, as trocas não têm de ser homologadas ou ratificadas por qualquer agente da administração eleitoral, impondo-se, contudo, a comunicação a tais autoridades, sobretudo no caso de utilização de salas de espectáculo e recintos públicos, de molde a habilitar o Governador

Civil/Ministro da República a tomar as diligências referidas no artº 68º no tocante aos edifícios públicos e também porque a comunicação decorre da obrigatoriedade do aviso imposto pelo artº 2º nº 2 do Decreto-Lei nº 406/74 (cfr. Acórdão do T.C. nº 19/86, publicado no DR II Série de 24.04.86, que faz breve alusão ao assunto).

IV- Segundo deliberação da CNE só é permitida a troca de tempos de antena entre partidos ou coligações que tenham o mesmo tempo de emissão.

Nesse sentido, não será possível por exemplo, proceder à troca de um tempo de 10 minutos por outro de 5 minutos.

V- Polémica é a questão de saber se é válida a troca acordada entre duas listas candidatas quando posteriormente a esse acordo uma das listas envolvidas desiste da corrida eleitoral.

Este problema que até hoje nunca foi levantado em eleições legislativas, surgiu por altura das eleições presidenciais de 1986, tendo então a CNE tomado uma deliberação que fez despoletar grande controvérsia e que dizia:

«A partir da formalização da desistência da candidatura junto do Tribunal Constitucional serão anuladas as trocas acordadas nos termos do artº 57º do Decreto-Lei nº 319-A/76, de 3 de Maio, mas ainda não efectivadas, nas quais esteja envolvido o candidato ou candidatos desistentes, no caso daquelas conduzirem ao benefício de uma candidatura em detrimento de outras».

Aplicando tal deliberação a casos concretos a CNE não autorizou a troca acordada entre dois candidatos para utilização de um recinto público e veio a anular uma troca no tempo de intervenção de duas candidaturas na RTP.

Em qualquer dos casos houve recurso para o T.C. (cfr. Acórdãos nºs 23/86 e 24/86 este último publicado no DR II Série de 2.5.86), donde se extraem as seguintes conclusões:

- «A partir do instante em que a troca se consumou os candidatos adquirem o direito à utilização e não apenas a uma cedência futura e incerta desse mesmo direito. A troca não contém qualquer reserva de titularidade que, a existir, poderia conduzir a situação de manifesta injustiça e desigualdade entre os candidatos.

- Mesmo no entendimento daqueles que afirmam não estar em causa a troca, mas sim a utilização, parece dever admitir-se como mais chocante e fatora de desigualdade a privação imposta a um candidato, relativamente aos demais, do exercício de um direito do que o exercício desse mesmo direito através de um diferente objecto».

VI- Transposta a situação para as eleições legislativas, parece, salvo melhor opinião, que acordada a troca, é irrelevante o destino de uma das candidaturas que nela intervenha.

Na verdade o que se trocam são direitos, e uma vez efectuadas as trocas, elas produzem efeitos «ex tunc».

VII- Segundo deliberação da CNE de 08.06.99 sempre que uma força política não utilize a fracção de tempo de antena que lhe estava destinada, poderá esse tempo vir a ser eventualmente preenchido com o filme preparado pela Comissão no âmbito da campanha institucional de esclarecimento e apelo ao voto.

Artigo 68º (Edifícios públicos)

Os governadores civis, ou, no caso das regiões autónomas, os Ministros da República, devem procurar assegurar a cedência do uso, para os fins da campanha eleitoral, de edifícios públicos e recintos pertencentes ao Estado e outras pessoas colectivas de direito público, repartindo com igualdade a sua utilização pelos concorrentes no círculo em que se situar o edifício ou recinto.

I- Ver nota I ao artº 65º.

II- A cedência de edifícios escolares para efeitos da campanha é sempre regulada por despacho conjunto dos Ministérios da Administração Interna e da Educação, nele se indicando as autoridades escolares a quem o Governador Civil ou o Ministro da República deve dirigir o pedido de cedência e os termos e limites da utilização (a título exemplificativo ver DR II Série, nº 50. de 28.02.2002).

III- Embora a lei da CNE lhe confira competência para decidir apenas os recursos relativos à utilização das salas de espectáculos e dos recintos públicos, tem aquele órgão, ao longo dos vários actos eleitorais, alargado tal competência à utilização para fins de campanha eleitoral, de edifícios públicos.

IV- O disposto no artº 67º (utilização comum ou troca) é extensivo a este tipo de locais.

Artigo 69º **(Custo de utilização)**

1. É gratuita a utilização, nos termos consignados nos artigos precedentes, das emissões das estações públicas e privadas de rádio e da televisão, das publicações de carácter jornalístico e dos edifícios ou recintos públicos.

2. O Estado, através do Ministério da Administração Interna, compensará as estações de rádio e de televisão pela utilização, devidamente comprovada, correspondente às emissões previstas no nº 2 do artigo 62º, mediante o pagamento de quantia constante de tabelas a homologar pelo Ministro Adjunto até ao sexto dia anterior à abertura da campanha eleitoral.

3. As tabelas referidas no número anterior são fixadas, para a televisão e para as rádios de âmbito nacional, por uma comissão arbitral composta por um representante do Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral, um da Inspeção-Geral das Finanças e um de cada estação de rádio ou televisão, consoante o caso.

4. As tabelas referidas no número anterior são fixadas, para as rádios de âmbito regional, por uma comissão arbitral composta por um representante do Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral, um da Inspeção-Geral de Finanças, um da Radiodifusão Portuguesa, S.A., um da Associação de Rádios de Inspiração Cristã (ARIC) e um da Associação Portuguesa de Radiodifusão (APR).

5. Os proprietários das salas de espectáculos ou os que as explorem, quando fizerem a declaração prevista no nº 1 do artigo 65º ou quando tenha havido a requisição prevista no mesmo número, devem indicar o preço a cobrar pela sua utilização, o qual não poderá ser superior à receita líquida correspondente a um quarto da lotação da respectiva sala num espectáculo normal.

6. O preço referido no número anterior e demais condições de utilização são uniformes para todas as candidaturas.

I- O nº 2 tem redacção alterada pela Lei nº 35/95, que também introduziu os nºs 3 e 4, passando a 5 e 6 os anteriores nºs 3 e 4.

II- A necessidade de constituição de três comissões arbitrais – uma para as estações de televisão, outra para as estações de rádio de âmbito nacional e uma outra para as estações de rádio de âmbito regional decorre, naturalmente, do diferente impacto de cada um dos meios utilizados a que correspondem custos de emissão muito diversos, mesmo entre meios do mesmo tipo, uma vez que se consideram os níveis de audiência, questão, aliás, altamente duvidosa face à controvérsia que existe quanto à idoneidade das “medições” desses níveis.

Ver, a título de exemplo, o Despacho 7164/2002, 2ª Série, do Ministro da Cultura (DR II Série, nº 83, de 9 de Abril de 2002), onde se encontram fixadas as tabelas de compensação pecuniária relativas à utilização daqueles meios por altura das últimas eleições para a Assembleia da República de 17 de Março de 2002.

III- Apesar da constituição das referidas comissões ter resultado sempre na existência de uma maioria de elementos das estações de rádio ou televisão relativamente aos elementos representativos do Governo, o facto é que os processos de negociação têm sido aprimorados, sobretudo quanto ao mui difícil aspecto dos horários de emissão nas televisões.

Apesar de se ter obtido pontualmente algum avanço no tocante ao serviço público de televisão que, por altura das eleições europeias de 1999 e legislativas desse mesmo ano, passou a transmitir os tempos de antena em horário de maior audiência, a verdade é que nos últimos actos eleitorais as três estações televisivas (RTP, SIC e TVI) não só transmitem os tempos de antena à mesma hora em todas elas, como o alinham em horário (19 horas) , a nosso ver, de menor audiência, o que revela uma atitude da qual está arredada a intenção pedagógica que os tempos de antena visam transmitir.

Afigura-se, aliás, que face a esta atitude sistemática das estações televisivas (e também da rádio) seria saudável que houvesse um retorno ao regime legal anterior, isto é, à transmissão de tempo de antena na RTP (e na rádio à RDP e, eventualmente, às outras estações de âmbito nacional), gratuito, não indemnizado pelo Estado e transmitido no horário imposto pela lei.

IV- Em nossa opinião esse pagamento dever-se-ia fazer através da CNE, já que é este órgão que tem competência para fixar as condições técnicas de exercício do direito de antena, bem como proceder à sua distribuição.

V- Ver artºs 132º e 137º e nota XII ao artº 62º.

Artigo 70º (Órgãos dos partidos políticos)

O preceituado nos artigos anteriores não é aplicável às publicações de carácter jornalístico que sejam propriedade de partidos políticos, desde que esse facto conste dos respectivos cabeçalhos.

I- Ver nota VIII ao artº 64º.

II- Também parece não se aplicar aos órgãos dos partidos políticos o disposto no artº 72º.

Artigo 71º (Esclarecimento cívico)

Cabe à Comissão Nacional de Eleições promover, através da Radiotelevisão Portuguesa, da Radiodifusão Portuguesa, da imprensa e ou de quaisquer outros meios de informação, o esclarecimento objectivo dos cidadãos sobre o significado das eleições para a vida do País, sobre o processo eleitoral e sobre o processo de votação.

I- Compete prioritariamente às candidaturas e forças políticas envolvidas no acto eleitoral proceder com todo o empenhamento possível ao esclarecimento acerca do sentido e objectivo da eleição em causa.

II- Nos termos das deliberações da CNE nºs 5 e 6/89, de 9 de Maio, cabe exclusivamente a este órgão promover o esclarecimento objectivo dos cidadãos acerca dos actos eleitorais bem como dos actos de recenseamento sempre que a CNE o considere oportuno e nos termos das leis vigentes.

Tal não significa que outros organismos não possam fazer esclarecimento eleitoral, desde que todo o material em que esteja consubstanciado esse esclarecimento seja previamente autorizado, visionado e aprovado pela CNE.

III- Pelo interesse público de que se reveste, a Comissão tem procurado não só alargar às estações de rádio e de televisão privadas as campanhas de esclarecimento que leva a efeito para

cada acto eleitoral como estendê-las a outros meios menos institucionais mas com excelentes resultados ao nível do *marketing* (*outdoors*, publicidade nas redes multibanco, no interior e exterior de transportes públicos, etc...). Apenas constrangimentos de natureza orçamental têm impedido a CNE de explorar mais intensamente estes meios e outros adequados à prossecução do objectivo de participação esclarecida e massiva dos eleitores.

IV- Cfr. artº 5º nº 1 alínea a) da Lei nº 71/78.

Artigo 72º **(Publicidade comercial)**

A partir da publicação do decreto que marque a data das eleições é proibida a propaganda política feita directa ou indirectamente através dos meios de publicidade comercial.

I- O legislador teve em vista impedir que, através da compra de espaços ou serviços por parte das forças políticas se viesse a introduzir um factor de desigualdade entre elas, derivado das suas disponibilidades financeiras.

II- “A propaganda política feita através dos meios de publicidade comercial só é proibida a partir da **data de distribuição** do Diário da República que marque as eleições” (deliberação da CNE de 25.07.80), o que transpondo para a presente lei levará a que a proibição se efective a partir da data de distribuição do DR que contém o decreto a marcar a eleição (ver a este propósito nota IV ao artº 19º).

III- Os meios usualmente utilizados para a actividade publicitária são não só os órgãos de comunicação social (televisão, imprensa ou rádio) como também, entre outros, o cinema, edições de informação geral e os vários suportes de publicidade exterior, tais como, mobiliário urbano (mupis), reclamos luminosos, toldos, vitrinas e abrigos de transportes públicos.

IV- Segundo deliberação da CNE tomada em 28.08.85 “cabe às empresas concessionárias de publicidade ou aos partidos que delas se utilizam procederem espontaneamente à remoção de tal propaganda. Não o fazendo, cabe aos partidos e coligações lesadas requererem aos tribunais competentes as providências cautelares que reponham a legalidade que entendam ter sido violada”.

V- Em 04.07.95 a CNE deliberou que « no futuro, antes de um qualquer acto eleitoral, sejam notificados os partidos políticos no sentido de que toda a publicidade comercial deve ser removida num prazo razoável a partir do decreto que fixa a data das eleições, entendendo a Comissão que esse prazo não pode exceder cinco dias.»

VI- Atente-se no facto de o legislador utilizar sempre ao longo da presente lei a expressão “propaganda eleitoral”, excepto neste artigo que refere “propaganda política”.

Parece que a razão de ser desta diferente terminologia se prende com o facto de o legislador querer ir mais longe que a propaganda eleitoral, sendo esta uma modalidade ou desdobramento da propaganda política, a qual abarca outros processos com forte implicação política e outros intervenientes. Ou seja, o legislador, ao utilizar o termo “propaganda política”, quis precisamente, abranger um maior número de situações e não limitá-las.

VII- O espírito do presente artigo parece apontar também para a proibição de **compra de serviços** (encartes, p. ex.) a empresas de publicidade por parte das candidaturas.

VIII- A propaganda política feita directamente é aquela que se mostra de forma ostensiva, clara, objectiva e que assim possa ser apreendida pelos cidadãos. Pelo contrário, a propaganda política feita indirectamente é aquela que é subliminar, dissimulada, em que a sua natureza

propagandística se encontra camuflada, em que se esconde a verdadeira intenção de levar o cidadão a aderir/votar numa força candidata em detrimento de outra.

IX- Entende-se por **publicidade indirecta** a que visa favorecer um determinado bem, serviço ou pessoa sem apologia directa dos mesmos, e com eventual desvalorização dos seus concorrentes.

Apesar de não o referir, parece igualmente proibido o uso de formas de publicidade subliminar. Sobre publicidade oculta ou dissimulada e publicidade enganosa ver artº 9º e 11º do Código de Publicidade (aprovado pelo DL nº 330/90, de 23 de Outubro, na redacção dada pelo DL nº 275/98, de 9 de Setembro).

X- Quanto à propaganda eleitoral feita através de publicidade redigida, isto é, consubstanciada num texto, há que remeter para um diploma complementar - DL nº 85-D/75, de 26 de Fevereiro “Tratamento jornalístico às diversas candidaturas” - que, no seu artº 10º dispõe:

«Durante o período da campanha, as publicações não poderão inserir qualquer espécie de publicidade redigida relativa à propaganda eleitoral. Apenas serão permitidos, como publicidade, os anúncios, que perfeitamente se identifiquem como tal, de quaisquer realizações, não podendo cada um desses anúncios ultrapassar, nas publicações diárias de grande formato e nas não diárias que se editem em Lisboa e no Porto, de expansão nacional, e também de grande formato, um oitavo de página, e nas restantes publicações, um quarto de página».

Sobre o alcance deste preceito legal, a CNE tem, desde sempre, perfilhado o seguinte entendimento:

“ Os anúncios de quaisquer realizações inseridas nas actividades de campanha, deverão ser identificados unicamente através da sigla, símbolo e denominação da força política anunciante.

Nesse contexto, a inclusão de quaisquer slogans, ou expressões não directamente relacionadas com o conteúdo das realizações e identificação da força política, viola o disposto no referido artº 10º bem como o artº 56º da Lei nº 14/79.”

De referir que tal entendimento mantém toda a actualidade, já que muito recentemente o legislador consagrou os termos desta proibição, conforme se lê no artº 46º nº 2 da LEOAL (Lei Orgânica nº 1/2001, 14 Agosto).

XI- No tocante à eventual extensão às estações de rádio de âmbito local da possibilidade de difusão de *spots* com conteúdo idêntico ao previsto para a imprensa, é entendimento da CNE ser essa uma situação a analisar caso a caso. (cfr. actas de 30.06.87 e 10.10.97).

Refira-se, a propósito, que no âmbito das eleições para a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores de 15.10.2000 e 17.10.2004, a Comissão não se opôs à divulgação de um anúncio nestes termos, mas restringiu-o a uma passagem apenas, estabelecendo o necessário paralelismo com a inserção prevista para a imprensa, em horário a acordar entre a estação de rádio e a força política anunciante.

Já quanto à televisão esta hipótese nunca foi colocada, estando, contudo, arredado, quer aos operadores televisivos quer radiofónicos a cedência de espaços de propaganda política, sem prejuízo do consignado em matéria de direito de antena (Cfr. artº 24º da Lei nº 31-A/98, de 14 de Julho e artº 35º nº 2 da Lei nº 4/2001, de 23 de Fevereiro).

XII- Situação cada vez mais comum é a dos anúncios de realizações partidárias conterem o nome dos intervenientes, com invocação da sua qualidade de titulares de cargos públicos, quando é caso disso.

Perante esta factualidade, foi entendimento da CNE que tal invocação num manifesto, panfleto, cartaz ou **anúncio constitui uma forma indirecta de propaganda**. A força política ao anunciar, desse modo, os militantes ou participantes que ocupam lugares destacados no Governo, na Administração Central ou Autárquica, está, ilegitimamente, a promover a sua candidatura.(cfr. deliberação de 22.06.99).

XIII- Os anúncios a publicitar listas de apoiantes de uma determinada força não se incluem na excepção permitida no atrás citado artº 10º do DL 85-D/75, visto que não se trata de anunciar qualquer tipo de realização inserida na actividade de campanha (acta da CNE de 30.01.98).

XIV- É proibida a feitura de propaganda, por via telefónica, quando realizada através de firmas de prestação de serviços para esse fim (acta de 30.01.98).

XV- No caso de ocorrer divulgação de propaganda eleitoral sob a forma de encarte anexo a um jornal, envolvendo essa distribuição uma contrapartida pecuniária, tal procedimento implica a utilização de um meio de publicidade comercial para divulgação de propaganda política, sendo, por isso, proibida (acta de 12.11.97).

XVI- Questão interessante, analisada aquando das eleições para a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em 17 de Outubro de 2004, foi a de aferir se constitui ou não causa de exclusão da ilicitude, a colocação de propaganda em espaços publicitários (no caso abrigos das paragens de autocarros) pelo facto de se achar prejudicado o aspecto oneroso dessa utilização em virtude de certas vantagens negociais resultantes de contrato estabelecido, ainda antes do período de proibição, entre certa força política e uma empresa de publicidade.

Foi entendimento da CNE (cfr. Acta de 26.10.2004) que a circunstância de, anteriormente a tal período de tempo de proibição, existir já a favor da força política um “crédito” decorrente de um determinado negócio jurídico, em nada afectava o aspecto oneroso da utilização posterior do espaço comercial em causa, por força da natureza do contrato donde resultou o “crédito” mencionado.

(...)A merecer aceitação a tese contrária, estava encontrado o caminho para contornar a ideia ou fim prosseguido pelo legislador, bastando, para tal, que qualquer força política, anteriormente ao período de proibição legal, celebrasse um negócio jurídico com empresas visando a utilização de espaços comerciais, desde que, por força de tais negócios resultasse a existência de um qualquer tipo de crédito, a utilizar conforme as conveniências do “credor” (...)

XVII- Ver artº 131º.

Artigo 73º (Instalação de telefone)

1. Os partidos políticos têm direito à instalação de um telefone por cada círculo em que apresentem candidatos.

2. A instalação de telefone pode ser requerida a partir da data de apresentação das candidaturas e deve ser efectuada no prazo de oito dias a contar do requerimento.

Artigo 74º (Arrendamento)

1. A partir da data da publicação do decreto que marcar o dia das eleições e até vinte dias após o acto eleitoral, os arrendatários de prédios urbanos podem, por qualquer meio, incluindo a sublocação por valor não excedente ao da renda, destiná-los, através de partidos ou coligações, à preparação e realização da campanha eleitoral, seja qual for o fim do arrendamento e sem embargo de disposição em contrário do respectivo contrato.

2. Os arrendatários, candidatos e partidos políticos são solidariamente responsáveis por todos os prejuízos causados pela utilização prevista no número anterior.

CAPÍTULO III

FINANÇAS ELEITORAIS

O ARTICULADO CONSTANTE DESTE CAPÍTULO FOI INTEGRALMENTE REVOGADO PELO ARTº 28º, ALÍNEA E), LEI 72/93, 30 NOVEMBRO (FINANCIAMENTO DOS PARTIDOS POLÍTICOS E DAS CAMPANHAS ELEITORAIS), DIPLOMA POR SUA VEZ REVOGADO PELA LEI 56/98, 18 AGOSTO, LEI QUE A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 2005 FOI SUBSTITUÍDA PELA LEI 19/2003, 20 DE JUNHO
v. Legislação Complementar

Artigo 75º

(Contabilização de receitas e despesas)

- 1. Os partidos políticos devem contabilizar discriminadamente todas as receitas e despesas efectuadas com a apresentação das candidaturas e com a campanha eleitoral, com a indicação precisa da origem daquelas e do destino destas.*
- 2. Todas as despesas de candidatura e campanha eleitoral são suportadas pelos respectivos partidos.*

Artigo 76º

(Contribuições de valor pecuniário)

Os partidos, candidatos e mandatários das listas não podem aceitar quaisquer contribuições de valor pecuniário destinadas à campanha eleitoral provenientes de empresas nacionais ou de pessoas singulares ou colectivas não nacionais.

Artigo 77º

(Limite de despesas)

Cada partido ou coligação não pode gastar com as respectivas candidaturas e campanha eleitoral mais do que a importância global correspondente a quinze vezes o salário mínimo nacional mensal por cada candidato da respectiva lista.

Artigo 78º

(Fiscalização das contas)

- 1. No prazo máximo de sessenta dias a partir da proclamação oficial dos resultados, cada partido político deve prestar contas discriminadas da sua campanha eleitoral à Comissão Nacional de Eleições e fazê-las publicar num dos jornais diários mais lidos do País.*
- 2. A Comissão Nacional de Eleições deve apreciar, no prazo de sessenta dias, a regularidade das receitas e despesas e fazer publicar a sua apreciação num dos jornais diários mais lidos no País.*
- 3. Se a Comissão Nacional de Eleições verificar qualquer irregularidade nas contas, deve notificar o partido político para apresentar, no prazo de quinze dias, novas contas regularizadas. Sobre as novas contas deve a Comissão pronunciar-se no prazo de quinze dias.*
- 4. Se o partido político não prestar contas no prazo fixado no nº1, não apresentar novas contas regularizadas nos termos e no prazo do nº3 ou se a Comissão Nacional de Eleições concluir que houve infracção ao disposto nos artigos 75º a 77º, deverá fazer a respectiva participação à entidade competente.*

TÍTULO V

ELEIÇÃO

CAPÍTULO I

SUFRÁGIO

SECÇÃO I

EXERCÍCIO DO DIREITO DE SUFRÁGIO

Artigo 79º

(Pessoalidade e presencialidade do voto)

1. O direito é exercido directamente pelo cidadão eleitor.
2. Sem prejuízo do disposto no artigo 97º, não é admitida nenhuma forma de representação ou delegação no exercício do direito de sufrágio.
3. O direito de voto é exercido presencialmente pelo cidadão eleitor, salvo o disposto nos artigos 79º-A, 79º-B e 79º-C.

I- Os nºs 2 e 3 foram introduzidos pela Lei 10/95.

II- Na sua versão anterior este artigo nos nºs 3 a 12 regulava o modo de exercício do direito de voto (antecipado) por correspondência dos “**membros das forças armadas e das forças militarizadas**, que no dia da eleição estejam impedidos de se deslocar à assembleia ou secção de voto por imperativo do exercício das suas funções, bem como os que, por força da sua actividade profissional, na data fixada para a eleição se encontrem **presumivelmente embarcados**”.

A votação destes eleitores processa-se agora nos termos descritos no artº 79º-B.

III- **Voto directo** é aquele através do qual os eleitores escolhem directamente os titulares dos órgãos e não apenas os membros intermédios de um colégio eleitoral. Nos Estados Unidos da América, p.ex., o voto nas eleições presidenciais não é directo elegendo-se, nas chamadas “eleições primárias”, representantes estaduais que, mais tarde, elegem o presidente da União.

IV- Como decorre do nº 2 do artº 49º da C.R.P. o exercício do sufrágio é **pessoal**, insusceptível de ser exercido por intermédio de representante. Daí que tenha sido inteiramente banido da legislação portuguesa, a partir da aprovação da Constituição de 1976, o voto por procuração ou por intermédio de representante - admitido na Assembleia Constituinte de 1975 em diplomas complementares que alteraram o artº 82º do DL nº 621-C/ 74, de 15 de Novembro (cfr. DL nº 137-B/75, de 17 de Março, DL nº 188-A/75, de 8 de Abril e Portaria nº 264-A/75, de 19 de Abril), na eleição da A.R. de 1976 pelo artº 75º do DL nº 93-C/76, de 29 de Janeiro, na eleição do PR de 1976 pelo artº 70º do DL nº 319-A/76, de 3 de Maio, e na eleição das autarquias locais de 1976, pelo artº 66º do então DL nº 701-B/76, de 29 de Setembro.

Nos dois últimos casos tais preceitos foram declarados inconstitucionais pelas Resoluções nºs 328/79, de 14 de Janeiro e 83/81 de 23 de Abril, do Conselho da Revolução. As citadas normas violavam dois princípios gerais de direito eleitoral com dignidade constitucional: os princípios da pessoalidade e o da presencialidade do voto, o primeiro consagrado no nº 2 do artº 49º e o segundo no nº 3 do artº 121º, ambos da C.R.P..

A Constituição proíbe, pois, de forma inequívoca o voto por procuração ou por intermédio de representante e, na opinião de Vital Moreira e Gomes Canotilho, nas eleições presidenciais «o teor literal do preceito abrange também a proibição do voto por correspondência, ainda que essa forma de voto não seja, em geral, ilegítima» (nota ao artº 124º da C.R.P - actual artº 121º). Neste mesmo sentido foi consagrada na última revisão da Lei Eleitoral para o Presidente da República o voto presencial dos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro junto das representações diplomáticas e consulares portuguesas.

V- O exercício do direito de voto por correspondência é apenas reconhecido para os eleitores recenseados no estrangeiro, integrados nos círculos eleitorais da emigração (v.DL nº 95-C/76, de 30 de Janeiro).

VI- V. notas ao artº 97º (voto dos deficientes) onde se consagra um outro tipo de excepção à pessoalidade do voto.

VII- V. artº 146º.

Artigo 79º-A
(Voto antecipado)

1. Podem votar antecipadamente:

- a) Os militares que no dia da realização da eleição estejam impedidos de se deslocar à assembleia de voto por imperativo inadiável de exercício das suas funções;**
- b) Os agentes de forças e serviços que exerçam funções de segurança interna, nos termos da lei, e se encontrem em situação análoga à prevista na alínea anterior;**
- c) Os trabalhadores marítimos e aeronáuticos, bem como os ferroviários e os rodoviários de longo curso, que, por força da sua actividade profissional, se encontrem presumivelmente embarcados ou deslocados no dia da realização da eleição;**
- d) Os eleitores que, por motivo de doença, se encontrem internados ou presumivelmente internados em estabelecimento hospitalar e impossibilitados de se deslocar à assembleia de voto;**
- e) Os eleitores que se encontrem presos e não privados de direitos políticos.**
- f) Os membros que representam oficialmente selecções nacionais, organizadas por federações desportivas dotadas de estatuto de utilidade pública desportiva, e se encontrem deslocados no estrangeiro, em competições desportivas, no dia da realização da eleição.**

2. Só são considerados os votos recebidos na sede da junta de freguesia correspondente à assembleia de voto em que o eleitor deveria votar até ao dia anterior ao da realização da eleição.

3. As listas concorrentes à eleição podem nomear, nos termos gerais, delegados para fiscalizar as operações de voto antecipado, os quais gozam de todas as imunidades e direitos previstos no artigo 50º-A.

I- Artigo aditado pela Lei nº 10/95, na esteira do consagrado no artº 119º da primeira lei do referendo nacional (Lei nº 45/91). A alínea f) foi aditada pela Lei Orgânica nº 2/2001, de 25 de Agosto.

Sobre o elenco de beneficiários do voto antecipado ver notas IV e V. De notar, também, que nas leis eleitorais das Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira e na lei eleitoral dos órgãos das autarquias locais se consagra ainda o voto antecipado para “os eleitores que por motivo de estudo ou formação profissional se encontrem matriculados ou inscritos em estabelecimento de ensino situado fora da ilha por onde se encontrem recenseados” (v.p.ex., artigo 77º nº 1 alínea d) da LEALRA Açores).

II- As alíneas a), b) e c) do nº 1 reproduzem, com algumas alterações que ampliam o leque dos eleitores abrangidos, o disposto no já citado nº 3 do artº 79º na sua redacção anterior, onde se designava este tipo de exercício do direito de sufrágio como “voto por correspondência”, designação, com efeito, pouco apropriada.

Nos termos do artº 14º nº 2 da Lei nº 20/87, de 12 de Junho (lei de segurança interna) exercem funções de segurança interna as seguintes forças e serviços: Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, Polícia Judiciária, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, os órgãos dos sistemas de autoridade marítima e aeronáutica e o Serviço de Informações de Segurança. Desta enumeração se conclui que se alargou sensivelmente as instituições abrangidas por este tipo de votação, relativamente ao regime legal anterior.

Inteiramente inovador nesta lei - mas já consagrado, como se referiu na nota anterior, na lei do referendo nacional - é a extensão do voto antecipado aos doentes internados e presos (alíneas d) e e)).

III- Positiva, é também a possibilidade de fiscalização das operações de voto antecipado pelas listas concorrentes (nº3) como sucede também na lei do referendo nacional.

IV- O elenco dos eleitores que podem votar antecipadamente deveria, a nosso ver, ampliar-se a outras profissões e situações excepcionais, que julgamos perfeitamente atendíveis e que não colocariam em crise o princípio fundamental da pessoalidade e da presencialidade do exercício do direito de sufrágio.

Queremos referir-nos, concretamente, a situações como as seguintes:

- à situação dos militares e membros das forças de segurança em missão no estrangeiro, quer de carácter humanitário, quer integrados em organizações ou unidades operacionais internacionais e regionais (Angola, Timor, Iraque, etc.), que não podem votar. Esta é, aliás, uma situação de injustiça relativa entre militares e agentes de forças de segurança que, de algum modo nos choca se atentarmos que estes cidadãos se encontram na defesa dos interesses nacionais e nos das organizações internacionais de que Portugal faz parte.

Naturalmente que, neste caso, o sistema de votação teria de ser mais próximo do adoptado para os doentes e presos, uma vez que a sua ausência física do território nacional assim o impõe (note-se que esta situação está já acautelada na lei eleitoral do PR através da alteração que lhe foi introduzida pela LO nº 3/2000 – artº 70º-A – que juntou ao elenco dos beneficiários do voto antecipado não só estes militares, bem como médicos, enfermeiros e outros elementos integrados em missões humanitárias, aos investigadores e bolseiros e estudantes de escolas superiores, ausentes no estrangeiro e aí temporariamente sediados, alargamento este só possível devido à criação in loco do (e para o) exercício do direito de voto).

- à situação dos cidadãos (homens de negócios, funcionários públicos e agentes da administração, estudantes/bolseiros, desportistas) que, temporariamente, se encontram no estrangeiro, em situação não “turística” e, as mais das vezes, em representação do País e na defesa de interesses nacionais, que também não podem votar com o sistema em vigor.

V- De notar, aliás, que na nova lei eleitoral dos órgãos das autarquias locais já se consagra o voto antecipado para membros integrantes de delegações oficiais do Estado que, por deslocação ao estrangeiro em representação do País, se encontrem impedidos de se deslocar à assembleia de voto no dia da eleição (alínea b) do artº 117º da LO nº 1/2001, 14 de Agosto).

Igualmente no nº 2 do mesmo artigo da LEOAL se prevê o voto antecipado dos estudantes do ensino superior recenseados nas Regiões Autónomas e a estudar no continente e vice-versa (v. também artº 120º da LEOAL).

É, assim, surpreendente que a AR em dois processos legislativos simultâneos não tenha uniformizado o processo de voto antecipado, podendo atribuir-se tal “distracção” ao facto da LEOAL resultar de uma iniciativa do Governo e a LO nº 2/2001 ter surgido da iniciativa parlamentar em resultado da forte pressão do lóbi desportivo.

Artigo 79º-B

(Modo de exercício do direito de voto antecipado por militares, agentes de forças e serviços de segurança, trabalhadores dos transportes e membros que representem oficialmente selecções nacionais, organizadas por federações desportivas dotadas de estatuto de utilidade pública desportiva)

1. Qualquer eleitor que esteja nas condições previstas nas alíneas a), b) e c) do artigo anterior pode dirigir-se ao presidente da câmara do município em cuja área se encontre recenseado, entre o 10º e o 5º dias anteriores ao da eleição, manifestando a sua vontade de exercer antecipadamente o direito de sufrágio.

2. O eleitor identifica-se por forma idêntica à prevista nos nºs 1 e 2 do artigo 96º e faz prova do impedimento invocado, apresentando documentos autenticados pelo seu superior hierárquico ou pela entidade patronal, consoante os casos.

3. O presidente da câmara municipal entrega ao eleitor um boletim de voto e dois sobrescritos.

4. Um dos sobrescritos, de cor branca, destina-se a receber o boletim de voto e o outro, de cor azul, a conter o sobrescrito anterior e o documento comprovativo a que se refere o nº 2.
5. O eleitor preenche o boletim em condições que garantam o segredo de voto, dobra-o em quatro, introduzindo-o no sobrescrito de cor branca, que fecha adequadamente.
6. Em seguida, o sobrescrito de cor branca é introduzido no sobrescrito de cor azul juntamente com o referido documento comprovativo, sendo o sobrescrito azul fechado, lacrado e assinado no verso, de forma legível, pelo presidente da câmara municipal e pelo eleitor.
7. O presidente da câmara municipal entrega ao eleitor recibo comprovativo do exercício do direito de voto de modelo anexo a esta lei, do qual constem o seu nome, residência, número do bilhete de identidade e assembleia de voto a que pertence, bem como o respectivo número de inscrição no recenseamento, sendo o documento assinado pelo presidente da câmara e autenticado com o carimbo ou selo branco do município.
8. O presidente da câmara municipal elabora uma acta das operações efectuadas, nela mencionando expressamente o nome, o número de inscrição e a freguesia onde o eleitor se encontra inscrito, enviando cópia da mesma à assembleia de apuramento geral.
9. O presidente da câmara municipal envia, pelo seguro do correio, o sobrescrito azul à mesa da assembleia de voto em que o eleitor deveria exercer o direito de sufrágio, ao cuidado da respectiva junta de freguesia, até ao 4º dia anterior ao da realização da eleição.
10. A junta de freguesia remete os votos recebidos ao presidente da mesa da assembleia de voto até à hora prevista no artigo 41º.

I- Artigo aditado pela Lei nº 10/95. A epígrafe foi alterada pelo LO nº 2/2001, de 25 de Agosto na sequência da alteração já referida no artigo anterior (alínea f) do nº 1).

Ver notas II aos artigos 79º e 79º-A.

II- A necessidade de uniformização, nesta matéria, dos vários diplomas eleitorais (PR, AR e AL) - efectuada através das Leis nºs 9, 10 e 11/95 - conduziu a que, no que diz respeito à votação destes eleitores, o direito se tenha restringido relativamente ao que anteriormente acontecia.

Dito de uma forma mais concreta, no regime legal anterior o eleitor nestas condições, dirigia-se à C.M. do concelho onde se encontrava deslocado - ali existindo exemplares dos boletins de voto de todos os círculos eleitorais - e agora tem de se deslocar obrigatoriamente - no mesmo espaço de tempo - à C.M. correspondente ao concelho onde se encontra inscrito no R.E.

Com efeito, deixando de lado a eleição do P.R. - onde o círculo eleitoral é único, e único o modelo de boletim de voto - no caso da eleição da AR., onde existe um número limitado de círculos eleitorais, era relativamente fácil dotar todas as C.M. com boletins de voto dos vários círculos. Tal já não é praticável no caso das eleições autárquicas (4251 círculos de freguesia + 308 círculos municipais x 2 eleições).

Em contrapartida a não existência de envio pelo eleitor do duplicado do recibo comprovativo do exercício do direito do voto à mesa da assembleia eleitoral a que o eleitor pertencia veio simplificar claramente o processo.

Artigo 79º-C

(Modo de exercício por doentes internados e por presos)

1. Qualquer eleitor que esteja nas condições previstas nas alíneas d) e e) do nº 1 do artigo 79º-A pode requerer ao presidente da câmara do município em que se encontre recenseado, até ao 20º dia anterior ao da eleição, a documentação necessária ao exercício do direito de voto, enviando fotocópias autenticadas do seu bilhete de identidade e do seu cartão de eleitor e juntando documento comprovativo do impedimento invocado, passado pelo médico assistente e confirmado pela direcção do estabelecimento hospitalar, ou documento emitido pelo director do estabelecimento prisional, conforme os casos.

2. O presidente da câmara envia, por correio registado com aviso de recepção, até ao 17º anterior ao da eleição:

a) Ao eleitor, a documentação necessária ao exercício do direito de voto, acompanhada dos documentos enviados pelo eleitor;

b) Ao presidente da câmara do município onde se encontrem eleitores nas condições definidas no nº 1, a relação nominal dos referidos eleitores e a indicação dos estabelecimentos hospitalares ou prisionais abrangidos.

3. O presidente da câmara do município onde se situe o estabelecimento hospitalar ou prisional em que o eleitor se encontre internado notifica, até ao 16º dia anterior ao da eleição, as listas concorrentes à eleição para cumprimento dos fins previstos no nº 3 do artigo 79º-A, dando conhecimento de quais os estabelecimentos onde se realiza o voto antecipado.

4. A nomeação de delegados das listas deve ser transmitida ao presidente da câmara até ao 14º dia anterior ao da eleição.

5. Entre o 10º e o 13º dias anteriores ao da eleição, o presidente da câmara municipal em cuja área se encontre situado o estabelecimento hospitalar ou prisional com eleitores nas condições do nº 1, em dia e hora previamente anunciados ao respectivo director e aos delegados das listas, desloca-se ao mesmo estabelecimento, a fim de ser dado cumprimento, com as necessárias adaptações, ditadas pelos constrangimentos dos regimes hospitalares ou prisionais, ao disposto nos nºs 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 do artigo anterior.

6. O presidente da câmara pode excepcionalmente fazer-se substituir, para o efeito da diligência prevista no número anterior, por qualquer vereador do município devidamente credenciado.

7. A junta de freguesia destinatária dos votos recebidos remete-os ao presidente da mesa da assembleia de voto até à hora prevista no artigo 41º.

I- Artigo aditado pela Lei nº 10/95.

II- O disposto neste artigo visa concretizar o princípio da universalidade do sufrágio que até agora, no que respeita aos doentes e presos, estava, na prática, muito dificultado (doentes) ou totalmente coarctado (presos).

III- Não referindo expressamente a lei que estabelecimentos hospitalares estão abrangidos nesta norma, entende-se que o direito aqui conferido é reconhecido **a todos os doentes internados** seja em instituições públicas, seja em instituições privadas, do sector cooperativo, etc., que tenham como função exclusiva a prestação de cuidados de saúde.

IV- Parece poder concluir-se, atentos os cuidados que deve revestir o exercício de voto em condições excepcionais, que a autenticação do cartão de eleitor e do bilhete de identidade deve ser feita nos termos gerais.

No entanto, e em vista da situação específica dos cidadãos reclusos, é parecer da CNE que a autenticação do BI e do cartão de eleitor efectuada pelo estabelecimento prisional é, nos termos da lei eleitoral, suficiente e bastante para documentar o processo relativo ao voto antecipado destes cidadãos.

V- Atendendo às dificuldades até ao momento verificadas na concretização desta forma especial de votação, ao limitado número de dias disponíveis (4) para o seu exercício e ao elevado número de unidades hospitalares e prisionais existentes nos principais centros urbanos, a implementação dos procedimentos do nº 5, exige a institucionalização de “praxis” que visem torná-los exequíveis.

Artigo 80º **(Unicidade do voto)**

A cada eleitor só é permitido votar uma vez.

I. Quem votar mais do que uma vez será punido com prisão de 2 a 8 anos (artº 339º nº 1 a) do Código Penal - revisão de 1995 – Ver em Legislação Complementar).

II. V. artº 149º.

Artigo 81º **(Direito e dever de votar)**

- 1. O sufrágio constitui um direito e um dever cívico.**
- 2. Os responsáveis pelas empresas ou serviços em actividade no dia das eleições devem facilitar aos trabalhadores dispensa do serviço pelo tempo suficiente para o exercício do direito de voto.**

I- A caracterização do exercício do direito de voto como um direito e um dever cívico exclui a **obrigatoriedade** do voto ou a consideração do sufrágio como um **dever jurídico** sujeito a sanções penais ou outras. Recorde-se que, por exemplo, na lei eleitoral do P.R. (artº 72º nºs 2 e 3 do DL nº 319-A/76) as sanções aí cominadas a quem não exercesse o direito de voto foram declaradas inconstitucionais, com força obrigatória geral, pela Resolução nº 83/81 do Conselho da Revolução. Idêntica situação ocorreu com o artº 68º nºs 2 e 3 da anterior lei eleitoral das autarquias locais (DL nº 701-B/76).

O fundamento dessa declaração de inconstitucionalidade repousou na violação do artº 18º nº 2 da C.R.P. (actualmente com redacção equivalente) que impedia a restrição de liberdades, direitos e garantias para além dos casos previstos na Constituição, conjugado com os artºs 48º, 125º e 153º (hoje artºs 48º, 49º, 50º, 122º e 150º).

Sobre o assunto v. a nota VII ao artº 49º da C.R.P. *in* “Constituição da República Portuguesa - anotada - 1993” - 3ª edição - revista, de Vital Moreira e Gomes Canotilho.

II- V. artºs 152º, 153º e 154º.

Artigo 82º **(Segredo do voto)**

- 1. Ninguém pode ser, sob qualquer pretexto, obrigado a revelar o seu voto nem, salvo o caso de recolha de dados estatísticos não identificáveis, ser perguntado sobre o mesmo por qualquer autoridade.**
- 2. Dentro da assembleia de voto e fora dela, até à distância de 500m, ninguém pode revelar em qual lista vai votar ou votou.**

I- Este artigo, em conjugação com o artº 92º, impõe que os eleitores - e, em geral, todos os intervenientes no processo eleitoral - se abstenham de exhibir, nas imediações das assembleias eleitorais, emblemas, «crachats», autocolantes ou quaisquer outros elementos que possam indiciar a sua opção de voto.

II- V. artº 151º.

Artigo 83º **(Requisitos do exercício do direito de voto)**

Para que o eleitor seja admitido a votar deve estar inscrito no caderno eleitoral e ser reconhecida pela mesa a sua identidade.

I- Este artigo impede o exercício do direito de voto a cidadãos não inscritos e àqueles que tendo estado inscritos tiveram a sua inscrição cancelada.

Acontece, com maior frequência que a desejável, haver eleitores que deparam com a sua inscrição eliminada quando se apresentam para votar, em virtude de não terem tido o cuidado de consultar os cadernos eleitorais expostos publicamente no período anual a tal destinado, bem como as listagens expostas nas CR entre o 39º e o 34º dias antes da eleição, que lhes são remetidas pelo STAPE. Porque são humanos e compreensíveis os erros das CR e da própria base de dados do RE na efectivação de eliminações é fundamental que os eleitores, atempadamente, tomem uma atitude activa e periódica de controle da sua inscrição (v. arts. 56º e 57º da Lei nº 13/99).

Admite-se, contudo, em situações excepcionais de grosseiro erro, atribuível à administração eleitoral (CR'S, STAPE), que a mesa considere a possibilidade de votação de eleitores que, mediante provas claras seja demonstrado ter sido indevidamente omitidos dos cadernos. A autorização de votação em casos deste tipo, deve constar da acta das operações eleitorais.

II- A identificação dos eleitores perante a mesa faz-se nos termos do art. 96º. Ver também artºs 146º e 147º.

Artigo 84º **(Local de exercício de sufrágio)**

O direito de voto é exercido apenas na assembleia eleitoral correspondente ao local por onde o eleitor esteja recenseado.

I- O eleitor saberá o local onde exerce o seu direito de voto a partir do 15º dia anterior ao da eleição (artº 43º). No próprio dia da eleição há editais afixados nas sedes das Juntas de Freguesia e nos edifícios onde funcionam as secções de voto.

Sabendo o seu número de inscrição, constante do respectivo cartão, o eleitor facilmente encontrará a correspondente assembleia eleitoral por consulta desses editais.

II- Havendo algumas regiões do país onde os locais de voto são distantes da residência de muitos eleitores, não existindo transportes adequados, a CNE tem entendido «chamar a atenção para o facto de ser necessário evitar que nas situações excepcionais em que sejam organizados transportes públicos especiais para as assembleias ou secções de voto a organização de tais transportes deve processar-se com rigorosa neutralidade e imparcialidade e sem que tal sirva para pressionar os eleitores no sentido de votar ou abster-se de votar ou sobre o sentido do voto».

Artigo 85º **(Extravio do cartão de eleitor)**

No caso de extravio do cartão de eleitor, os eleitores têm o direito de obter informação sobre o seu número de inscrição no recenseamento na junta de freguesia, que para o efeito está aberta no dia das eleições.

I- Do exposto neste artigo conclui-se que não é obrigatória a exibição do cartão de eleitor na assembleia eleitoral, bastando a indicação do nº de inscrição e a apresentação do B.I. ou outro documento identificativo.

II- As Juntas de Freguesia em cujas sedes funcionam as C.R. possuem ficheiros ordenados alfabeticamente e / ou a base de dados dos seus eleitores através dos quais é extremamente fácil encontrar os nºs de inscrição dos eleitores.

O STAPE tem aconselhado - para maior facilidade na acção da J.F. - que os ficheiros ou listagens alfabéticas sejam levadas para junto dos respectivos locais de voto, desde que salvaguardada a devida segurança. Preferível é, contudo, a utilização de listagens alfabéticas. Esta prática tem levado ao deslocamento dos serviços da JF para perto das secções de voto em que decorre o acto eleitoral. Segundo parecer da CNE (cfr. acta de 30.03.2004) esta solução só será admissível se as instalações onde se encontram as mesas de voto permitirem uma clara distinção entre as assembleias e os ditos serviços da JF, evitando-se qualquer confusão entre as assembleias e os ditos serviços e, nomeadamente, que possa considerar-se haver interferência indevida destes no acto eleitoral.

SECÇÃO II

VOTAÇÃO

Artigo 86º (Abertura da votação)

1. Constituída a mesa, o presidente declara iniciadas as operações eleitorais, manda afixar o edital a que se refere o nº 2 do artigo 48º, procede com os restantes membros da mesa e os delegados das listas à revista da câmara de voto e dos documentos de trabalho da mesa e exhibe a urna perante os eleitores para que todos se possam certificar de que se encontra vazia.

2. Não havendo nenhuma irregularidade, votam imediatamente o presidente, os vogais e os delegados das listas, desde que se encontrem inscritos nessa assembleia ou secção de voto.

I- Ainda antes das operações referidas neste artigo - e aproveitando a antecedência com que devem apresentar-se nas assembleias eleitorais (artº 48º nº 3) - os membros da mesa devem mutuamente verificar a legitimidade dos cargos em que estão investidos bem como a dos delegados das listas, através dos respectivos alvarás de nomeação e credenciais.

Obviamente que esta antecedência com que devem comparecer os membros de mesa não dá o direito a esta ou ao Presidente da Junta, atentas as suas atribuições (v. artº 487º nº 4), de substituir inopinadamente um membro de mesa perante qualquer atraso que se verifique na sua chegada. Essa substituição, a ocorrer, só poderá ter lugar a partir das 9 horas do dia da eleição.

II- Os membros das mesas eleitorais devem assegurar a correcta disposição, na sala, da mesa de trabalho e das câmaras de voto por forma a que, por um lado, seja rigorosamente preservado o segredo de voto - ficando as câmaras colocadas de modo a que quer os membros da mesa quer os delegados não possam descortinar o sentido de voto dos eleitores - e se evite, por outro lado, que os eleitores fiquem fora do ângulo de visão da mesa e delegados.

III- Para além do edital referido no nº 1 existe à porta das assembleias um outro edital com os nomes das listas sujeitas a sufrágio (artº 36º nº 2) e é usual haver, também, uma ampliação do boletim de voto. Esses elementos fornecem aos eleitores a informação indispensável para poderem votar.

IV- No caso de se registar a desistência de alguma lista a mesa afixará um documento em que tal seja comunicado (V. nota IV ao artº 39º) e poderá, também, fazer uma pequena nota na ampliação do boletim de voto afixado à porta da assembleia.

Nunca poderá, porém, ser feito qualquer risco ou anotação nos próprios boletins de voto. Tal equivaleria a anular «previamente» os votos (artº 98º nº 2 c)). Os boletins de voto são, portanto, intocáveis pelas mesas eleitorais (e, obviamente, pelos eleitores, que apenas poderão assinalar a sua opção de voto ou entregá-lo (dobrado) em branco se for essa a sua vontade).

V- Sobre a impossibilidade de abertura da votação v. artº 90º. Ver também artºs 156º e 157º.

Artigo 87º
(Procedimento da mesa em relação aos votos antecipados)

- 1. Após terem votado os elementos da mesa, e no caso de existirem votos antecipados, o presidente procederá à sua abertura e lançamento na urna, de acordo com o disposto nos números seguintes.**
- 2. O presidente entrega os sobrescritos azuis aos escrutinadores para verificarem se o eleitor se encontra devidamente inscrito e se está presente o documento comprovativo referido no nº 2 do artigo 79º-B.**
- 3. Feita a descarga no caderno de recenseamento, o presidente abre o sobrescrito branco e introduz o boletim de voto na urna.**

I- Artigo com nova redacção dada pela Lei nº 10/95, na sequência das alterações ao artigo 79º, consubstanciadas nos novos artigos 79º-B e 79º-C. Ver também artigos 79º-A e 105º nº 2 e).

II- Muito embora o nº 2 se refira a uma nova norma (artº 79º-B nº 2) integrada no artigo relativo ao voto antecipado dos militares, agentes de forças e serviços de segurança, trabalhadores dos transportes e membros que representem oficialmente selecções nacionais desportivas a exigência de inserção do documento comprovativo do impedimento é também extensiva ao voto antecipado dos doentes internados e dos presos.

III- Na ocasião da abertura e lançamento na urna dos sobrescritos brancos contendo os votos antecipados, deve ser dado cumprimento ao nº 2 e) do artº 105º - menção na acta dos números de inscrição no recenseamento dos eleitores que votaram antecipadamente.

Artigo 88º
(Ordem de votação)

- 1. Os eleitores votam pela ordem de chegada à assembleia de voto, dispondo-se para o efeito em fila.**
- 2. Os presidentes das assembleias ou secções de voto devem permitir que os membros das mesas e delegados de candidatura em outras assembleias ou secções de voto exerçam o seu direito de sufrágio logo que se apresentem e exibam o alvará ou credencial respectivos.**

I- Deve ser concedida prioridade na votação aos eleitores deficientes, muito idosos e grávidas que se desloquem às assembleias eleitorais.

II- No nº 2 o segmento “assembleia ou secção de voto” deve, **no que respeita aos membros de mesa**, ser interpretado como “secção de voto” (local de voto dentro da mesma unidade geográfica: freguesia) face ao que, claramente, se dispõe no nº 3 do artigo 44º e nº 3 do artº 47º que impedem que haja membros de mesa recenseados em freguesia diversa daquela onde exercem funções.

Artigo 89º
(Continuidade das operações eleitorais e encerramento da votação)

- 1. A assembleia eleitoral funciona ininterruptamente até serem concluídas todas as operações de votação e apuramento.**
- 2. A admissão de eleitores na assembleia de voto faz-se até às 19 horas. Depois desta hora apenas podem votar os eleitores presentes.**
- 3. O presidente declara encerrada a votação logo que tiverem votado todos os eleitores inscritos ou, depois das 19 horas, logo que tiverem votado todos os eleitores presentes na assembleia de voto.**

I- Ver notas ao artº 49º e artº 90º.

II- Para assegurar o rigoroso cumprimento do nº 3 deste artigo tem sido prática, generalizadamente seguida, o encerramento às 19 horas das portas das secções de voto entrando os eleitores presentes para o interior das salas.

À mesa compete certificar quem são os eleitores que efectivamente estão presentes à hora de encerramento. Se o entender conveniente, pode, inclusive, distribuir senhas aos eleitores presentes para evitar que outros – chegados a destempo à assembleia de voto – se intrometam entre aqueles que, regularmente, podem votar depois das 19 horas.

Artigo 90º

(Não realização da votação em qualquer assembleia de voto)

1. Não pode realizar-se a votação em qualquer assembleia de voto se a mesa não se puder constituir, se ocorrer qualquer tumulto que determine a interrupção das operações eleitorais por mais de três horas ou se na freguesia se registar calamidade no dia marcado para as eleições ou nos três dias anteriores.

2. Ocorrendo alguma das situações previstas no número anterior aplicar-se-ão, pela respectiva ordem, as regras seguintes:

a) Não realização de nova votação se o resultado for indiferente para a atribuição dos mandatos;

b) Realização de uma nova votação no mesmo dia da semana seguinte, no caso contrário;

c) Realização do apuramento definitivo sem ter em conta a votação em falta, se se tiver revelado impossível a realização da votação prevista na alínea anterior.

3. O reconhecimento da impossibilidade definitiva da realização da votação ou o seu adiamento competem ao governador civil ou, no caso das Regiões Autónomas, ao Ministro da República.

4. Na realização de nova votação, os membros das mesas podem ser nomeados pelo governador civil ou, no caso das Regiões Autónomas, pelo Ministro da República.

I- Artigo com redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- Relativamente à anterior redacção, que já alterava a original, restringe-se ainda mais a possibilidade de repetição de eleições, em nome, fundamentalmente, do princípio da igualdade do voto.

III- A não repetição do acto eleitoral por pelo menos uma vez - como sucedia na versão anterior (nº 2) - conduz à conclusão de que o GC/MR, para dar cumprimento ao disposto nas alíneas a) e b) do nº 2, se terá de basear nos resultados do escrutínio provisório implementado pelo STAPE/MAI, sendo teoricamente admissível a ocorrência de situações limite de difícil decisão.

IV- O disposto nos nºs 2 c) e 4 configura soluções de excepção apenas possíveis para acorrer a situações de verdadeiro bloqueio, que extravasem o domínio do democraticamente tolerável - no caso de impossibilidade de constituição da mesa e/ou ocorrência de boicotes tumultuosos impeditivos do funcionamento da assembleia - ou revistam a natureza de verdadeira impossibilidade prática de realização dos actos de votação.

Artigo 91º

(Polícia das assembleia de voto)

1. Compete ao presidente da mesa, coadjuvado pelos vogais desta, assegurar a liberdade dos eleitores, manter a ordem e, em geral, regular a polícia da assembleia, adoptando para esse efeito as providências necessárias.

2. Não é admitida na assembleia de voto, a presença de pessoas manifestamente embriagadas ou drogadas ou que sejam portadoras de qualquer arma ou instrumento susceptível de como tal ser usado.

I- O nº 2 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- De entre as providências que a mesa pode adoptar deve referir-se a possibilidade excepcional de recurso às forças militarizadas (ver artº 94º).

III- Do disposto no nº 2 parece decorrer a impossibilidade de, enquanto eleitores, os membros das forças armadas e militarizadas se apresentarem a votar munidos de armas.

IV- V. artºs 162º e 163º.

Artigo 92º (Proibição de propaganda)

1. É proibida qualquer propaganda dentro das assembleias de voto e fora delas até à distância de 500m.

2. Por propaganda entende-se também a exibição de símbolos, siglas, sinais, distintivos ou autocolantes de quaisquer listas.

I- Este artigo tem redacção dada pela Lei nº 10/95. Todavia apenas o nº 2 foi inovador.

II- O nº 1 é, claramente, o enunciar de um princípio, de um «desejo», que se sabe à partida ser de difícil concretização prática. É, com efeito, extremamente difícil conseguir fazer desaparecer todo o tipo de propaganda eleitoral das imediações das assembleias eleitorais em 32 horas, tal é o tempo que vai do fim da campanha até à abertura das urnas.

Daí que apenas se venha considerando indispensável o desaparecimento da propaganda eleitoral dos próprios edifícios (interior e exterior) onde funcionam as assembleias eleitorais e, se possível, das suas imediações mais próximas.

Nesse sentido e aquando das eleições presidenciais de 1986 a CNE deliberou, em caso concreto, «mandar informar que os delegados não podiam impedir o funcionamento das assembleias de voto pelo facto de haver cartazes de propaganda eleitoral na via pública a menos de 500 metros daquelas. A Junta de Freguesia na véspera do acto eleitoral ou o presidente da secção de voto respectiva podiam providenciar a retirada de tais cartazes naquela área».

Chamada a pronunciar-se sobre a queixa apresentada por um partido político que havia sido notificado pela edilidade para retirar todos os símbolos e propaganda partidária existente na sua sede partidária em virtude de a mesma se situar no perímetro de 500 metros das mesas eleitorais (!!), a CNE manteve a posição anterior, acrescentando que o direito de intervenção dos membros de mesa se devia restringir ao edifício e muros envolventes da assembleia de voto (cfr. acta de 11.12.97).

III- Sendo evidentemente vedada a exibição pelos eleitores e membros de mesa de quaisquer elementos - emblemas, autocolantes, etc. - que iniciem a sua opção de voto coloca-se a questão de saber se os delegados estarão sujeitos à mesma limitação. Desde sempre foi entendido que sim, tendo a própria CNE entendido em deliberação tomada para o efeito em 5.08.80 que «os delegados das listas não deverão exhibir, nas assembleias de voto, emblemas ou «crachats», porque a sua função é meramente fiscalizadora, e a sua identificação respeita apenas à mesa, sendo feita através das respectivas credenciais.

Aliás, sendo proibida toda a propaganda, poder-se-á considerar a exibição de emblemas e «crachats» como forma, embora indirecta, dessa mesma propaganda».

IV- Recorde-se ainda o teor de uma outra deliberação da CNE, de 14.7.87, que afirma que “nos termos do artº 92º é proibida qualquer propaganda dentro das assembleias eleitorais e fora delas

até à distância de 500 metros. Fora desse perímetro não é legítimo proceder à remoção de qualquer tipo de propaganda eleitoral. Depois da realização dos actos eleitorais de 19 de Julho caberá sempre aos partidos políticos e coligações procederem à retirada da propaganda”.

V- Segundo jurisprudência expendida no Acórdão do TC nº 235/88, publicado no DR II Série, nº 293, de 21.12.88., tirado por altura das eleições para a ALR dos Açores de 1988 “ a existência de propaganda eleitoral num raio de 500 metros da assembleia de voto constitui um ilícito, mas não foi provado que o mesmo possa ser classificado entre as irregularidades ocorridas no decurso da votação nem que a afixação proibida dessa propaganda tenha influído no resultado final”.

VI- v. artº 141º.

Artigo 93º **(Proibição da presença de não eleitores)**

- 1. O presidente da assembleia eleitoral deve mandar sair do local onde ela estiver reunida os cidadãos que aí não possam votar, salvo se se tratar de candidatos e mandatários ou delegados das listas.**
- 2. Exceptuam-se deste princípio os agentes dos órgãos de comunicação social, que podem deslocar-se às assembleias ou secções de voto para a obtenção de imagens ou de outros elementos de reportagem.**
- 3. Os agentes dos órgãos de comunicação social devem:**
 - a) Identificar-se perante a mesa antes de iniciarem a sua actividade, exibindo documento comprovativo da sua profissão e credencial do órgão que representam;**
 - b) Não colher imagens, nem de qualquer modo aproximar-se das câmaras de voto a ponto de poderem comprometer o carácter secreto do sufrágio;**
 - c) Não obter outros elementos de reportagem que possam violar o segredo do voto, quer no interior da assembleia, quer no exterior dela, até à distância de 500m;**
 - d) De um modo geral não perturbar o acto eleitoral.**
- 4. As imagens ou outros elementos de reportagem obtidos nos termos referidos no número anterior só podem ser transmitidos após o encerramento das assembleias ou secções de voto.**

I- Compete à mesa providenciar pelo cumprimento do preceituado neste artigo recorrendo, se necessário, à intervenção da força armada (artº 94º).

Naturalmente que parecendo, nos termos da lei, que podem estar sempre presentes os eleitores da secção de voto, mais os candidatos, mais os mandatários, mais os delegados das listas pode gerar-se uma situação de grande aglomeração de cidadãos que é de todo indesejável para o funcionamento da assembleia e que pode mesmo impedi-lo. Não pode, contudo, ter sido esse o desejo do legislador devendo o nº 1 deste artigo ser entendido em termos hábeis, no sentido de ser totalmente impedido o acesso de quem não é eleitor naquela secção de voto e de ser permitida a presença dos restantes elementos referidos apenas pelo período de tempo necessário à votação ou ao exercício do direito de fiscalização ou de informação (nº 2).

A este propósito saliente-se a deliberação da CNE de Dezembro de 1989 que refere-se:

«os candidatos que exerçam o direito previsto (no nº 1) não podem praticar quaisquer actos ou contribuir, de qualquer forma, para que outrem os pratique, que constituam directa ou indirectamente, uma forma de propaganda à sua candidatura.

Os candidatos não podem entrar acompanhados por comitivas ou apoiantes».

II- Ainda sobre a presença de candidatos, a CNE, no dia das eleições regionais de 17 de Outubro de 2004, recebeu várias participações de cidadãos relativas à presença de candidatos de um determinado círculo eleitoral em secções de voto de diferentes círculos eleitorais, tendo deliberado, a propósito, que os candidatos apenas podem estar presentes nas secções de voto referentes aos círculos eleitorais pelos quais tenham apresentado candidatura.

III- Relativamente às operações de apuramento dos resultados tem sido entendimento dos órgãos da administração eleitoral que ele deve, em princípio, ser reservado aos membros de mesa, delegados das listas, bem como candidatos e mandatários.

A não ser assim tornar-se-ia impossível obter o clima de responsabilidade e sossego necessários às complexas tarefas que o apuramento envolve.

IV- A proibição referida no nº 4 tem em vista que os elementos informativos recolhidos não influenciem eleitores que ainda não tenham exercido o seu direito de sufrágio.

V- Sobre esta matéria ver a situação excepcional dos agentes que estejam a realizar sondagens à boca das urnas, que podem permanecer no interior do espaço físico onde funcionam as assembleias eleitorais, mas **não dentro das salas onde se vota** (v. Lei nº 10/2000, artº 11º, na Legislação Complementar).

VI- V. artº 161º.

Artigo 94º

(Proibição de presença de força armada e casos em que pode comparecer)

1. Salvo o disposto nos números seguintes, nos locais onde se reunirem as assembleias de voto, e num raio de 100m, é proibida a presença de força armada.

2. Quando for necessário pôr termo a algum tumulto ou obstar a qualquer agressão ou violência, quer dentro do edifício da assembleia ou secção de voto, quer na sua proximidade, ou ainda em caso de desobediência às suas ordens, pode o presidente da mesa, consultada esta, requisitar a presença de força armada, sempre que possível por escrito, ou, no caso de impossibilidade, com menção na acta eleitoral das razões da requisição e do período da presença da força armada.

3. O comandante da força armada que possua indícios seguros de que se exerce sobre os membros da mesa coacção física ou psíquica que impeça o presidente de fazer a requisição pode intervir por iniciativa própria, a fim de assegurar a genuinidade do processo eleitoral, devendo retirar-se logo que pelo presidente, ou por quem o substitua, lhe seja formulado pedido nesse sentido, ou quando verifique que a sua presença já não se justifica.

4. Quando o entenda necessário, o comandante da força armada, ou um seu delegado credenciado, pode visitar, desarmado e por um período máximo de dez minutos, a assembleia ou secção de voto, a fim de estabelecer contacto com o presidente da mesa ou com quem o substitua.

5. Nos casos previstos nos nº s 2 e 3, as operações eleitorais na assembleia ou secção de voto são suspensas, sob pena de nulidade da eleição, até que o presidente da mesa considere verificadas as condições para que possam prosseguir.

I- Esta proibição tem como objectivo evitar qualquer hipótese de restrição à inteira liberdade dos eleitores, que poderiam sentir-se constrangidos caso deparassem nas imediações dos locais de voto com elementos das forças militares ou militarizadas.

II- A presença, excepcional, da força armada nas secções de voto só pode verificar-se em caso de tumulto (ou indício seguro) bem como a pedido da mesa. Da presença da força armada nas assembleias eleitorais é sempre lavrada referência na acta das operações eleitorais em virtude de tal determinar, obrigatoriamente, a sua suspensão (ver a este respeito o Acórdão do T.C. nº 332/85, publicado no DR II Série, de 18.04.86).

III- V. artº 163º.

Artigo 95º
(Boletins de voto)

1. Os boletins de voto são de forma rectangular, com as dimensões apropriadas para neles caber a indicação de todas as listas submetidas à votação em cada círculo e são impressos em papel branco, liso e não transparente.
2. Em cada boletim de voto são impressos, de harmonia com o modelo anexo a esta lei, as denominações, as siglas e os símbolos dos partidos e coligações proponentes de candidaturas, dispostos horizontalmente, uns abaixo dos outros, pela ordem resultante do sorteio efectuado nos termos do artigo 31º, os quais devem reproduzir os constantes do registo ou da anotação do Tribunal Constitucional, conforme os casos, devendo os símbolos respeitar rigorosamente a composição, a configuração e as proporções dos registados ou anotados.
3. Na linha correspondente a cada partido ou coligação figura um quadrado em branco, destinado a ser assinalado com a escolha do eleitor.
4. A impressão dos boletins de voto é encargo do Estado, através do Ministério da Administração Interna, competindo a sua execução à Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
5. O governador civil ou, nas regiões autónomas, o Ministro da República remete a cada presidente de câmara municipal ou de comissão administrativa municipal, *ou, nos municípios onde existirem bairros administrativos, ao administrador de bairro*, os boletins de voto para que este cumpra o preceituado no nº 2 do artigo 52º.
6. Os boletins de voto, em número igual ao dos eleitores inscritos na assembleia ou secção de voto mais 20%, são remetidos em sobrescrito fechado e lacrado.
7. O presidente da câmara municipal ou da comissão administrativa municipal *ou, nos municípios onde existirem bairros administrativos, o administrador de bairro* e os presidentes das assembleias ou secções de voto prestam contas ao governador civil ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República dos boletins de voto que tiverem recebido, devendo os presidentes das assembleias ou secções de voto devolver-lhe no dia seguinte ao das eleições os boletins não utilizados e os boletins deteriorados ou inutilizados pelos eleitores.

I- O nº 2 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- V. nota II ao artº 52º.

III-. O papel especial em que são impressos os boletins de voto é fornecido à IN/CM pelo STAPE/MAI tendo normalmente uma opacidade de cerca de 100%, tendente a assegurar de forma eficaz o segredo de voto.

IV- Sobre a dimensão dos símbolos dos partidos ou coligações nos boletins de voto -elementos que servem para os identificar sobretudo junto dos analfabetos (v. nota V ao artº 22º) - recorde-se o teor da deliberação da CNE de 9.10.79: “os símbolos das forças políticas concorrentes à eleição para a A.R. deverão caber dentro de quadrados de dimensões rigorosamente iguais para todos. A dimensão dos quadrados deverá ser de 15mm por 15 mm”. Esta orientação tem valido nos sucessivos actos eleitorais da A.R. e P.E. posteriores a 1979 sem ter gerado qualquer tipo de problema, muito embora o critério fixado desfavoreça os símbolos cujo formato seja diferente da forma geométrica do quadrado ou do círculo. Recorde-se, aliás, que nas eleições autárquicas - onde o critério definido pela CNE era, todavia, diferente - houve vários recursos para o T.C. que, nomeadamente através do Acórdão 258/85 (DR II Série de 18.3.86) definiu critérios que, pela sua importância passamos a reproduzir:

“I. A reclamação sobre as provas tipográficas dos boletins de voto pode ter por objecto quer a fidelidade dos símbolos impressos no boletim em relação aos enviados pelo Ministério da Administração Interna, quer todos os demais aspectos legalmente relevantes.”

“II. Tendo em conta a natureza do contencioso eleitoral, as decisões das reclamações ou recursos relativos às provas dos boletins de voto não podem limitar-se a revogar, se for caso

disso, as decisões em causa, devendo proceder igualmente à definição que haja de caber ao caso.”

“III. A função dos símbolos no boletim de voto consiste em identificar rápida e facilmente as várias forças políticas concorrentes, de modo a habilitar todos os eleitores -especialmente os analfabetos - a votar sem dificuldades, pelo que os símbolos não só hão-de estar claramente impressos, como devem desempenhar o seu papel identificador em condições sensivelmente iguais em relação a todas as forças políticas concorrentes.”

“IV. Na reprodução dos símbolos devem respeitar-se rigorosamente as suas proporções originárias, a área ocupada por cada um deve ser sensivelmente idêntica e em qualquer caso nenhum símbolo deve ultrapassar, na sua altura ou largura a medida que seja compatível com a área do boletim em que deve ser impressa.”

(*in* “Acórdãos do T.C.” - 6º volume).

A doutrina expendida no acima citado Acórdão 258/85 foi anterior à Lei 5/89 - (v. nota VI ao artº 22º), segundo a qual os partidos coligados deixaram de possuir a faculdade de escolherem livremente o símbolo da coligação (o que está hoje definitivamente consagrado na nova Lei dos partidos políticos – LO nº2/2003), pelo que a dimensão dos símbolos impressos no boletim de voto pode não ser suficiente para assegurar a melhor perceptibilidade, dependendo esta do número de partidos que compõem a coligação.

Foi o que aconteceu em 1989 com o aparecimento de uma coligação de 4 partidos concorrentes aos órgãos autárquicos do concelho de Lisboa, e que originou vários recursos, por o critério utilizado na impressão dos boletins de voto não garantir condições mínimas de perceptibilidade. Para essa situação concreta e por forma a serem respeitados os princípios da perceptibilidade dos símbolos e o da igualdade de tratamento das candidaturas, o T.C. ordenou que todos os símbolos fossem ampliados de modo a que o rectângulo ou quadrado (real ou imaginário) em que eles se inscreviam tivesse cerca de 260 mm², sem que, no caso de rectângulo a base excedesse 27,5 mm e a altura 19mm (sobre este assunto ver Acórdãos do T.C. 544/89, publicado no D.R. II Série de 03.04.90 e também 587/89 e 588/89), o que parece significar que o limiar da perceptibilidade é uma área de 65 mm² por partido.

Esta jurisprudência cremos que deve ser transposta para outros actos eleitorais.

Veja-se o que “de jure constituendo” se propõe no artº 99º da proposta de lei nº 169/VII (D.A.R. – II série A – nº 41, de 2 de Abril 98) para esta matéria e bem assim as dimensões definidas no artº 91º da LEOAL e que seguem a orientação jurisprudencial atrás mencionada.

IV- Assim que prontos na IN/CM os boletins de voto devidamente loteados em pacotes fechados seguem, através do STAPE/MAI, para os Governadores Cívicos/Ministros da República e daí para as Câmaras Municipais, competindo a estas a sua distribuição aos presidentes de mesa (artº 52º nº 2) juntamente com o restante material destinado às operações de votação e apuramento.

V- O excesso de 20% de boletins em relação ao nº de eleitores (nº 6) afigura-se-nos, hoje, claramente exagerado tendo em atenção não só a estabilização do nível da abstenção acima dos 20%, como a habituação dos eleitores que cada vez com menor frequência deterioram ou inutilizam os boletins que lhes são entregues. Refira-se, neste sentido, que, quer a lei orgânica do regime do referendo quer a lei orgânica da AL , fixaram esse excesso em apenas 10% (v., respectivamente, artº 104º nº 2 da lei nº 15-A/98 e 95º da LO 1/2001).

VI- O projecto de C.E. (artº 198º) pretende consagrar, no futuro, a obrigatoriedade de o STAPE, antes de mandar proceder a impressão dos boletins de voto, expor as provas tipográficas dos símbolos a imprimir, de modo a proporcionar a possibilidade de recurso para o T.C. quanto à sua conformidade com as regras que o mesmo código define (artº 196º): “área de 121 mm² definida pelo menor círculo, quadrado ou rectângulo que o possa conter, não podendo o diâmetro, a largura ou a altura exceder 15 mm”. Note-se porém, que na prática o STAPE sempre procedeu à exibição prévia de provas tipográficas às candidaturas, nomeadamente nas eleições

presidenciais onde a qualidade de impressão das fotografias dos candidatos é fundamental para a regularidade do boletim de voto.

VII- V. artºs 157º e 165º.

Artigo 96º **(Modo como vota cada eleitor)**

- 1. Cada eleitor, apresentando-se perante a mesa, indica o seu número de inscrição no recenseamento e o seu nome, entregando ao presidente o bilhete de identidade, se o tiver.**
- 2. Na falta do bilhete de identidade, a identificação do eleitor faz-se por meio de qualquer outro documento que contenha fotografia actualizada e que seja geralmente utilizado para identificação, ou através de dois cidadãos eleitores que atestem, sob compromisso de honra, a sua identidade, ou ainda por reconhecimento unânime dos membros da mesa.**
- 3. Reconhecido o eleitor, o presidente diz em volta alta o seu número de inscrição no recenseamento e o seu nome e, depois de verificada a inscrição, entrega-lhe um boletim de voto.**
- 4. Em seguida, o eleitor entra na câmara de voto situada na assembleia e aí, sozinho, marca uma cruz no quadrado respectivo da lista em que vota e dobra o boletim em quatro.**
- 5. Voltando para junto da mesa, o eleitor entrega o boletim ao presidente, que o introduz na urna, enquanto os escrutinadores descarregam o voto, rubricando os cadernos eleitorais na coluna a isso destinada e na linha correspondente ao nome do eleitor.**
- 6. Se, por inadvertência, o eleitor deteriorar o boletim, deve pedir outro ao presidente, devolvendo-lhe o primeiro. O presidente escreve no boletim devolvido a nota de inutilizado, rubrica-o e conserva-o para os efeitos do nº 7 do artigo 95º.**

I- De notar que o eleitor quando se identifica não é obrigado a exhibir ou entregar o cartão de eleitor embora tal seja aconselhável para simplificar o trabalho da mesa.
Ver artº 85º para caso de extravio do cartão de eleitor.

II- De entre os documentos oficiais igualmente utilizados para identificação, substitutivos do B.I., podem aceitar-se o passaporte e a carta de condução. A tendência é, no entanto, a de transformar o B.I. em elemento exclusivo de identificação, tal como já sucede para efeitos de recenseamento eleitoral (v. artº 34º da Lei nº 13/99).

III- Em Portugal, ao contrário do estatuído na Lei Eleitoral para os órgãos das AL (artº 115º nº 5 LO 1/2001) e bem assim na maioria dos outros países europeus, é o presidente da mesa e não o eleitor que introduz na urna o boletim de voto, solução que se afigura pouco atractiva para os eleitores.

IV- Sobre a cruz que deve assinalar a escolha no boletim de voto ver nota ao artº 98º.
Ver também artºs 146º, 147º, 148º e 158º.

Artigo 97º **(Voto dos deficientes)**

- 1. O eleitor afectado por doença ou deficiência física notórias, que a mesa verifique não poder praticar os actos descritos no artigo 96º, vota acompanhado de outro eleitor por si escolhido, que garanta a fidelidade de expressão do seu voto e que fica obrigado a sigilo absoluto.**
- 2. Se a mesa deliberar que não se verifica a notoriedade da doença ou deficiência física, exige que lhe seja apresentado no acto de votação atestado comprovativo da impossibilidade da prática dos actos referidos no número anterior, emitido pelo médico**

que exerça poderes de autoridade sanitária na área do município e autenticado com o selo do respectivo serviço.

3. Para os efeitos do número anterior, devem os centros de saúde manter-se abertos no dia da eleição, durante o período de funcionamento das assembleias eleitorais.

4. Sem prejuízo da decisão da mesa sobre a admissibilidade do voto, qualquer dos respectivos membros ou dos delegados dos partidos políticos ou coligações pode lavrar protesto.

I- A epígrafe e os nºs 1 e 2 têm redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- Na versão inicial este artigo, que consagra uma outra excepção à pessoalidade do voto (v. notas ao artº 79º), resumia-se ao actual nº 1, com ligeiras diferenças de redacção.

Os restantes números foram acrescentados pela Lei nº 14-A/85, de 10 de Julho, sendo os nº 2 (agora de novo alterado) e 3 alterados pelo Decreto-Lei nº 55/88, de 26 de Fevereiro, que dispensou a necessidade de intervenção dos notários no reconhecimento da assinatura dos delegados de saúde.

III- Quando a doença ou deficiência física (nela se incluindo a visual) seja notória, seja evidente aos olhos de todos, está obviamente dispensada a apresentação do certificado médico.

Igualmente em caso de deficiência clinicamente considerada irreversível, não há necessidade de renovar o atestado médico para cada acto eleitoral, devendo a mesa de voto aceitar o atestado ainda que ele não seja recente e tenha sido utilizado em actos eleitorais anteriores.

IV- O acompanhante do doente ou deficiente pode não estar inscrito na respectiva assembleia ou secção de voto. Exige-se, apenas, que seja eleitor e que o comprove.

V- Não é permitido o acompanhamento no acto de votação de eleitores que sejam simplesmente idosos, reformados, analfabetos, etc., nem é autorizada a deslocação da urna e/ou dos membros da mesa para fora da assembleia tendo em vista a facilitação da votação de quem quer que seja. Veja-se, a propósito, o Acórdão do T.C. nº 3/90 (DR II série de 24.4.90) que, por tal ter influenciado o resultado da votação, anulou as eleições numa determinada freguesia onde uma mesa autorizou, genericamente, a votar acompanhados os reformados bem como os eleitores com deficiência física notória que o solicitassem independentemente da deficiência ser impeditiva do acto de votação, tendo, além disso, permitido que servissem de acompanhantes cidadãos não inscritos nos cadernos eleitorais (!).

VI- Nos casos, especiais, em que o eleitor deficiente pode executar os actos necessários à votação, mas não pode aceder à câmara de voto - por se deslocar em cadeira de rodas, por se apresentar de maca, etc. - deve a mesa permitir que vote, sozinho, fora da câmara de voto mas em local - dentro da secção de voto e à vista da mesa e delegados - em que seja rigorosamente preservado o segredo de voto.

Nestes casos os acompanhantes devem limitar-se a conduzir o eleitor até ao local de voto e depois de ele ter recebido o boletim de voto devem deixá-lo, sozinho, praticar os actos de votação, podendo, finalmente, levá-lo até à mesa para que ele proceda à entrega do boletim ao presidente.

VII- Por altura das eleições para o Parlamento Europeu de 13 de Junho de 2004, foi submetido à aprovação da CNE um projecto sobre um novo sistema de votação para pessoas cegas e que consistia colocar à disposição de todos os invisuais que dominassem a grafia Braille uma matriz com os quadrados de opção vazados e que seria sobreposta ao boletim de voto, de molde a que, com esta ajuda técnica essas pessoas tivessem a possibilidade de ler e interagir (afixando o seu voto) com o boletim. Apesar da relevância do projecto, naturalmente que a CNE não era a entidade competente para o aprovar ou não, já que a implementação deste sistema carece de consagração legal. Refira-se, a propósito, existir um projecto muito similar apresentado pelo BE na Assembleia da República.

VIII- Ver art's 147º e 150º.

Artigo 98º
(Voto em branco ou nulo)

- 1. Considera-se voto em branco o do boletim de voto que não tenha sido objecto de qualquer tipo de marca.**
- 2. Considera-se voto nulo o do boletim de voto:**
 - a) No qual tenha sido assinalado mais de um quadrado ou quando haja dúvidas sobre qual o quadrado assinalado;**
 - b) No qual tenha sido assinalado o quadrado correspondente a uma lista que tenha desistido das eleições ou que não tenha sido admitida;**
 - c) No qual tenha sido feito qualquer corte, desenho ou rasura ou quando tenha sido escrita qualquer palavra.**
- 3. Não se considera voto nulo o do boletim de voto no qual a cruz, embora não perfeitamente desenhada ou excedendo os limites do quadrado, assinale inequivocamente a vontade do eleitor.**
- 4. Considera-se ainda voto nulo o voto antecipado quando o boletim de voto não chega ao seu destino nas condições previstas nos artigos 79º-B e 79º-C ou seja recebido em sobrescrito que não esteja devidamente fechado.**

I- O nº 4 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- Relativamente ao disposto na alínea b) do nº 2 há que acrescentar ao elenco a hipótese de lista que tenha sido rejeitada pelo tribunal. Com efeito, há a possibilidade -teórica - de os boletins de voto serem imprimidos ainda antes de definitivamente aceites as listas pelo tribunal (ver artº 31º desta Lei), nomeadamente – por razões de “timing” – no caso dos círculos eleitorais da emigração.

III- Sobre o sinal identificador da opção de voto (a cruz) e a propósito do disposto no nº 3 deste artigo atente-se na jurisprudência que tem vindo a ser emanada pelo T.C. de que salientamos a relativa a três Acórdãos proferidos aquando das eleições autárquicas de 1985 e de que se transcrevem de seguida excertos dos respectivos sumários (ver «Acórdãos do T.C. - 6º volume-1985»).

-«A função identificadora no boletim de voto respectivo só é cumprida por uma cruz colocada sobre o quadrado que se deseja assinalar. Qualquer sinal diferente de uma cruz torna o voto nulo» (Acórdão 319/85 - DR II Série de 15.4.86);

-«...a declaração de vontade em que se traduz o voto tem de ser feita através de uma cruz assinalada num quadrado, em princípio inscrita nele, valendo, todavia, como tal a cruz que não seja perfeitamente desenhada ou exceda os limites do quadrado, desde que, nestes dois casos, «assinale inequivocamente a vontade do eleitor» (Acórdão 320/85 - DR II Série de 15.4.86):

-«Não podem considerar-se assinalados de forma legalmente válida os boletins de voto que tenham sido marcados fora do local a isso destinado, nem, por outro lado, aqueles que tenham sido assinalados com uma marca que não corresponde, de modo nenhum, a uma cruz ainda que desenhada de forma imperfeitíssima». (Ac. 326/85 - DR II Série de 6.4.86):

Sobre o conceito de cruz válida perfilhado pelo T.C. parece poder concluir-se que entende ser necessária a intercepção dentro do quadrado de dois segmentos de recta ainda que imperfeitamente desenhados ou excedendo mesmo os limites do quadrado. Em sentido ligeiramente diverso vejam-se as declarações de voto, nos dois primeiros acórdãos, do Conselheiro Monteiro Dinis, que prefere pôr o acento tónico no inequívoco assinalamento da vontade do eleitor.

Acerca da questão em apreço, chama-se a atenção para o Acórdão do TC nº 11/ 2002, publicado no DR II Série, de 30.01.2002., que vem de algum modo clarificar e consolidar a posição do Tribunal Constitucional nesta matéria.

IV- Ver artigos 103º e 110º nº 2. Parece, contudo, que pelo menos num dos casos referidos no nº 4 deste artigo - quando o boletim de voto não chega ao destino nas condições dos artigos 79º-B e 79º-C, isto é, quando não é acompanhado da documentação aí referida - o poder de reapreciação da assembleia de apuramento fica prejudicado.

Artigo 99º
(Dúvidas, reclamações, protestos e contraprotostos)

1. Qualquer eleitor inscrito na assembleia de voto ou qualquer dos delegados das listas pode suscitar dúvidas e apresentar por escrito reclamação, protesto ou con-traprotosto relativos às operações eleitorais da mesma assembleia e instruí-los com os documentos convenientes.

2. A mesa não pode negar-se a receber as reclamações, os protestos e os contraprotostos, devendo rubricá-los e apensá-los às actas.

3. As reclamações, os protestos e os contraprotostos têm de ser objecto de deliberação da mesa, que pode tomá-la no final, se entender que isso não afecta o andamento normal da votação.

4. Todas as deliberações da mesa são tomadas por maioria absoluta dos membros presentes e fundamentadas, tendo o presidente voto de desempate.

I- A necessidade de redução a escrito das reclamações, protestos e contraprotostos tem em vista a possibilidade de recurso perante as assembleias de apuramento geral (v. artº 107º e seguintes) e, das decisões destas, de recurso contencioso perante o T.C. (v. artºs 117º e 118º).

II- Ver artºs 160º, 161º e 167º.

CAPÍTULO II

APURAMENTO

SECÇÃO I

APURAMENTO PARCIAL

Artigo 100º
(Operação preliminar)

Encerrada a votação, o presidente da assembleia ou secção de voto procede à contagem dos boletins que não foram utilizados e dos que foram inutilizados pelos eleitores e encerra-os num sobrescrito próprio, que fecha e lacra para o efeito do nº7 do artigo 95º.

I- Para além da justificação expressamente referida neste artigo - prestação de contas junto das entidades que entregaram às mesas os boletins de voto - o objectivo desta operação é, também, o de evitar que os boletins inutilizados, deteriorados e não utilizados possam ser, eventualmente, adicionados aos que estão dentro da urna no decurso das restantes operações do apuramento parcial.

II- Ver artºs 157º e 165º.

Artigo 101º
(Contagem dos votantes e dos boletins de voto)

- 1. Encerrada a operação preliminar, o presidente da assembleia ou secção de voto manda contar os votantes pelas descargas efectuadas nos cadernos eleitorais.**
- 2. Concluída essa contagem, o presidente manda abrir a urna, a fim de conferir o número de boletins de voto entrados e, no fim da contagem, volta a introduzi-los nela.**
- 3. Em caso de divergência entre o número dos votantes apurados nos termos do nº 1 e dos boletins de voto contados, prevalece, para efeitos de apuramento, o segundo destes números.**
- 4. É dado imediato conhecimento público do número de boletins de voto através de edital, que, depois de lido em voz alta pelo presidente, é afixado à porta principal da assembleia ou secção de voto.**

I- A legislação eleitoral portuguesa optou pelo apuramento na própria assembleia ou secção de voto feito pela mesa que dirige as operações eleitorais.

Tal solução confere, sem dúvida, grande celeridade ao apuramento e ao consequente conhecimento público dos resultados, sendo por isso difícil enveredar no futuro por outra qualquer. Justo é, porém, que se diga não ser essa a solução teoricamente mais segura, se se atentar que existem no nosso país mais de 12.000 assembleias eleitorais sendo difícil assegurar que em todas elas exista uma eficaz fiscalização através da presença de delegados das diversas candidaturas e/ou uma adequada escolha dos membros de mesa.

Em vários outros países (p.ex. no Reino Unido) a opção é a de as urnas eleitorais serem recolhidas devidamente fechadas, transportadas para um centro de escrutínio na sede da circunscrição e aí abertas para um escrutínio directamente fiscalizado pela administração eleitoral e delegados das candidaturas.

II- A opção legal reflectida no nº 3 é a única possível perante uma situação indesejável. O legislador parte do princípio que houve lapso dos escrutinadores e que, ainda que não tenha havido, a outra solução - anular votos depositados na urna - seria inaceitável.

III- A razão de ser da afixação do edital é, no fundo, a mesma que foi referida na nota I ao artº 99º.

IV- Ver artº 158º.

Artigo 102º **(Contagem dos votos)**

- 1. Um dos escrutinadores desdobra os boletins, um a um, e anuncia em voz alta qual a lista votada. O outro escrutinador regista numa folha branca ou, de preferência, num quadro bem visível , e separadamente, os votos atribuídos a cada lista, os votos em branco e os votos nulos.**
- 2. Simultaneamente, os boletins de voto são examinados e exibidos pelo presidente, que, com a ajuda de um dos vogais, os agrupa em lotes separados, correspondentes a cada uma das listas votadas, aos votos em branco e aos votos nulos.**
- 3. Terminadas essas operações, o presidente procede à contraprova da contagem, pela contagem dos boletins de cada um dos lotes separados.**
- 4. Os delegados das listas têm o direito de examinar, depois, os lotes dos boletins de voto separados, sem alterar a sua composição, e, no caso de terem dúvidas ou objecções em relação à contagem ou à qualificação dada ao voto de qualquer boletim, têm o direito de solicitar esclarecimentos ou apresentar reclamações ou protestos perante o presidente.**
- 5. Se a reclamação ou protesto não forem atendidos pela mesa, os boletins de voto reclamados ou protestados são separados, anotados no verso, com a indicação da qualificação dada pela mesa e do objecto da reclamação ou do protesto e rubricados pelo presidente e, se o desejar, pelo delegado da lista.**
- 6. A reclamação ou protesto não atendidos não impedem a contagem do boletim de voto para efeitos de apuramento parcial.**

7. O apuramento assim efectuado é imediatamente publicado por edital afixado à porta principal do edifício da assembleia ou da secção de voto, em que se discriminam o número de votos de cada lista, o número de votos em branco e o de votos nulos.

I- O processo descrito neste artigo deve ser rigorosamente observado não podendo ser omitida, ou alterada na sua sequência, qualquer das fases apontadas.

Eventuais irregularidades cometidas nestas operações são susceptíveis de reclamação ou protesto junto da mesa, feita por escrito no acto em que se verificarem, (artº 99º), havendo recurso para as assembleias de apuramento geral e recurso contencioso para o T.C. (artºs 117º e 118º), feitos no prazo de 24 horas a contar da afixação dos editais com os resultados.

II- Em preceito similar da Lei Eleitoral para os órgãos das autarquias locais (artº 131º LO nº 1/2001) existe uma norma muito interessante que refere:

(...)

“6. Os membros de mesa não podem ser portadores de qualquer instrumento que permita escrever quando manuseiam os boletins de voto.”

e que devia constar das demais leis eleitorais, atenta a sua finalidade, ao que tudo parece, de proteger os membros de mesa das sombras de quaisquer suspeições que sobre eles pudessem vir a recair, uma vez que com um objecto de escrita nas mãos os elementos encarregues da contagem dos votos poderiam, teoricamente e com alguma facilidade, anular votos válidos com a aposição de uma 2ª cruz, ou validar votos em branco com a aposição de uma cruz à frente de uma das listas.

Trata-se de uma medida meramente cautelar e que visa proteger os membros da mesa e, como necessária consequência, garantir a fidedignidade dos resultados apurados.

III- Para o rápido conhecimento e difusão dos resultados eleitorais no próprio dia da votação o STAPE monta e dirige um esquema de **escrutínio provisório** cuja cobertura legal é dada por despacho normativo «ad hoc» da Presidência de Conselho de Ministros e Ministério da Administração Interna (v. p. ex. DR II série nº 51 de 01.03.2002).

O sistema tem o seu arranque nos presidentes das secções de voto que logo que apuram os resultados os comunicam, normalmente via pessoal ou telefónica, para a junta de freguesia ou para a entidade que for determinada pelo Governo Civil/Ministro da República. Apurados os resultados da freguesia são os mesmos comunicados, imediatamente, ao GC/MR que os transmite por via informática - existem terminais de computador na sede de cada distrito/região autónoma - para o centro de escrutínio de Lisboa.

Ver a este propósito o artº 284º do projecto de C.E. e, de “de jure constituto”, o disposto no artigo 145º lei orgânica do regime do referendo (Lei nº 15-A/98) e no artigo 136º da Lei orgânica para a eleição dos órgãos das autarquias locais (LO 1/2001).

IV- Ver artºs 158º, 159, 160º e 165º.

Artigo 103º

(Destino dos boletins de voto nulos ou objecto de reclamação ou protesto)

Os boletins de voto nulos e aqueles sobre os quais haja reclamação ou protesto são, depois de rubricados, remetidos à assembleia de apuramento geral, com os documentos que lhes digam respeito.

Os documentos relativos às reclamações e protestos vão apensos aos boletins respectivos e à acta, sendo nela mencionados expressamente.

Artigo 104º

(Destino dos restantes boletins)

1. Os restantes boletins de voto são colocados em pacotes devidamente lacrados e confiados à guarda do juiz de direito da comarca.
2. Esgotado o prazo para a interposição dos recursos contenciosos ou decididos definitivamente estes, o juiz promove a destruição dos boletins.

I- Os restantes boletins aqui referidos são os que têm **votos válidos** nas listas e os **votos em branco**.

II- Estes boletins podem, eventualmente, ser solicitados pelas assembleias de apuramento distrital e geral para esclarecimento de dúvidas e recontagem (ver nota ao artº 110º).

Artigo 105º (Acta das operações eleitorais)

1. Compete ao secretário proceder à elaboração da acta das operações de votação e apuramento.

2. Da acta devem constar:

- a) Os números de inscrição no recenseamento e os nomes dos membros da mesa e dos delegados das listas;
- b) A hora de abertura e de encerramento da votação e o local da assembleia ou secção de voto;
- c) As deliberações tomadas pela mesa durante as operações;
- d) O número total de eleitores inscritos e o de votantes;
- e) O número de inscrição no recenseamento dos eleitores que votaram antecipadamente;
- f) *O número e o nome dos eleitores cujo duplicado do recibo de voto por correspondência referido no nº11 do artigo 79 tenha sido recebido sem que à mesa tenha chegado o correspondente boletim de voto, ou vice-versa;*
- g) O número de votos obtidos por cada lista, o de votos em branco e o de votos nulos;
- h) O número de boletins de voto sobre os quais haja incidido reclamação ou protesto;
- i) As divergências de contagem, se as houver, a que se refere o nº 3 do artigo 101º, com indicação precisa das diferenças notadas;
- j) O número de reclamações, protestos e contraprotostos apensos à acta.
- l) Quaisquer outras ocorrências que a mesa julgar dever mencionar.

I- O STAPE fornece às mesas, em duplicado, um modelo de acta adequado às exigências deste artigo. O segundo exemplar serve, apenas, no caso de haver engano no preenchimento do original.

II- As reclamações, protestos e contraprotostos feitos, por escrito, pelos delegados de candidatura e eleitores devem ser expressamente referenciados na acta e a ela anexados. Todas as ocorrências consideradas anormais - como p.ex. intervenção da força armada, suspensão de votação, etc. - devem igualmente ser circunstanciadamente referidas na acta.

III- A acta deve ser sempre assinada por todos os membros da mesa e delegados das listas.

IV- Eventualmente por lapso do legislador a alínea f) deste artigo não foi revogada. Com efeito, no voto antecipado não existe remessa à assembleia eleitoral de duplicado do recibo comprovativo do exercício do direito de voto. Ver artigo 79º-B nº 7 e 79º-C nº 5.

Artigo 106º (Envio à assembleia de apuramento geral)

Nas vinte e quatro horas seguintes à votação, os presidentes das assembleias ou secções de voto entregam ao presidente da assembleia de apuramento geral ou remetem pelo seguro

do correio, ou por próprio, que cobra recibo da entrega, as actas, os cadernos e demais documentos respeitantes à eleição.

I- Este artigo teve redacção dada pela Lei nº 14-A/85.

II- Na maioria dos casos a recolha do material eleitoral utilizado nas mesas obedece, na prática, a um esquema centralizado nas Câmaras Municipais que se encarregam de receber os diversos pacotes de material, que aí são entregues, no próprio dia da eleição, pelos presidentes das mesas. As C.M. recebem e guardam o material que lhes é especialmente destinado e servem de fiéis depositários do restante entregando-o, logo de seguida, às outras entidades que, aliás, devem estar representadas no acto de entrega.

III- O material utilizado nas mesas eleitorais destina-se, em resumo, às seguintes entidades:

- presidente da C.M. - recebe os boletins de voto não utilizados e os inutilizados pelos eleitores;
- o juiz de direito da comarca - recebe os boletins de voto com votos válidos e votos em branco;
- a assembleia de apuramento geral - recebe os boletins de voto com votos nulos, os boletins de voto sobre os quais haja incidido reclamação ou protesto, a acta das operações eleitorais e os cadernos eleitorais.

IV- O sistema prático e concreto de recebimento do material eleitoral referido na nota II impõe-se pela sua razoabilidade. O legislador não pensou, decerto, no país real ao “pretender” que a mesa, depois de 12 horas de trabalho, se deslocasse a três locais distintos – por vezes afastados de muitas dezenas de quilómetros entre si – para a entrega do material, como não pensou no risco que correria o presidente da mesa em guardar o material em casa até ao dia seguinte para o fazer seguir pelo correio (!). Quem pagaria os portes?

É, por isso, que o esquema prático de recolha tem sido consensualmente aceite, não sem que alguns pequenos incidentes se tenham registado, nomeadamente em eleições autárquicas.

Atento a esta realidade o XIII Governo, na sua proposta de lei nº 169/VII, de reforma da lei eleitoral da AR., veio propor que o material eleitoral utilizado pela mesa fosse transportado para o tribunal onde funcionaria a A.A. Geral pelas forças segurança, para o efeito especialmente requisitadas pelo respectivo presidente (v. artº 149º).

O acerto da solução e o facto de conferir maior segurança e transparência a esta fase crucial do processo eleitoral fez com que o legislador a adoptasse na recente LEOAL (v. artº 140º nº 2 da LO 1/2001, 14 Agosto), processo que decorreu com inteira normalidade e correcção apesar dos receios de que, na prática, houvesse dificuldades de actuação atempada das forças de segurança.

SECÇÃO II

APURAMENTO GERAL

Artigo 107º

(Apuramento geral do círculo)

O apuramento dos resultados da eleição em cada círculo eleitoral e a proclamação dos candidatos eleitos competem a uma assembleia de apuramento geral, que inicia os seus trabalhos às 9 horas do 2º dia posterior ao da eleição, no local para o efeito designado pelo governador civil ou, nas Regiões Autónomas, no local para o efeito designado pelo Ministro da República.

I- Este artigo teve redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- Saliente-se que o projecto de Código Eleitoral tem o desejo de que no futuro todas as assembleias de apuramento funcionem na sede do tribunal de que faça parte o respectivo presidente (artº 290º).

Tal desejo foi acolhido na proposta de Lei nº 169/VII (artº 161º).

III- Em nossa opinião também neste acto eleitoral se justificará o desdobramento dos círculos com mais de 500.000 eleitores em várias assembleias de apuramento geral tal como sucede nas eleições presidenciais e no referendo nacional. Tal determinará uma maior celeridade no apuramento e uma menor sobrecarga dos integrantes das assembleias com maior nº de eleitores. Isso mesmo foi, aliás, vertido na Proposta de Lei nº 169/VII (v. artº 150º).

Artigo 108º
(Assembleia de apuramento geral)

1. A assembleia de apuramento geral tem a seguinte composição :

a) O juiz do círculo judicial com sede na capital do círculo eleitoral e, em Lisboa e Porto, o juiz do 1º Juízo Cível, que presidirá, com voto de qualidade;

b) Dois juristas escolhidos pelo presidente;

c) Dois professores de Matemática que leccionem na sede do círculo eleitoral, designados pelo Ministro de Educação e Cultura ou, nas regiões autónomas, pelo Ministro da República;

d) Seis presidentes de assembleia ou secção de voto designados pelo governador civil ou, nas regiões autónomas, pelo Ministro da República;

e) Um chefe de secretaria judicial da sede do círculo eleitoral, escolhido pelo presidente, que serve de secretário, sem voto.

2. A assembleia de apuramento geral deve estar constituída até à antevéspera da eleição, dando-se imediato conhecimento público dos nomes dos cidadãos que a compõem, através de edital a afixar à porta dos edifícios para o efeito designados nos termos do artigo anterior. As designações previstas nas alíneas c) e d) do número anterior deverão ser comunicadas ao presidente até três dias antes da eleição.

3. Os candidatos e os mandatários das listas podem assistir, sem voto, mas com direito de reclamação, protesto ou contraprotesto, aos trabalhos da assembleia de apuramento geral.

4. Os cidadãos que façam parte das assembleias de apuramento geral são dispensados do dever de comparência ao respectivo emprego ou serviço durante o período de funcionamento daquelas, sem prejuízo de todos os seus direitos ou regalias, incluindo o direito à retribuição, desde que provem o exercício de funções através de documento assinado pelo presidente da assembleia.

I- O nº 2 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- O exercício efectivo, e por escrito, do direito dos candidatos e mandatários de **reclamação, protesto e contraprotesto** perante as assembleias de apuramento, de eventuais irregularidades ocorridas no decurso das suas operações e/ou do não atendimento dos protestos apensos às actas efectuados junto das mesas eleitorais pelos delegados das listas e eleitores, é condição indispensável para a possibilidade de recurso contencioso para o T.C. (ver nota ao artº 99º e ao artº 113º nº 1).

A título de exemplo reproduz-se parte do sumário do Acórdão do T.C. nº 322/85 (DR II Série de 16.04.86) que refere: «A apreciação de recurso eleitoral pressupõe a apresentação, por parte dos interessados, de reclamação ou protesto apresentados contra as irregularidades verificadas no decurso da votação e no apuramento parcial e geral, dirigindo-se o recurso à decisão sobre a reclamação e protesto» (ver Acórdão do Tribunal Constitucional - 6º volume (1985) - pág 1113).

III- Sobre o nº 4 ver as notas ao artº 48º.

IV- A constituição das assembleias de apuramento antes da realização do próprio acto eleitoral tem sobretudo em vista impedir que os resultados provisórios possam influenciar a sua

constituição nomeadamente na parte em que ela depende de nomeação de um órgão da administração eleitoral, ou seja, a nomeação de presidentes de mesa de assembleias eleitorais.

V- Afigura-se inteiramente justificável que aos elementos destas assembleias fosse também atribuída uma gratificação diária em termos idênticos à que é concedida aos membros das mesas eleitorais pela Lei nº 22/99.

Artigo 109º **(Elementos do apuramento geral)**

- 1. O apuramento geral é feito com base nas actas das operações das assembleias de voto, nos cadernos eleitorais e demais documentos que os acompanharem.**
- 2. Se faltarem os elementos de alguma das assembleias de voto, o apuramento inicia-se com base nos elementos já recebidos, designando o presidente nova reunião, dentro das quarenta e oito horas seguintes, para se concluírem os trabalhos, tomando, entretanto, as providências necessárias para que a falta seja reparada.**
- 3. Nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira o apuramento geral pode basear-se em correspondência telegráfica transmitida pelos presidentes das câmaras municipais ou das comissões administrativas municipais.**

A solução apontada no nº 3 é, evidentemente, uma solução de recurso, que deve ser evitada a todo o custo e que, aliás, hoje já pouco se justifica face à acentuada melhoria dos transportes inter ilhas verificada nos últimos anos.

É com efeito indesejável fazer um apuramento oficial de resultados sem a presença física de actas, cadernos e sobretudo dos boletins de voto com votos protestados e nulos.

A assembleia de apuramento não deve, a não ser em caso extremo, limitar-se a fazer a mera contabilidade dos resultados verificados.

Acresce, ainda, que face às inúmeras deficiências que ao longo dos anos se vêm verificando a nível do correcto preenchimento, por parte das mesas eleitorais, da acta das operações eleitorais, do somatório de votos, etc... - situações, aliás, possíveis de corrigir na maioria esmagadora dos casos pela AAG – há que exigir uma maior responsabilização da parte dos intervenientes no acto da eleição, a começar desde logo pelos membros das mesas das assembleias e secções de voto, através de meios legislativos e outros adequados a esse fim, introduzindo-se também normas de maior rigor no regime do contencioso eleitoral.

Igualmente se afigura vantajoso que a AAG, sobretudo o seu presidente, utilize o maior rigor na condução dos trabalhos e promova, eventualmente, uma reunião prévia dos elementos da assembleia para acerto de procedimentos e distribuição de funções.

Artigo 110º **(Operação preliminar)**

- 1. No início dos seus trabalhos, a assembleia de apuramento decide sobre os boletins de voto em relação aos quais tenha havido reclamação ou protesto, corrigindo, se for caso disso, o apuramento da respectiva assembleia de voto.**
- 2. A assembleia verifica os boletins de voto considerados nulos e, reapreciados estes segundo um critério uniforme, corrige, se for caso disso, o apuramento em cada uma das assembleias de voto.**

I- Caso existam dúvidas nas contagem por parte da assembleia não se exclui a possibilidade de ser requerida, para **recontagem**, a presença dos boletins de voto entregues ao cuidado dos juizes de direito das comarcas (ver artº 104º), não podendo contudo, ser alterada a qualificação que lhes foi dada pelas mesas.

A este propósito refira-se o Acórdão do T.C. nº 322/85 (DR II Série de 16.4.86) cujo sumário refere: - «Os votos havidos como válidos pelas assembleias de apuramento parcial e

relativamente aos quais não foi apresentada qualquer reclamação pelos delegados das listas tornam-se definitivos, não podendo ser objecto de reapreciação e modificação da sua validade». -«A assembleia de apuramento (geral) pode contar integralmente os boletins de voto considerados válidos pela assembleia de apuramento parcial, mas não pode modificar a qualificação por esta atribuída a esses votos».

II- Ver artº 158º nº 2.

Artigo 111º **(Operações de apuramento geral)**

O apuramento geral consiste:

- a) Na verificação do número total de eleitores inscritos e de votantes no círculo eleitoral;**
- b) Na verificação do número total de votos obtidos por cada lista, do número de votos em branco e do número de votos nulos;**
- c) Na distribuição dos mandatos de deputados pelas diversas listas;**
- d) Na determinação dos candidatos eleitos por cada lista.**

V. artº 158º.

Artigo 111º-A **(Termo do apuramento geral)**

- 1. O apuramento geral estará concluído até ao 10º dia posterior à eleição, sem prejuízo do disposto no número seguinte.**
- 2. Em caso de adiamento ou declaração de nulidade da votação em qualquer assembleia ou secção de voto, a assembleia de apuramento geral reunirá no dia seguinte ao da votação ou ao do reconhecimento da sua impossibilidade, nos termos do nº 3 do artigo 90º, para completar as operações de apuramento do círculo.**

I- Artigo introduzido pela Lei nº 14-A/85, com redacção dada pela Lei nº 10/95.
Ver disposto no artigo 173º nº 1 da C.R.P..

II- Este artigo surgiu para impedir a “eternização” do funcionamento das assembleias de apuramento geral que nalguns casos chegaram a prolongar os seus trabalhos por mais de 3 semanas sem grandes motivos justificativos, protelando excessivamente a publicação oficial dos resultados e, em consequência, a indigitação pelo P.R. do primeiro-ministro para a formação do governo (artº 190º da C.R.P.).

A antecipação deste limite – sempre possível com desdobramento das A A G - só será viável e útil com a alteração do sistema de votação dos eleitores residentes no estrangeiro, cujos votos são escrutinados, no sistema em vigor (v. artº - 19º do D.L. nº 95-C/76), justamente no 10º dia posterior à eleição.

Artigo 112º **(Proclamação e publicação dos resultados)**

Os resultados do apuramento geral são proclamados pelo presidente e, em seguida, publicados por meio de edital afixado à porta dos edifícios para o efeito designados nos termos do artigo 107º.

O edital aqui referido deve conter os elementos constantes do artº 111º.

Artigo 113º **(Acta do apuramento geral)**

1. Do apuramento geral é imediatamente lavrada acta, donde constem os resultados das respectivas operações, as reclamações, os protestos e os contraprotostos apresentados de harmonia com o disposto no nº 3 do artigo 108º e as decisões que sobre eles tenham recaído.

2. Nos dois dias posteriores àquele em que se concluir o apuramento geral, o presidente envia, por seguro do correio ou por próprio, contra recibo, dois exemplares da acta à Comissão Nacional de Eleições e um ao governador civil, ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República.

I- O envio de exemplares da acta de apuramento geral à CNE destina-se a que esta possa dar cumprimento ao disposto no artº 115º, ou seja à publicação dos resultados oficiais no Diário da República.

II- Relativamente ao nº 1 vejam-se as notas ao artº 99º e ao artº 108º. Veja-se também o Acórdão do T.C. nº 321/85 (DR II Série de 16.4.86) cujo respectivo sumário («Acórdãos do T.C. - 6º volume - 1985» - pág. 1109) refere: «As irregularidades ocorridas no apuramento geral só podem ser apreciadas pelo Tribunal Constitucional desde que hajam sido objecto de reclamação ou protesto apresentados no acto em que se verificaram».

Artigo 114º (Destino da documentação)

1. Os cadernos eleitorais e demais documentação presente à assembleia de apuramento geral são entregues ao governador civil ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República, que os conservam e guardam sob sua responsabilidade.

2. Terminado o prazo de recurso contencioso, ou decididos os recursos que tenham sido apresentados, o governador civil ou o Ministro da República remete às comissões de recenseamento os cadernos de recenseamento das freguesias respectivas e procede à destruição dos restantes documentos, com excepção das actas das assembleias eleitorais.

A devolução às C.R. dos cadernos utilizados (nº2) é hoje um acto inútil face à facilidade da obtenção de cópias e à impossibilidade da sua reutilização em virtude da existência de um R.E. contínuo que os faz alterar dia a dia.

Artigo 115º (Mapa nacional da eleição)

Nos oito dias subsequentes à recepção das actas de apuramento geral de todos os círculos eleitorais, a Comissão Nacional de Eleições elabora e faz publicar no Diário da República, 1ª série, um mapa oficial com o resultado das eleições, de que conste:

- a) Número dos eleitores inscritos, por círculos e total;**
- b) Número de votantes, por círculos e total;**
- c) Número de votos em branco, por círculos e total;**
- d) Número de votos nulos, por círculos e total;**
- e) Número, com respectiva percentagem, de votos atribuídos a cada partido ou coligação, por círculos e total;**
- f) Número de mandatos atribuídos a cada partido ou coligação, por círculos e total;**
- g) Nomes dos deputados eleitos, por círculos e por partidos ou coligações.**

Nos termos do artº 3º nº 2 i) da Lei nº 74/98, de 11 de Novembro, a publicação dos resultados eleitorais é feita na Parte A da I Série do Diário da República.

Artigo 116º (Certidão ou fotocópia de apuramento)

Aos candidatos e aos mandatários de cada lista proposta à eleição, bem como, se o requerer, a qualquer partido, ainda que não tenha apresentado candidatos, são passadas pela secretaria do governo civil ou, nas regiões autónomas, pelos serviços de apoio do Ministro da República certidões ou fotocópias da acta de apuramento geral.

As certidões e fotocópias aqui referidas devem ser passadas com a máxima urgência uma vez que podem destinar-se a instruir recursos perante o T.C.

Face aos prazos legais de recurso contencioso (v. artº 118º nº 1) e ao prazo indicado no artº 169º b) - 3 dias - para a passagem de certidões do apuramento geral parece ser inviável a correcta apresentação de recursos, situação que terá, na prática, de ser solucionada pela passagem imediata das certidões.

CAPÍTULO III

CONTENCIOSO ELEITORAL

Artigo 117º (Recurso contencioso)

- 1. As irregularidades ocorridas no decurso da votação e no apuramento parcial e geral podem ser apreciadas em recurso contencioso, desde que hajam sido objecto de reclamação ou protesto apresentado no acto em que se verificaram.**
- 2. Da decisão sobre a reclamação ou protesto podem recorrer, além do apresentante da reclamação, de protesto ou do contraprotesto, os candidatos, os seus mandatários e os partidos políticos que, no círculo, concorrem à eleição.**
- 3. A petição especifica os fundamentos de facto e de direito do recurso e será acompanhada de todos os elementos de prova, incluindo fotocópia da acta da assembleia em que a irregularidade tiver ocorrido.**

I- V. artº 225º nº 2 c) da C.R.P. e artº 102º da Lei nº 28/82.

II- As irregularidades ocorridas na votação e apuramento parcial são, em primeira via, passíveis de reclamação, protesto e contraprotesto feitos, por escrito, perante as mesas eleitorais (artº 99º) de cujas decisões pode haver **recurso gracioso** para as assembleias de apuramento geral e, destas, **recurso contencioso** para o T.C. (artºs 108º nº 3 e 118º).

Quanto às irregularidades verificadas no apuramento geral são susceptíveis de reclamação, protesto ou contraprotesto feitos perante as próprias assembleias (artºs 108º nº 3) havendo recurso contencioso para o T.C. (artº 118º).

Este escalonamento indica claramente que é condição imperativa do recurso contencioso a prévia apresentação de recurso gracioso perante a assembleia de apuramento distrital e/ou geral. Note-se ainda que «não se registando, em tempo, protesto ou reclamação, a situação embora possa estar viciada consolida-se e torna-se inatacável, quer no plano administrativo quer no plano contencioso» (Acórdão T.C. 324/85 - DR II Série de 16.04.86).

Veja-se nesta matéria os Acórdãos do T.C. 321 e 322/85 (DR II Série de 16.04.86) e o artº 320º do projecto de Código Eleitoral.

III- Sobre os conceitos de protesto e reclamação veja-se o Acórdão do T.C. 324/85, já atrás citado, que refere que o primeiro é feito contra irregularidades ainda não apreciadas e o segundo contra decisões sobre irregularidades.

IV- O ónus da prova cabe aos interessados nos termos do nº 3 deste artigo.

Relativamente à obtenção de cópia ou fotocópia da acta das operações de votação e apuramento parcial ela só é possível de obter junto dos Governos Cívicos/Ministros da República para onde são encaminhados esses documentos (artº 106º).

Ainda nesta matéria deve referir-se o Acórdão do T.C. 10/90 (DR II Série de 24.4.90) que considera haver a necessidade de os recursos serem instruídos com **cópia ou fotocópia integral** da acta da assembleia onde se verifiquem irregularidades susceptíveis de determinar a anulação da eleição.

Artigo 118º
(Tribunal competente, processo e prazos)

- 1. O recurso é interposto no prazo de vinte e quatro horas, a contar da afixação do edital a que se refere o artigo 112º, perante o Tribunal Constitucional.**
- 2. No caso de recursos relativos aos círculos eleitorais das regiões autónomas, a interposição e fundamentação dos mesmos perante o Tribunal Constitucional podem ser feitas por via telegráfica ou telex, sem prejuízo de posterior envio de todos os elementos de prova referidos no nº3 do artigo anterior.**
- 3. O presidente do Tribunal Constitucional manda notificar imediatamente os mandatários das listas concorrentes no círculo em causa para que estes, os candidatos e os partidos políticos respondam, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.**
- 4. Nas quarenta e oito horas subsequentes ao termo do prazo previsto no número anterior, o Tribunal Constitucional, em plenário, decide definitivamente do recurso, comunicando imediatamente a decisão à Comissão Nacional de Eleições e ao governador civil, ou, nas regiões autónomas, ao Ministro da República.**

I- Este artigo teve redacção dada pela Lei nº 14-A/85.

II- Recai sobre os interessados o ónus da tempestividade da interposição do recurso.

III- O nº 3 veio assegurar o **princípio do contraditório**, inexistente na redacção original.

IV- Sobre a contagem de prazos cfr. artº 279º do Código Civil.

Artigo 119º
(Nulidade das eleições)

- 1. A votação em qualquer assembleia de voto e a votação em todo o círculo só são julgadas nulas quando se hajam verificado ilegalidades que possam influir no resultado geral da eleição no círculo.**
- 2. Declarada a nulidade da eleição de uma assembleia de voto ou de todo o círculo, os actos eleitorais correspondentes são repetidos no segundo domingo posterior à decisão.**

I- O nº 2 teve redacção alterada pela Lei nº 14-A/85.

II- «Cabe ao recorrente alegar e provar que as irregularidades invocadas influenciaram o resultado eleitoral, condição indispensável para se poder decidir da anulação de um acto eleitoral».

«Não se torna necessário verificar se as invocadas irregularidades da votação foram objecto de reclamação ou protesto, quando uma dessas irregularidades que implica a nulidade da votação, for do conhecimento oficioso do Tribunal Constitucional». (Sumários dos Acórdãos nºs 322/85 e 332/85, DR II série de 16.04 e 18.04.86 in «Acórdãos do T.C. - 6º volume - (1985)»).

III- Ver artº 111º-A nº 2

Artigo 120º
(Verificação de poderes)

- 1. A Assembleia da República verifica os poderes dos candidatos proclamados eleitos.**

2. Para efeitos do número anterior, a Comissão Nacional de Eleições envia à Assembleia da República um exemplar das actas de apuramento geral.

I- Os poderes dos deputados são verificados pela A.R., nos termos fixados pelo respectivo Regimento (ver artº 2º do Reg. da A.R. publicado no DR I Série-A de 02.03.93, com as alterações introduzidas pelas Resoluções da AR nºs 3/99 e 2/2003, respectivamente, de 20 e 17 de Janeiro).

II- Esta verificação faz-se com base nos elementos constantes das actas de apuramento geral respeitantes a todos os círculos que para o efeito lhe são enviados pela CNE. Nesse sentido a A.R. não terá que aguardar pela publicação oficial do mapa nacional da eleição (cfr. artº 115º).

III- A verificação de poderes tem lugar na primeira reunião após as eleições (ver artº 176º da CRP).

Com ela se dá início ao mandato dos eleitos, o que marca igualmente o início do estatuto especial de deputado: direitos e regalias, imunidades, incompatibilidades, etc..

IV- Esta verificação de poderes **abrange a verificação da regularidade do mandato**, que segundo o Regimento da A.R. consiste, não somente na apreciação da regularidade formal do mandato, mas também na **apreciação da elegibilidade** dos deputados, o que pode vir a dar origem ao não reconhecimento do mandato (por inelegibilidade, quer superveniente, quer reportada ao momento da eleição e só posteriormente reconhecida) e conseqüentemente à perda do mesmo.

TÍTULO VI

ILÍCITO ELEITORAL

O presente diploma, neste capítulo do ilícito ainda não distingue - como já o faz quer a lei orgânica do regime do referendo (ver Capítulo VIII - artºs 189º a 239º) quer a lei orgânica relativa à eleição dos órgãos das autarquias locais (Título IX – artºs 161º a 219º), na esteira, aliás, do projecto de C.E. - o ilícito penal do ilícito de mera ordenação social, regulamentado no DL nº 433/82, de 27 de Outubro.

É com efeito detectável que no conjunto das normas deste capítulo existem áreas em que as condutas, apesar de socialmente intoleráveis, não atingem a gravidade que justifique uma cobertura penal (p.ex: violação das normas de propaganda comercial, propaganda sonora e gráfica; não cumprimento de certas formalidades ou deveres jurídicos por parte de intervenientes no processo eleitoral, etc..)

Por outro lado, a não revisão deste título e a sua não uniformização com a legislação eleitoral mais recente faz com que os montantes estipulados nas multas a aplicar não revistam, para o agente da infracção, qualquer peso sancionatório significativo, na maioria das situações.

CAPÍTULO I

PRINCÍPIOS GERAIS

Artigo 121º

(Concorrência com crimes mais graves e responsabilidade disciplinar)

1. As sanções cominadas nesta lei não excluem a aplicação de outras mais graves pela prática de qualquer crime previsto na legislação penal.

2. As infracções previstas nesta lei constituem também falta disciplinar quando cometidas por agente sujeito a essa responsabilidade.

I- A acção penal respeitante aos processos eleitorais é **pública, competindo ao Ministério Público o seu exercício**, oficiosamente ou mediante denúncia.
Qualquer cidadão ou entidade pode apresentar queixa ao Ministério Público, ao juiz ou à Polícia Judiciária.

II- Atendendo à natureza das funções de fiscalização e de disciplina eleitoral que prossegue, a CNE, sempre que conclua pela existência de qualquer ilícito eleitoral, tem o poder-dever de o denunciar junto da entidade competente.

Artigo 122º
(Circunstâncias agravantes gerais)

Para além das previstas na lei penal, constituem circunstâncias agravantes gerais do ilícito eleitoral:

- a) O facto de a infracção influir no resultado da votação;**
- b) O facto de a infracção ser cometida por membro de mesa de assembleia ou secção de voto ou agente da administração eleitoral;**
- c) O facto de o agente ser candidato, delegado de partido político ou mandatário de lista.**

Artigo 123º
(Punição da tentativa e do crime frustrado)

A tentativa e o crime frustrado são punidos da mesma forma que o crime consumado.

Artigo 124º
(Não suspensão ou substituição das penas)

As penas aplicadas por infracções eleitorais dolosas não podem ser suspensas nem substituídas por qualquer outra pena.

Artigo 125º
(Suspensão de direitos políticos)

A condenação a pena de prisão por infracção eleitoral dolosa prevista na presente lei é obrigatoriamente acompanhada de condenação em suspensão de direitos políticos de um a cinco anos.

Artigo revogado pela Lei 10/95. Ver artigo 30º nº 4 da C.R.P..

Artigo 126º
(Prescrição)

O procedimento por infracções eleitorais prescreve no prazo de um ano a contar da prática do facto punível.

Artigo 127º
(Constituição dos partidos políticos como assistentes)

Qualquer partido político pode constituir-se assistente nos processos por infracções criminais eleitorais cometidas na área dos círculos em que haja apresentado candidatos.

CAPÍTULO II

INFRACÇÕES ELEITORAIS

SECÇÃO I

INFRACÇÕES RELATIVAS À APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURAS

Artigo 128º

(Candidatura de cidadão inelegível)

Aquele que, não tendo capacidade eleitoral passiva, dolosamente aceitar a sua candidatura será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 10.000\$ a 100.000\$ (49.88 a 498.80 €).

V. artº 24º nº 3 a).

SECÇÃO II

INFRACÇÕES RELATIVAS À CAMPANHA ELEITORAL

Artigo 129º

(Violação de deveres de neutralidade e imparcialidade)

Os cidadãos abrangidos pelo artigo 57º que infringirem os deveres de neutralidade e imparcialidade aí prescritos serão punidos com prisão até um ano e multa de 5.000\$ a 20.000\$ (24.94 a 99.76 €).

Artigo 130º

(Utilização indevida de denominação, sigla ou símbolo)

Aquele que, durante a campanha eleitoral, utilizar a denominação, a sigla ou o símbolo de partido ou coligação com o intuito de o prejudicar ou injuriar será punido com prisão até um ano e multa de 1.000\$ a 5.000\$ (4.99 a 24.94 €).

Artigo 131º

(Utilização de publicidade comercial)

Aquele que infringir o disposto no artigo 72º será punido com a multa de 10.000\$ a 100.000\$ (49.88 a 498.80 €).

V. também artº 133º nº1 b)

Artigo 132º

(Violação dos deveres das estações privadas de rádio e televisão)

1. O não cumprimento dos deveres impostos pelos artigos 62º e 63º constitui contra-ordenação, sendo cada infracção punível com coima:

a) De 750.000\$00 a 2.500.000\$00 (3740.98 a 12469.95 €), no caso das estações de rádio;

b) De 1.500.000\$00 a 5.000.000\$00 (7481.97 a 24939.89 €), no caso das estações de televisão.

2. Compete à Comissão Nacional de Eleições a aplicação das coimas previstas no nº 1.

I- Artigo com redacção dada pela Lei nº 35/95.

II- Ver notas ao artigo 62º.

III- As coimas previstas neste artigo, sendo aparentemente elevadas não nos parecem suficientemente dissuasoras, atento o poderio financeiro de determinados grupos empresariais da área da comunicação social. Pareceria assim adequado, considerando a gravidade que pode revestir a violação destes deveres que a lei consagrasse, além das coimas, sanções acessórias, em função da gravidade da infracção e da culpa do agente (Ver neste sentido o artº 21º do DL n.º 433/82, de 27 de Outubro, com as alterações introduzidas pelos Dec-Leis n.ºs 356/89 e 244/95, respectivamente, de 17 de Outubro e 14 de Setembro e pela Lei n.º 109/2001, 24 Dezembro).

IV- Relacionado com a nota V ao artº 62º, donde decorreu a aplicação pela CNE de pesada coima à SIC em virtude da não transmissão da totalidade dos tempos de antena distribuídos no âmbito das eleições legislativas de 1 de Outubro de 1995, cfr. Acórdão do TC n.º 418/99, proferido em 30.06.99, nos autos de recurso vindos do Tribunal da Relação (Proc. N.º 185/96) em que é recorrente a SIC e recorrida a Comissão Nacional de Eleições.

Artigo 133º **(Suspensão do direito de antena)**

1. É suspenso o exercício do direito de antena da candidatura que:

a) Use expressões ou imagens que possam constituir crime de difamação ou injúria, ofensa às instituições democráticas, apelo à desordem ou à insurreição ou incitamento ao ódio, à violência ou à guerra;

b) Faça publicidade comercial.

2. A suspensão é graduada entre um dia e o número de dias que a campanha ainda durar, consoante a gravidade da falta e o seu grau de frequência, e abrange o exercício do direito de antena em todas as estações de rádio e televisão, mesmo que o facto que a determinou se tenha verificado apenas numa delas.

3. A suspensão é independente da responsabilidade civil ou criminal.

Artigo com epígrafe e articulado alterados pela Lei n.º 10/95.

Ver artigo 134º

Artigo 134º **(Processo de suspensão do exercício do direito de antena)**

1. A suspensão do exercício do direito de antena é requerida ao Tribunal Constitucional pelo Ministério Público, por iniciativa deste ou a solicitação da Comissão Nacional de Eleições ou de qualquer outro partido ou coligação interveniente.

2. O órgão competente da candidatura cujo direito de antena tenha sido objecto de pedido de suspensão é imediatamente notificado por via telegráfica para contestar, querendo, no prazo de vinte e quatro horas.

3. O Tribunal Constitucional requisita às estações de rádio ou de televisão os registos das emissões que se mostrarem necessários, os quais lhe são imediatamente facultados.

4. O Tribunal Constitucional decide no prazo de um dia e, no caso de ordenar a suspensão do direito de antena, notifica logo a decisão às respectivas estações emissoras de rádio e de televisão para cumprimento imediato.

I- Artigo com epígrafe e articulado alterados pela Lei n.º 10/95, na esteira do consagrado na lei do referendo (artº 64º) e do projecto de Código Eleitoral (artºs 231º e 232º).

II- A redacção original já havia, aliás, sido declarada inconstitucional na parte que atribuía à CNE competência para aplicação da sanção de suspensão do exercício do direito de antena (Resolução do Conselho da Revolução n.º 104/82 - DR I Série de 1.7.82).

O C.R. acolhia, assim, a doutrina exposta no parecer nº 20/82 da Comissão Constitucional que referia, e passamos a citar:

«Na verdade, se, como vimos, o art. 134º da Lei Eleitoral para a Assembleia da República (LEAR) concede a um órgão administrativo - a Comissão Nacional de Eleições (CNE) - o poder de aplicar uma sanção (suspensão do exercício de direito de antena desde o mínimo de um dia ao número de dias que durar a campanha), embora posteriormente ao cometimento de quaisquer infracções nele previstas, estamos em face de uma sanção administrativa, porque aplicada por órgão administrativo, portanto, por um órgão que de nenhum modo poderá considerar-se tribunal e muito menos tribunal judicial e, portanto, proibida pelo nº 2, combinado com o nº 3, do art. 37º da Constituição.»

O Acórdão nº 9/86 do T.C. (DR, II. Série, de 21.04.86) tirado a propósito de uma questão suscitada neste âmbito, confirmou este entendimento e colocou a questão de saber quem teria então competência para aplicar a citada sanção.

Em resumo, entendeu aquele tribunal que, no que respeita às eleições legislativas, e uma vez que os tribunais comuns intervêm ao longo de todo o processo eleitoral, competirá a esses tribunais de 1ª instância fazer o controle daquele acto de campanha eleitoral embora, naturalmente, o T.C. possa intervir em via de recurso.

III- V. artº 62º.

Artigo 135º

(Violação da liberdade de reunião eleitoral)

Aquele que impedir a realização ou o prosseguimento de reunião, comício, cortejo ou desfile de propaganda eleitoral será punido com prisão de seis meses a um ano e multa de 5.000\$ a 50.000\$ (24.94 a 249.40 €).

V. artº 59º

Artigo 136º

(Reuniões, comícios, desfiles ou cortejos ilegais)

Aquele que promover reuniões, comícios, desfiles ou cortejos em contravenção com o disposto no artigo 59º, será punido com prisão até seis meses.

Artigo 137º

(Violação de deveres dos proprietários de salas de espectáculos e dos que as exploram)

O proprietário de sala de espectáculos ou aquele que a explore que não cumprir os deveres impostos pelo nº2 do artigo 65º e pelo artigo 69º será punido com prisão até seis meses e multa de 10.000\$ a 50.000\$ (49.88 a 249.40 €).

Artigo 138º

(Violação dos limites de propaganda gráfica e sonora)

Aquele que violar o disposto no nº 4 do artigo 66º será punido com multa de 500\$ a 2.500\$ (2.49 a 12.47 €).

Artigo 139º

(Dano em material de propaganda eleitoral)

1. Aquele que roubar, furtar, destruir, rasgar ou por qualquer forma inutilizar, no todo ou em parte, ou tornar ilegível, o material de propaganda eleitoral afixado ou o desfigurar, ou colocar por cima dele qualquer material com o fim de o ocultar será punido com a prisão até seis meses e multa de 1.000\$ a 10.000\$ (4.99 a 49.88 €).

2. Não serão punidos os factos previstos no número anterior se o material de propaganda houver sido afixado na própria casa ou estabelecimento do agente sem o seu consentimento ou contiver matéria francamente desactualizada.

Ver notas ao artº 66º.

A violação dos limites de propaganda gráfica constitui contra-ordenação punível com coima (art. 10º da Lei nº 97/88, de 17 de Agosto).

Artigo 140º
(Desvio de correspondência)

O empregado dos correios que desencaminhar, reter ou não entregar ao destinatário circulares, cartazes ou papéis de propaganda eleitoral de qualquer lista será punido com prisão até um ano e multa de 500\$ a 5.000\$ (2.49 a 24.94 €).

Artigo 141º
(Propaganda depois de encerrada a campanha eleitoral)

- 1. Aquele que no dia da eleição ou no anterior fizer propaganda eleitoral por qualquer meio será punido com prisão até seis meses e multa de 500\$ a 5.000\$ (2.49 a 24.94 €).**
- 2. Aquele que no dia da eleição fizer propaganda nas assembleias de voto ou nas suas imediações até 500 metros será punido com prisão até seis meses e multa de 1.000\$ a 10.000\$ (4.94 a 49.88 €).**

V. artºs 53º e 92º

Artigo 142º
(Revelação ou divulgação de resultados de sondagens)

Aquele que infringir o disposto no artigo 60º será punido com prisão até um ano e multa de 5.000\$ a 100.000\$.

V. nota ao artº 60º.

Artigo 143º
(Não contabilização de despesas e despesas ilícitas)

- 1. Os partidos que infringirem o disposto no artigo 75º, deixando de contabilizar quaisquer despesas de candidatura e campanha eleitoral, pagas ou a pagar por outras pessoas, serão punidos com a multa de 20.000\$ a 200.000\$.**
- 2. A mesma pena sofrerão os partidos que excederem o limite de despesas fixado no artigo 77º.**
- 3. Em ambos os casos responderão solidariamente pelo pagamento das multas os membros dos órgãos centrais dos partidos.**
- 4. Aquele que, tendo feito quaisquer despesas de candidatura e campanha eleitoral, as não comunique ao partido em causa até quinze dias sobre o da eleição, para efeitos do cumprimento do nº 2 do artigo 75º, será punido com prisão até seis meses e multa de 5.000\$ a 50.000\$.**

I- Artigo revogado pela Lei nº 72/93, de 30 de Novembro (art. 28º e). V. Lei nº 19/2003, de 20 de Junho, em Legislação Complementar.

II.- Ver nota ao capítulo III (Finanças Eleitorais) do Título IV.

Artigo 144º

(Receitas ilícitas das candidaturas)

- 1. Os dirigentes dos partidos políticos, os candidatos ou os mandatários de listas propostas à eleição que infringirem o disposto no artigo 76º serão punidos com prisão até dois anos e multa de 20.000\$ a 100.000\$.**
- 2. Aos partidos políticos será aplicada a multa de 20.000\$ a 100.000\$, por cujo pagamento serão solidariamente responsáveis os membros dos órgãos centrais dos partidos.**
- 3. A contribuição ilicitamente recebida reverte para o Estado.**

Artigo revogado pela Lei nº 72/93. Ver Lei nº 19/2003, de 20 de Junho.

Artigo 145º
(Não prestação de contas)

- 1. Os partidos que infringirem o disposto no artigo 78º serão punidos com multa de 50.000\$ a 500.000\$.**
- 2. Os membros dos órgãos centrais dos partidos responderão solidariamente pelo pagamento da multa.**

Artigo revogado pela Lei nº 72/93. Ver Lei nº 19/2003, de 20 de Junho.

SECÇÃO III

INFRACÇÕES RELATIVAS À ELEIÇÃO

Artigo 146º
(Violação do direito de voto)

- 1. Aquele que, não possuindo capacidade eleitoral, se apresentar a votar será punido com a multa de 500\$ a 5.000\$.**
- 2. Se o fizer fraudulentamente, tomando a identidade de cidadão inscrito, será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 20.00\$ a 200.000\$.**
- 3. Aquele que dolosamente violar o disposto no artigo 79º será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 5.000\$ a 20.000\$.**

I- Este artigo - e os dois seguintes - foram revogados pela Lei nº 72/93.

Houve, contudo, ou um evidente lapso do legislador ou uma “gralha” na publicação no DR. Com efeito, as normas homólogas das restantes leis eleitorais não foram, e a nosso ver bem, revogadas (v. p. ex. artºs 134º a 136º do DL nº 319-A/76 - eleição do PR e artºs 122º a 125º do DL nº 701-B/76 - anterior lei eleitoral das AL).

O âmbito da Lei nº 72/93 (Financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais) corrobora este entendimento. Refira-se, todavia, que a situação não foi expressamente resolvida nem pela Lei nº 27/95, de 18 de Agosto, que veio alterar dois artigos da Lei nº 72/93, nem pela Lei nº 56/98, de 18 de Agosto, que veio revogar os dois diplomas atrás referidos, nem recentemente pela Lei nº 19/2003, a qual consagra um novo regime legal do financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

II- V. artºs 83º e 96º.

Artigo 147º
(Admissão ou exclusão abusiva do voto)

Aquele que concorrer para que seja admitido a votar quem não tem esse direito ou para a exclusão de quem o tiver e, bem assim, o médico que atestar falsamente uma impossibilidade

de exercício do direito de voto será punido com prisão até dois anos e multa de 1.000\$ a 10.000\$.

I- Ver nota I do artigo 146°.

II- V. art°s. 96° e 97°.

Artigo 148°
(Impedimento do sufrágio por abuso de autoridade)

O agente de autoridade que dolosamente, no dia das eleições, sob qualquer pretexto, fizer sair do seu domicílio ou permanecer fora dele qualquer eleitor para que não possa ir votar, será punido com prisão até dois anos e multa de 5.000\$ a 20.000\$.

I- Ver nota I do artigo 146°.

II- Com um sentido mais abrangente cfr. art° 340° do Código Penal (Ver excerto do C.P. em Legislação Complementar).

Artigo 149°
(Voto plúrimo)

Aquele que votar mais de uma vez será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 20.000\$ a 100.000\$ (99.76 a 498.80 €).

V. art° 80°. Cfr art° 339° do C.P.

Artigo 150°
(Mandatário infiel)

Aquele que acompanhar um cego ou um deficiente a votar e dolosamente exprimir infielmente a sua vontade será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 5.000\$ a 20.000\$ (24.94 a 99.76 €).

V. art° 97°.

Artigo 151°
(Violação do segredo de voto)

1. Aquele que na assembleia de voto ou nas suas imediações até 500 metros usar de coacção ou artifício de qualquer natureza ou se servir do seu ascendente sobre o eleitor para obter a revelação do voto será punido com prisão até seis meses.

2. Aquele que na assembleia de voto ou nas suas imediações até 500 metros revelar em que lista vai votar ou votou será punido com multa de 100\$ a 1.000\$ (0.50 a 4.99 €).

V. art° 82°. Cfr. art° 342° do C.P.

Artigo 152°
(Coacção e artifício fraudulento sobre o eleitor ou o candidato)

1. Aquele que usar de violência ou ameaça sobre qualquer eleitor ou que usar de enganos, artifícios fraudulentos, falsas notícias ou de qualquer outro meio ilícito para o constranger ou induzir a votar em determinada lista ou a abster-se de votar será punido com prisão de seis meses a dois anos.

2. Aquele que usar de violência ou ameaça sobre qualquer candidato ou usar de enganos, artifícios fraudulentos, falsas notícias ou de qualquer outro meio ilícito para o constranger ou induzir a desistir de se candidatar em determinada lista será punido com prisão de seis meses a dois anos.

3. Será agravada a pena prevista nos números anteriores se a ameaça for cometida com uso de arma ou a violência for exercida por duas ou mais pessoas.

I- O artifício fraudulento sobre o eleitor encontra-se interligado à corrupção eleitoral (artº 155º) sendo por vezes difícil fazer-se a distinção.

II- Sobre esta matéria consultar o Acórdão do T.C. nº 605/89, publicado no DR II. Série de 2.5.90, que julgou um recurso, interposto por uma força política candidata às eleições autárquicas de 1989, de uma deliberação proferida pela CNE que mandava suspender a distribuição de um panfleto com fundamento na violação de preceito equivalente.

III- Cfr. artºs 340º, 341º e 342º do C.P.

Artigo 153º

(Abuso de funções públicas ou equiparadas)

O cidadão investido de poder público, o funcionário ou agente do Estado ou de outra pessoa colectiva pública e o ministro de qualquer culto que, abusando das suas funções ou no exercício das mesmas, se servir delas para constranger ou induzir os eleitores a votar em determinada ou determinadas listas, ou a abster-se de votar nelas, será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 10.000\$ a 100.000\$ (49.88 a 498.80 €).

I- O disposto neste artigo aplica-se desde o início do processo eleitoral, muito embora o seu efeito apenas se objective no acto de votação. Nesse sentido se pronunciou a CNE (deliberação de 20.08.80).

II- Conforme se esclarece no Parecer da PGR, de 09.12.93, elaborado a propósito da queixa contra o então Primeiro-Ministro, Prof. Aníbal Cavaco Silva, a que já se aludiu na nota IV ao artº 57º, a norma contida neste artigo (bem como nos artigos 154º e 155º) “visa a tutela do princípio de liberdade e autodeterminação eleitoral”.

Retira-se, ainda, desse Parecer que as hipóteses descritas nos artigos em questão...“possuem um traço comum - a interferência no processo intelectual ou psicológico de formação da decisão ou afirmação da vontade (...). Têm-se em vista condutas de constrangimento ou indução que actuam de forma directa sobre o eleitor e são casualmente adequadas a alterar o comportamento deste nas urnas, por via da limitação da sua liberdade ou da sua capacidade de autodeterminação”.

...“A situação acautelada na disposição (artº 153º) é a de o titular do poder ou de o ministro do culto usarem ou abusarem das funções, constrangendo ou induzindo os eleitores, por efeito do ascendente que sobre eles exercem ou do modo como exercem ou prometem exercer a sua autoridade, a votarem ou absterem-se de votar em determinadas listas. Pressupõe-se aqui a existência de uma acção exercida directamente sobre um ou mais eleitores, com a finalidade de condicionar os mecanismos intelectuais e psicológicos de formação da decisão ou afirmação da vontade, e por este meio impedir ou limitar uma opção livre de voto”.

Artigo 154º

(Despedimento ou ameaça de despedimento)

Aquele que despedir ou ameaçar despedir alguém do seu emprego, impedir ou ameaçar impedir alguém de obter emprego, aplicar ou ameaçar aplicar qualquer outra sanção a fim de ele votar ou não votar, porque votou ou não votou em certa lista de candidatos ou porque se absteve ou não de participar na campanha eleitoral, será punido com prisão até

dois anos e multa de 5.000\$ a 20.000\$ (24.94 a 99.76 €), sem prejuízo da nulidade da sanção e da automática readmissão do empregado, se o despedimento tiver chegado a efectuar-se.

Ver nota II ao artº 153º.

Artigo 155º
(Corrupção eleitoral)

1. Aquele que, para persuadir alguém a votar ou deixar de votar em determinada lista, oferecer, prometer ou conceder emprego público ou privado ou outra coisa ou vantagem a um ou mais eleitores ou, por acordo com estes, a uma terceira pessoa, mesmo quando a coisa ou vantagens utilizadas, prometidas ou conseguidas forem dissimuladas a título de indemnização pecuniária dada ao eleitor para despesas de viagem ou de estada ou de pagamento de alimentos ou bebidas ou a pretexto de despesas com a campanha eleitoral, será punido com prisão até dois anos e multa de 5.000\$ a 50.000\$ (24.94 a 249.40 €).
2. A mesma pena será aplicada ao eleitor que aceitar qualquer dos benefícios previstos no número anterior.

Cfr. artº 341º do C.P. e ver nota II ao artº 153º.

Artigo 156º
(Não exibição da urna)

1. O presidente da mesa de assembleia ou secção de voto que não exhibir a urna perante os eleitores antes do início da votação será punido com multa de 1.000\$ a 10.000\$ (4.99 a 49.88 €).
2. Se se verificar que na urna não exibida se encontravam boletins de voto, será o presidente punido também com pena de prisão até seis meses, sem prejuízo do disposto no artigo seguinte.

V. artº 86º.

Artigo 157º
(Introdução do boletim na urna e desvio desta ou de boletins de voto)

Aquele que fraudulentamente introduzir boletins de voto na urna antes ou depois do início da votação, se apoderar da urna com os boletins de voto nela recolhidos mas ainda não apurados ou se apoderar de um ou mais boletins de voto em qualquer momento, desde a abertura da assembleia eleitoral até ao apuramento geral da eleição, será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 20.000\$ a 200.000\$ (99.76 a 997.60 €).

V. artº 86º.

Artigo 158º
(Fraudes da mesa da assembleia de voto e da assembleia de apuramento geral)

1. O membro da mesa da assembleia ou secção de voto que dolosamente apuser ou consentir que se aponha nota de descarga em eleitor que não votou ou que não a apuser em eleitor que votou, que trocar na leitura dos boletins de voto a lista votada, que diminuir ou aditar votos a uma lista no apuramento ou que por qualquer modo falsear a verdade da eleição será punido com prisão de seis meses a dois anos e multa de 20.000\$ a 100.000\$ (99.76 a 498.80 €).

2. As mesmas penas serão aplicadas ao membro da assembleia de apuramento geral que cometer qualquer dos actos previstos no número anterior.

V. artºs 96º nº 5 e 108º.

Artigo 159º
(Obstrução à fiscalização)

- 1. Aquele que impedir a entrada ou saída de qualquer dos delegados das listas nas assembleias eleitorais ou que por qualquer modo tentar opor-se a que eles exerçam todos os poderes que lhes são conferidos pela presente lei será punido com pena de prisão.**
- 2. Se se tratar do presidente da mesa, a pena não será, em qualquer caso, inferior a seis meses.**

V. artºs 50º e 99º.

Artigo 160º
(Recusa de receber reclamações, protestos ou contraprotostos)

O presidente da mesa da assembleia eleitoral que ilegitimamente se recusar a receber reclamação, protesto ou contraprotosto será punido com prisão até um ano e multa de 1.000\$ a 5.000\$ (4.99 a 24.94 €).

V. artºs 50º e 99º.

Artigo 161º
(Obstrução dos candidatos ou dos delegados das lista)

O candidato ou delegado das listas que perturbar gravemente o funcionamento regular das operações eleitorais será punido com prisão até um ano e multa de 1.000\$ a 10.000\$ (4.99 a 49.88 €).

V. artºs 50º e 93º nº 2.

Artigo 162º
(Perturbação das assembleias de voto)

- 1. Aquele que perturbar o regular funcionamento das assembleias eleitorais com insultos, ameaças ou actos de violência, originando tumulto, será punido com prisão e multa de 500\$ a 20.000\$.**
- 2. Aquele que, durante as operações eleitorais, se introduzir nas assembleias eleitorais sem ter direito a fazê-lo e se recusar a sair, depois de intimado pelo presidente, será punido com prisão até três meses e multa de 500\$ a 5.000\$.**
- 3. Aquele que se introduzir armado nas assembleias eleitorais fica sujeito à imediata apreensão da arma e será condenado com prisão até seis meses e multa de 500\$ a 10.000\$.**

Norma revogada pelo artº 6º nº 2 do DL nº 400/82, de 23 de Setembro, que aprovou o Código Penal.

V. artº 338º do C.P.

Artigo 163º
(Não comparência da força armada)

Sempre que seja necessária a presença da força armada nos casos previstos no nº2 do artigo 94º, o comandante da mesma será punido com pena de prisão até um ano se injustificadamente não comparecer.

Artigo 164º

(Não cumprimento do dever de participação no processo eleitoral)

Aquele que for nomeado para fazer parte da mesa de assembleia eleitoral e, sem motivo justificado, não assumir ou abandonar essas funções será punido com multa de 1.000\$ a 20.000\$ (4.99 a 99.76 €).

V. artºs 44º nº 4, 47º e 86º.

Artigo 165º

(Falsificação de cadernos, boletins, actas ou documentos relativos à eleição)

Aquele que, por qualquer modo, com dolo, viciar, substituir, suprimir, destruir ou alterar os cadernos eleitorais, os boletins de voto, as actas das assembleias eleitorais ou de apuramento, ou quaisquer documentos respeitantes à eleição, será punido com prisão maior de dois a oito anos e multa de 10.000\$ a 100.000\$.

Norma revogada pelo artº 6º nº 2 do DL nº 400/82, de 23 de Setembro, que aprovou o Código Penal.

V. artº 336º do C.P.

Artigo 166º

(Denúncia caluniosa)

Aquele que dolosamente imputar a outrem, sem fundamento, a prática de qualquer infracção prevista na presente lei será punido com as penas aplicáveis à denúncia caluniosa.

Artigo 167º

(Reclamação e recurso de má fé)

Aquele que, com má fé, apresentar reclamação, recurso, protesto ou contraprotesto, ou que impugnar decisões dos órgãos eleitorais através de recurso manifestamente infundado será punido com multa de 500\$ a 10.000\$ (2.49 a 49.88 €).

Artigo 168º

(Não cumprimento de outras obrigações impostas por lei)

Aquele que não cumprir quaisquer obrigações que lhe sejam impostas pela presente lei ou não praticar os actos administrativos necessários para a sua pronta execução ou ainda retardar injustificadamente o seu cumprimento será, na falta de incriminação prevista nos artigos anteriores, punido com a multa de 1.000\$ a 10.000\$ (4.99 a 49.88 €).

I- Atente-se ao disposto no artº 343º do C.P. que acerca dos crimes eleitorais estabelece uma agravção das penas quando o agente do respectivo crime for membro da comissão

recenseadora, da secção ou assembleia de voto ou delegado de partido político (ou de candidato) à comissão, secção ou assembleias referidas.

II- V. Lei nº 34/87, de 16 de Julho - Crimes de responsabilidade dos titulares de cargos políticos.

TÍTULO VII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 169º **(Certidões)**

Serão obrigatoriamente passadas, a requerimento de qualquer interessado, no prazo de três dias:

- a) As certidões necessárias para instrução do processo de apresentação das candidaturas;**
- b) As certidões de apuramento geral.**

V. artºs 24º e 116º.

Artigo 170º **(Isenções)**

São isentos de quaisquer taxas ou emolumentos, do imposto do selo e do imposto de justiça, conforme os casos:

- a) As certidões a que se refere o artigo anterior;**
- b) Todos os documentos destinados a instruir quaisquer reclamações, protestos ou contraprotostos nas assembleias eleitorais ou de apuramento geral, bem como quaisquer reclamações ou recursos previstos na lei;**
- c) Os reconhecimentos notariais em documentos para fins eleitorais;**
- d) As procurações forenses a utilizar em reclamações e recursos previstos na presente lei, devendo as mesmas especificar o fim a que se destinam;**
- e) Quaisquer requerimentos, incluindo os judiciais, relativos ao processo eleitoral.**

Por altura das eleições para a Assembleia da República, em 2002, alguns cartórios notariais vieram exigir, no tocante a documentos eleitorais, o pagamento de emolumentos e outras taxas, baseando-se, para tanto, no artº 2º nº 1 alínea e) do Decreto-Lei nº 322-A/2001, de 14 de Dezembro, que havia revogado todas as normas que continham isenções ou reduções emolumentares.

Colocado o problema à CNE e tratando-se as leis eleitorais de “leis especiais, naturalmente que este órgão perfilhou o entendimento de que as candidaturas estão isentas das despesas relacionadas com a obtenção de documentos para fins eleitorais e nesse sentido, os notários estão vinculados a essa gratuidade.

Artigo 171º **(Termo de prazos)**

1. Quando qualquer acto processual previsto na presente lei envolva a intervenção de entidades ou serviços públicos, o termo dos prazos respectivos considera-se referido ao termo do horário normal dos competentes serviços ou repartições.

2. Para efeitos do disposto no artigo 23º, as secretarias judiciais terão o seguinte horário, aplicável a todo o País:

- Das 9 horas e 30 minutos às 12 horas e 30 minutos;**
- Das 14 horas às 18 horas.**

Este artigo teve redacção introduzida pela Lei nº 14-A/85.

Artigo 172º
(Regime aplicável fora do território nacional)

- 1. Nos círculos eleitorais de residentes fora do território nacional, a organização do processo eleitoral, a campanha eleitoral e a eleição são reguladas por decreto-lei, dentro dos princípios estabelecidos na presente lei.**
- 2. Enquanto não existir lei especial, mantém-se em vigor a legislação actual relativa às eleições em *Macau* e no estrangeiro, com as devidas adaptações.**

I- A “promessa” de regulamentação da matéria referida neste artigo - processo eleitoral aplicável fora do território nacional - não foi, até ao momento, cumprida.

Mantém-se, por isso, em vigor, nos termos do nº 2, o DL nº 95-C/76, de 30 de Janeiro, apesar do seu quase total desenquadramento com a restante legislação eleitoral, nomeadamente com a lei reguladora do recenseamento eleitoral (Lei nº 13/99), o que tem obrigado a um grande esforço interpretativo e a alguma boa vontade dos órgãos da administração eleitoral e listas concorrentes nos círculos em causa.

V. DL nº 95-C/76, em Legislação Complementar.

II- Como já foi referido ao longo desta obra, não faz mais sentido a alusão a Macau depois da passagem da administração deste território para a República Popular da China.

Artigo 172º-A
(Direito subsidiário)

Em tudo o que não estiver regulado no presente diploma aplica-se aos actos que impliquem intervenção de qualquer tribunal o disposto no Código de Processo Civil quanto ao processo declarativo, com excepção dos números 4 e 5 do artigo 145º.

I- Artigo introduzido pela Lei nº 14-A/85.

II- A actual redacção do nº 5 do artº 145º do CPC foi introduzida pelo DL nº 329-A/95, de 12 de Dezembro. Diz o nº 4 daquele artigo: “o acto poderá, porém, ser praticado fora do prazo em caso de justo impedimento...”

Por sua vez o nº 5 refere que: “independentemente de justo impedimento, pode o acto ser praticado dentro dos três primeiros dias úteis subsequentes ao termo do prazo...”

III- Compreende-se, assim, o disposto neste artigo uma vez que não seria admissível num processo eleitoral, com calendarização rigorosa e apertada de prazos, tendo como referência o dia da eleição, que pudesse assim dilatar-se.

Atente-se no Acórdão nº 585/89 do T.C., publicado no DR II. Série, de 27.3.90 que refere «trata-se de actos urgentes, cuja decisão não admite quaisquer delongas, uma vez que o seu protelamento implicaria, com toda a probabilidade, a perturbação do processamento dos actos eleitorais, todos estes sujeitos a prazos improrrogáveis».

IV- A «tolerância de ponto» não suspende o decurso dos prazos judiciais, não justificando a transferência para o primeiro dia útil subsequente ao termo do prazo, porque aquela não determina o encerramento de serviços públicos (cfr. Acórdão da Relação de Lisboa, de 10.05.83).

Artigo 173º
(Revogação)

Ficam revogados todos os diplomas ou normas que disponham em coincidência ou em contrário com o estabelecido na presente lei.

Aprovada em 4 .04.1979.

O Presidente da Assembleia da República, Teófilo Carvalho dos Santos.

Promulgada em 25.04.1979.

Publique-se.

O Presidente da República, António Ramalho Eanes

O Primeiro-Ministro, Carlos Alberto da Mota Pinto.

ÍNDICE SISTEMÁTICO

TÍTULO I

CAPACIDADE ELEITORAL

Capítulo I - Capacidade eleitoral activa

- Artº 1º - Capacidade eleitoral activa
- Artº 2º - Incapacidades eleitorais activas
- Artº 3º - Direito de voto

Capítulo II - Capacidade eleitoral passiva

- Artº 4º - Capacidade eleitoral passiva
- Artº 5º - Inelegibilidades gerais
- Artº 6º - Inelegibilidades especiais
- Artº 7º - Funcionários públicos

Capítulo III - Estatuto dos candidatos

- Artº 8º - Direito a dispensa de funções
- Artº 9º - Obrigatoriedade de suspensão de mandato
- Artº 10º - Imunidades
- Artº 11º - Natureza do mandato

TÍTULO II

SISTEMA ELEITORAL

Capítulo I - Organização dos círculos eleitorais

- Artº 12º - Círculos eleitorais
- Artº 13º - Número e distribuição de deputados

Capítulo II - Regime de eleição

- Artº 14º - Modo de eleição
- Artº 15º - Organização das listas
- Artº 16º - Critério de eleição
- Artº 17º - Distribuição dos lugares dentro das listas
- Artº 18º - Vagas ocorridas na Assembleia

TÍTULO III

ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL

Capítulo I - Marcação da data das eleições

- Artº 19º - Marcação das eleições
- Artº 20º - Dia das eleições

Capítulo II - Apresentação de candidaturas

Secção I - Propositura

Artº 21º - Poder de apresentação

Artº 22º - Coligações para fins eleitorais

Artº 22ºA - Decisão

Artº 23º - Apresentação de candidaturas

Artº 24º - Requisitos de apresentação

Artº 25º - Mandatários das listas

Artº 26º - Publicação das listas e verificação das candidaturas

Artº 27º - Irregularidades processuais

Artº 28º - Rejeição de candidaturas

Artº 29º - Publicação das decisões

Artº 30º - Reclamações

Artº 31º - Sorteio das listas apresentadas

Secção II - Contencioso da apresentação das candidaturas

Artº 32º - Recurso para o Tribunal Constitucional

Artº 33º - Legitimidade

Artº 34º - Interposição e subida do recurso

Artº 35º - Decisão

Artº 36º - Publicação das listas

Secção III - Substituição e desistência de candidatos

Artº 37º - Substituição de candidatos

Artº 38º - Nova publicação das listas

Artº 39º - Desistência

Capítulo III - Constituição das assembleias de voto

Artº 40º - Assembleias de voto

Artº 41º - Dia e hora das assembleias de voto

Artº 42º - Local das assembleias de voto

Artº 43º - Editais sobre as assembleias de voto

Artº 44º - Mesas das assembleias e secções de voto

Artº 45º - Delegados das listas

Artº 46º - Designação dos delegados das listas

Artº 47º - Designação dos membros das mesas

Artº 48º - Constituição da mesa

Artº 49º - Permanência na mesa

Artº 50º - Poderes dos delegados

Artº 50ºA - Imunidades e direitos

Artº 51º - Cadernos de recenseamento

Artº 52º - Outros elementos de trabalho da mesa

TÍTULO IV

CAMPANHA ELEITORAL

Capítulo I - Princípios gerais

Artº 53º - Início e termo da campanha eleitoral

Artº 54º - Promoção, realização e âmbito da campanha eleitoral

Artº 55º - Denominação, siglas e símbolos

Artº 56º - Igualdade de oportunidades das candidaturas
Artº 57º - Neutralidade e imparcialidade das entidades públicas
Artº 58º - Liberdade de expressão e de informação
Artº 59º - Liberdade de reunião
Artº 60º - Proibição da divulgação de sondagens

Capítulo II - Propaganda eleitoral

Artº 61º - Propaganda eleitoral
Artº 62º - Direito de antena
Artº 63º - Distribuição dos tempos reservados
Artº 64º - Publicações de carácter jornalístico
Artº 65º - Salas de espectáculo
Artº 66º - Propaganda gráfica e sonora
Artº 67º - Utilização em comum ou troca
Artº 68º - Edifícios públicos
Artº 69º - Custo da utilização
Artº 70º - Órgãos dos partidos políticos
Artº 71º - Esclarecimento cívico
Artº 72º - Publicidade comercial
Artº 73º - Instalação do telefone
Artº 74º - Arrendamento

Capítulo III - Finanças eleitorais

Artº 75º - Contabilização de receitas e despesas
Artº 76º - Contribuições de valor pecuniário
Artº 77º - Limite de despesas
Artº 78º - Fiscalização das contas

TÍTULO V

ELEIÇÃO

Capítulo I - Sufrágio

Secção I - Exercício do direito de sufrágio

Artº 79º - Pessoalidade e presencialidade do voto
Artº 79º-A - Voto antecipado
Artº 79º-B - Modo de exercício do direito de voto antecipado por militares, agentes de forças e serviços de segurança, trabalhadores dos transportes e membros que representem oficialmente selecções nacionais, organizadas por federações desportivas dotadas de estatuto de utilidade pública desportiva
Artº 79º-C - Modo de exercício por doentes internados e por presos
Artº 80º - Unicidade do voto
Artº 81º - Direito e dever de votar
Artº 82º - Segredo do voto
Artº 83º - Requisitos do exercício do direito de voto
Artº 84º - Local de exercício do sufrágio
Artº 85º - Extravio do cartão de eleitor

Secção II - Votação

Artº 86º - Abertura da votação

- Artº 87º - Procedimento da mesa em relação aos votos antecipados
- Artº 88º - Ordem da votação
- Artº 89º - Continuidade das operações eleitorais e encerramento da votação
- Artº 90º - Não realização da votação em qualquer assembleia de voto
- Artº 91º - Polícia da assembleia de voto
- Artº 92º - Proibição de propaganda
- Artº 93º - Proibição da presença de não eleitores
- Artº 94º - Proibição de presença de força armada e casos em que pode comparecer
- Artº 95º - Boletins de voto
- Artº 96º - Modo como vota cada eleitor
- Artº 97º - Voto dos deficientes
- Artº 98º - Voto em branco ou nulo
- Artº 99º - Dúvidas, reclamações, protestos e contraprotostos

Capítulo II - Apuramento

Secção I - Apuramento parcial

- Artº 100º - Operação preliminar
- Artº 101º - Contagem dos votantes e dos boletins de voto
- Artº 102º - Contagem dos votos
- Artº 103º - Destino dos boletins de voto nulos ou objecto de reclamação
- Artº 104º - Destino dos restantes boletins
- Artº 105º - Acta das operações eleitorais
- Artº 106º - Envio à assembleia de apuramento geral

Secção II - Apuramento geral

- Artº 107º - Apuramento geral do círculo
- Artº 108º - Assembleia de apuramento geral
- Artº 109º - Elementos do apuramento geral
- Artº 110º - Operação preliminar
- Artº 111º - Operações de apuramento geral
- Artº 111ºA - Termo de apuramento geral
- Artº 112º - Proclamação e publicação dos resultados
- Artº 113º - Acta do apuramento geral
- Artº 114º - Destino da documentação
- Artº 115º - Mapa nacional da eleição
- Artº 116º - Certidão ou fotocópia do apuramento

Capítulo III - Contencioso eleitoral

- Artº 117º - Recurso contencioso
- Artº 118º - Tribunal competente, processo e prazos
- Artº 119º - Nulidade das eleições
- Artº 120º - Verificação de poderes

TÍTULO VI

ILÍCITO ELEITORAL

Capítulo I - Princípios gerais

- Artº 121º - Concorrência com crimes mais graves e responsabilidade disciplinar
- Artº 122º - Circunstâncias agravantes gerais

Artº 123º - Punição da tentativa e do crime frustrado
Artº 124º - Não suspensão ou substituição das penas
Artº 125º - Suspensão de direitos políticos
Artº 126º - Prescrição
Artº 127º - Constituição dos partidos políticos como assistentes

Capítulo II - Infracções eleitorais

Secção I - Infracções relativas à apresentação de candidaturas

Artº 128º - Candidatura de cidadão inelegível

Secção II - Infracções relativas à campanha eleitoral

Artº 129º - Violação de deveres de neutralidade e imparcialidade
Artº 130º - Utilização indevida de denominação, sigla ou símbolo
Artº 131º - Utilização de publicidade comercial
Artº 132º - Violações dos deveres das estações privadas de rádio
Artº 133º - Suspensão do direito de antena
Artº 134º - Processo de suspensão do exercício do direito de antena
Artº 135º - Violação da liberdade de reunião eleitoral
Artº 136º - Reuniões, comícios, desfiles ou cortejos ilegais
Artº 137º - Violação de deveres dos proprietários de salas de espectáculos
Artº 138º - Violação dos limites da propaganda gráfica e sonora
Artº 139º - Dano em material de propaganda eleitoral
Artº 140º - Desvio de correspondência
Artº 141º - Propaganda depois de encerrada a campanha eleitoral
Artº 142º - Revelação ou divulgação de resultados de sondagens
Artº 143º - Não contabilização de despesas e despesas ilícitas
Artº 144º - Receitas ilícitas das candidaturas
Artº 145º - Não prestação de contas

Secção III - Infracções relativas à eleição

Artº 146º - Violação do direito de voto
Artº 147º - Admissão ou exclusão abusiva de voto
Artº 148º - Impedimento do sufrágio por abuso de autoridade
Artº 149º - Voto plúrimo
Artº 150º - Mandatário infiel
Artº 151º - Violação do segredo de voto
Artº 152º - Coacção e artifício fraudulento sobre o eleitor ou o candidato
Artº 153º - Abuso de funções públicas ou equiparadas
Artº 154º - Despedimento ou ameaça de despedimento
Artº 155º - Corrupção eleitoral
Artº 156º - Não exibição da urna
Artº 157º - Introdução do boletim na urna e desvio desta ou de boletins
Artº 158º - Fraudes da mesa da assembleia de voto e da assembleia de apuramento
Artº 159º - Obstrução à fiscalização
Artº 160º - Recusa de receber reclamações, protestos e contraprotestos
Artº 161º - Obstrução dos candidatos ou dos delegados das listas
Artº 162º - Perturbação das assembleias eleitorais
Artº 163º - Não comparência da força armada
Artº 164º - Não cumprimento do dever de participação no processo eleitoral
Artº 165º - Falsificação de cadernos, boletins, actas ou documentos
Artº 166º - Denúncia caluniosa

Artº 167º - Reclamação e recurso de má fé

Artº 168º - Não cumprimento de outras obrigações impostas por lei

TÍTULO VII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Artº 169º - Certidões

Artº 170º - Isenções

Artº 171º - Termo de prazos

Artº 172º - Regime aplicável fora do território nacional

Artº 172ºA - Direito subsidiário

Artº 173º - Revogação

**LEGISLAÇÃO
COMPLEMENTAR**

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

**6ª Revisão
Lei Constitucional 1/2004, de 24 de Julho**

(excertos)

.....

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

**Artigo 10º
(Sufrágio universal e partidos políticos)**

1. O povo exerce o poder político através do sufrágio universal, igual, directo, secreto e periódico, do referendo e das demais formas previstas na Constituição.
 2. Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional, da unidade do Estado e da democracia política.
-

PARTE I

DIREITOS E DEVERES FUNDAMENTAIS

TÍTULO I

PRINCÍPIOS GERAIS

.....

**Artigo 15º
(Estrangeiros, apátridas, cidadãos europeus)**

1. Os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português.
 2. Exceptuam-se do disposto no número anterior os direitos políticos, o exercício das funções públicas que não tenham carácter predominantemente técnico e os direitos e deveres reservados pela Constituição e pela lei exclusivamente aos cidadãos portugueses.
 3. Aos cidadãos dos Estados de língua portuguesa com residência permanente em Portugal são reconhecidos, nos termos da lei e em condições de reciprocidade, direitos não conferidos a estrangeiros, salvo o acesso aos cargos de Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro, Presidente dos tribunais supremos e o serviço nas Forças Armadas e na carreira diplomática.
 4. A lei pode atribuir a estrangeiros residentes no território nacional, em condições de reciprocidade, capacidade eleitoral activa e passiva para a eleição dos titulares de órgãos de autarquias locais.
 5. A lei pode ainda atribuir, em condições de reciprocidade, aos cidadãos dos Estados membros da União Europeia residentes em Portugal o direito de elegerem e serem eleitos Deputados ao Parlamento Europeu.
-

TÍTULO II

DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS

CAPÍTULO I

DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS PESSOAIS

Artigo 37º

(Liberdade de expressão e informação)

1. Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações.
 2. O exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.
 3. As infracções cometidas no exercício destes direitos ficam submetidas aos princípios gerais de direito criminal ou do ilícito de mera ordenação social, sendo a sua apreciação respectivamente da competência dos tribunais judiciais ou de entidade administrativa independente, nos termos da lei.
 4. A todas as pessoas, singulares ou colectivas, é assegurado, em condições de igualdade e eficácia, o direito de resposta e de rectificação, bem como o direito a indemnização pelos danos sofridos.
-

Artigo 45º

(Direito de reunião e de manifestação)

1. Os cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas, mesmo em lugares abertos ao público, sem necessidade de qualquer autorização.
 2. A todos os cidadãos é reconhecido o direito de manifestação.
-

CAPÍTULO II

DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Artigo 48º

(Participação na vida pública)

1. Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direcção dos assuntos públicos do país, directamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos.
2. Todos os cidadãos têm o direito de ser esclarecidos objectivamente sobre actos do Estado e demais entidades públicas e de ser informados pelo Governo e outras autoridades acerca da gestão dos assuntos públicos.

Artigo 49º

(Direito de sufrágio)

1. Têm direito de sufrágio todos os cidadãos maiores de dezoito anos, ressalvadas as incapacidades previstas na lei geral.
2. O exercício do direito de sufrágio é pessoal e constitui um dever cívico.

Artigo 50°
(Direito de acesso a cargos públicos)

1. Todos os cidadãos têm o direito de acesso, em condições de igualdade e liberdade, aos cargos públicos.
2. Ninguém pode ser prejudicado na sua colocação, no seu emprego na sua carreira profissional ou nos benefícios sociais a que tenha direito, em virtude do exercício de direitos políticos ou do desempenho de cargos públicos.
3. No acesso a cargos electivos a lei só pode estabelecer as inelegibilidades necessárias para garantir a liberdade de escolha dos eleitores e a isenção e independência do exercício dos respectivos cargos.

.....

PARTE III

ORGANIZAÇÃO DO PODER POLÍTICO

TÍTULO I

PRINCÍPIOS GERAIS

.....

Artigo 113°
(Princípios gerais de direito eleitoral)

1. O sufrágio directo, secreto e periódico constitui a regra geral de designação dos titulares dos órgãos electivos da soberania, das regiões autónomas e do poder local.
2. O recenseamento eleitoral é officioso, obrigatório, permanente e único para todas as eleições por sufrágio directo e universal, sem prejuízo do disposto nos nºs 4 e 5 do artigo 15.º e no nº 2 do artigo 121.º
3. As campanhas eleitorais regem-se pelos seguintes princípios:
 - a) Liberdade de propaganda;
 - b) Igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas;
 - c) Imparcialidade das entidades públicas perante as candidaturas;
 - d) Transparência e fiscalização das contas eleitorais.
4. Os cidadãos têm o dever de colaborar com a administração eleitoral, nas formas previstas na lei.
5. A conversão dos votos em mandatos far-se-á de harmonia com o princípio da representação proporcional.
6. No acto de dissolução de órgãos colegiais baseados no sufrágio directo tem de ser marcada a data das novas eleições, que se realizarão nos sessenta dias seguintes e pela lei eleitoral vigente ao tempo da dissolução, sob pena de inexistência jurídica daquele acto.
7. O julgamento da regularidade e da validade dos actos de processo eleitoral compete aos tribunais.

.....

TÍTULO III

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CAPÍTULO I

ESTATUTO E ELEIÇÃO

Artigo 147°
(Definição)

A Assembleia da República é a assembleia representativa de todos os cidadãos portugueses.

Artigo 148°
(Composição)

A Assembleia da República tem o mínimo de cento e oitenta e o máximo de duzentos e trinta deputados, nos termos da lei eleitoral.

Artigo 149°
(Círculos eleitorais)

1. Os deputados são eleitos por círculos eleitorais geograficamente definidos na lei, a qual pode determinar a existência de círculos plurinominais e uninominais, bem como a respectiva natureza e complementaridade, por forma a assegurar o sistema de representação proporcional e o método da média mais alta de Hondt na conversão dos votos em número de mandatos.
2. O número de deputados por cada círculo plurinomial do território nacional, exceptuando o círculo nacional, quando exista, é proporcional ao número de cidadãos eleitores nele inscritos.

Artigo 150°
(Condições de elegibilidade)

São elegíveis os cidadãos portugueses eleitores, salvas as restrições que a lei eleitoral estabelecer por virtude de incompatibilidades locais ou de exercício de certos cargos.

Artigo 151°
(Candidaturas)

1. As candidaturas são apresentadas, nos termos da lei, pelos partidos políticos, isoladamente ou em coligação, podendo as listas integrar cidadãos não inscritos nos respectivos partidos.
2. Ninguém pode ser candidato por mais de um círculo eleitoral da mesma natureza, exceptuando o círculo nacional quando exista, ou figurar em mais de uma lista.

Artigo 152°
(Representação política)

1. A lei não pode estabelecer limites à conversão dos votos em mandatos por exigência de uma percentagem de votos nacional mínima.
2. Os deputados representam todo o país e não os círculos por que são eleitos.

Artigo 153°
(Início e termo do mandato)

1. O mandato dos deputados inicia-se com a primeira reunião da Assembleia da República após eleições e cessa com a primeira reunião após as eleições subsequentes, sem prejuízo da suspensão ou da cessação individual do mandato.
2. O preenchimento das vagas que ocorrerem na Assembleia, bem como a substituição temporária de deputados por motivo relevante, são regulados pela lei eleitoral.

Artigo 154°
(Incompatibilidades e impedimentos)

1. Os Deputados que forem nomeados membros do Governo não podem exercer o mandato até à cessação destas funções, sendo substituídos nos termos do artigo anterior.
2. A lei determina as demais incompatibilidades.
3. A lei regula os casos e as condições em que os deputados carecem de autorização da Assembleia da República para serem jurados, árbitros, peritos ou testemunhas.

Artigo 160°
(Perda e renúncia do mandato)

1. Perdem o mandato os Deputados que:
 - a) Venham a ser feridos por alguma das incapacidades ou incompatibilidades previstas na lei;
 - b) Não tomem assento na Assembleia ou excedam o número de faltas estabelecido no Regimento;
 - c) Se inscrevam em partido diverso daquele pelo qual foram apresentados a sufrágio;
 - d) Sejam judicialmente condenados por crime de responsabilidade no exercício da sua função em tal pena ou por participação em organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.
2. Os Deputados podem renunciar ao mandato, mediante declaração escrita.

CAPÍTULO III

Organização e funcionamento

Artigo 171°
(Legislatura)

1. A legislatura tem a duração de quatro sessões legislativas.
2. No caso de dissolução, a Assembleia então eleita inicia nova legislatura cuja duração será inicialmente acrescida do tempo necessário para se completar o período correspondente à sessão legislativa em curso à data da eleição.

Artigo 173°
(Reunião após eleições)

1. A Assembleia da República reúne por direito próprio no terceiro dia posterior ao apuramento dos resultados gerais das eleições ou, tratando-se de eleições por termo de legislatura, se aquele dia recair antes do termo desta, no primeiro dia da legislatura subsequente.
2. Recaindo aquela data fora do período de funcionamento efectivo da Assembleia, esta reunir-se-á para o efeito do disposto no artigo 175.º

Artigo 174°
(Sessão legislativa, período de funcionamento e convocação)

1. A sessão legislativa tem a duração de um ano e inicia-se a 15 de Setembro.
2. O período normal de funcionamento da Assembleia da República decorre de 15 de Setembro a 15 de Junho, sem prejuízo das suspensões que a Assembleia deliberar por maioria de dois terços dos Deputados presentes.

(...)

TÍTULO VI
TRIBUNAL CONSTITUCIONAL

Artigo 223º
(Competência)

1. (...)
2. Compete também ao Tribunal Constitucional:
(...)
 - c) Julgar em última instância a regularidade e a validade dos actos de processo eleitoral, nos termos da lei;
(...)
 - e) Verificar a legalidade da constituição de partidos políticos e suas coligações, bem como apreciar a legalidade das suas denominações, siglas e símbolos, e ordenar a respectiva extinção, nos termos da Constituição e da lei;
(...)

TÍTULO IX
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Artigo 270º
(Restrições ao exercício de direitos)

A lei pode estabelecer, na estrita medida das exigências próprias das respectivas funções, restrições ao exercício dos direitos de expressão, reunião, manifestação, associação e petição colectiva e à capacidade eleitoral passiva dos militares e agentes militarizados dos quadros permanentes em serviço efectivo, bem como por agentes dos serviços e das forças de segurança e, no caso destas, a não admissão do direito à greve, mesmo quando reconhecido o direito de associação sindical.

DIREITO DE REUNIÃO

Decreto-Lei 406/74

29 Agosto

(v. notas ao artigo 59º da Lei nº 14/79)

A fim de dar cumprimento ao disposto no programa do Movimento das Forças Armadas, B, nº 5, alínea b).

Usando da faculdade conferida pelo nº 1, 3º, do artigo 16º da Lei Constitucional nº 3/74, de 14 de Maio, o Governo Provisório decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1º

1. A todos os cidadãos é garantido o livre exercício do direito de se reunirem pacificamente em lugares públicos, abertos ao público e particulares, independentemente de autorizações, para fins não contrários à lei, à moral, aos direitos das pessoas singulares ou colectivas e à ordem e à tranquilidade públicas.

2. Sem prejuízo do direito à crítica, serão interditas as reuniões que pelo seu objecto ofendam a honra e a consideração devidas aos órgãos de soberania e às Forças Armadas.

Artigo 2º

1. As pessoas ou entidades que pretendam realizar reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos ou abertos ao público deverão avisar por escrito e com a antecedência mínima de dois dias úteis o governador civil do distrito ou o presidente da câmara municipal, conforme o local da aglomeração se situe ou não na capital do distrito.

2. O aviso deverá ser assinado por três dos promotores devidamente identificados pelo nome, profissão e morada ou, tratando-se de associações, pelas respectivas direcções.

3. A entidade que receber o aviso passará recibo comprovativo da sua recepção.

Artigo 3º

1. O aviso a que alude o artigo anterior deverá ainda conter a indicação da hora, do local e do objecto da reunião e, quando se trate de manifestações ou desfiles, a indicação do trajeto a seguir.

2. As autoridades competentes só poderão impedir as reuniões cujo objecto ou fim contrarie o disposto no artigo 1º, entendendo-se que não são levantadas quaisquer objecções, nos termos dos artigos 1º, 6º, 9º e 13º, se estas não forem entregues por escrito nas moradas indicadas pelos promotores no prazo de vinte e quatro horas.

Artigo 4º

Os cortejos e desfiles só poderão ter lugar aos domingos e feriados, aos sábados, depois das 12 horas, e nos restantes dias, depois das 19 horas e 30 minutos.

Artigo 5º

1. As autoridades só poderão interromper a realização de reuniões, comícios, manifestações ou desfiles realizados em lugares públicos ou abertos ao público quando forem afastados da sua finalidade pela prática de actos contrários à lei ou à moral ou que perturbem grave e efectivamente a ordem e a tranquilidade públicas, o livre exercício dos direitos das pessoas ou infrinjam o disposto no nº 2 do artigo 1º.

2. Em tal caso , deverão as autoridades competentes lavrar auto em que descreverão «os fundamentos» da ordem de interrupção, entregando cópia desse auto aos promotores.

Artigo 6º

1. As autoridades poderão, se tal for indispensável ao bom ordenamento do trânsito de pessoas e de veículos nas vias públicas, alterar os trajectos programados ou determinar que os desfiles ou cortejos se façam só por uma das metades das faixas de rodagem.
2. A ordem de alterações dos trajectos será dada por escrito aos promotores.

Artigo 7º

As autoridades deverão tomar as necessárias providências para que as reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos decorram sem a interferência de contramanifestações que possam perturbar o livre exercício dos direitos dos participantes, podendo, para tanto, ordenar a comparência de representantes ou agentes seus nos locais respectivos.

Artigo 8º

1. As pessoas que forem surpreendidas armadas em reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos ou abertos ao público incorrerão nas penalidades do crime de desobediência, independentemente de outras sanções que caibam ao caso.
2. Os promotores deverão pedir as armas aos portadores delas e entregá-las às autoridades.

Artigo 9º

As autoridades referidas no artigo 2º deverão reservar para a realização de reuniões ou comícios determinados lugares públicos devidamente identificados e delimitados.

Artigo 10º

1. Nenhum agente de autoridade poderá estar presente nas reuniões realizadas em recinto fechado, a não ser mediante solicitação dos promotores.
2. Os promotores de reuniões ou comícios públicos em lugares fechados, quando não solicitem a presença de agentes de autoridade ficarão responsáveis, nos termos legais comuns, pela manutenção da ordem dentro do respectivo recinto.

Artigo 11º

As reuniões ou outros ajuntamentos objecto deste diploma não poderão prolongar-se para além da 0,30 horas, salvo se realizadas em recinto fechado, em salas de espectáculos, em edifícios sem moradores ou, em caso de terem moradores, se forem estes os promotores ou tiverem dado o seu assentimento por escrito.

V. artº 59º g) da lei eleitoral.

Artigo 12º

Não é permitida a realização de reuniões, comícios ou manifestações com ocupação abusiva de edifícios públicos ou particulares.

Artigo 13º

As autoridades referidas no nº 1 do artigo 2º, solicitando quando necessário ou conveniente o parecer das autoridades militares ou outras entidades, poderão, por razões de segurança, impedir que se realizem reuniões, comícios, manifestações ou desfiles em lugares públicos situados a menos de 100m das sedes dos órgãos de soberania, das instalações e acampamentos militares ou de forças militarizadas, dos estabelecimentos prisionais, das sedes de representações diplomáticas ou consulares e das sedes de partidos políticos.

Artigo 14º

1. Das decisões das autoridades tomadas com violação do disposto neste diploma cabe recurso para os tribunais ordinários a interpor no prazo de quinze dias, a contar da data da decisão impugnada.
2. O recurso só poderá ser interposto pelos promotores.

*Na sequência da entrada em vigor da Lei nº 28/82, com as alterações que lhe foram introduzidas pela Lei nº 85/89, os recursos em matéria de direito de reunião em período eleitoral são interpostos junto do Tribunal Constitucional.
Ver artigo 59º h) da lei eleitoral.*

Artigo 15º

1. As autoridades que impeçam ou tentem impedir, fora do condicionalismo legal, o exercício do direito de reunião incorrerão na pena do artigo 291º do Código Penal e ficarão sujeitas a procedimento disciplinar.
2. Os contramanifestantes que interfiram nas reuniões, comícios, manifestações ou desfiles impedindo ou tentando impedir o livre exercício do direito de reunião incorrerão nas sanções do artigo 329º. do Código Penal .
3. Aqueles que realizarem reuniões, comícios, manifestações ou desfiles contrariamente ao disposto neste diploma incorrerão no crime da desobediência qualificada.

No actual Código Penal os preceitos equivalentes aos antigos artigos 291º e 329º são, respectivamente, os artigos 369º e 154º.

Artigo 16º

1. Este diploma não é aplicável às reuniões religiosas realizadas em recinto fechado.
2. Os artigos 2º, 3º e 13º deste diploma não são aplicáveis às reuniões privadas, quando realizadas em local fechado mediante convites individuais.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros - Vasco dos Santos Gonçalves - Manuel da Costa Brás - Francisco Salgado Zenha.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros

Promulgado em 27 de Agosto de 1974.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO DE SPÍNOLA.

TRATAMENTO JORNALÍSTICO ÀS DIVERSAS CANDIDATURAS

Decreto-Lei 85-D/75

26 Fevereiro

Usando da faculdade conferida pelo artigo 16º nº 1, 3º, da Lei Constitucional, nº 3/74, de 14 de Maio, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1º

1. As publicações noticiosas diárias, ou não diárias de periodicidade inferior a quinze dias, e de informação geral que tenham feito a comunicação a que se refere o *artigo 66º do Decreto-Lei nº 621-C/74, de 15 de Novembro*, deverão dar um tratamento jornalístico não discriminatório às diversas candidaturas, em termos de as mesmas serem colocadas em condições de igualdade.
2. Esta igualdade traduz-se na observância do princípio de que às notícias ou reportagens de factos ou acontecimentos de idêntica importância deve corresponder um relevo jornalístico semelhante, atendendo aos diversos factores que para o efeito se têm de considerar.

No nº 1 onde se lê «artigo 66º do Decreto-Lei nº 621-C/74, de 15 de Novembro» deve ler-se «artigo 64º da Lei nº 14/79, de 16 de Maio».

Artigo 2º

1. Para garantir a igualdade de tratamento jornalístico, as publicações diárias referidas, de Lisboa e do Porto, inserirão obrigatoriamente as notícias dos comícios, sessões de esclarecimento e propaganda, ou equivalentes, promovidas pelas diversas candidaturas em sedes de distritos ou de concelhos, com presença de candidatos.
2. As publicações diárias que se editem em outros locais do continente e ilhas adjacentes inserirão obrigatoriamente apenas as notícias dos comícios ou sessões a efectuar nas sedes dos distritos em que são publicadas e nas sedes dos concelhos que a elas pertençam, verifique-se ou não a presença de candidatos, e em quaisquer freguesias ou lugares do mesmo distrito, desde que com a presença de candidatos.
3. As notícias devem conter o dia, hora e local em que se efectuem os comícios ou sessões, assim como a indicação dos candidatos que neles participem, e ainda, eventualmente, de outros cidadãos que nos mesmos também intervenham.
4. Tais notícias terão de ser incluídas, com igual aspecto e relevo gráfico, numa secção a esse efeito destinada, ordenando-se por ordem alfabética os partidos, frentes ou coligações que apresentem candidaturas.

Artigo 3º

1. As notícias a que se refere o artigo anterior terão de ser publicadas apenas por uma vez e nos jornais da manhã do dia seguinte àquele em que até às 20 horas forem entregues com protocolo, ou recebidas pelo correio, com aviso de recepção, nas respectivas redacções, e nos jornais da tarde do próprio dia, desde que entregues, ou recebidas em idênticas circunstâncias, até às 7 horas.
2. Cessa a obrigação definida no número anterior quando a publicação da notícia no prazo fixado se tenha tornado inútil por entretanto se haver já gorado o objectivo que com ele se visava alcançar.

Artigo 4º

1. As publicações noticiosas referidas no artigo 1º que se editem em Lisboa ou Porto e tenham expansão nacional são obrigados a inserir, uma só vez, o essencial das bases programáticas dos

partidos políticos, coligações ou frentes que hajam apresentado um mínimo de cinquenta candidatos ou concorrido num mínimo de cinco círculos eleitorais.

2. Estas publicações devem indicar aos representantes das candidaturas que o solicitem o espaço que reservarão para o efeito previsto no n.º 1 e o número aproximado de palavras que o poderá preencher.

3. O número de palavras destinado a cada candidatura não poderá ser inferior a 2500 nas publicações diárias e a 1500 nas não diárias, excepto nas revistas que sejam predominantemente de imagens, nas quais o número mínimo de palavras é reduzido para 750.

4. Os textos contendo o essencial das bases programáticas podem ser fornecidos, nos termos previstos nos números anteriores, pelos próprios interessados, até oito dias depois do início da campanha eleitoral. Quando o não façam, entende-se que preferem que tal fique na dependência das publicações, que nessa hipótese o farão de acordo com o seu exclusivo critério, devendo inserir os textos por eles elaborados nos oito dias subsequentes.

5. Deverão ser inseridos no prazo de quarenta e oito horas os textos fornecidos pelos próprios interessados às publicações diárias e num dos dois números posteriores à sua entrega nas não diárias.

6. As publicações diárias não são obrigadas a inserir na mesma edição os textos das diversas candidaturas, podendo inserir apenas um em cada edição, pela ordem por que os tenham recebido ou pela ordem por que desejarem, se tiverem chegado ao mesmo tempo.

Artigo 5.º

As publicações noticiosas diárias que se editem fora de Lisboa e Porto só são obrigadas a fazer as inserções a que se refere o artigo anterior relativamente às candidaturas apresentadas pelo círculo eleitoral em que tenham a sua sede, sendo o número de palavras, a que alude o n.º 3 deste Artigo, reduzido a 1500.

Artigo 6.º

1. As publicações não diárias, em geral, poderão inserir, facultativamente, notícias como aquelas a que se refere o artigo 2.º desde que mantenham a igualdade consagrada na lei.

2. As publicações não diárias exclusivas da previsão do artigo 4.º podem publicar, sob a mesma condição, os programas ou sínteses das bases programáticas das várias candidaturas.

Artigo 7.º

1. As diversas publicações poderão inserir matérias de opinião, de análise política ou de criação jornalística relativas às eleições e às candidaturas, mas em termos de o espaço normalmente ocupado com isso não exceder o que é dedicado à parte noticiosa e de reportagem regulado nos Artigos anteriores e de se observar o disposto no número seguinte.

2. Tais matérias não podem assumir uma forma sistemática de propaganda de certas candidaturas ou de ataque a outras, de modo a frustrarem-se os objectivos de igualdade visados pela lei.

Artigo 8.º

É expressamente proibido incluir na parte meramente noticiosa ou informativa regulada por este diploma comentários ou juízos de valor, ou de qualquer forma dar-lhe um tratamento jornalístico tendente a defraudar a igualdade de tratamento das candidaturas.

Artigo 9.º

1. Não é obrigatória, e antes deve ser recusada, a publicação de textos que contenham matéria que possa constituir crime de difamação, calúnia ou injúria, ofensas às instituições democráticas e seus legítimos representantes ou incitamentos à guerra, ao ódio ou à violência.

2. Quando for recusada a publicação de textos com fundamento no disposto no número anterior, os interessados nessa publicação poderão reclamar para a Comissão Nacional de Eleições, à qual caberá decidir.
3. A Comissão Nacional de Eleições poderá promover as consultas ou diligências que entender necessárias, em especial audiência dos representantes das candidaturas atingidas e da publicação, devendo decidir no prazo de cinco dias a contar da data do recebimento da reclamação.
4. Tomada a decisão, se esta for no sentido da inserção do texto, deve ser comunicada à publicação, que terá de lhe dar cumprimento no prazo previsto no nº 5 do artigo 4º deste diploma.

Artigo 10º

Durante o período da campanha, as publicações não poderão inserir qualquer espécie de publicidade redigida relativa à propaganda eleitoral. Apenas serão permitidos, como publicidade, os anúncios, que perfeitamente se identifiquem como tal, de quaisquer realizações, não podendo cada um desses anúncios ultrapassar, nas publicações diárias de grande formato e nas não diárias que se editem em Lisboa e no Porto, de expansão nacional, e também de grande formato, um oitavo de página, e nas restantes publicações, um quarto de página.

Ver nota X ao artigo 72º da Lei nº 14/79.

Artigo 11º

1. As publicações deverão inserir obrigatoriamente as notas, comunicados ou notícias que, para o efeito do disposto nas *alíneas b) e c) do artigo 16º do Decreto-Lei nº 621-C/74, de 15 de Novembro*, lhe sejam enviados pela Comissão Nacional de Eleições.
2. A matéria a que se refere o número anterior deve ter uma extensão compatível com o espaço e a natureza da publicação.

No nº 1 onde se lê «alíneas b) e c) do artigo 16º do DL nº 621-C/74, de 15 de Novembro, deve ler-se «alíneas a) e b) do artigo 5º da Lei nº 71/78» (lei da CNE).

Artigo 12º

1. Os representantes das candidaturas que se considerem prejudicadas por alguma publicação haver violado as disposições deste diploma poderão reclamar para a Comissão Nacional de Eleições em exposição devidamente fundamentada, entregue em duplicado.
2. Se a Comissão Nacional de Eleições, após ouvir os interessados e promover as mais diligências consideradas necessárias, concluir pela existência de elementos, que possam indicar a violação do disposto neste diploma, fará a competente participação ao agente do Ministério Público junto do tribunal da comarca em que tenha sede a publicação, remetendo-lhe os documentos que interessem ao processo, incluindo um exemplar da publicação visada e cópia da reclamação.

Artigo 13º

1. O director da publicação, ou quem o substituir, que violar os deveres impostos pela lei será punido com prisão de três dias a um mês e multa correspondente. Além disso, a empresa proprietária da publicação jornalística em que se verifique a infracção será punida com multa de 1.000\$00 a 20.000\$00. A publicação será ainda obrigada a inserir gratuitamente cópia de toda ou parte da sentença, consoante o juiz decidir.
2. Ao director que for condenado três vezes, nos termos deste artigo, por infracções cometidas no decurso da campanha eleitoral será aplicada a pena de suspensão do exercício do cargo durante um período de três meses a um ano.

3. Provada pelo tribunal a existência dos elementos objectivos da infracção, mas absolvido o réu por não se verificarem os requisitos subjectivos da mesma, deverá o juiz ordenar que a publicação em causa insira, com o devido relevo, cópia de toda ou parte da sentença.
4. A publicação não poderá fazer acompanhar de quaisquer comentários as inserções a que se refere este artigo.

Artigo 14º

Este diploma entra imediatamente em vigor.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros,
Vasco dos Santos Gonçalves - Vítor Manuel Rodrigues Alves.
Visto e aprovado em Conselho de Estado.
Promulgado em 26 de Fevereiro de 1975.
Publique-se.
O Presidente da República, FRANCISCO DA COSTA GOMES.

ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL NO ESTRANGEIRO

Decreto Lei n.º 95-C/76
30 de Janeiro

(excertos)

Incluem-se apenas as normas deste diploma que se mantêm em vigor desde 1976 ou que podem ser adaptadas à actual realidade (v. artº 172º da Lei 14/79).

Todos os artigos em falta tornaram-se inaplicáveis ou caducaram por força do regime do recenseamento consagrado pela Lei nº 13/99 e da legislação regulamentadora das eleições da A.R. - Lei nº 14/79 sendo esta última aplicada ao processo eleitoral dos círculos eleitorais do estrangeiro em tudo o que não for especialmente regulamentado neste DL.

CAPÍTULO II

CAMPANHA ELEITORAL

Artigo 3º **(Campanha eleitoral)**

A campanha eleitoral consiste na elucidação do eleitor e será realizada exclusivamente, através da remessa, a este feita directamente, de documentação escrita.

Artigo 4º **(Promoção e realização da campanha eleitoral)**

1. A promoção e a realização da campanha eleitoral caberão sempre aos candidatos e aos partidos políticos, que para tais fins utilizarão, exclusivamente, a via postal.
2. Para efeitos do disposto no número anterior, os partidos políticos poderão obter, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, cópias dos cadernos de recenseamento, desde que se responsabilizem pelas despesas efectuadas, ou proporcionem meios técnicos e humanos adequados à obtenção dos exemplares pretendidos.

I- O disposto neste artigo e no anterior visa, simultaneamente:

- evitar problemas diplomáticos que resultariam da realização de propaganda eleitoral em termos clássicos em determinados países; e
- colocar num plano de igualdade possível todas as listas de candidatos. Com efeito, a eventual possibilidade de realização de, por exemplo, comícios, reuniões, programas de rádio e TV em países estrangeiros, colocaria em vantagem os partidos ou coligações com maior poder económico.

II- “De jure constituendo” o projecto de C.E. vai ao ponto (artº 239º) de garantir às listas o direito de enviar uma circular de propaganda, com isenção de franquia postal, a cada eleitor recenseado no estrangeiro.

III- Na prática é o STAPE que se encarrega da extracção das cópias dos cadernos eleitorais e as fornece, gratuitamente, aos partidos e coligações concorrentes, visto que, nos termos do artº 58º nº 2 da Lei nº 13/99, de 22 de Março (lei do RE) lhe compete a elaboração dos cadernos eleitorais dos eleitores residentes no estrangeiro a utilizar nos actos eleitorais e referendários.

CAPÍTULO III

PROCESSO DE ELEIÇÃO QUANTO AOS ELEITORES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

Artigo 5º

(Exercício do direito de voto. Requisitos)

1. O eleitor residente no estrangeiro exerce o direito de sufrágio pela via postal e junto das assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro.
2. Apenas será admitido a votar o eleitor inscrito no caderno eleitoral existente no consulado de carreira ou secção consular a que pertence a localidade onde reside.

Há duas assembleias de recolha e contagem de votos, uma relativa ao círculo eleitoral da Europa e outra do círculo eleitoral de fora da Europa que, para efeitos de apuramento de resultados, se subdividem em múltiplas mesas eleitorais.

.....

Artigo 8º

(Remessa dos boletins de voto)

1. O Ministério da Administração Interna procederá à remessa dos boletins de voto dos cidadãos inscritos nos cadernos eleitorais elaborados pelas comissões de recenseamento no estrangeiro.
2. A remessa será feita pela via postal mais rápida, sob registo, para as moradas indicadas nos cadernos de recenseamento.
3. Cada boletim de voto será acompanhado de dois envelopes, que se destinam à sua devolução ao Ministério da Administração Interna, o qual os remeterá às assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro.
4. Um dos envelopes, de cor verde, destina-se a receber o boletim de voto e não conterà quaisquer indicações; o outro envelope, branco e de tamanho maior, de forma a conter o envelope do boletim de voto, terá impressos, na face, os dizeres: «Assembleia de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro - Círculo Eleitoral da Europa» ou «Assembleia de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro – Círculo Eleitoral fora da Europa», sendo pré-inscrito no remetente o nome constante do cartão de eleitor, a morada do eleitor, o consulado e país e um espaço para o número de eleitor que tem de ser obrigatoriamente preenchido.
5. No envelope de cor branca é obrigatoriamente introduzida uma fotocópia do cartão de eleitor.

I- O nº 4 tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

O nº 5 foi aditado pelo mesmo diploma.

II- As operações descritas neste artigo são efectuadas pelo STAPE/MAI iniciando-se cerca de uma/duas semanas após o sorteio das listas apresentadas (artº 31º da Lei 4/79).

A não ser assim corriam-se sérios riscos de os eleitores residentes em países mais longínquos e/ou com serviços postais deficientes não terem tempo útil para receberem a sua correspondência eleitoral e, sobretudo, não votarem dentro dos prazos legais (v. artº 9º nº 2 deste diploma).

Juntamente com o boletim de voto e dois sobrescritos referidos (verde e branco) o STAPE remete também um folheto com instruções aos eleitores sobre o modo de exercício do direito de voto.

III- Deve referir-se que o nº 5, introduzido em 1995, visando louvavelmente conferir maior credibilidade e seriedade ao sistema do exercício do direito de voto dos eleitores residentes no estrangeiro, tem produzido um aumento muito sensível do número de votos nulos (em 1991-

1,16% na Europa e 0,56 Fora da Europa; em 1995-17,22% na Europa e 10,42% Fora da Europa; em 1999 (PE)-13,7%; em 2002 (AR) 7,13 na Europa e 5,89 Fora da Europa; em 2004 (PE) 1%) em virtude de:

. os eleitores se esquecerem de introduzir fotocópia do cartão de eleitor na correspondência eleitoral ou estarem impossibilitados de o fazer por o terem perdido e lhes ser difícil obter uma 2ª via em tempo útil (grande parte destes cidadãos estão longe dos consulados); ou

. os eleitores introduzirem a fotocópia do cartão dentro do sobrescrito verde junto do boletim de voto e não por fora (dentro do sobrescrito branco).

Não fora alguma permissividade das mesas eleitorais e das próprias assembleias de apuramento geral, que têm validade grande parte dos votos correspondentes à segunda das situações apontadas, e a percentagem seria ainda maior.

Tal facto deve fazer reflectir as autoridades – Comissão Nacional de Eleições, MAI/STAPE e MNE – no sentido de encetarem uma campanha mediática intensiva, através nomeadamente da RTP Internacional, RTP África e RDP Internacional, que esclareça este aspecto particular do “modus” do exercício do sufrágio, enquanto subsistir o voto por correspondência como sistema legalmente consagrado.

Numa outra perspectiva, mais actualista, a reflexão deveria centrar-se na alteração do próprio sistema de voto – tal como já o consagra a Lei Eleitoral para o Presidente da República – instituindo-se o voto pessoal e presencial nas instalações diplomáticas e outras onde ele for possível.

Artigo 9.º

(Modo como vota o eleitor residente no estrangeiro)

1 . O eleitor marcará com uma cruz, no quadrado respectivo, a lista em que vota e dobrará o boletim em quatro, introduzindo-o depois no envelope, de cor verde, que fechará.

2. O envelope, de cor verde, devidamente fechado, será introduzido no envelope branco, que o eleitor remeterá, igualmente fechado, o mais tardar no dia da eleição e pela via postal.

I- O sobrescrito verde não pode conter qualquer inscrição e o sobrescrito branco apenas deve ser preenchido no espaço relativo ao número de inscrição no recenseamento (nº do cartão de eleitor). Neste último sobrescrito deve ser também inserida a fotocópia (frente e verso) do cartão de eleitor.

Não podem ser utilizados sobrescritos diferentes dos que são enviados pelo STAPE/MAI, sob pena de anulação dos votos (v. artº 10º).

II- De acordo com a deliberação da CNE de 1979, que tem merecido acolhimento dos restantes órgãos da administração eleitoral, “os emigrantes deslocados em Portugal, na proximidade do acto eleitoral, podem exercer o seu direito de voto se, entretanto, solicitarem o envio da correspondência depositada na sua morada do estrangeiro, entre a qual se encontra o respectivo boletim de voto que preencherá, devendo-o remeter, o mais tardar no dia da eleição e por via postal, para a assembleia de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro. A data do correio não poderá ser posterior ao dia da eleição”.

III- O projecto de C.E. pretende ser, nesta matéria, bastante inovador pois apenas admite o voto por correspondência para os eleitores que residam a mais de 50 Km do consulado ou embaixada correspondente à sua circunscrição de recenseamento e aos que residam na área de consulado ou embaixada onde não se puderem realizar votações antecipadas.

Para os eleitores que residam a menor distância que a indicada e na área de consulados onde não se coloquem problemas ao exercício do direito de voto antecipado, é consagrado um sistema de voto idêntico ao já admitido na lei eleitoral para os militares e embarcados - voto antecipado por correspondência exercido pelos emigrantes no consulado ou embaixada entre o 10º e o 5º dia anteriores ao da eleição (v. artºs 270º e 267º do projecto de C.E.).

Artigo 10º
(Voto nulo)

Para além dos casos previstos, com carácter geral, na Lei Eleitoral para a Assembleia da República, corresponderá a voto nulo o boletim de voto que não chegue ao seu destino nas condições legalmente prescritas ou seja recebido em sobrescritos que não tenha sido devidamente fechado ou não preenchido segundo as regras legais.

I- Este artigo tem redacção dada pela Lei nº 10/95.

II- Ver nota III ao artigo 8º. A redacção original é a seguinte:

*“Artigo 10º”
(Voto em branco ou nulo)*

Para além dos casos previstos no artigo 93º do Decreto-Lei nº 93-C/76, de 29 de Janeiro, corresponderá a voto branco ou nulo o boletim de voto que não chegue ao seu destino nas condições previstas nos dois artigos anteriores ou envelopes que não sejam recebidos devidamente fechados.”

Onde se lê “artigo 93º do Decreto-Lei nº 93-C/76, de 29 de Janeiro, deve ler-se “artigo 98º da Lei 14/79, de 16 de Maio”.

Artigo 11º
(Edital sobre as assembleias de recolha e contagem de votos)

Até quinze dias antes das eleições a Comissão Nacional de Eleições, por edital afixado no lugar de estilo, anunciará o dia e hora em que se reunirão, no Ministério da Administração Interna, as assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro.

Artigo 12º
(Mesa das assembleias de recolha e contagem de votos)

1. Nas assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro serão constituídas as mesas necessárias para promover e dirigir as operações de escrutínio eleitoral.
2. Cada mesa será composta por um presidente e respectivo suplente e o número de vogais e escrutinadores necessários para o desempenho das funções que lhe estão cometidas.

O nº de mesas varia de acordo com o nº de votantes e a sua organização pelo STAPE, leva, normalmente, em conta a separação por países e, quando possível, por consulados. Os países com pequeno nº de recenseados e votantes são agrupados em mesas residuais. O nº de membros de mesa têm sido, como no processo normal, de 5.

Artigo 13º
(Delegados das listas)

Nas assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro poderá haver um delegado e respectivo suplente de cada lista de candidatos admitida.

Na prática os partidos e coligações nomeiam dois delegados (e dois suplentes) um para cada um dos círculos eleitorais, atendendo ao facto de as mesas funcionarem todas no mesmo local e ser possível exercer funções em relação a todas elas.

Artigo 14º
(Designação dos delegados das listas)

1. Até ao décimo segundo dia anterior à data da eleição os candidatos ou os mandatários das diferentes listas indicarão, por escrito, à Comissão Nacional de Eleições os seus delegados e os suplentes às assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro.
2. A cada delegado e seu suplente será imediatamente entregue uma credencial pela Comissão Nacional de Eleições.

Artigo 15º
(Designação dos membros das mesas)

1. No décimo segundo dia anterior ao da eleição os delegados das diferentes listas reunir-se-ão no Ministério da Administração Interna e aí procederão à escolha dos membros das mesas das assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro, comunicando-a imediatamente à Comissão Nacional de Eleições.
2. Na falta de acordo, o delegado de cada lista proporá no dia seguinte, por escrito, à Comissão Nacional de Eleições dois cidadãos por cada lugar ainda por preencher para que, entre eles, faça a escolha no prazo de vinte e quatro horas.
3. No caso de não terem sido propostos pelos delegados das listas cidadãos em número suficiente para constituírem a mesa, competirá à Comissão Nacional de Eleições nomear os membros em falta.
4. Os nomes dos membros das mesas escolhidos pelos delegados das listas ou pela entidade referida no número anterior constarão do edital afixado, no prazo de vinte e quatro horas, à porta do Ministério da Administração Interna e contra a escolha poderá qualquer eleitor reclamar perante o presidente da Comissão Nacional de Eleições nos dois dias seguintes, com fundamento em preterição dos requisitos fixados na lei.
5. O presidente da Comissão Nacional de Eleições decidirá a reclamação em vinte e quatro horas e, se a atender, procederá imediatamente a nova designação contra a qual não poderá haver reclamação.
6. Até cinco dias antes do dia da eleição a Comissão Nacional de Eleições lavrará os alvarás de nomeação dos membros das mesas das assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro.

I- V. notas ao artº 13º.

II- Os eleitores indicados pelos partidos ou coligações para integrarem as mesas são, normalmente, eleitores recenseados no território nacional, nomeadamente no círculo eleitoral de Lisboa.

III- O projecto de C.E. (artº 193º) propõe a substituição da CNE pelo director geral do STAPE nas operações referidas nos nºs 2 a 6.

Artigo 16º
(Constituição das mesas)

Após a constituição das mesas será imediatamente afixado à porta do Ministério da Administração Interna um edital, assinado pelo presidente de cada mesa, contendo os nomes dos cidadãos que formam a mesa e o número de eleitores inscritos no estrangeiro e sujeitos a escrutínio por essa mesa.

Artigo 17º
(Cadernos eleitorais)

Logo que definidas as assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro o Ministério dos Negócios Estrangeiros providenciará pela extracção de cópias ou fotocópias dos cadernos de recenseamento em número suficiente para ser entregue uma cópia ou fotocópia a cada um dos escrutinadores e a cada um dos delegados das listas.

É o STAPE que se encarrega da extracção das cópias aqui referidas.

Artigo 18º
(Outros elementos de trabalhos da mesa)

O Ministério da Administração Interna enviará aos presidentes das assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro um caderno destinado às actas das operações eleitorais, com termo de abertura por ele assinado e com todas as folhas por ele rubricadas, bem como os impressos e mapas que se tornem necessários.

Artigo 19º
(Operações das assembleias de recolha e contagem de votos)

1. As assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro iniciarão os seus trabalhos às 9 horas do décimo dia posterior ao da eleição no Ministério da Administração Interna ou em local por este indicado.
2. O Ministério da Administração Interna providenciará no sentido de os envelopes brancos remetidos até essa data serem agrupados por consulados de carreira e secções consulares onde se operou o recenseamento e entregá-los-á ao presidente da assembleia.
3. Os presidentes das assembleias entregarão os grupos de envelopes brancos aos escrutinadores, que descarregarão o voto rubricando os cadernos eleitorais na coluna a isso destinada e na linha correspondente ao eleitor.
4. Em seguida, os presidentes das assembleias mandarão contar os votantes pelas descargas efectuadas nos cadernos eleitorais.
5. Concluída essa contagem, os presidentes mandarão contar os envelopes brancos, que serão imediatamente destruídos.
6. Após a destruição dos envelopes brancos, os presidentes mandarão abrir os envelopes verdes, a fim de conferir o número de boletins de votos recolhidos.
7. Seguidamente, observar-se-á o disposto no *artigo 96º, n.ºs 3 e 4, e no artigo 97º do Decreto-Lei n.º 93-C/76, de 29 de Janeiro.*

I- No n.º 7 onde se lê “artigo 96º n.ºs 3 e 4 e no artigo 97º do DL n.º 93-C/76, de 29 de Janeiro”, deve ler-se “art.º 101º n.ºs 3 e 4, e no art.º 102º da Lei n.º 14/79, de 16 de Maio”.

II- Até ao processo eleitoral do Parlamento Europeu de 1994, para além dos votos que chegam até ao 10º dia posterior à eleição em sobrescritos que vêm nas condições legais eram, na prática, também escrutinados, por acordo dos delegados das listas, os seguintes:

-sobrescritos brancos diferentes do modelo enviado aos eleitores mas correctamente identificados; sobrescritos com data de carimbo legível mas chegados antes do dia da eleição;
-sobrescritos com data ilegível e chegados depois do dia da eleição mas presumivelmente remetidos até essa data; sobrescritos sem selo e sem carimbo chegados antes do dia da eleição ou chegados depois mas presumivelmente remetidos antes; sobrescritos com indicação de morada diferente do caderno eleitoral; sobrescritos com o n.º de eleitor trocado ou errado, etc...
Naturalmente que o facto de serem escrutinados não significava que fossem todos considerados válidos.

III- Em síntese, as principais operações do escrutínio dos votos dos eleitores residentes no estrangeiro a cargo das mesas são, concretamente, as seguintes:

- contagem dos eleitores inscritos;
- identificação dos eleitores e descarga nos cadernos;
- contagem dos votantes pelas descargas;
- contagem dos sobrescritos brancos;
- abertura dos sobrescritos brancos;
- verificação da existência de fotocópia do cartão de eleitor;
- separação dos sobrescritos verdes;
- destruição dos sobrescritos brancos;
- abertura dos sobrescritos verdes;
- contagem dos boletins de voto;
- qualificação e loteamento dos votos;
- contagem dos votos loteados;
- elaboração da acta.

Artigo 20º

(Apuramento geral da eleição nos círculos eleitorais dos residentes no estrangeiro)

1. Junto de cada uma das assembleias de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro funcionará uma assembleia de apuramento geral constituída por:

- a) Um membro da Comissão Nacional de Eleições por esta designado para o efeito até ao oitavo dia posterior ao da eleição e que presidirá;
- b) Um juiz desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa designado pelo Ministério da Justiça;
- c) Dois juristas de reconhecida idoneidade profissional e moral designados pelo presidente;
- d) Dois professores de Matemática designados pelo Ministro da Educação e Investigação Científica;
- e) Dois presidentes de mesa de assembleia de recolha e contagem de votos dos residentes no estrangeiro designados pelo presidente;
- f) O secretário do Tribunal da Relação de Lisboa, que servirá de secretário e não terá direito a voto.

2. As assembleias de apuramento geral deverão estar constituídas até ao décimo dia posterior ao dia da eleição, sendo dado imediato conhecimento público dos nomes dos cidadãos que as compõem por edital afixado à porta do Ministério da Administração Interna.

As designações previstas nas alíneas b) e d) do número anterior devem ser comunicadas à Comissão Nacional de Eleições até ao nono dia posterior ao dia da eleição.

3. Os candidatos e os mandatários das listas poderão assistir, sem voto, mas com direito a reclamação, protesto ou contraprotesto, aos trabalhos de cada assembleia de apuramento geral.

A constituição e funcionamento das duas assembleias de apuramento geral é simultânea com o funcionamento das mesas que escrutinam os votos (10º dia posterior) mas, obviamente, os trabalhos propriamente ditos dessas assembleias só se iniciam depois de encerrados os trabalhos das mesas de apuramento. Tal se deve à necessidade de rápido apuramento dos resultados oficiais que nos outros círculos estarão já, nessa data, definidos.

CAPÍTULO IV DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 22º

(Legislação aplicável)

Em tudo o que não estiver expressamente regulado no presente diploma observar-se-á o disposto nos *Decretos-Leis n.ºs 93-A/76, 93-B/76 e 93-C/76, de 29 de Janeiro* e demais legislação aplicável.

Onde se lê “nos Decretos-Leis n.ºs 93-A/76, 93-B/76 e 93-C/76, de 29 de Janeiro”, deve ler-se “na Lei n.º 13/99, de 22 de Março e na Lei n.º 14/79, de 16 de Maio”.

Artigo 23.º
(Entrada em vigor)

Este diploma entra em vigor na data da publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros,
José Baptista Pinheiro de Azevedo, Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa,
João de Deus Pinheiro Farinha, Ernesto Augusto de Melo Antunes.
Promulgado em 30 de Janeiro de 1976.
Publique-se.
O Presidente da República, FRANCISCO DA COSTA GOMES.

COMISSÃO NACIONAL DE ELEIÇÕES

Lei 71/78

27 de Dezembro

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea d) do artigo 164º e da alínea f) do artigo 167º da Constituição, o seguinte:

CAPÍTULO I NATUREZA E COMPOSIÇÃO

Artigo 1º (Definição e funções)

1. É criada a Comissão Nacional de Eleições.
2. A Comissão Nacional de Eleições é um órgão independente e funciona junto da Assembleia da República.
3. A Comissão Nacional de Eleições exerce a sua competência relativamente a todos os actos de recenseamento e de eleições para os órgãos de soberania, das regiões autónomas e do poder local.

Artigo 2º (Composição)

A Comissão Nacional de Eleições é composta por:

- a) Um juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, a designar pelo Conselho Superior de Magistratura, que será o presidente;
- b) Cidadãos de reconhecido mérito, a designar pela Assembleia da República, integrados em lista e propostos um por cada grupo parlamentar;
- c) Um técnico designado por cada um dos departamentos governamentais responsáveis pela Administração Interna, pelos Negócios Estrangeiros e pela Comunicação Social.

A alínea b) teve nova redacção dada pela Lei nº 4/2000, de 12 de Abril.

Artigo 3º (Mandato)

1. Os membros da Comissão Nacional de Eleições são designados até ao trigésimo dia após o início de cada legislatura e tomam posse perante o Presidente da Assembleia da República nos trinta dias posteriores ao termo do prazo de designação.
2. Os membros da Comissão Nacional de Eleições mantêm-se em funções até ao acto de posse de nova Comissão.

Artigo 4º (Estatuto dos membros da Comissão)

1. Os membros da Comissão Nacional de Eleições são inamovíveis e independentes no exercício das suas funções.
2. Os membros da Comissão perdem o seu mandato caso se candidatem em quaisquer eleições para os órgãos de soberania, das regiões autónomas ou do poder local.
3. As vagas que ocorrerem na Comissão, designadamente por morte, renúncia, impossibilidade física ou psíquica, ou perda de mandato, são preenchidas de acordo com os critérios de designação definidos no artigo 2º, dentro dos trinta dias posteriores à vagatura.

4. Se a Assembleia da República se encontrar dissolvida no período referido no número anterior, os membros da Comissão que lhe cabe designar são substituídos até à entrada em funcionamento da nova Assembleia, por cooptação dos membros em exercício.
5. Os membros da Comissão Nacional de Eleições têm direito a uma senha de presença por cada dia de reunião correspondente a um setenta e cinco avos do subsídio mensal dos deputados.

Ver artigo 5º h) da Lei nº 14/79.

CAPÍTULO II COMPETÊNCIA E FUNCIONAMENTO

Artigo 5º (Competência)

1. Compete à Comissão Nacional de Eleições:
 - a) Promover o esclarecimento objectivo dos cidadãos acerca dos actos eleitorais, designadamente através dos meios de comunicação social;
 - b) Assegurar a igualdade de tratamento dos cidadãos em todos os actos do recenseamento e operações eleitorais;
 - c) *Registar as coligações de partidos para fins eleitorais;*
 - d) Assegurar a igualdade de oportunidades de acção e propaganda das candidaturas durante as campanhas eleitorais;
 - e) Registar a declaração de cada órgão de imprensa relativamente à posição que assume perante as campanhas eleitorais;
 - f) Proceder à distribuição dos tempos de antena na rádio e na televisão entre as diferentes candidaturas;
 - g) Decidir os recursos que os mandatários das listas e os partidos interpuserem das decisões do governador civil ou, no caso das regiões autónomas, do Ministro da República, relativas à utilização das salas de espectáculos e dos recintos públicos;
 - h) *Apreciar a regularidade das receitas e despesas eleitorais;*
 - i) Elaborar o mapa dos resultados nacionais das eleições;
 - j) Desempenhar as demais funções que lhe são atribuídas pelas leis eleitorais;
2. Para melhor exercício das funções, a Comissão Nacional de Eleições pode designar delegados onde o julgar necessário.

I- A alínea c) do nº 1 foi revogada pelo artigo 9º da Lei nº 28/82 (lei do T.C.). No tocante à alínea h) refira-se que, nos termos do artigo 23º nº 1 da Lei nº 19/2003, de 20 de Junho (Lei do Financiamento dos Partidos Políticos e das Campanhas Eleitorais), as contas anuais dos partidos políticos e as contas das campanhas eleitorais são apreciadas pelo Tribunal Constitucional, que se pronuncia sobre a sua regularidade e legalidade.

II- As competências da CNE são exercidas «não apenas quanto ao acto eleitoral em si mas de forma abrangente de modo a incidir também sobre a regularidade e a validade dos actos praticados no decurso do processo eleitoral»; «As funções da CNE são mistas, activas e consultivas» (Acórdão do T.C. nº 605/89, DR II Série de 2.5.90).

III- A Lei Orgânica do Regime do Referendo fez estender as competências da CNE àquele instituto. Também a lei eleitoral do Parlamento Europeu (artº 16º) refere que a CNE exerce as suas competências em relação a esse acto eleitoral.

IV – Sempre que ocorre um acto eleitoral, a CNE, para vencer de forma célere as barreiras geográficas, designa delegados nas Regiões Autónomas, conferindo-lhes um conjunto de atribuições, que muito têm contribuído para a simplificação dos processos e para o normal decurso dos mesmos.

Nesse sentido, se transcrevem algumas dessas atribuições:

“1 - A designação dos Delegados da Comissão Nacional de Eleições nas regiões autónomas abarca todo o processo eleitoral para o qual foram nomeados.

2 - Compete aos Delegados a representação da Comissão Nacional de Eleições nas regiões autónomas, e ainda, informá-la e prestar-lhe cooperação para os fins consignados no Artº 5º da Lei nº 71/78.

3 - Quando solicitado pela Comissão Nacional de Eleições, os Delegados assegurarão, nas Regiões Autónomas, a ligação com os órgãos e agentes da Administração para darem execução a qualquer diligência que lhes for cometida, nos termos do Artº 7º da Lei nº 71/78.

4 - Os Delegados poderão receber comunicações, reclamações ou queixas, desde que apresentadas por escrito e com o seu subscritor devidamente identificado, devendo transmitir o processo pronto a ser decidido, tendo em conta o princípio do contraditório, à Comissão Nacional de Eleições por correio registado. Em caso de reconhecida urgência, essa transmissão deverá ser antecedida por uma comunicação telefónica, telegráfica ou via telecópia imediata.

5 - Os Delegados nas regiões autónomas coadjuvarão a Comissão Nacional de Eleições a:

- fiscalizar que seja assegurado aos candidatos, aos partidos políticos, bem como às frentes e coligações registadas, igualdade de tratamento durante a campanha eleitoral e nas operações eleitorais, devendo dar imediatamente conta à Comissão Nacional de Eleições, de qualquer acto ou decisão atentatórios deste princípio.

- fiscalizar o comportamento das publicações de carácter jornalístico regionais ou locais, para assegurar a observância do preceituado no Artº 5º, alínea e) da Lei nº 71/78.

(...)”

V – As deliberações são passíveis de recurso contencioso para a interpor para o TC, que decide em última instância. (v. artº 102º-B da Lei nº 28/82, com os aditamentos introduzidos pela Lei nº 85/89, de 7 de Setembro).

Artigo 6º (Calendário eleitoral)

Marcada a data das eleições, a Comissão Nacional de Eleições faz publicar nos órgãos de comunicação social, nos oito dias subsequentes, um mapa-calendário contendo as datas e a indicação dos actos que devem ser praticados com sujeição a prazo.

Artigo 7º (Ligação com a administração)

1. No exercício da sua competência, a Comissão Nacional de Eleições tem sobre os órgãos e agentes da Administração os poderes necessários ao cumprimento das suas funções.
2. Para efeitos do disposto no número anterior, o departamento governamental responsável pela administração eleitoral presta à Comissão Nacional de Eleições o apoio e colaboração que esta lhe solicitar.

O departamento referido no nº2 é o STAPE/MAI

Artigo 8º (Funcionamento)

1. A Comissão Nacional de Eleições funciona em plenário com a presença da maioria dos seus membros.
2. A Comissão Nacional de Eleições delibera por maioria e o presidente tem voto de qualidade.
3. A Comissão Nacional de Eleições elabora o seu próprio regimento, que é publicado no Diário da República.

O actual Regimento da CNE está publicado no DR II Série nº 191 de 19.8.94

Artigo 9º
(Orçamento e instalações)

Os encargos com o funcionamento da Comissão Nacional de Eleições são cobertos pela dotação orçamental atribuída à Assembleia da República, à qual a Comissão pode requisitar as instalações e o apoio técnico e administrativo de que necessite para o seu funcionamento.

A Lei nº 59/90, de 21 de Novembro, veio conceder autonomia administrativa à CNE.

CAPÍTULO III
DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Artigo 10º
(Primeiras designações e posse)

As primeiras designações e posse da Comissão Nacional de Eleições, constituída nos termos da presente lei, têm lugar, respectivamente, nos dez dias seguintes à entrada em vigor da presente lei e até ao décimo dia subsequente.

Artigo caducado

Artigo 11º
(Regime transitório)

- 1. Até ao final de 1978, a Comissão Nacional de Eleições utiliza as dotações orçamentais que lhe estão atribuídas pelo Ministério da Administração Interna.*
- 2. A Comissão Nacional de Eleições pode continuar a dispor das instalações, equipamento e pessoal que lhe foram afectos pelo Ministério da Administração da República.*

Artigo caducado

Artigo 12º
(Revogação)

Ficam revogados todos os diplomas ou normas que disponham em coincidência ou em contrário do estabelecido na presente lei.

Promulgado em 23 de Novembro de 1978

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES

O Primeiro-Ministro, ALFREDO JORGE NOBRE DA COSTA.

MANDATÁRIOS DOS CÍRCULOS ELEITORAIS DE FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL

Decreto-Lei 411-B/79 3 de Outubro

Considerando que o artigo 25º, nº 1, da Lei nº 14/79, de 16 de Maio, dispõe que os mandatários das listas são designados de entre os eleitores inscritos no respectivo círculo;

Considerando que o círculo eleitoral abrangendo o território dos países europeus e o círculo eleitoral dos demais países e o território de Macau têm, nos termos do artigo 12º, nº 4, da lei citada, sede em Lisboa;

Considerando que os mandatários das listas apresentadas por tais círculos, ao mesmo tempo que têm de estar recenseados no estrangeiro ou em Macau, têm de, simultaneamente e por força do nº 2 do artigo 25º do citado diploma, escolher domicílio na sede do círculo eleitoral, isto é, em Lisboa;

Considerando que a Comissão Nacional de Eleições sugeriu ao Governo que, ao abrigo do artigo 172º da Lei nº 14/79, regulasse por decreto-lei a situação referida, no sentido de que os mandatários das listas apresentadas para os círculos eleitorais fora do território nacional possam estar recenseados em qualquer círculo eleitoral;

Assim, considerando o disposto no artigo 172º da Lei nº 14/79, de 16 de Maio, o Governo decreta, nos termos da alínea c) do nº 1 do artigo 201º da Constituição:

Artigo 1º

Os mandatários das listas pelos círculos eleitorais de fora do território nacional podem ser designados de entre os candidatos respectivos, de entre os eleitores recenseados no respectivo círculo ou de entre os eleitores recenseados em qualquer círculo eleitoral.

Artigo 2º

Este diploma entra em vigor no dia imediato ao da sua publicação.

Para ser publicado no Boletim Oficial de Macau.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 26 de Setembro de 1979

Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintassilgo - Manuel da Costa Brás.

Promulgado em 2 de Outubro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

CÓDIGO PENAL
1982

(Decreto-Lei 400/82, 23 Setembro)

REVISTO

(Decreto-Lei 48/95, 15 Março)

(excerto)

.....

TÍTULO V
DOS CRIMES CONTRA O ESTADO

CAPÍTULO I
DOS CRIMES CONTRA A SEGURANÇA DO ESTADO

(...)
SECÇÃO III
DOS CRIMES ELEITORAIS

Conforme se lê em nota de Manuel Lopes Maia Gonçalves ao artº 336º do Código Penal Português (v. CPP – anotado e comentado – 14º edição, 2001, Almedina) “as diversas incriminações previstas no CP para os ilícitos eleitorais, como sucede em muitos outros domínios, não esgotam as incriminações nesta matéria, pois que no CP não se incluem as infracções de carácter mais mutável, com melhor enquadramento em leis especiais, cuja especificidade reclama tratamento próprio.

Continua assim a haver necessidade de recorrer à legislação eleitoral, pois só foi revogada aquela que sofreu novo tratamento por parte do Código”

Artigo 336º
(Falsificação do recenseamento eleitoral)

1. Quem:

- a) Provocar a sua inscrição no recenseamento eleitoral fornecendo elementos falsos;
 - b) Inscrever outra pessoa no recenseamento eleitoral sabendo que ela não tem o direito de aí se inscrever;
 - c) Impedir a inscrição de outra pessoa que sabe ter direito a inscrever; ou
 - d) Por qualquer outro modo falsificar o recenseamento eleitoral;
- é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias.

2. Quem, como membro de comissão de recenseamento, com intuito fraudulento, não proceder à elaboração ou à correcção dos cadernos eleitorais é punido com pena de prisão até 3 anos ou com pena de multa.

3. A tentativa é punível.

Artigo 337º
(Obstrução à inscrição de eleitor)

1. Quem, por meio de violência, ameaça de violência ou artifício fraudulento, determinar eleitor a não se inscrever no recenseamento eleitoral ou a inscrever-se fora da unidade geográfica ou do local próprio, ou para além do prazo, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2. A tentativa é punível.

Artigo 338°
(Perturbação de assembleia eleitoral)

1. Quem, por meio de violência, ameaça de violência ou participando em tumulto, desordem ou vozeria, impedir ou perturbar gravemente a realização, funcionamento ou apuramento de resultados de assembleia ou colégio eleitoral, destinados, nos termos da lei, à eleição de órgão de soberania, de Região Autónoma ou de autarquia local, é punida com pena de prisão até 3 anos ou com pena de multa.
2. Quem entrar armado em assembleia ou colégio eleitoral, não pertencendo a força pública devidamente autorizada, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias.
3. A tentativa é punível.

Artigo 339°
(Fraude em eleição)

1. Quem em eleição referida no nº 1 do artigo anterior:
 - a) Votar em mais de uma secção ou assembleia de voto, mais de uma vez ou com várias listas na mesma secção ou assembleia de voto, ou actuar por qualquer forma que conduza a um falso apuramento do escrutínio; ou
 - b) Falsear o apuramento, a publicação ou a acta oficial do resultado da votação;é punido com pena de prisão até 2 anos ou com pena de multa até 240 dias.
2. A tentativa é punível.

Artigo 340°
(Coacção de eleitor)

Quem, em relação referida no nº 1 do artigo 338°, por meio de violência ou de grave mal, constranger eleitor a votar, o impedir de votar ou o forçar a votar num certo sentido, é punido com pena de prisão até 5 anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

Artigo 341°
(Fraude e corrupção de eleitor)

1. Quem, em eleição referida no nº 1 do artigo 338°:
 - a) Mediante artifício fraudulento, levar eleitor a votar, o impedir de votar, ou o levar a votar em certo sentido; ou
 - b) Comprar ou vender voto;é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias.
2. A tentativa é punível.

Artigo 342°
(Violação do segredo de escrutínio)

Quem, em eleição referida no nº 1 do artigo 338°, realizada por escrutínio secreto, violando disposição legal destinada a assegurar o segredo de escrutínio, tomar conhecimento ou der a outra pessoa conhecimento do sentido de voto de um eleitor é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias.

Artigo 343°
(Agravação)

As penas previstas nos artigos desta secção, com ressalva da prevista no nº 2 do artigo 336°, são agravadas de um terço nos seus limites mínimo e máximo se o agente for membro de comissão

recenseadora, de secção ou assembleia de voto, ou for delegado de partido político à comissão, secção ou assembleia.

(...)

ORGANIZAÇÃO, FUNCIONAMENTO E PROCESSO DO TRIBUNAL CONSTITUCIONAL

**Lei 28/82
15 Novembro**

(excertos)

A Assembleia da República decreta, nos termos do artigo 244º da Lei Constitucional nº 1/82, de 30 de Setembro, o seguinte:

TÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 1º (Jurisdição e sede)

O Tribunal Constitucional exerce a sua jurisdição no âmbito de toda a ordem jurídica portuguesa e tem sede em Lisboa.

Artigo 2º (Decisões)

As decisões do Tribunal Constitucional são obrigatórias para todas as entidades públicas e privadas e prevalecem sobre as dos restantes tribunais e de quaisquer outras entidades. (...)

(...)

Artigo 4º (Coadjuvação de outros tribunais e autoridades)

No exercício das suas funções, o Tribunal Constitucional tem direito à coadjuvação dos restantes tribunais e das outras autoridades.

TÍTULO II Competência, organização e funcionamento

CAPÍTULO I Competência (...)

Artigo 8º (Competência relativa a processos eleitorais)

Compete ao Tribunal Constitucional: (...)

d) Julgar os recursos em matéria de contencioso de apresentação de candidaturas e de contencioso eleitoral relativamente às eleições para o Presidente da República, Assembleia da República, assembleias regionais e órgãos do poder local.

(....)

f) Julgar os recursos contenciosos interpostos de actos administrativos e executórios praticados pela Comissão Nacional de Eleições ou por outros órgãos da administração eleitoral; (...)

I- Este artigo teve redacção dada pela Lei n.º 143/85, de 26 de Novembro. A alínea f) foi aditada pela Lei n.º 85/89, de 7 de Setembro.

II- Para os efeitos deste artigo bem como do artigo 102º-B os outros órgãos da administração eleitoral, além da CNE, são os Governadores Cívicos/Ministros da República e Câmaras Municipais.

III- V. artigos 32º a 36º e 117º a 119º da Lei n.º 14/79.

Artigo 9º
(Competência relativa a partidos políticos, coligações e frentes)

Compete ao Tribunal Constitucional:

- a) Aceitar a inscrição de partidos em registo próprio existente no Tribunal;
 - b) Apreciar a legalidade das denominações, siglas e símbolos dos partidos políticos e das coligações e frentes de partidos, ainda que constituídas apenas para fins eleitorais, bem como apreciar a sua identidade ou semelhança com as dos outros partidos, coligações, ou frentes;
 - c) Proceder às anotações referentes a partidos políticos, coligações ou frentes de partidos exigidas por lei.
 - d) Julgar as acções de impugnação de eleições e de deliberações de órgãos de partidos, que, nos termos da lei, sejam recorríveis;
 - e) Apreciar a regularidade e a legalidade das contas dos partidos políticos, nos termos da lei, e aplicar as correspondentes sanções;
 - f) Ordenar a extinção de partidos e de coligações de partidos, nos termos da Lei;
- (...)

I - A alínea e) foi aditada pela Lei n.º 88/95, de 1 de Setembro e a alínea f) (anterior alínea d) por força da lei atrás referida) pela Lei n.º 13-A/98, de 26 de Fevereiro.

II - V. art.ºs 22º, 22º-A e 24º n.º 4 a) da Lei n.º 14/79 e art.ºs 11º, 14º, 15º, 17º e 18º da LO n.º 2/2003, 22 Agosto (lei dos partidos políticos)

Artigo 10º
(Competências relativa a organizações que perfilhem a ideologia fascista)

Compete ao Tribunal Constitucional declarar, nos termos e para os efeitos da Lei n.º 64/78, de 6 de Outubro, que uma qualquer organização perfilha a ideologia fascista e decretar a respectiva extinção.

(...)

TÍTULO III

Processo

(...)

CAPÍTULO III

Outros processos

(...)

SUBCAPÍTULO II

Processos eleitorais

(...)

SUBSECÇÃO II

Outros processos eleitorais

(...)

Artigo 101°
(Contencioso de apresentação de candidaturas)

1. Das decisões dos tribunais de 1ª instância em matéria de contencioso de apresentação de candidaturas, relativamente às eleições para a Assembleia da República, assembleias regionais e órgãos do poder local, cabe recurso para o Tribunal Constitucional, que decide em plenário.
2. O processo relativo ao contencioso de apresentação de candidaturas é regulado pelas leis eleitorais.
3. De acordo com o disposto nos números anteriores são atribuídas ao Tribunal Constitucional as competências dos tribunais da relação previstas no nº 1 do artigo 32º, no nº 2 do artigo 34º e no artigo 35º da Lei nº 14/79, de 16 de Maio, no nº 1 do artigo 32º e nos artigos 34º e 35º do Decreto-Lei nº 267/80, de 8 de Agosto, no nº 1 do artigo 26º e nos artigos 28º e 29º do Decreto-Lei nº 318-E/76, de 30 de Abril, e nos *artigos 25º e 28º do Decreto-Lei nº 701-B/76, de 29 de Setembro*.

O Decreto-Lei nº 701-B/76, de 29 de Setembro, foi revogado pelo artº 1º nº 2 da LEOAL.

Artigo 102°
(Contencioso eleitoral)

1. Das decisões sobre reclamações ou protestos relativos a irregularidades ocorridas no decurso das votações e nos apuramentos parciais ou gerais respeitantes a eleições para a Assembleia da República, assembleias regionais ou órgãos do poder local cabe recurso para o Tribunal Constitucional, que decide em plenário.
2. O processo relativo ao contencioso eleitoral é regulado pelas leis eleitorais.
3. De acordo com o disposto nos números anteriores são atribuídas ao Tribunal Constitucional as competências dos tribunais da relação previstas no nº 1 do artigo 118º da Lei nº 14/79, de 16 de Maio, no nº 1 do artigo 118º do Decreto-Lei nº 267/80, de 8 de Agosto, no nº 1 do artigo 111º do Decreto-Lei nº 318-E/76, de 30 de Abril, e no *nº 1 do artigo 104º, bem como no nº 2 do artigo 83º, do Decreto-Lei nº 701-B/76, de 29 de Setembro*.

V. nota ao artigo anterior.

Artigo 102°-B
(Recursos de actos de administração eleitoral)

1. A interposição de recurso contencioso de deliberações da Comissão Nacional de Eleições faz-se por meio de requerimento apresentado nessa Comissão, contendo a alegação do recorrente e a indicação das peças de que pretende certidão.
2. O prazo para a interposição do recurso é de um dia a contar da data do conhecimento pelo recorrente da deliberação impugnada.
3. A Comissão Nacional de Eleições remeterá imediatamente os autos, devidamente instruídos, ao Tribunal Constitucional.
4. Se o entender possível e necessário, o Tribunal Constitucional ouvirá outros eventuais interessados, em prazo que fixará.
5. O Tribunal Constitucional decidirá o recurso em plenário, em prazo que assegure utilidade à decisão, mas nunca superior a três dias.
6. Nos recursos de que trata este artigo não é obrigatória a constituição de advogado.
7. O disposto nos números anteriores é aplicável ao recurso interposto de decisões de outros órgãos da administração eleitoral. (...)

I- Artigo aditado pela Lei n.º 85/89.

II- Ver nota II ao artº 8º e ainda os Acórdãos do TC nºs 9/86, 287/92 e 288/92, publicados in “Acórdãos do TC”, vol. 7º, pág.323 e segs e DR II Série nº 217 de 19/09/92.

III- Existem actos da administração eleitoral que são irrecorríveis por terem mera natureza confirmativa ou não possuírem características de recorribilidade (V. p.ex. Acórdão nº 473/2000, in DR, 2ª Série, 5 Dezembro 2000.

Artigo 102º-C (Recursos de aplicação de coima)

1. A interposição do recurso previsto no n.º 3 do artigo 26.º da Lei n.º 72/93, de 30 de Novembro, faz-se por meio de requerimento apresentado ao presidente da Comissão Nacional de Eleições, acompanhado da respectiva motivação e da prova documental tida por conveniente. Em casos excepcionais, o recorrente poderá ainda solicitar no requerimento a produção de outro meio de prova.
2. O prazo para a interposição do recurso é de 10 dias, a contar da data da notificação ao recorrente da decisão impugnada.
3. O presidente da Comissão Nacional de Eleições poderá sustentar a sua decisão, após o que remeterá os autos ao Tribunal Constitucional.
4. Recebidos os autos no Tribunal Constitucional, o relator poderá ordenar as diligências que forem tidas por convenientes, após o que o Tribunal decidirá em sessão plenária.

I- Artigo aditado pela Lei n.º 88/95, de 1 de Setembro, por força do aparecimento na ordem jurídica de uma lei ordinária específica acerca do financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

II- A Lei nº 72/93, de 30 de Novembro referida no nº 1 foi revogada pela Lei nº 56/98, de 18 de Agosto. Este último diploma previa no nº 3 do artigo 28º que das decisões tomadas pela CNE sobre a aplicação de coimas cabe recurso para o TC.

Note-se que a partir de 1 de Janeiro de 2005 entrou em vigor, na sua plenitude, uma nova lei do financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais (Lei nº 19/2003, de 20 de Junho), concentrando no T.C. a apreciação quer das contas anuais dos partidos quer das campanhas eleitorais.

SUBCAPÍTULO III Processos relativos a partidos políticos, coligações e frentes

Artigo 103º (Registo e contencioso relativos a partidos, coligações e frentes)

1. Os processos respeitantes ao registo e ao contencioso relativos a partidos políticos e coligações ou frentes de partidos, ainda que constituídas para fins meramente eleitorais, regem-se pela legislação aplicável.
2. De acordo com o disposto no número anterior, é atribuída ao Tribunal Constitucional, em secção:
 - a) A competência do Presidente do Supremo Tribunal de Justiça prevista no nº 6 do artigo 5º do Decreto-Lei nº 595/74, de 7 de Novembro, na redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei nº 126/75, de 13 de Março;
 - b) A competência para apreciar a legalidade das denominações, siglas e símbolos das coligações para fins eleitorais, bem como a sua identidade ou semelhança com as de outros partidos, coligações ou frentes, e proceder à respectiva anotação, nos termos do disposto nos artigos 22º e 22º-A da Lei nº 14/79, de 16 de Maio, e 16 e 16º-A do Decreto-Lei nº 701-B/76, de 29 de Setembro, todas na redacção dada pela Lei nº 14-A/85, de 10 de Julho;
 - c) A competência da Comissão Nacional de Eleições prevista no artigo 22º do Decreto-Lei nº 267/80, de 8 de Agosto, e no nº 2 do artigo 12º do Decreto-Lei nº 318-E/76, de 30 de Abril,

passando a aplicar-se o regime sobre apreciação e anotação constante do diploma nas normas indicadas na alínea anterior.

3. De acordo com disposto no n° 1, são atribuídas ao Tribunal Constitucional, em plenário, as competências:

- a) Do Supremo Tribunal de Justiça previstas no *Decreto-Lei n° 595/74 de 7 de Novembro*;
- b) Dos tribunais comuns de jurisdição ordinária previstas no *artigo 21° do Decreto-Lei n° 595/74, de 7 de Novembro*.

4. O Tribunal Constitucional exerce ainda as competências previstas no art° 22°-A da Lei n° 14/79, de 16 de Maio, aditado pela Lei n° 14-A/85, de 10 de Julho, e no *art° 16°-A do Decreto-Lei n° 701-B/76, de 29 de Setembro, aditado pela Lei n° 14-B/85, de 10 de Julho*.

I- O n° 2 tem redacção dada pela Lei n° 13-A/98, que no n° 3 suprimiu a alínea b) original passando a alínea c) a alínea b). O n° 4 foi aditado pela Lei n° 85/89, de 7 de Setembro.

II- V. nota ao art° 101°.

III- O Decreto-Lei n° 595/74, de 7 de Novembro foi revogado pela LO n° 2/2003.

Artigo 103°- A

(Aplicação de coimas em matéria de contas dos partidos políticos)

1. Quando, ao exercer a competência prevista no *n° 2 do artigo 13° da Lei n° 72/93, de 30 de Novembro*, o Tribunal Constitucional verificar que ocorreu o incumprimento de qualquer das obrigações que, nos termos do capítulo II do mesmo diploma legal, impendem sobre os partidos políticos, dar-se-á vista nos autos ao Ministério Público, para que este possa promover a aplicação da respectiva coima.

2. Quando, fora da hipótese contemplada no número anterior, se verificar que ocorreu o incumprimento de qualquer das obrigações nele referidas, o Presidente do Tribunal Constitucional determinará a autuação do correspondente processo, que irá de imediato com vista ao Ministério Público, para que este possa promover a aplicação da respectiva coima.

3. Promovida a aplicação da coima pelo Ministério Público, o Presidente do Tribunal ordenará a notificação do partido político arguido, para este responder, no prazo de 20 dias, e, sendo caso disso, juntar a prova documental que tiver por conveniente ou, em casos excepcionais, requerer a produção de outro meio de prova, após o que o Tribunal decidirá, em sessão plenária.

Ver nota II ao art° 102°-C.

Artigo 103°- B

(Não apresentação de contas pelos partidos políticos)

1. Quando, decorrido o prazo estabelecido no *n° 1 do artigo 13° da Lei n° 72/93, de 30 de Novembro*, se verificar que não foram apresentadas as contas relativas ao ano anterior por partido político com direito a subvenção estatal, o Presidente do Tribunal Constitucional comunicará o facto ao Presidente da Assembleia da República para o efeito previsto no n° 5 do artigo 14° da mesma lei.

2. Idêntico procedimento será adoptado logo que sejam apresentadas as contas pelo partido em falta.

3. Num e noutro caso, será dado conhecimento ao partido político em causa, pelo Presidente do Tribunal, das comunicações efectuadas ao Presidente da Assembleia da República.

Ver nota II ao artigo 102°-C.

SUBCAPÍTULO IV
PROCESSOS RELATIVOS A ORGANIZAÇÕES
QUE PERFILHEM A IDEOLOGIA FASCISTA

Artigo 104º
(Declaração)

1. Os processos relativos à declaração de que uma qualquer organização perfilha a ideologia fascista e à sua conseqüente extinção regem-se pela legislação especial aplicável.
2. De acordo com o disposto no número anterior são atribuídas ao Tribunal Constitucional, em plenário, as competências do Supremo Tribunal de Justiça previstas no artigo 6º, no nº 2 do artigo 7º e no artigo 8º da Lei nº 64/78, de 6 de Outubro.

.....

Aprovada em 28 de Outubro de 1982.

O Presidente da Assembleia da República,

Francisco Manuel Lopes Vieira de Oliveira Dias.

Promulgada em 3 de Novembro de 1982.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

AFIXAÇÃO E INSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Lei nº 97/88

17 de Agosto

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164º alínea d), e 169º, nº 2, da Constituição, o seguinte:

Artigo 1º

(Mensagens publicitárias)

1. A afixação ou inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial obedece às regras gerais sobre publicidade e depende do licenciamento prévio das autoridades competentes.
2. Sem prejuízo de intervenção necessária de outras entidades, compete às câmaras municipais, para salvaguarda do equilíbrio urbano e ambiental, a definição dos critérios de licenciamento aplicáveis na área do respectivo concelho.

Artigo 2º

(Regime de licenciamento)

1. O pedido de licenciamento é dirigido ao presidente da câmara municipal da respectiva área.
2. A deliberação da câmara municipal deve ser precedida de parecer das entidades com jurisdição sobre os locais onde a publicidade for afixada, nomeadamente do Instituto Português do Património Cultural, da Junta Autónoma de Estradas, da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, da Direcção-Geral de Turismo e do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
3. Nas regiões autónomas o parecer mencionado no número anterior é emitido pelos correspondentes serviços regionais.

Artigo 3º

(Mensagens de propaganda)

1. A afixação ou inscrição de mensagens de propaganda é garantida, na área de cada município, nos espaços e lugares públicos necessariamente disponibilizados para o efeito pelas câmaras municipais.
2. A afixação ou inscrição de mensagens de propaganda nos lugares ou espaços de propriedade particular depende do consentimento do respectivo proprietário ou possuidor e deve respeitar as normas em vigor sobre protecção do património arquitectónico e do meio urbanístico, ambiental e paisagístico.

Artigo 4º

(Critérios de licenciamento e de exercício)

1. Os critérios a estabelecer no licenciamento da publicidade comercial, assim como o exercício das actividades de propaganda, devem prosseguir os seguintes objectivos:
 - a) Não provocar obstrução de perspectivas panorâmicas ou afectar a estética ou o ambiente dos lugares ou da paisagem;
 - b) Não prejudicar a beleza ou o enquadramento de monumentos nacionais, de edifícios de interesse público ou outros susceptíveis de ser classificados pelas entidades públicas;
 - c) Não causar prejuízos a terceiros;
 - d) Não afectar a segurança das pessoas ou das coisas, nomeadamente na circulação rodoviária ou ferroviária;
 - e) Não apresentar disposições, formatos ou cores que possam confundir-se com os da sinalização de tráfego;

- f) Não prejudicar a circulação dos peões, designadamente dos deficientes.
2. É proibida a utilização, em qualquer caso, de materiais não biodegradáveis na afixação e inscrição de mensagens de publicidade e propaganda
 3. É proibida, em qualquer caso, a realização de inscrições ou pinturas murais em monumentos nacionais, edifícios religiosos, sedes de órgão de soberania, de regiões autónomas ou de autarquias locais, tal como em sinais de trânsito, placas de sinalização rodoviária, interior de quaisquer repartições ou edifícios públicos ou franqueados ao público, incluindo estabelecimentos comerciais e centros históricos como tal declarados ao abrigo da competente regulamentação urbanística.

I- O n.º 2 do presente artigo foi aditado pela Lei n.º 23/2000, de 23 de Agosto, passando o anterior n.º 2 a n.º 3.

Apesar da actualidade da norma ora inserida e dos interesses que visa acautelar a nível ambiental e paisagístico parece-nos tecnicamente desadequado que tal aditamento tenha surgido no diploma legal que operou a 1ª revisão à Lei do Financiamento dos Partidos Políticos e das Campanhas Eleitorais (Lei n.º 56/98, de 18 de Agosto)!

II- Ainda sobre o alcance da norma contida no n.º 2, será plausível a interpretação de que a mesma se aplica apenas aos materiais gráficos afixados, deixando de fora toda a outra iconografia feita em plástico frequente e profusamente utilizada pelas forças políticas em eleições e que é distribuída pessoal e directamente aos eleitores.

Neste mesmo sentido se pronunciou a CNE em parecer aprovado na sessão plenária de 24.04.2001.

Pelo interesse de que se reveste, ora se transcrevem as conclusões tiradas:

“1. A proibição de utilização, em qualquer caso, de materiais não biodegradáveis na afixação e inscrição de mensagens de publicidade e propaganda, vertida no n.º 2 do artigo 4º da Lei 97/88, aplica-se exclusivamente àquelas mensagens que são afixadas ou inscritas em suportes presentes ou colocados nos espaços públicos e privados, excluindo-se os objectos distribuídos ou vendidos para uso pessoal, tal como bonés, esferográficas, sacos e aventais.

2. Nos termos do n.º 2 do artigo 4º da Lei 97/88, na propaganda política ou eleitoral não podem ser utilizados materiais compostos por substâncias que não sejam facilmente decompostas pela actividade bacteriana, ou, de outra forma, substâncias que não sejam decompostas significativamente por actividades biológica, sendo um potencial contaminante do meio ambiente receptor, por acumulação.

3. Não podem ser utilizados, entre outros, tintas ou colas persistentes, fibras sintéticas, plásticos, misturas de celulose com compostos sintéticos.”

III- V. art.º 66º da Lei n.º 14/79, de 16 de Maio e suas anotações.

Artigo 5º **(Licenciamento cumulativo)**

1. Se a afixação ou inscrição de formas de publicidade ou de propaganda exigir a execução de obras de construção civil sujeitas a licença, tem esta de ser obtida, cumulativamente, nos termos da legislação aplicável.
2. As câmaras municipais, notificado o infractor, são competentes para ordenar a remoção das mensagens de publicidade ou de propaganda e de embargar ou demolir obras quando contrárias ao disposto na presente lei.

Artigo 6º **(Meios amovíveis de propaganda)**

1. Os meios amovíveis de propaganda afixados em lugares públicos devem respeitar as regras definidas no artigo 4º, sendo a sua remoção da responsabilidade das entidades que a tiverem instalado ou resultem identificáveis das mensagens expostas.

2. Compete às câmaras municipais, ouvidos os interessados, definir os prazos e condições de remoção dos meios de propaganda utilizados.

Artigo 7º
(Propaganda em campanha eleitoral)

1. Nos períodos de campanha eleitoral as câmaras municipais devem colocar à disposição das forças concorrentes espaços especialmente destinados à afixação da sua propaganda.
2. As câmaras municipais devem proceder a uma distribuição equitativa dos espaços por todo o seu território de forma a que, em cada local destinado à afixação de propaganda política, cada partido ou força concorrente disponha de uma área disponível não inferior a 2 m2 .
3. Até 30 dias do início de cada campanha eleitoral, as câmaras municipais devem publicar editais onde constem os locais onde pode ser afixada propaganda política, os quais não podem ser inferiores a um local por 5.000 eleitores ou por freguesia.

Artigo 8º
(Afixação ou inscrição indevidas)

Os proprietários ou possuidores de locais onde forem afixados cartazes ou realizadas inscrições ou pinturas murais com violação do preceituado no presente diploma podem destruir, rasgar, apagar ou por qualquer forma inutilizar esses cartazes, inscrições ou pinturas.

Artigo 9º
(Custo da remoção)

Os custos de remoção dos meios de publicidade ou propaganda, ainda quando efectivada por serviços públicos, cabem à entidade responsável pela afixação que lhe tiver dado causa.

Artigo 10º
(Contra-ordenações)

1. Constitui contra-ordenação punível com coima a violação do disposto nos artigos 1º, 3º nº 2, 4º e 6º da presente lei.
2. Quem der causa à contra-ordenação e os respectivos agentes são solidariamente responsáveis pela reparação dos prejuízos causados a terceiros.
3. Ao montante da coima, às sanções acessórias e às regras de processo aplicam-se as disposições constantes do Decreto-Lei nº 433/82, de 27 de Outubro.
4. A aplicação das coimas previstas neste artigo compete ao presidente da câmara municipal da área em que se verificar a contra-ordenação, revertendo para a câmara municipal o respectivo produto.

Relativamente ao estatuído no nº 4, e no que ao material de propaganda político-eleitoral respeita, chama-se a atenção para o Acórdão do TC nº 631/95, publicado no DR, II Série, de 19.04.1996, que entendeu declarar como inconstitucional a referida norma, em conexão com o nº 1 do preceito ora em apreço, por violar o artº 37º nº 3 da CRP. Assenta o TC esta decisão no facto de não ser da competência do Presidente da Câmara Municipal, isto é, de uma autoridade administrativa, a aplicação de uma coima resultante de um ilícito respeitante ao exercício da liberdade de expressão, atento que a Constituição estabelece que essas infracções devem ser apreciadas pelos tribunais judiciais.

Artigo 11º
(Competência regulamentar)

Compete à assembleia municipal, por iniciativa própria ou proposta da câmara municipal, a elaboração dos regulamentos necessários à execução da presente lei.

Aprovada em 5 de Julho de 1988.

O Presidente da Assembleia da República, Vítor Pereira Crespo

Promulgada em 27 de Julho de 1988.

Publique-se O Presidente da República, Mário Soares

Referendada em 29 de Julho de 1989. O Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva.

**REGIME JURÍDICO DE INCOMPATIBILIDADES
E IMPEDIMENTOS DOS TITULARES
DE CARGOS POLÍTICOS E ALTOS CARGOS PÚBLICOS**

**Lei 64/93
26 Agosto**

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164º, alínea d), 167º, alínea l) e 169º, nº 3, da Constituição, o seguinte:

**Artigo 1º
(Âmbito)**

1. A presente lei regula o regime do exercício de funções pelos titulares de órgãos de soberania e por titulares de outros cargos políticos.
2. Para efeitos da presente lei, são considerados titulares de cargos políticos:
 - a) Os Ministros da República para as Regiões Autónomas;
 - b) Os Membros dos Governos Regionais;
 - c) O Provedor de Justiça;
 - d) *O Governador e Secretários Adjuntos de Macau;*
 - e) O Governador e Vice-Governador Civil;
 - f) O presidente e vereador a tempo inteiro das câmaras municipais;
 - g) Deputado ao Parlamento Europeu.

I- Redacção dada pela Lei nº 28/95, de 18 de Agosto.

O artº 3º desta lei rectificativa, dispõe expressamente que “a referência a titulares de cargos políticos a que alude a Lei nº 64/93, de 26 de Agosto, entende-se feita igualmente a titulares de órgãos de soberania”.

II- Após a passagem de Macau para a administração chinesa já não faz sentido a inclusão da alínea d).

**Artigo 2º
(Extensão da aplicação)**

O regime constante do presente diploma é, ainda, aplicável aos titulares de altos cargos públicos.

Epígrafe e redacção alteradas pela Lei nº 28/95.

**Artigo 3º
(Titulares de altos cargos públicos)**

1. Para efeitos da presente lei, são considerados titulares de altos cargos públicos:
 - a) O presidente do conselho de administração de empresa pública e de sociedade anónima de capitais exclusiva ou maioritariamente públicos, qualquer que seja o modo da sua designação;
 - b) Gestor público e membro do conselho de administração de sociedade anónima de capitais exclusiva ou maioritariamente públicos, designada por entidade pública, desde que exerçam funções executivas;
 - c) O membro em regime de permanência e a tempo inteiro da entidade pública independente prevista na Constituição ou na lei.
2. *Aos presidentes, vice-presidentes e vogais de direcção de instituto público, fundação pública ou estabelecimento público, bem como aos directores-gerais e subdirectores-gerais e àqueles cujo estatuto lhes seja equiparado em razão da natureza das suas funções é aplicável, em*

matéria de incompatibilidades e impedimentos, a lei geral da função pública e, em especial, o regime definido para o pessoal dirigente no Decreto-Lei n.º 323/89, de 26 de Setembro.

O n.º 2 foi revogado pelo art.º 4.º da Lei 12/96, 18 Abril, que contém outras disposições.

Artigo 4.º
(Exclusividade)

1. Os titulares de cargos previstos nos artigos 1.º e 2.º exercem as suas funções em regime de exclusividade, sem prejuízo do disposto no Estatuto dos Deputados à Assembleia da República e do disposto no artigo 6.º.
2. A titularidade de cargos a que se refere o número anterior é incompatível com quaisquer outras funções profissionais remuneradas ou não, bem como com a integração em corpos sociais de quaisquer pessoas colectivas de fins lucrativos.
3. Exceptuam-se do disposto no número anterior as funções ou actividades derivadas do cargo e as que são exercidas por inerência.

Artigo com redacção alterada pela Lei n.º 28/95, tendo sido eliminada do n.º 1 «quanto aos autarcas a tempo parcial» por força da Lei n.º 12/96.

Artigo 5.º
(Regime aplicável após cessação de funções)

1. Os titulares de órgãos de soberania e titulares de cargos políticos não podem exercer, pelo período de três anos contado da data da cessação das respectivas funções, cargos em empresas privadas que prossigam actividades no sector por eles directamente tutelado, desde que, no período do respectivo mandato, tenham sido objecto de operações de privatização ou tenham beneficiado de incentivos financeiros ou de sistemas de incentivos e benefícios fiscais de natureza contratual.
2. Exceptua-se do disposto no número anterior o regresso à empresa ou actividade exercida à data da investidura no cargo.

Artigo com redacção alterada pela Lei n.º 28/95.

Artigo 6.º
(Autarcas)

1. Os presidentes e vereadores de câmaras municipais, mesmo em regime de permanência, a tempo inteiro ou parcial, podem exercer outras actividades, devendo comunicá-las, quando de exercício continuado, quanto à sua natureza e identificação, ao Tribunal Constitucional e à assembleia municipal, na primeira reunião desta a seguir ao início do mandato ou previamente à entrada em funções nas actividades não autárquicas.
2. O disposto no número anterior não revoga os regimes de incompatibilidades e impedimentos previstos noutras leis para o exercício de cargos ou actividades profissionais.

Esta é a versão originária da Lei n.º 64/93, já que o preceito em questão depois de ter sido alterado pela Lei n.º 28/95, de 18 de Agosto, foi posteriormente revogado pela Lei n.º 12/98, de 24 de Fevereiro, que o ripristinou na sua redacção originária.

Artigo 7.º
(Regime geral e excepções)

1. A titularidade de altos cargos públicos implica a incompatibilidade com quaisquer outras funções remuneradas.

2. As actividades de docência no ensino superior e de investigação não são incompatíveis com a titularidade de altos cargos públicos, bem como as inerências a título gratuito.
3. Os titulares de altos cargos públicos em sociedades anónimas de capitais maioritária ou exclusivamente públicos podem requerer que lhes seja levantada a incompatibilidade, solicitando autorização para o exercício de actividades especificamente discriminadas, às entidades que os designaram.
4. As situações previstas no número anterior devem ser fundamentadamente autorizadas pela assembleia geral da empresa, devendo a acta, nessa parte ser publicada na 2ª Série do Diário da República.

Artigo 7º-A
(Registo de interesses)

1. É criado um registo de interesses na Assembleia da República, sendo facultativa a sua criação nas autarquias, caso em que compete às assembleias autárquicas deliberar sobre a sua existência e regulamentar a respectiva composição, funcionamento e controlo.
2. O registo de interesses consiste na inscrição, em livro próprio, de todas as actividades susceptíveis de gerarem incompatibilidades ou impedimentos e quaisquer actos que possam proporcionar proveitos financeiros ou conflitos de interesses.
3. O registo de interesses criado na Assembleia da República compreende os registos relativos aos Deputados à Assembleia da República e aos Membros do Governo.
4. Para efeitos do disposto no número anterior, serão inscritos em especial, os seguintes factos:
 - a) Actividades públicas ou privadas, nelas se incluindo actividades comerciais ou empresariais e, bem assim, o exercício de profissão liberal;
 - b) Desempenho de cargos sociais, ainda que a título gratuito;
 - c) Apoios ou benefícios financeiros ou materiais recebidos para o exercício das actividades respectivas, designadamente de entidades estrangeiras;
 - d) Entidades a quem sejam prestados serviços remunerados de qualquer natureza;
 - e) Sociedades em cujo capital o titular, por si, pelo cônjuge ou pelos filhos, disponha de capital.
5. O registo é público e pode ser consultado por quem o solicitar.

Artigo aditado pela Lei n° 28/95.

Artigo 8º
(Impedimentos aplicáveis a sociedades)

1. As empresas cujo capital seja detido numa percentagem superior a 10% por um titular de órgão de soberania ou titular de cargo político, ou por alto cargo público, ficam impedidas de participar em concursos de fornecimento de bens ou serviços, no exercício de actividade de comércio ou indústria, em contratos com o Estado e demais pessoas colectivas públicas.
2. Ficam sujeitas ao mesmo regime:
 - a) As empresas cujo capital, em igual percentagem, seja titular o seu cônjuge, não separado de pessoas e bens, os seus ascendentes e descendentes em qualquer grau e os colaterais até ao 2º grau, bem como aquele que com ele viva nas condições do artigo 2020º do Código Civil;
 - b) As empresas em cujo capital o titular do órgão ou cargo detenha, directa ou indirectamente, por si ou conjuntamente com os familiares referidos na alínea anterior, uma participação não inferior a 10%.

Artigo com redacção alterada pela Lei n° 28/95.

Artigo 9º
(Arbitragem e peritagem)

1. Os titulares de cargos políticos e de altos cargos públicos estão impedidos de servir de árbitro ou de perito, a título gratuito ou remunerado, em qualquer processo em que seja parte o Estado e demais pessoas colectivas públicas.
2. O impedimento mantém-se até ao termo do prazo de um ano após a respectiva cessação de funções.

Artigo 9º-A
(Actividades anteriores)

1. Sem prejuízo da aplicabilidade das disposições adequadas do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei nº 442/91, de 15 de Novembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 6/96, de 31 de Janeiro, os titulares de órgãos de soberania, de cargos políticos e de altos cargos públicos que, nos últimos três anos anteriores à data da investidura no cargo, tenham detido, nos termos do artigo 8º, a percentagem de capital em empresas neles referida ou tenham integrado corpos sociais de quaisquer pessoas colectivas de fins lucrativos não podem intervir:
 - a) Em concursos de fornecimento de bens ou serviços ao Estado e demais pessoas colectivas públicas aos quais aquelas empresas e pessoas colectivas sejam candidatos;
 - b) Em contratos do Estado e demais pessoas colectivas públicas com elas celebrados;
 - c) Em quaisquer outros procedimentos administrativos, em que aquelas empresas e pessoas colectivas intervenham, susceptíveis de gerar dúvidas sobre a isenção ou rectidão da conduta dos referidos titulares, designadamente nos de concessão ou modificação de autorizações ou licenças, de actos de expropriação, de concessão de benefícios de conteúdo patrimonial e de doação de bens.
2. O impedimento previsto no número anterior não se verifica nos casos em que a referida participação em cargos sociais das pessoas colectivas tenha ocorrido por designação do Estado ou de outra pessoa colectiva pública.

Artigo aditado pela Lei nº 42/96, de 31 de Agosto.

Artigo 10º
(Fiscalização pelo Tribunal Constitucional)

1. Os titulares de cargos políticos devem depositar no Tribunal Constitucional, nos 60 dias posteriores à data da tomada de posse, declaração de inexistência de incompatibilidades ou impedimentos, donde conste a enumeração de todos os cargos, funções e actividades profissionais exercidos pelo declarante, bem como de quaisquer participações iniciais detidas pelo mesmo.
2. Compete ao Tribunal Constitucional proceder à análise, fiscalização e sancionamento das declarações dos titulares de cargos políticos.
3. A infracção ao disposto aos artigos 4º, 8º e 9º-A implica as sanções seguintes:
 - a) Para os titulares de cargos electivos, com a excepção do Presidente da República, a perda do respectivo mandato;
 - b) Para os titulares de cargos de natureza não electiva, com a excepção do Primeiro-Ministro, a demissão.

O corpo do nº 3 tem redacção alterada pela Lei nº 42/96.

Artigo 11º
(Fiscalização pela Procuradoria Geral da República)

1. Os titulares de altos cargos públicos devem depositar na Procuradoria-Geral da República, nos 60 dias posteriores à tomada de posse, declaração de inexistência de incompatibilidades ou impedimento, donde constem todos os elementos necessários à verificação do cumprimento do disposto na presente lei, incluindo os referidos no nº 1 do artigo anterior.
2. A Procuradoria-Geral da República pode solicitar a clarificação do conteúdo das declarações aos depositários no caso de dúvidas sugeridas pelo texto.
3. O não esclarecimento de dúvidas ou o esclarecimento insuficiente determina a participação aos órgãos competentes para a verificação e sancionamento das infracções.
4. A Procuradoria-Geral da República procede ainda à apreciação da regularidade formal das declarações e da observância do prazo de entrega, participando aos órgãos competentes para a verificação e sancionamento irregularidades ou a não observância do prazo.

Artigo 12º
(Regime aplicável em caso de incumprimento)

1. Em caso de não apresentação da declaração prevista nos nºs 1 dos artigos 10º e 11º, as entidades competentes para o seu depósito notificarão o titular do cargo a que se aplica a presente lei para apresentar no prazo de 30 dias, sob pena de, em caso de incumprimento culposo, incorrer em declaração de perda do mandato, demissão ou destituição judicial.
2. Para efeitos do número anterior, os serviços competentes comunicarão ao Tribunal Constitucional e à Procuradoria-Geral da República, consoante os casos, a data de início de funções dos titulares de cargos a que se aplica a presente lei.

Artigo 13º
(Regime sancionatório)

1. O presente regime sancionatório é aplicável aos titulares de altos cargos públicos.
2. A infracção ao disposto no artigo 7º e 9º-A constitui causa de destituição judicial.
3. A destituição judicial compete aos tribunais administrativos.
4. A infracção ao disposto no artigo 5º determina a inibição para o exercício de funções de altos cargos políticos e de altos cargos públicos por um período de três anos.

O nº 2 tem redacção alterada pela Lei nº 42/96.

Artigo 14º
(Nulidade e inibições)

A infracção ao disposto nos artigos 8º, 9º e 9º-A determina a nulidade dos actos praticados e, no caso do nº 2 do artigo 9º, a inibição para o exercício de funções em altos cargos públicos pelo período de três anos.

Redacção alterada pela Lei nº 42/96.

Artigo 15º
(Norma revogatória)

É revogada a Lei nº 9/90, de 1 de Março, com as alterações introduzidas pela Lei nº 56/90, de 5 de Setembro.

Aprovada em 15 de Julho de 1993.
Publique-se. O Presidente da República, Mário Soares.

Referendada em 09.08.1993.

Pel' O Primeiro Ministro, Joaquim Fernando Nogueira, Ministro da Presidência

ESTABELECE UM NOVO REGIME DE INCOMPATIBILIDADES

Lei 12/96
18 Abril

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164º, alínea d), 167º, alínea l) e 169º, nº 3, da Constituição, o seguinte:

Artigo 1º **(Regime de exclusividade)**

1 - Os presidentes, vice-presidentes e vogais da direcção do instituto público, fundação pública ou estabelecimento público, bem como os directores-gerais e subdirectores-gerais e aqueles cujo estatuto lhes seja equiparado em razão da natureza das suas funções, exercem os cargos em regime de exclusividade, independentemente da sua forma de provimento ou designação.

2 - O regime de exclusividade implica a incompatibilidade dos cargos aí referidos com:

- a) quaisquer outras funções profissionais, remuneradas ou não;
- b) a integração em corpos sociais de quaisquer pessoas colectivas de fins lucrativos ou a participação remunerada em órgãos de outras pessoas colectivas.

Artigo 2º **(Excepções)**

1 - Exceptuam-se do disposto no artigo anterior:

- a) as actividades de docência no ensino superior, bem como as actividades de investigação, não podendo o horário em tempo parcial ultrapassar um limite a fixar por despacho conjunto dos Ministros das Finanças e da Educação;
- b) as actividades derivadas do cargo e as que são exercidas por inerência;
- c) a participação não remunerada quer em comissões ou grupos de trabalho, quer em conselhos consultivos, comissões de fiscalização ou outros organismos colegiais, quando previstos na lei e no exercício de fiscalização ou controlo do uso de dinheiros públicos;
- d) as actividades ao abrigo do artº 32º do Decreto-Lei nº 73/90, de 6 de Março, e do artigo único do Decreto Regulamentar nº 46/91, de 12 de Setembro.

2 - Os titulares de altos cargos públicos referidos no artigo 1º poderão auferir remunerações provenientes de:

- a) direitos de autor;
- b) realização de conferências, palestras, acções de formação de curta duração e outras actividades de idêntica natureza.

Artigo 3º **(Remissão)**

Aos titulares de altos cargos públicos referidos no artigo 1º são aplicáveis os artigos 8º, 9º, 11º, 12º e, com as necessárias adaptações, 13º e 14º da Lei nº 64/93, de 26 de Agosto, na redacção dada pela lei nº 28/95, de 18 de Agosto.

Artigo 4º **(Norma revogatória)**

É revogado o nº 2 do artigo 3º da Lei nº 64/93, de 26 de Agosto, na redacção dada pelo nº 4 do artigo 8º da Lei nº 39-B/94, de 27 de Dezembro.

Artigo 5º
(Aplicação)

As situações jurídicas constituídas na vigência da lei anterior serão adequadas ao disposto na presente lei no prazo de 60 dias após a sua entrada em vigor.

Aprovada em 29 de Fevereiro de 1996

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos

Promulgada em 25 de Março de 1996.

Publique-se. O Presidente da República, Jorge Sampaio

Referendada em 1 de Abril de 1996

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

NOVO REGIME JURÍDICO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

Lei 13/99
22 Março

(excertos)

TÍTULO I

RECENSEAMENTO ELEITORAL

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 5º

Permanência e actualidade

1. A inscrição no recenseamento tem efeitos permanentes e só pode ser cancelada nos casos e nos termos previstos na presente lei.
 2. O recenseamento é actualizado mensalmente, através de meios informáticos e ou outros, nos termos desta lei, de forma a corresponder com actualidade ao universo eleitoral.
 3. No 60º dia que antecede cada eleição ou referendo, e até à sua realização, é suspensa a actualização do recenseamento eleitoral, sem prejuízo do disposto no número seguinte do presente artigo, no nº 2 do artigo 35º e nos artigos 57º e seguintes da presente lei.
 4. Podem ainda inscrever-se até ao 55º dia anterior ao dia da votação os cidadãos que completem 18 anos até ao dia da eleição ou referendo.
-

CAPÍTULO III

Operações de recenseamento

SECÇÃO I

Realização das operações

ARTIGO 32º

Actualização contínua

No território e no estrangeiro, as operações de inscrição, bem como as de alteração e eliminação de inscrições, para o efeito de actualização do recenseamento, decorrem a todo o tempo, sem prejuízo do disposto nos nºs 3 e 4 do artigo 5º.

SECÇÃO II

Inscrição

ARTIGO 35º

Inscrição Provisória

1. Os cidadãos que completem 17 anos têm o direito de promover a sua inscrição no recenseamento eleitoral a título provisório, desde que não abrangidos por qualquer outro impedimento à sua capacidade eleitoral.
2. Os cidadãos referido no número anterior consideram-se eleitores provisórios até ao dia em que perçam 18 anos, momento em que passam automaticamente a eleitores efectivos.

3. Passam, também, à condição de eleitor efectivo os que, estando inscritos, completem 18 anos até ao dia da eleição ou do referendo.

4. No acto de inscrição dos cidadãos referidos no nº 1 será entregue um cartão de eleitor do qual constará, a anteceder o número de inscrição, a menção «PROV» e à margem a indicação da data de efectivação do recenseamento.

.....

SECÇÃO IV

Cadernos de Recenseamento

Artigo 52º

Elaboração

1 - A inscrição dos eleitores consta de cadernos de recenseamento elaborado pelo STAPE ou pelas comissões recenseadoras, nos termos dos artigos 56º e 58º, respectivamente.

2 - Há tantos cadernos de recenseamento quantos os necessários para que em cada um deles não figurem mais de 1000 eleitores.

.....

Artigo 57º

Exposição no período eleitoral

1 - Até ao 52º dia anterior à data de eleição ou referendo, as comissões recenseadoras comunicam ao STAPE todas as alterações decorridas até à data prevista no nº 3 do artº 5º.

2 - Até ao 44º dia anterior à data de eleição ou referendo, o STAPE providencia pela extracção de listagens das alterações ocorridas nos cadernos de recenseamento desde o último período de exposição pública dos cadernos, para envio às comissões recenseadoras.

3 - Entre os 39º e o 34º dias anteriores à eleição ou referendo, são expostas nas sedes das comissões recenseadoras as listagens referidas no número anterior, para efeito de consulta e reclamação dos interessados.

4 - As reclamações e os recursos relativos à exposição de listagens referidas no número anterior efectuem-se nos termos dos artigos 60º e seguintes.

5 - O STAPE em colaboração com as comissões recenseadoras, pode promover, em condições de segurança, a possibilidade de consulta, por parte do titular, aos dados constantes dos cadernos eleitorais que lhe respeitem, através de meios informatizados.

Artigo 58º

Cópias fiéis dos cadernos em período eleitoral

1 - Esgotados os prazos de reclamação e recurso, as comissões recenseadoras comunicam as rectificações daí resultantes à BDRE no prazo de cinco dias.

2 - As comissões recenseadoras e o STAPE, relativamente às inscrições efectuadas no estrangeiro, extraem cópias fiéis dos cadernos, para utilização no acto eleitoral ou referendo.

3 - Nas freguesias onde não seja possível a emissão de cadernos eleitorais, as respectivas comissões recenseadoras solicitam a sua emissão ao STAPE até ao 44º dia anterior ao da eleição ou referendo.

Artigo 59º

Período de inalterabilidade

Os cadernos de recenseamento não podem ser alterados nos 15 dias anteriores a qualquer acto eleitoral ou referendo.

.....

Aprovada em 4 de Fevereiro de 1999.

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos.
Promulgada em 26 de Fevereiro de 1999.
Publique-se.
O Presidente da República, Jorge Sampaio.
Referendada em 4 de Março de 1999.
O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

**REGULA A CRIAÇÃO DE BOLSAS DE AGENTES ELEITORAIS
E A COMPENSAÇÃO DOS MEMBROS DAS MESAS DAS ASSEMBLEIAS OU
SECÇÕES DE VOTO EM ACTOS ELEITORAIS E REFERENDÁRIOS**

**Lei 22/99
21 Abril**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

**Capítulo I
Da constituição de bolsas de agentes eleitorais**

**Artigo 1º
Objecto**

A presente lei regula a criação de bolsas de agentes eleitorais, com vista a assegurar o bom funcionamento das mesas das assembleias ou secções de voto nos actos eleitorais ou referendários, bem como o recrutamento, designação e compensação dos seus membros.

**Artigo 2º
Designação dos membros das mesas**

- 1 - A designação dos membros das mesas das assembleias ou secções de voto faz-se nos termos previstos na legislação que enquadra os respectivos actos eleitorais.
- 2 - Nas secções de voto em que o número de cidadãos seleccionados nos termos gerais com vista a integrar as respectivas mesas seja insuficiente, os membros das mesas serão nomeados de entre os cidadãos inscritos na bolsa de agentes eleitorais da respectiva freguesia.

**Artigo 3º
Agentes eleitorais**

- 1 - Em cada freguesia é constituída uma bolsa integrada por cidadãos aderentes ao programa «agentes eleitorais» e que se encontrem inscritos no recenseamento eleitoral da sua circunscrição.
- 2 - Os agentes eleitorais exercem funções de membros das mesas das assembleias ou secções de voto nos actos eleitorais ou referendários.

**Artigo 4º
Recrutamento pelas câmaras municipais**

- 1 - As câmaras municipais, com a colaboração das juntas de freguesia, promovem a constituição das bolsas através do recrutamento dos agentes eleitorais, cujo anúncio será publicitado por edital, afixado à porta da câmara municipal e das juntas de freguesia, e por outros meios considerados adequados.
- 2 - O número de agentes eleitorais a recrutar por freguesia dependerá cumulativamente:
 - a) Do número de mesas a funcionar em cada uma das freguesias que integram o respectivo município;
 - b) Do número de membros necessários para cada mesa, acrescido do dobro.
- 3 - Os candidatos à bolsa devem inscrever-se, mediante o preenchimento do boletim de inscrição anexo à presente lei, junto da câmara municipal ou da junta de freguesia da sua circunscrição até ao 15.º dia posterior à publicitação do edital referido no n.º 1 do presente artigo.

Artigo 5º
Processo de selecção

- 1 - Cada câmara municipal constituirá uma comissão não permanente, integrada pelo seu presidente, pelo presidente da junta de freguesia respectiva e pelos representantes de cada um dos grupos políticos com assento na assembleia municipal que ordenará os candidatos de acordo com os critérios fixados no presente artigo.
- 2 - Os candidatos são ordenados em função do nível de habilitações literárias detidas.
- 3 - Em caso de igualdade de classificação preferirá o candidato mais jovem.
- 4 - A comissão procederá à elaboração da acta da lista de classificação final, que será publicitada em edital à porta da câmara municipal e das juntas de freguesia, e em outros locais que se julguem convenientes.
- 5 - A acta da lista de classificação final mencionará, obrigatoriamente, a aplicação a cada candidato dos critérios de selecção referidos no presente artigo.

Artigo 6º
Formação cívica em processo eleitoral

O Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral ministrará aos agentes eleitorais, após a integração na bolsa, formação em matéria de processo eleitoral, nomeadamente no âmbito das funções a desempenhar pelas mesas das assembleias eleitorais.

Artigo 7º
Processo de designação dos agentes eleitorais

- 1 - Os agentes eleitorais designados para acto eleitoral ou referendário são notificados, pelo presidente da câmara municipal, até 12 dias antes da realização do sufrágio, com a identificação da mesa a integrar.
- 2 - Da composição das mesas é elaborada lista que é publicada, em edital, à porta da câmara municipal e das juntas de freguesia.

Artigo 8º
Substituições em dia de eleição ou referendo

- 1 - Se não tiver sido possível constituir a mesa 60 minutos após a hora marcada para a abertura da assembleia ou secção de voto por não estarem presentes os membros indispensáveis ao seu funcionamento, o presidente da junta de freguesia designa os substitutos dos membros ausentes de entre os agentes eleitorais da correspondente bolsa.
- 2 - Se, apesar de constituída a mesa, se verificar a falta de um dos seus membros, o presidente substitui-o por qualquer eleitor pertencente à bolsa de agentes eleitorais.
- 3 - Se não for possível designar agentes eleitorais o presidente da junta de freguesia nomeará o substituto do membro ou membros ausentes de entre quaisquer eleitores dessa freguesia, mediante acordo da maioria dos restantes membros da mesa e dos representantes dos partidos, das candidaturas e, no caso do referendo, dos partidos e dos grupos de cidadãos que estiverem presentes.
- 4 - Substituídos os faltosos, ficam sem efeito as anteriores nomeações, e os seus nomes são comunicados pelo presidente da mesa ao presidente da câmara municipal.

Capítulo II
Da compensação dos membros das mesas

Artigo 9º
Compensação dos membros das mesas

- 1 - Aos membros das mesas é atribuída uma gratificação cujo montante é igual ao valor das senhas de presença auferidas pelos membros das assembleias municipais dos municípios com 40 000 ou mais eleitores, nos termos da Lei nº 29/87, de 30 de Junho.
- 2 - A gratificação referida no número anterior fica isenta de tributação.

Artigo 10º
Pagamento de despesas

As despesas com a compensação dos membros das mesas são suportadas por verba inscrita no orçamento do Ministério da Administração Interna, que efectuará as necessárias transferências para os municípios.

Aprovada em 25 de Fevereiro de 1999.
O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos.
Promulgada em 30 de Março de 1999.
Publique-se.
O Presidente da República, Jorge Sampaio.
Referendada em 9 de Abril de 1999.
O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

ANEXO

Boletim de inscrição para candidatos à bolsa de agentes eleitorais

1 - Nome completo do cidadão

2 - Idade

3 - Residência

Freguesia:

Concelho:

Rua / lugar:

Número:

Andar:

Código postal:

4 - Bilhete de identidade

Número:

Arquivo de identificação:

Data de nascimento:

5 - Cartão de eleitor

Número de inscrição:

Unidade geográfica de recenseamento:

6 - Habilitações literárias:

Assinatura do cidadão _____

Confirmação das declarações pela câmara municipal ou junta de freguesia

Confirmo que os elementos constantes dos pontos 1, 2, 4, 5 e 6.

Assinatura _____

Nota:

É obrigatória a apresentação do bilhete de identidade e do cartão de eleitor.

**ALARGA A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS REGULADORES
DA PROPAGANDA E A OBRIGAÇÃO DA NEUTRALIDADE
DAS ENTIDADES PÚBLICAS
À DATA DA MARCAÇÃO DAS ELEIÇÕES OU DO REFERENDO**

**Lei n.º 26/99
3 Maio**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 61.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

**Artigo 1.º
Âmbito de aplicação**

O regime previsto na presente lei é aplicável desde a marcação do decreto que marque a data do acto eleitoral ou do referendo.

**Artigo 2.º
Igualdade de oportunidades**

Os partidos ou coligações e os grupos de cidadãos, tratando-se de acto eleitoral, os candidatos e os partidos políticos ou coligações que os propõem, tratando-se de referendo, têm direito a efectuar livremente e nas melhores condições a sua propaganda, devendo as entidades públicas e privadas proporcionar-lhes igual tratamento, salvo as excepções previstas na lei.

**Artigo 3.º
Neutralidade e imparcialidade das entidades públicas**

1 - Os órgãos do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais, das demais pessoas colectivas de direito público, das sociedades de capitais públicos ou de economia mista e das sociedades concessionárias de serviços públicos, de bens do domínio público ou de obras públicas, bem como, nessa qualidade, os respectivos titulares, não podem intervir directa ou indirectamente em campanha eleitoral ou para referendo, nem praticar quaisquer actos que favoreçam ou prejudiquem uma posição em detrimento ou vantagem de outra ou outras, devendo assegurar a igualdade de tratamento e a imparcialidade em qualquer intervenção nos procedimentos eleitorais ou referendários.

2 - Os funcionários e agentes das entidades referidas no número anterior observam, no exercício das suas funções, rigorosa neutralidade perante as diversas posições, bem como perante os diversos partidos e grupos de cidadãos eleitores.

3 - É vedada a exibição de símbolos, siglas, autocolantes ou outros elementos de propaganda por titulares de órgãos, funcionários e agentes das entidades referidas no n.º 1 durante o exercício das suas funções.

Aprovada em 11 de Março de 1999.

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos.

Promulgada em 15 de Abril de 1999.

Publique-se.

O Presidente da República, Jorge Sampaio.

Referendada em 21 de Abril de 1999.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

REGIME JURÍDICO DA PUBLICAÇÃO OU DIFUSÃO DE SONDAGENS E INQUÉRITOS DE OPINIÃO

Lei 10/2000
21 Junho

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1º **Objecto**

1. A presente lei regula a realização e a publicação ou difusão pública de sondagens e inquéritos de opinião produzidos com a finalidade de divulgação pública, cujo objecto se relacione, directa ou indirectamente, com:

- a) Órgãos constitucionais, designadamente o seu estatuto, competência, organização, funcionamento, responsabilidade e extinção, bem como, consoante os casos, a eleição, nomeação ou cooptação, actuação e demissão ou exoneração dos respectivos titulares;
- b) Convocação, realização e objecto de referendos nacionais, regionais ou locais;
- c) Associações políticas ou partidos políticos, designadamente a sua constituição, estatutos, denominação, sigla e símbolo, organização interna, funcionamento, exercício de direitos pelos seus associados e a respectiva dissolução ou extinção, bem como, consoante os casos, a escolha, actuação e demissão ou exoneração dos titulares dos seus órgãos centrais e locais.

2. É abrangida pelo disposto no número anterior a publicação ou difusão pública de previsões ou simulações de voto que se baseiem nas sondagens de opinião nele referidas, bem como de dados de sondagens de opinião que, não se destinando inicialmente a divulgação pública, sejam difundidas em órgãos de comunicação social.

3. A realização e a publicação ou difusão pública de sondagens e inquéritos de opinião produzidos com a finalidade de divulgação pública em domínios de interesse público serão reguladas pelo Governo mediante decreto-lei.

4. O disposto na presente lei é aplicável à publicação ou difusão de sondagens e inquéritos de opinião na edição electrónica de órgão de comunicação social que use também outro suporte ou promovida por entidade equiparável em difusão exclusivamente digital quando esta se faça através de redes electrónicas de uso público através de domínios geridos pela Fundação para a Computação Científica Nacional ou, quando o titular do registo esteja sujeito à lei portuguesa, por qualquer outra entidade.

Parece retirar-se da leitura do nº 4 que o actual diploma legal já abarca os novos meios de comunicação, nomeadamente a Internet, desde que a publicação ou difusão de sondagens e inquéritos de opinião sejam feitas a partir de Portugal e com autores identificáveis.

Artigo 2º **Definições**

Para os efeitos da presente lei, entende-se por:

- a) Inquérito de opinião, a notação dos fenómenos relacionados com o disposto no artigo anterior, através de um mero processo de recolha de informação junto de todo ou de parte do universo estatístico;
- b) Sondagem de opinião, a notação dos fenómenos relacionados com o disposto no artigo anterior, cujo estudo se efectua através do método estatístico quando o número de casos observados não integra todo o universo estatístico, representando apenas uma amostra;
- c) Amostra, o subconjunto de população inquirido através de uma técnica estatística que consiste em apresentar um universo estatístico por meio de uma operação de generalização quantitativa praticada sobre os fenómenos seleccionados.

Artigo 3º

Credenciação

1. As sondagens de opinião só podem ser realizadas por entidades credenciadas para o exercício desta actividade junto da Alta Autoridade para a Comunicação Social.
2. A credenciação a que se refere o número anterior é instruída com os seguintes elementos:
 - a) Denominação e sede, bem como os demais elementos identificativos da entidade que se propõe exercer a actividade;
 - b) Cópia autenticada do respectivo acto de constituição;
 - c) Identificação do responsável técnico.
3. A transferência de titularidade e a mudança do responsável técnico devem ser notificadas, no prazo máximo de 30 dias a contar da sua ocorrência, à Alta Autoridade para a Comunicação Social.
4. A credenciação a que se refere o nº 1 caduca se, pelo período de dois anos consecutivos, a entidade credenciada não for responsável pela realização de qualquer sondagem de opinião publicada ou difundida em órgãos de comunicação social.
5. Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, os demais requisitos e formalidades da credenciação são objecto de regulamentação pelo Governo.

Artigo 4º

Regras gerais

1. As entidades que realizam a sondagem ou o inquérito observam as seguintes regras relativamente aos inquiridos:
 - a) Anuência prévia dos inquiridos;
 - b) Os inquiridos devem ser informados de qual a entidade responsável pela realização da sondagem ou do inquérito;
 - c) Deve ser preservado o anonimato das pessoas inquiridas, bem como o sentido das suas respostas;
 - d) Entrevistas subsequentes com os mesmos inquiridos só podem ocorrer quando a sua anuência tenha sido previamente obtida.
2. Na realização de sondagens devem as entidades credenciadas observar as seguintes regras:
 - a) As perguntas devem ser formuladas com objectividade, clareza e precisão, sem sugerirem, directa ou indirectamente, o sentido das respostas;
 - b) A amostra deve ser representativa do universo estatístico de onde é extraída, nomeadamente quanto à região, dimensão das localidades, idade dos inquiridos, sexo e grau de instrução ou outras variáveis adequadas;
 - c) A interpretação dos resultados brutos deve ser feita de forma a não falsear ou deturpar o resultado da sondagem;
 - d) O período de tempo que decorre entre a realização dos trabalhos de recolha de informação e a data da publicação dos resultados pelo órgão de comunicação social deve garantir que os resultados obtidos não se desactualizem, sem prejuízo do disposto no nº 3 do artigo 10º.
3. As entidades credenciadas devem garantir que os técnicos que, sob a sua responsabilidade ou por sua conta, realizem sondagens de opinião ou inquéritos e interpretem tecnicamente os resultados obtidos observam os códigos de conduta da profissão internacionalmente reconhecidos.

Artigo 5º

Depósito

1. A publicação ou difusão pública de qualquer sondagem de opinião apenas é permitida após o depósito desta, junto da Alta Autoridade para a Comunicação Social, acompanhada da ficha técnica a que se refere o artigo seguinte.

2. O depósito a que se refere o número anterior deve ser efectuado por qualquer meio idóneo, designadamente através de correio electrónico ou de fax, até trinta minutos antes da publicação ou difusão pública da sondagem de opinião, excepto quando se trate de sondagem em dia de acto eleitoral ou referendário, caso em que o seu depósito pode ser efectuado em simultâneo com a difusão dos respectivos resultados.

Artigo 6º **Ficha técnica**

1. Para os efeitos do disposto no artigo anterior, da ficha técnica constam, obrigatoriamente, as seguintes informações:

- a) A denominação e a sede da entidade responsável pela sua realização;
- b) A identificação do técnico responsável pela realização da sondagem e, se for caso disso, das entidades e demais pessoas que colaboraram de forma relevante nesse âmbito;
- c) Ficha síntese de caracterização sócio-profissional dos técnicos que realizaram os trabalhos de recolha de informação ou de interpretação técnica dos resultados;
- d) A identificação do cliente;
- e) O objecto central da sondagem de opinião e eventuais objectivos intermédios que com ele se relacionem;
- f) A descrição do universo do qual é extraída a amostra e a sua quantificação;
- g) O número de pessoas inquiridas, sua distribuição geográfica e composição, evidenciando-se a amostra prevista e a obtida;
- h) A descrição da metodologia de selecção da amostra, referenciando-se os métodos sucessivos de selecção de unidades até aos inquiridos;
- i) No caso de sondagens realizadas com recurso a um painel, caracterização técnica desse painel, designadamente quanto ao número de elementos, selecção ou outra caracterização considerada relevante;
- j) A indicação do método utilizado para a recolha de informação, qualquer que seja a sua natureza;
- l) No caso de estudos documentais, a indicação precisa das fontes utilizadas e da sua validade;
- m) A indicação dos métodos de controlo da recolha de informação e da percentagem de entrevistas controladas;
- n) Resultados brutos de sondagem, anteriores a qualquer ponderação e a qualquer distribuição de indecisos, não votantes e abstencionistas;
- o) A taxa de resposta e indicação de eventuais enviesamentos que os não respondentes possam introduzir;
- p) A indicação da percentagem de pessoas inquiridas cuja resposta foi «não sabe/não responde», bem como, no caso de sondagens que tenham por objecto intenções de voto, a percentagem de pessoas que declararam que se irão abster, sempre que se presuma que a mesma seja susceptível de alterar significativamente a interpretação dos resultados;
- q) Sempre que seja efectuada a redistribuição dos indecisos, a descrição das hipóteses em que a mesma se baseia;
- r) O texto integral das questões colocadas e de outros documentos apresentados às pessoas inquiridas;
- s) A margem de erro estatístico máximo associado a cada ventilação, assim como o nível de significância estatística das diferenças referentes aos principais resultados da sondagem de opinião;
- t) Os métodos e coeficientes máximos de ponderação eventualmente utilizados;
- u) A data ou datas em que tiveram lugar os trabalhos de recolha de informação;
- v) O nome e cargo do responsável pelo preenchimento da ficha.

2. Para os efeitos da alínea r) do número anterior, no caso de uma sondagem de opinião se destinar a uma pluralidade de clientes, da ficha técnica apenas deve constar a parte do questionário relativa a cada cliente específico.

3. O modelo da ficha técnica é fixado pela Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Artigo 7º

Regras a observar na divulgação ou interpretação de sondagens

1. A publicação, difusão e interpretação técnica dos dados obtidos por sondagens de opinião devem ser efectuadas de forma a não falsear ou deturpar o seu resultado, sentido e limites.
2. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a publicação de sondagens de opinião em órgãos de comunicação social é sempre acompanhada das seguintes informações:
 - a) A denominação da entidade responsável pela sua realização;
 - b) A identificação do cliente;
 - c) O objecto da sondagem de opinião;
 - d) O universo alvo da sondagem de opinião;
 - e) O número de pessoas inquiridas, sua repartição geográfica e composição;
 - f) A taxa de resposta e indicação de eventuais enviesamentos que os não respondentes possam introduzir;
 - g) A indicação da percentagem de pessoas inquiridas cuja resposta foi «não sabe/não responde», bem como, no caso de sondagens que tenham por objecto intenções de voto, a percentagem de pessoas que declararam que se irão abster, sempre que se presuma que as mesmas sejam susceptíveis de alterar significativamente a interpretação dos resultados;
 - h) Sempre que seja efectuada a redistribuição dos indecisos, a descrição das hipóteses em que a mesma se baseia;
 - i) A data ou datas em que tiveram lugar os trabalhos de recolha de informação;
 - j) O método de amostragem utilizado e, no caso de amostras aleatórias, a taxa de resposta obtida;
 - l) O método utilizado para a recolha de informação, qualquer que seja a sua natureza;
 - m) As perguntas básicas formuladas;
 - n) A margem de erro estatístico máximo associado a cada ventilação, assim como o nível de significância estatística das diferenças referentes aos principais resultados da sondagem.
3. A difusão de sondagens de opinião em estações de radiodifusão ou radiotelevisão é sempre acompanhada, pelo menos, das informações constantes das alíneas a) a i) do número anterior.
4. A referência, em textos de carácter exclusivamente jornalístico publicados ou divulgados em órgãos de comunicação social, a sondagens que tenham sido objecto de publicação ou difusão pública deve ser sempre acompanhada de menção do local e data em que ocorreu a primeira publicação ou difusão, bem como da indicação do responsável.

Artigo 8º

Regras a observar na divulgação ou interpretação de inquéritos

1. Os responsáveis pela publicação, difusão pública ou interpretação técnica de dados recolhidos por inquéritos de opinião devem assegurar que os resultados apresentados sejam insusceptíveis de ser tomados como representativos de um universo mais abrangente que o das pessoas questionadas.
2. Para os efeitos do disposto no número anterior, a publicação ou difusão pública do inquérito de opinião deve ser acompanhada de advertência expressa e claramente visível ou audível de que tais resultados não permitem, cientificamente, generalizações, representando, apenas, a opinião dos inquiridos.
3. A divulgação dos dados recolhidos por inquéritos de opinião deve, caso a sua actualidade não resulte evidente, ser acompanhada da indicação das datas em que foram realizados os respectivos trabalhos de recolha de informação.

Artigo 9º

Primeira divulgação de sondagem

A primeira divulgação pública de qualquer sondagem de opinião deve fazer-se até 15 dias a contar da data do depósito obrigatório a que se refere o artigo 5º.

Artigo 10º

Divulgação de sondagens relativas a sufrágios

1. É proibida a publicação e a difusão bem como o comentário, a análise e a projecção de resultados de qualquer sondagem ou inquérito de opinião, directa ou indirectamente relacionados com actos eleitorais ou referendários abrangidos pelo disposto nos nºs 1, 2 e 4 do artigo 1º, desde o final da campanha relativa à realização do acto eleitoral ou referendário até ao encerramento das urnas em todo o País.
2. No dia anterior ao da realização de qualquer acto eleitoral ou referendário abrangido pelo disposto no nº 1 do artigo 1º apenas podem ser divulgadas as deliberações de rectificação aprovadas pela Alta Autoridade para a Comunicação Social.
3. Nos dois meses que antecedem a realização de qualquer acto eleitoral relacionado com os órgãos abrangidos pelo disposto no nº 1 do artigo 1º e da votação para referendo nacional, regional ou local, a primeira publicação ou difusão pública de sondagens de opinião deve ocorrer até 15 dias a contar da data em que terminaram os trabalhos de recolha de informação.

I – Uma das inovações do presente diploma diz respeito ao encurtamento do prazo de proibição de publicação, difusão, comentário ou análise de sondagens e projecção de resultados de actos eleitorais ou referendários. Assim, essa proibição reduziu-se, dos 7 dias anteriormente exigidos, para o período que medeia entre o encerramento da campanha eleitoral – com o tempo dedicado à reflexão dos cidadãos – e o encerramento das assembleias de voto em todo o país.

Não obstante a alteração introduzida, fica uma vez mais em aberto o problema atinente à projecção de resultados, a manter-se a diferença horária entre o Continente e a Região Autónoma dos Açores.

Na verdade, parece pouco crível que os órgãos de comunicação social, nomeadamente as televisões e rádios, aguardem pelo encerramento das urnas naquela Região para difundirem em todo o país o resultado de projecções.

Nesse sentido, e na medida em que é tecnicamente possível proceder ao embargo das emissões para a referida Região Autónoma, a CNE, quando solicitada a pronunciar-se sobre esta matéria, propôs a seguinte redacção:

“1.-Nos...que antecedem o dia da eleição ou de votação para referendo nacional, regional ou local, e até ao encerramento das urnas, são proibidos a publicação, difusão, comentário ou análise de qualquer sondagem ou inquérito de opinião directa ou indirectamente relacionados com o acto eleitoral ou referendário.

2.-No dia da eleição ou de votação para referendo é proibida a divulgação de projecção de resultados no Continente até à hora legal de encerramento das urnas.

3.-Sempre que se verifiquem diferenças horárias a proibição mantém-se apenas em relação à zona do País onde as urnas encerrem mais tarde”.

II – No âmbito da anterior lei e cabendo à CNE fiscalizar o cumprimento da proibição de publicação ou difusão de sondagens em períodos eleitorais (artºs 8º e 9º da Lei nº 31/91, de 20 de Julho) dúvidas se suscitaram sobre se a proibição do comentário ou análise de qualquer sondagem ou inquérito de opinião, directa ou indirectamente relacionados com um determinado acto eleitoral, respeitava apenas às sondagens e inquéritos de opinião que fossem executados nos sete dias anteriores à eleição ou se o seu âmbito temporal abrangia aquelas que haviam sido divulgadas até ao início do período de proibição.

Segundo a orientação perflhada pela CNE, o legislador quis evitar, não só a publicação ou difusão de sondagem ou inquérito de opinião feitos antes ou durante esse período - desde que o tenha sido para o acto eleitoral a que se reportam -, como também qualquer comentário ou análise de uma dessas sondagens ou inquéritos de opinião, por os entender perniciosos para a liberdade de escolha do cidadão, quando apresentados num período eleitoral que pode já não dar hipótese de contra-prova ou resposta (cfr. acta da sessão de 24.10.95).

III- Segundo o entendimento da CNE de então a prática da infração em período proibido, sobretudo no dia da eleição, não desobrigava a entidade prevaricadora a efectuar o depósito da sondagem e respectiva ficha técnica junto da AACCS. Esta questão está de certa forma ultrapassada, visto que a presente lei consagra as regras a observar na realização de sondagem em dia de acto eleitoral ou referendário.

IV- No decurso dos processos eleitorais, especialmente, no período proibido pela anterior lei para a publicação e difusão de sondagens, foi frequente a CNE confrontar-se com situações que afectavam as garantias e a liberdade de escolha do cidadão, valores que a lei procura acautelar.

Assim, e para melhor exemplificação, aqui se relata o teor de uma queixa dirigida à CNE, por altura do referendo nacional de 8 de Novembro, contra uma estação de rádio de âmbito local, por ter difundido, no período ora em análise, o resultado de uma sondagem respeitante àquele acto referendário.

Em sua defesa, a estação de rádio, entre outras razões veio aduzir que:

.de facto tinha realizado uma auscultação a diversas pessoas do concelho sem qualquer carácter científico ou rigor técnico;

.os resultados dessa auscultação foram apresentados durante um debate, no intuito de provocar comentários da parte dos intervenientes;

.no dia seguinte havia difundido no noticiário excertos do debate reproduzindo algumas das intervenções em que se comentava a referida auscultação.

Perante estes factos, emitiu a CNE a seguinte deliberação (cfr. Acta da sessão de 17.12.98):

...“A lei não proíbe irrestritamente as auscultações à população. Um órgão de comunicação social pode sondar os cidadãos e posteriormente difundir os seus comentários (leia-se as frases, expressões proferidas e gravadas pelos auscultados). Porém, o tratamento matemático dessa auscultação e a transformação do mesmo em prováveis resultados eleitorais ou de referendo, excede os limites legais, e está sujeito a cominação.

A auscultação levada a cabo pela Rádio não deixa de ser um inquérito que procurou sondar o sentido da opinião dos cidadãos da comunidade em causa.

Ora, para o ouvinte (sujeito que a lei das sondagens pretende defender/proteger) não foi perceptível se a auscultação teve ou não carácter científico: os resultados foram tomados como o sentido de opinião de comunidade respectiva.

Em conclusão, o carácter não técnico da auscultação não retira a natureza de sondagem à inquirição (e subsequente tratamento) levado a cabo pela Rádio.

Foi uma sondagem sem cientificidade, mas foi uma sondagem. Logo, é forçoso concluir que a difusão dos comentários que tiveram por objecto aqueles dados contrariam frontalmente a lei...”

Mesmo perante outras situações violadoras da lei, a jurisprudência emanada quer por Tribunais Superiores quer pelo Tribunal Constitucional respalda-se em idênticas considerações de fundo quanto à extrema sensibilidade desta matéria.

Veja-se a propósito o Acórdão do TC nº 178/99 publicado no DR II Série de 08.07.99, onde a dado passo se refere:

...”A não acontecer um tal controlo, seriam hipotizáveis situações em que, por motivos estranhos à fidedignidade da informação, fossem apresentados como resultados de uma sondagem ou de um inquérito à opinião pública determinados números que, minimamente, não foram suportados por essas sondagens ou inquéritos, o que, claramente, poderia conduzir a uma influência do eleitorado, com a consequente discriminação de algumas forças políticas concorrentes ao acto eleitoral.

A este propósito, cabe ter presente que a liberdade de escolha dos eleitores (cfr. artigo 50º, nº 3, da Constituição) é um dos principais valores ou bens jurídicos tidos por fundamentais no ordenamento constitucional português assente num Estado de direito democrático baseado na soberania popular e que um regime legal tal como o instituído para a publicação e difusão de sondagens e inquéritos de opinião visa tutelar...”

...”Ao incluir a divulgação de resultados de sondagens nos seus programas ou edições, os órgãos de comunicação social devem estar em posição de garantir a transmissão de uma informação completa e imparcial...”

Artigo 11º

Realização de sondagens ou inquéritos de opinião em dia de acto eleitoral ou referendário

1. Na realização de sondagens ou inquéritos de opinião junto dos locais de voto em dia de acto eleitoral ou referendário não é permitida a inquirição de eleitores no interior das salas onde funcionam as assembleias de voto.
2. Nas proximidades dos locais de voto apenas é permitida a recolha de dados por entrevistadores devidamente credenciados, utilizando técnicas de inquirição que salvaguardem o segredo do voto, nomeadamente através da simulação do voto em urna e apenas após o exercício do direito de sufrágio.

Compete à CNE autorizar e credenciar os entrevistadores que pretendam desenvolver a sua actividade no dia de acto eleitoral ou referendário. Ver artº 16º da presente lei.

Artigo 12º

Comunicação da sondagem aos interessados

Sempre que a sondagem de opinião seja realizada para pessoas colectivas públicas ou sociedades de capitais exclusiva ou maioritariamente públicos, as informações constantes da ficha técnica prevista no artigo 6º devem ser comunicadas aos órgãos, entidades ou candidaturas directamente envolvidos nos resultados apresentados.

Artigo 13º

Queixas relativas a sondagens ou inquéritos de opinião

1. As queixas relativas a sondagens ou inquéritos de opinião publicamente divulgadas, que invoquem eventuais violações do disposto na presente lei, devem ser apresentadas, consoante os casos, à Alta Autoridade para a Comunicação Social ou à Comissão Nacional de Eleições.
2. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, ocorrendo queixa relativa a publicação ou difusão de sondagens ou inquéritos de opinião previstos no nº 1 do artigo 1º, a Alta Autoridade para a Comunicação Social deve deliberar sobre a queixa no prazo máximo de oito dias após a sua recepção.
3. Durante os períodos de campanha eleitoral para os órgãos ou entidades abrangidos pelo disposto no nº 1 do artigo 1º ou para referendo nacional, regional ou local, a deliberação a que se refere o número anterior é obrigatoriamente proferida no prazo de quarenta e oito horas.

Artigo 14º

Dever de rectificação

1. O responsável pela publicação ou difusão de sondagem ou inquérito de opinião em violação das disposições da presente lei ou alterando o significado dos resultados obtidos constitui-se na obrigação de fazer publicar ou difundir, a suas expensas e no mesmo órgão de comunicação social, as rectificações objecto de deliberação da Alta Autoridade para a Comunicação Social.
2. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a obrigação de rectificação da sondagem ou inquérito de opinião é cumprida:
 - a) No caso de publicação em órgão de comunicação social escrita, na edição seguinte à notificação da deliberação;
 - b) No caso de difusão através de estações de radiotelevisão ou radiodifusão, no dia imediato ao da recepção da notificação da deliberação;
 - c) No caso de divulgação pública por qualquer forma que não as previstas nas alíneas anteriores, no dia imediato ao da recepção da notificação da deliberação em órgão de comunicação social

escrita cuja expansão coincida com a área geográfica envolvida no objecto da sondagem ou inquérito de opinião.

3. No caso de a publicação ou a difusão de rectificação pelo mesmo órgão de comunicação social recair em período de campanha eleitoral ou referendária, o responsável pela publicação ou difusão inicial deve promover a rectificação, por sua conta, em edição electrónica e em órgão de comunicação social de expansão similar, no prazo máximo de três dias, mas antes do período em que a sua divulgação é proibida, nos termos do nº 1 do artigo 10º.

4. Nos casos previstos nas alíneas a) e b) do nº 2 e do número anterior, a publicação ou difusão deve ser efectuada, consoante os casos, em páginas ou espaços e horários idênticos aos ocupados pelas sondagens ou inquéritos de opinião rectificadas, com nota de chamada, devidamente destacada, na primeira página da edição ou no início do programa emitido e indicação das circunstâncias que determinaram este procedimento.

Artigo 15º

Alta Autoridade para a Comunicação Social

1. Sem prejuízo do disposto no artigo seguinte, a entidade competente para verificar as condições de realização das sondagens e inquéritos de opinião e o rigor e a objectividade na divulgação pública dos seus resultados, nos termos definidos pela presente lei, é a Alta Autoridade para a Comunicação Social.

2. Para os efeitos do disposto no número anterior, incumbe à Alta Autoridade para a Comunicação Social:

- a) Credenciar as entidades com capacidade para a realização de sondagens de opinião;
- b) Adotar normas técnicas de referência a observar na realização, publicação e difusão de sondagens e inquéritos de opinião, bem como na interpretação técnica dos respectivos resultados;
- c) Emitir pareceres de carácter geral relacionados com a aplicação da presente lei em todo o território nacional;
- d) Esclarecer as dúvidas que lhe sejam suscitadas por entidades responsáveis pela realização de sondagens e inquéritos de opinião;
- e) Apreciar queixas apresentadas nos termos do artigo 13º;
- f) Elaborar um relatório anual sobre o cumprimento do presente diploma, a enviar à Assembleia da República até 31 de Março do ano seguinte a que respeita;
- g) Aplicar as coimas previstas no artigo 17º, com excepção da prevista na alínea g) do seu nº 1.

3. A Alta Autoridade para a Comunicação Social dispõe ainda da faculdade de determinar, junto das entidades responsáveis pela realização das sondagens e de outros inquéritos de opinião, a apresentação dos processos relativos à sondagem ou inquérito de opinião publicados ou difundidos ou de solicitar a essas entidades o fornecimento, no prazo máximo de quarenta e oito horas, de esclarecimentos ou documentação necessários à produção da sua deliberação.

Artigo 16º

Comissão Nacional de Eleições

Compete à Comissão Nacional de Eleições:

- a) Autorizar a realização de sondagens em dia de acto eleitoral ou referendário, credenciar os entrevistadores indicados para esse efeito e fiscalizar o cumprimento do disposto no artigo 11º, bem como anular, por acto fundamentado, autorizações previamente concedidas;
- b) Aplicar as coimas previstas na alínea g) do nº 1 do artigo seguinte.

I- Sem prejuízo de ulterior aprovação de regulamento pormenorizado sobre o assunto, foram os seguintes, os requisitos exigidos pela CNE subjacentes à autorização da realização de sondagens em dia de acto eleitoral, bem como a consequente credenciação dos entrevistadores,

por altura das eleições para o Presidente da República de 14.01.2001, orientação seguida em actos eleitorais posteriores:

- maioria;
- capacidade eleitoral activa, indicando-se, para o efeito, o respectivo número de inscrição no recenseamento; (cfr. alínea d) da Portaria n.º 118/2001, de 23 de Fevereiro – V. em Legislação Complementar)
- escolaridade obrigatória ou comprovada experiência profissional na realização de estudos similares, sendo aceite como prova uma declaração assinada pelo próprio, sob compromisso de honra, ou uma declaração da empresa a certificar que o entrevistador preenche este requisito;
- cópia do BI e uma fotografia actualizada.

Mais deliberou a CNE que os pedidos de autorização e credenciação devem dar entrada nos serviços da Comissão até 5 dias antes do dia da eleição e que as empresas interessadas, naturalmente inscritas na AACs, para além dos dados atrás referidos indicassem à CNE a identidade e as habilitações académicas e/ou de relevância profissional dos responsáveis pelas equipas de campo.

Tudo aponta para que se mantenham as condições atrás mencionadas, tanto mais que a portaria do governo (n.º 118/2001) nem sequer cuidou desta matéria.

II- É de ressaltar, que desde sempre foi prática das empresas que se propunham realizar sondagem-de-boca-de-urna solicitar autorização à CNE para a levarem a efeito. Nessa altura, a Comissão não via inconveniente nessa recolha de dados, desde que satisfeitos os seguintes requisitos:

- a) Recolha de dados nas imediações das assembleias de voto, mas a distância tal que não perturbe o normal decorrer das operações de votação;
- b) Ninguém poder ser obrigado a revelar o sentido do seu voto;
- c) Garantia de que os eleitores contactados já exerceram efectivamente o direito de voto na sua assembleia eleitoral;
- d) Existência de especiais cuidados, quer quanto ao boletim de voto a utilizar na sondagem, quer quanto à identificação da urna para seu depósito, por forma a não existir possibilidade de confusão com a votação verdadeira, por parte do eleitor;
- e) Absoluto sigilo e anonimato das respostas;
- f) Os entrevistadores devem estar identificados de forma bem visível, com crachás da empresa ou outro meio semelhante.

III- Segundo deliberação da CNE, tomada em 13.10.2000, já no âmbito da presente lei, aos entrevistadores não é permitido:

- a) entrevistar os inquiridos antes de estes terem exercido o direito de sufrágio;
- b) entrevistar subsequentemente os mesmos inquiridos, excepto quando a sua anuência tenha sido previamente obtida;
- c) a inquirição de eleitores no interior dos edifícios onde funcionam as assembleias de voto;
- d) recusar a exibição da credencial perante os membros da Comissão Nacional de Eleições, os agentes de autoridade, os membros das mesas de voto ou os cidadãos a inquirir.

Artigo 17.º **Contra-ordenações**

1. É punido com coima de montante mínimo de 1 000 000\$ e máximo de 10 000 000\$, sendo o infractor pessoa singular, e com coima de montante mínimo de 5 000 000\$ e máximo de 50 000 000\$, sendo o infractor pessoa colectiva, sem prejuízo do disposto no n.º 2:

- a) Quem realizar sondagem de opinião publicada ou difundida em órgão de comunicação social ou nos termos do n.º 4 do artigo 1.º sem estar devidamente credenciado nos termos do artigo 3.º;
- b) Quem publicar ou difundir inquéritos de opinião ou informação recolhida através de televoto, apresentando-os como se tratando de sondagem de opinião;
- c) Quem realizar sondagens de opinião em violação das regras previstas no artigo 4.º;

- d) Quem realizar sondagem de opinião publicada ou difundida em órgão de comunicação social ou nos termos do nº 4 do artigo 1º sem que tenha feito o depósito nos termos previstos nos artigos 5º e 6º;
 - e) Quem publicar ou difundir sondagens de opinião, bem como o seu comentário, interpretação ou análise, em violação do disposto nos artigos 7º, 9º e 10º;
 - f) Quem publicar ou difundir inquéritos de opinião em violação do disposto no artigo 8º;
 - g) Quem realizar sondagens ou inquéritos de opinião em violação do disposto no artigo 11º e na alínea a) do artigo anterior;
 - h) Quem, tendo realizado sondagem ou inquérito de opinião publicados ou difundidos, não faculte à Alta Autoridade para a Comunicação Social os documentos ou processos por ela solicitados no exercício das suas funções;
 - i) Quem não der cumprimento ao dever de rectificação previsto no artigo 14º ou de publicação ou difusão das decisões administrativas ou judiciais a que se refere o artigo seguinte.
2. Serão, porém, aplicáveis os montantes mínimos e máximos previstos no regime geral das contra-ordenações se superiores aos fixados no número anterior.
 3. O produto das coimas reverte integralmente para os cofres do Estado.
 4. A violação do disposto no nº 1 do artigo 10º será ainda cominada como crime de desobediência qualificada.
 5. A negligência é punida.

Artigo 18º

Publicação ou difusão das decisões administrativas ou judiciais

A decisão irrecorrida que aplique coima prevista no artigo anterior ou a decisão judicial transitada em julgado relativa a recurso da mesma decisão, bem como da aplicação de pena relativa à prática do crime previsto no nº 4 do artigo anterior, é obrigatoriamente publicada ou difundida pela entidade sancionada nos termos previstos no artigo 14º.

Artigo 19º

Norma transitória

As entidades que tenham realizado sondagens de opinião publicadas ou difundidas em órgãos de comunicação social nos dois anos anteriores à entrada em vigor da presente lei, e que se proponham continuar a exercer esta actividade, devem, no prazo de 60 dias, credenciar-se junto da Alta Autoridade para a Comunicação Social, nos termos do nº 2 do artigo 3º.

Artigo 20º

Norma revogatória

É revogada a Lei nº 31/91, de 20 de Julho.

Artigo 21º

Entrada em vigor

A presente lei entra em vigor 60 dias após a sua publicação.

Aprovada em 4 de Maio de 2000.

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos

Promulgada em 1 de Junho de 2000.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO

Referendada em 8 de Junho de 2000.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres

REGULAMENTO DA LEI DAS SONDAGENS
(artº 3º da Lei 10/2000)

Portaria 118/2001
23 Fevereiro

Em cumprimento do disposto no nº 5 do artigo 3º da Lei ri.” 10/2000, de 21 de Junho:

Manda o Governo, pelos Secretários de Estado da Comunicação Social e Adjunto do Ministro da Administração Interna, o seguinte:

1º - As sondagens de opinião a que se refere o artigo 1º da Lei nº 10/2000, de 21 de Junho, só podem ser realizadas por entidades devidamente credenciadas para o efeito.

2º - A actividade a que se refere o número anterior pode ser exercida por pessoas colectivas que reúnam cumulativamente os seguintes requisitos:

- a) Tenham como objecto social a realização de inquéritos ou estudos de opinião;
- b) Tenham um capital social mínimo de 5000 contos, tratando-se de sociedades comerciais, ou dois anos de exercício efectivo da actividade, nos restantes casos;
- c) Possuam um quadro mínimo permanente de três técnicos qualificados para a realização de sondagens de opinião;
- d) Recorram unicamente a indivíduos com capacidade eleitoral activa na recolha de dados junto da população.

A alínea b) foi alterada pela Portaria nº 731/2001, de 17 de Julho

3º - Os interessados devem juntar ao requerimento de autorização para o exercício da actividade os seguintes elementos:

- a) Denominação, sede e demais elementos identificativos da entidade candidata;
- b) Cópia autenticada do respectivo acto constitutivo;
- c) Identificação da estrutura e meios humanos afectos à área das sondagens, bem como do seu responsável responsável técnico;
- d) Documentos curriculares do responsável e do pessoal técnico, demonstrativos da experiência e capacidade exigíveis para a realização dos trabalhos a executar e, tratando-se de entidades sem fins lucrativos, documentos que comprovem a realização de inquéritos ou estudos de opinião nos dois anos anteriores ao pedido;
- e) Descrição pormenorizada das técnicas de recolha e tratamento de dados a utilizar, bem como dos princípios éticos pelos quais se pautará o exercício da sua actividade, tendo como referência mínima os códigos de conduta adoptados pela Associação Europeia para os Estudos de Opinião e de Marketing (ESOMAR).

A alínea d) foi alterada pela Portaria nº 731/2001, de 17 de Julho

4º - Compete à Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) apreciar os pedidos de credenciação, tendo como base a avaliação dos elementos referidos nos números anteriores, e decidir, nos 20 dias úteis posteriores à recepção, sobre a sua procedência ou renovação.

5º - As credenciais são válidas pelo período de três anos, devendo os interessados requerer, nos 60 dias anteriores à data da caducidade, a sua renovação, para o que deverão apresentar o relatório da actividade desenvolvida durante o período da vigência da respectiva credencial.

6º - A transferência de titularidade e a mudança do responsável técnico da entidade credenciada devem ser comunicadas, no prazo de 30 dias a contar da sua ocorrência, à AACS, para aprovação.

7º - A credenciação caduca se, pelo período de dois anos consecutivos, a entidade em causa não for responsável pela realização de qualquer sondagem de opinião, regularmente depositada junto da AACS.

8º - Compete à AACS organizar e manter actualizado um registo de entidades credenciadas para a realização das sondagens de opinião a que se refere a presente portaria.

9º - O modelo das credenciais é definido pela AACCS.

Em 6 de Fevereiro de 2001.

O Secretário de Estado da Comunicação Social, Alberto Arons Braga de Carvalho.

O Secretário de Estado da Administração Interna, Rui Carlos Pereira.

ALTERAÇÃO À LEI DE DEFESA NACIONAL E DAS FORÇAS ARMADAS

Lei Orgânica 4/2001

30 Agosto

(excertos)

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161º da Constituição, para valer como lei geral da República, a lei orgânica seguinte:

Artigo 1º

O artigo 31º da Lei nº 29/82, de 11 de Dezembro (Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas), passa a ter a seguinte redacção:

.....

Artigo 31º

Exercício de direitos fundamentais

1 - Os militares em efectividade de serviço dos quadros permanentes e em regime de voluntariado e de contrato gozam dos direitos, liberdades e garantias constitucionalmente estabelecidos, mas o exercício dos direitos de expressão, reunião, manifestação, associação e petição colectiva e a capacidade eleitoral passiva ficam sujeitos ao regime previsto nos artigos 31º-A a 31º-F da presente lei, nos termos da Constituição.

2 - Os militares em efectividade de serviço são rigorosamente apartidários e não podem aproveitar-se da sua arma, do seu posto ou da sua função para qualquer intervenção política, partidária ou sindical, nisto consistindo o seu dever de isenção.

3 - Aos cidadãos mencionados no nº 1 não são aplicáveis as normas constitucionais referentes aos direitos dos trabalhadores cujo exercício tenha como pressuposto os direitos restringidos nos artigos seguintes, designadamente a liberdade sindical, nas suas diferentes manifestações e desenvolvimentos, o direito à criação de comissões de trabalhadores, também com os respectivos desenvolvimentos, e o direito à greve.

4 - No exercício dos respectivos direitos os militares estão sujeitos às obrigações decorrentes do estatuto da condição militar e devem observar uma conduta conforme a ética militar e respeitar a coesão e a disciplina das Forças Armadas.

Artigo 2º

São aditados à Lei nº 29/82, de 11 de Dezembro (Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas), os artigos 31º-A a 31º-F, com o seguinte teor:

Artigo 31º-A

Liberdade de expressão

1 - Os cidadãos referidos no artigo 31º têm o direito de proferir declarações públicas sobre qualquer assunto, com a reserva própria do estatuto da condição militar, desde que as mesmas não incidam sobre a condução da política de defesa nacional, não ponham em risco a coesão e a disciplina das Forças Armadas nem desrespeitem o dever de isenção política e sindical ou o apartidarismo dos seus elementos.

2 - Os cidadãos referidos no artigo 31º estão sujeitos a dever de sigilo relativamente às matérias cobertas pelo segredo de justiça ou pelo segredo de Estado e, ainda, por quaisquer outros sistemas de classificação de matérias, e, ainda, quanto aos factos de que se tenha conhecimento, em virtude do exercício da função, nomeadamente os referentes ao dispositivo, à capacidade militar, ao equipamento e à actividade operacional das Forças Armadas, bem como os

elementos constantes de centros de dados e demais registos sobre o pessoal que não devam ser do conhecimento público.

Artigo 31º-B **Direito de reunião**

1 - Os cidadãos referidos no artigo 31º podem, desde que trajem civilmente e sem ostentação de qualquer símbolo das Forças Armadas, convocar ou participar em qualquer reunião legalmente convocada que não tenha natureza político-partidária ou sindical.

2 - Os cidadãos referidos no artigo 31º podem, contudo, assistir a reuniões, legalmente convocadas, com esta última natureza se não usarem da palavra nem exercerem qualquer função no âmbito da preparação, organização, direcção ou condução dos trabalhos ou na execução das deliberações tomadas.

3 - O exercício do direito de reunião não pode prejudicar o serviço normalmente atribuído ao militar, nem a permanente disponibilidade deste para o mesmo, nem ser exercido dentro das unidades, estabelecimentos e órgãos militares.

Artigo 31º-C **Direito de manifestação**

Os cidadãos referidos no artigo 31º, desde que estejam desarmados e trajem civilmente sem ostentação de qualquer símbolo nacional ou das Forças Armadas, têm o direito de participar em qualquer manifestação legalmente convocada que não tenha natureza político-partidária ou sindical, desde que não sejam postas em risco a coesão e a disciplina das Forças Armadas.

(...)

Artigo 31º-F **Capacidade eleitoral passiva**

1 - Os cidadãos referidos no artigo 31º que, em tempo de paz, pretendam concorrer a eleições para os órgãos de soberania, de governo próprio das Regiões Autónomas e do poder local, bem como para deputado ao Parlamento Europeu, devem, previamente à apresentação da candidatura, requerer a concessão de uma licença especial, declarando a sua vontade de ser candidato não inscrito em qualquer partido político.

2 - O requerimento é dirigido ao chefe de estado-maior do ramo a que o requerente pertencer, sendo necessariamente deferido, no prazo de 10 ou 25 dias úteis, consoante o requerente preste serviço em território nacional ou no estrangeiro, com efeitos a partir da publicação da data do acto eleitoral respectivo.

3 - O tempo de exercício dos mandatos electivos referidos no nº 1 conta como tempo de permanência no posto e como tempo de serviço efectivo para efeitos de antiguidade, devendo os ramos das Forças Armadas facultar aos militares as condições especiais de promoção quando cessem a respectiva licença especial, sendo os demais efeitos desta regulados por decreto-lei.

4 - A licença especial cessa, determinando o regresso à efectividade de serviço, quando do apuramento definitivo dos resultados eleitorais resultar que o candidato não foi eleito.

5 - No caso de eleição, a licença especial cessa, determinando o regresso à efectividade de serviço, nos seguintes casos:

- a) Renúncia ao exercício do mandato;
- b) Suspensão por período superior a 90 dias;
- c) Após a entrada em vigor da declaração de guerra, do estado de sítio ou do estado de emergência, salvo quanto aos órgãos de soberania e ao Parlamento Europeu;
- d) Termo do mandato.

6 - Nas situações em que o militar eleito exerça o mandato em regime de permanência e a tempo inteiro, pode requerer, no prazo de 30 dias, a transição voluntária para a situação de reserva, a qual é obrigatoriamente deferida com efeitos a partir da data do início daquelas funções.

7 - No caso de exercício da opção referida no número anterior, e não estando preenchidas as condições de passagem à reserva, o militar fica obrigado a indemnizar o Estado, nos termos do Estatuto dos Militares das Forças Armadas.

8 - Determina a transição para a situação de reserva a eleição de um militar para um segundo mandato, com efeitos a partir da data de início do respectivo exercício.

9 - Salvo o caso previsto na alínea c) no nº 5, os militares que se encontrem na reserva fora da efectividade de serviço e que exerçam algum dos mandatos electivos referidos no nº 1 não podem, enquanto durar o exercício do mandato, ser chamados à prestação de serviço efectivo.

10 - Transita para a reserva o militar eleito Presidente da República, salvo se, no momento da eleição, já se encontrasse nessa situação ou na reforma.

Artigo 3º **Aplicação aos militarizados**

Ao exercício dos direitos de associação, expressão, reunião, manifestação e petição colectiva, por parte dos agentes militarizados na efectividade de serviço, é aplicável, com as necessárias adaptações, o regime previsto para a Polícia Marítima na Lei nº 53/98, de 18 de Agosto.

.....

Aprovada em 17 de Julho de 2001.

O Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos.

Promulgada em 17 de Agosto de 2001.

Publique-se. O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendada em 20 de Agosto de 2001.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

FINANCIAMENTO DOS PARTIDOS POLÍTICOS E DAS CAMPANHAS ELEITORAIS

Lei 19/2003
20 Junho

O presente diploma legal veio substituir a Lei n.º 56/98, de 18 de Agosto, apresentando como aspectos inovadores o banimento, nas receitas dos partidos, de donativos anónimos por parte de pessoas singulares, o facto de a fiscalização quer das contas anuais dos partidos políticos quer das contas de campanha ficar concentrada numa única entidade – O Tribunal Constitucional – e, ainda, o aspecto sancionatório, que prevê, face a determinadas actuações, procedimento criminal.
Ver LO n.º 2/2005, 10 de Janeiro sobre a Entidade das Contas

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

CAPÍTULO I **Disposição geral**

Artigo 1.º **Objecto e âmbito**

A presente lei regula o regime aplicável aos recursos financeiros dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

CAPÍTULO II **Financiamento dos partidos políticos**

Artigo 2.º **Fontes de financiamento**

As fontes de financiamento da actividade dos partidos políticos compreendem as suas receitas próprias e outras provenientes de financiamento privado e de subvenções públicas.

Artigo 3.º **Receitas próprias**

1 - Constituem receitas próprias dos partidos políticos:

- a) As quotas e outras contribuições dos seus filiados;
- b) As contribuições de representantes eleitos em listas apresentadas por cada partido ou por este apoiadas;
- c) As subvenções públicas, nos termos da lei;
- d) O produto de actividades de angariação de fundos por eles desenvolvidas;
- e) Os rendimentos provenientes do seu património, designadamente aplicações financeiras;
- f) O produto de empréstimos, nos termos das regras gerais da actividade dos mercados financeiros;
- g) O produto de heranças ou legados;
- h) Os donativos de pessoas singulares, nos termos do artigo 7.º

2 - As receitas referidas no número anterior, quando em numerário, são obrigatoriamente tituladas por meio de cheque ou por outro meio bancário que permita a identificação do montante e da sua origem e depositadas em contas bancárias exclusivamente destinadas a esse efeito, nas quais apenas podem ser efectuados depósitos que tenham essa origem.

3 - Exceptuam-se do disposto no número anterior os montantes de valor inferior a 25% do salário mínimo mensal nacional e desde que, no período de um ano, não ultrapassem 50 salários mínimos mensais nacionais, sem prejuízo do disposto no artigo 12.º

4 - São permitidas as contribuições em espécie, bem como a cedência de bens a título de empréstimo, as quais são consideradas pelo seu valor corrente de mercado e obrigatoriamente discriminadas na lista a que se refere a alínea b) do n.º 7 do artigo 12.º

Artigo 4.º **Financiamento público**

Os recursos de financiamento público para a realização dos fins próprios dos partidos são:

- a) As subvenções para financiamento dos partidos políticos;
- b) As subvenções para as campanhas eleitorais;
- c) Outras legalmente previstas.

Artigo 5.º **Subvenção pública para financiamento dos partidos políticos**

1 - A cada partido que haja concorrido a acto eleitoral, ainda que em coligação, e que obtenha representação na Assembleia da República é concedida, nos termos dos números seguintes, uma subvenção anual, desde que a requeira ao Presidente da Assembleia da República.

2 - A subvenção consiste numa quantia em dinheiro equivalente à fracção 1/135 do salário mínimo mensal nacional por cada voto obtido na mais recente eleição de deputados à Assembleia da República.

3 - Nos casos de coligação eleitoral, a subvenção devida a cada um dos partidos nela integrados é igual à subvenção que, nos termos do número anterior, corresponder à respectiva coligação eleitoral, distribuída proporcionalmente em função dos deputados eleitos por cada partido, salvo disposição expressa em sentido distinto constante de acordo da coligação.

4 - A subvenção é paga em duodécimos, por conta de dotações especiais para esse efeito inscritas no orçamento da Assembleia da República.

5 - A subvenção prevista nos números anteriores é também concedida aos partidos que, tendo concorrido à eleição para a Assembleia da República e não tendo conseguido representação parlamentar, obtenham um número de votos superior a 50 000, desde que a requeiram ao Presidente da Assembleia da República.

Artigo 6.º **Angariação de fundos**

As receitas de angariação de fundos não podem exceder anualmente, por partido, 1500 salários mínimos mensais nacionais e são obrigatoriamente registadas nos termos do n.º 7 do artigo 12.º

Artigo 7.º **Regime dos donativos singulares**

1 - Os donativos de natureza pecuniária feitos por pessoas singulares identificadas estão sujeitos ao limite anual de 25 salários mínimos mensais nacionais por doador e são obrigatoriamente titulados por cheque ou transferência bancária.

2 - Os donativos de natureza pecuniária são obrigatoriamente depositados em contas bancárias exclusivamente destinadas a esse efeito e nas quais só podem ser efectuados depósitos que tenham esta origem.

3 - Sem prejuízo dos actos e contributos pessoais próprios da actividade militante, os donativos em espécie, bem como os bens cedidos a título de empréstimo, são considerados, para efeitos do limite previsto no n.º 1, pelo seu valor corrente no mercado e serão discriminados na lista a que se refere a alínea b) do n.º 3 do artigo 12.º

4 - Consideram-se donativos e obedecem ao regime estabelecido no n.º 1 as aquisições de bens a partidos políticos por montante manifestamente superior ao respectivo valor de mercado.

Artigo 8.º **Financiamentos proibidos**

1 - Os partidos políticos não podem receber donativos anónimos nem receber donativos ou empréstimos de natureza pecuniária ou em espécie de pessoas colectivas nacionais ou estrangeiras, com excepção do disposto no número seguinte.

2 - Os partidos políticos podem contrair empréstimos junto de instituições de crédito e sociedades financeiras nas condições previstas na alínea f) do n.º 1 do artigo 3.º

3 - É designadamente vedado aos partidos políticos:

- a) Adquirir bens ou serviços a preços inferiores aos praticados no mercado;
- b) Receber pagamentos de bens ou serviços por si prestados por preços manifestamente superiores ao respectivo valor de mercado;
- c) Receber ou aceitar quaisquer contribuições ou donativos indirectos que se traduzam no pagamento por terceiros de despesas que àqueles aproveitem.

Artigo 9.º **Despesas dos partidos políticos**

1 - O pagamento de qualquer despesa dos partidos políticos é obrigatoriamente efectuado por meio de cheque ou por outro meio bancário que permita a identificação do montante e a entidade destinatária do pagamento, devendo os partidos proceder às necessárias reconciliações bancárias, nos termos do artigo 12.º

2 - Exceptuam-se do disposto no número anterior os pagamentos de valor inferior a um salário mínimo mensal nacional e desde que, no período de um ano, não ultrapassem 2% da subvenção estatal anual, sem prejuízo do disposto no artigo 12.º

Artigo 10.º **Benefícios**

1 - Os partidos não estão sujeitos a IRC e beneficiam ainda, para além do previsto em lei especial, de isenção dos seguintes impostos:

- a) Imposto do selo;
- b) Imposto sobre sucessões e doações;
- c) Imposto municipal de sisa pela aquisição de imóveis destinados à sua actividade própria e pelas transmissões resultantes de fusão ou cisão;
- d) Contribuição autárquica sobre o valor tributável dos imóveis ou de parte de imóveis de sua propriedade e destinados à sua actividade;
- e) Demais impostos sobre o património previstos no n.º 3 do artigo 104.º da Constituição;
- f) Imposto automóvel nos veículos que adquiram para a sua actividade;
- g) Imposto sobre o valor acrescentado na aquisição e transmissão de bens e serviços que visem difundir a sua mensagem política ou identidade própria, através de quaisquer suportes, impressos, audio-visuais ou multimédia, incluindo os usados como material de propaganda e meios de comunicação e transporte, sendo a isenção efectivada através do exercício do direito à restituição do imposto;
- h) Imposto sobre o valor acrescentado nas transmissões de bens e serviços em iniciativas especiais de angariação de fundos em seu proveito exclusivo, desde que esta isenção não provoque distorções de concorrência.

2 - Haverá lugar à tributação dos actos previstos nas alíneas c) e d) se cessar a afectação do bem a fins partidários.

3 - Os partidos beneficiam de isenção de taxas de justiça e de custas judiciais.

Artigo 11.º

Suspensão de benefícios

1 - Os benefícios previstos no artigo anterior são suspensos nas seguintes situações:

- a) Se o partido se abster de concorrer às eleições gerais;
- b) Se as listas de candidatos apresentados pelo partido nessas eleições obtiverem um número de votos inferior a 50000 votos, excepto se obtiver representação parlamentar;
- c) Se o partido não cumprir a obrigação de apresentação de contas, nos termos da presente lei.

2 - A suspensão do número anterior cessa quando se alterarem as situações nele previstas.

Artigo 12.º

Regime contabilístico

1 - Os partidos políticos devem possuir contabilidade organizada, de modo que seja possível conhecer a sua situação financeira e patrimonial e verificar o cumprimento das obrigações previstas na presente lei.

2 - A organização contabilística dos partidos rege-se pelos princípios aplicáveis ao Plano Oficial de Contas, com as devidas adaptações.

3 - São requisitos especiais do regime contabilístico próprio:

a) O inventário anual do património do partido quanto a bens imóveis sujeitos a registo;

b) A discriminação das receitas, que inclui:

As previstas em cada uma das alíneas do artigo 3.º;

As previstas em cada uma das alíneas do artigo 4.º;

c) A discriminação das despesas, que inclui:

As despesas com o pessoal;

As despesas com aquisição de bens e serviços;

As contribuições para campanhas eleitorais;

Os encargos financeiros com empréstimos;

Outras despesas com a actividade própria do partido;

d) A discriminação das operações de capital referente a:

Créditos;

Investimentos;

Devedores e credores.

4 - As contas nacionais dos partidos deverão incluir, em anexo, as contas das suas estruturas regionais, distritais ou autónomas, de forma a permitir o apuramento da totalidade das suas receitas e despesas, podendo, em alternativa, apresentar contas consolidadas.

5 - Para efeito do número anterior, a definição da responsabilidade pessoal pelo cumprimento das obrigações fixadas na presente lei entre dirigentes daquelas estruturas e responsáveis nacionais do partido é fixada pelos estatutos respectivos.

6 - A contabilidade das receitas e despesas eleitorais rege-se pelas disposições constantes do capítulo III.

7 - Constam de listas próprias discriminadas e anexas à contabilidade dos partidos:

a) Os extractos bancários de movimentos das contas e os extractos de conta de cartão de crédito;

b) As receitas decorrentes do produto da actividade de angariação de fundos, com identificação do tipo de actividade e data de realização;

c) O património imobiliário dos partidos, sem prejuízo do disposto na alínea a) do n.º 3.

Artigo 13.º

Fiscalização interna

1 - Os estatutos dos partidos políticos devem prever órgãos de fiscalização e controlo interno das contas da sua actividade, bem como das contas relativas às campanhas eleitorais em que participem, por forma a assegurarem o cumprimento do disposto na presente lei e nas leis eleitorais a que respeitem.

2 - Os responsáveis das estruturas descentralizadas dos partidos políticos estão obrigados a prestar informação regular das suas contas aos responsáveis nacionais, bem como a acatar as

respectivas instruções, para efeito do cumprimento da presente lei, sob pena de responsabilização pelos danos causados.

Artigo 14.º **Contas**

As receitas e despesas dos partidos políticos são discriminadas em contas anuais, que obedecem aos critérios definidos no artigo 12.º

CAPÍTULO III **Financiamento das campanhas eleitorais**

Artigo 15.º **Regime e tratamento de receitas e de despesas**

1 - As receitas e despesas da campanha eleitoral constam de contas próprias restritas à respectiva campanha e obedecem ao regime do artigo 12.º

2 - Nas campanhas eleitorais para os órgãos das autarquias locais, a conta tem base municipal, sem prejuízo da existência de conta respeitante às despesas comuns e centrais.

3 - Às contas previstas nos números anteriores correspondem contas bancárias especificamente constituídas para o efeito, onde são depositadas as respectivas receitas e movimentadas todas as despesas relativas à campanha.

4 - Até ao 5.º dia posterior à publicação do decreto que marca a data das eleições, os candidatos, partidos, coligações e grupos de cidadãos eleitores apresentam ao Tribunal Constitucional o seu orçamento de campanha, em conformidade com as disposições da presente lei.

5 - Os orçamentos de campanha são disponibilizados no sítio oficial do Tribunal Constitucional na Internet a partir do dia seguinte ao da sua apresentação.

Artigo 16.º **Receitas de campanha**

1 - As actividades da campanha eleitoral só podem ser financiadas por:

- a) Subvenção estatal;
- b) Contribuição de partidos políticos que apresentem ou apoiem candidaturas às eleições para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as Assembleias Legislativas Regionais e para as autarquias locais, bem como para Presidente da República;
- c) Donativos de pessoas singulares apoiantes das candidaturas à eleição para Presidente da República e apoiantes dos grupos de cidadãos eleitores dos órgãos das autarquias locais;
- d) Produto de actividades de angariação de fundos para a campanha eleitoral.

2 - As contribuições dos partidos políticos são certificadas por documentos emitidos pelos órgãos competentes, com identificação daqueles que os prestou.

3 - Os donativos previstos nas alíneas c) e d) do n.º 1 podem ser obtidos mediante o recurso a angariação de fundos, estando sujeitos ao limite de 60 salários mínimos mensais nacionais por doador, e são obrigatoriamente titulados por cheque ou por outro meio bancário que permita a identificação do montante e da sua origem.

Artigo 17.º **Subvenção pública para as campanhas eleitorais**

1 - Os partidos políticos que apresentem candidaturas às eleições para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as Assembleias Legislativas Regionais e para as autarquias locais, bem como os grupos de cidadãos eleitores dos órgãos das autarquias locais e os candidatos às eleições para Presidente da República, têm direito a uma subvenção estatal para a cobertura das despesas das campanhas eleitorais, nos termos previstos nos números seguintes.

2 - Têm direito à subvenção os partidos que concorram ao Parlamento Europeu ou, no mínimo, a 51% dos lugares sujeitos a sufrágio para a Assembleia da República ou para as Assembleias Legislativas Regionais e que obtenham representação, bem como os candidatos à Presidência da República que obtenham pelo menos 5% dos votos.

3 - Em eleições para as autarquias locais, têm direito à subvenção os partidos, coligações e grupos de cidadãos eleitores que concorram simultaneamente aos dois órgãos municipais e obtenham representação de pelo menos um elemento directamente eleito ou, no mínimo, 2% dos votos em cada sufrágio.

4 - A subvenção é de valor total equivalente a 20000, 10000 e 4000 salários mínimos mensais nacionais, valendo o 1.º montante para as eleições para a Assembleia da República, o 2.º para as eleições para a Presidência da República e para o Parlamento Europeu e o 3.º para as eleições para as Assembleias Legislativas Regionais.

5 - Nas eleições para as autarquias locais, a subvenção é de valor total equivalente a 150% do limite de despesas admitidas para o município, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 20.º

6 - A subvenção é solicitada ao Presidente da Assembleia da República nos 15 dias posteriores à declaração oficial dos resultados eleitorais, devendo, em eleições autárquicas, os mandatários identificar o município ou os municípios a que o respectivo grupo de cidadãos eleitores, partido ou coligação apresentou candidatura.

7 - Caso a subvenção não seja paga no prazo de 90 dias a contar da entrega do requerimento previsto no número anterior, vencerá juros de mora à taxa legal aplicável às dívidas do Estado.

Artigo 18.º

Repartição da subvenção

1 - A repartição da subvenção é feita nos seguintes termos: 20% são igualmente distribuídos pelos partidos e candidatos que preencham os requisitos do n.º 2 do artigo anterior e os restantes 80% são distribuídos na proporção dos resultados eleitorais obtidos.

2 - Nas eleições para as Assembleias Legislativas Regionais, a subvenção é dividida entre as duas Regiões Autónomas em função do número de deputados das Assembleias respectivas e, no seio de cada Região Autónoma, nos termos do número anterior.

3 - Nas eleições para as autarquias locais, a repartição da subvenção é feita nos seguintes termos: 25% são igualmente distribuídos pelos partidos, coligações e grupos de cidadãos eleitores que preencham os requisitos do n.º 3 do artigo anterior e os restantes 75% são distribuídos na proporção dos resultados eleitorais obtidos para a assembleia municipal.

4 - A subvenção não pode, em qualquer caso, ultrapassar o valor das despesas orçamentadas e efectivamente realizadas, deduzido do montante contabilizado como proveniente de acções de angariação de fundos.

5 - O excedente resultante da aplicação do disposto no número anterior é repartido proporcionalmente pelas candidaturas em que aquela situação não ocorra.

Artigo 19.º

Despesas de campanha eleitoral

1 - Consideram-se despesas de campanha eleitoral as efectuadas pelas candidaturas, com intuito ou benefício eleitoral, dentro dos seis meses imediatamente anteriores à data do acto eleitoral respectivo.

2 - As despesas de campanha eleitoral são discriminadas por categorias, com a junção de documento certificativo em relação a cada acto de despesa.

3 - O pagamento das despesas de campanha faz-se, obrigatoriamente, por instrumento bancário, nos termos do artigo 9.º, com excepção das despesas de montante inferior a um salário mínimo mensal nacional e desde que, durante esse período, estas não ultrapassem o valor global de 2% dos limites fixados para as despesas de campanha.

Artigo 20.º

Limite das despesas de campanha eleitoral

1 - O limite máximo admissível de despesas realizadas em cada campanha eleitoral, nacional ou regional, é fixado nos seguintes valores:

- a) 10 000 salários mínimos mensais nacionais na campanha eleitoral para Presidente da República, acrescidos de 2500 salários mínimos mensais nacionais no caso de concorrer a segunda volta;
- b) 60 salários mínimos mensais nacionais por cada candidato apresentado na campanha eleitoral para a Assembleia da República;
- c) 100 salários mínimos mensais nacionais por cada candidato apresentado na campanha eleitoral para as Assembleias Legislativas Regionais;
- d) 300 salários mínimos mensais nacionais por cada candidato apresentado na campanha eleitoral para o Parlamento Europeu.

2 - O limite máximo admissível de despesas realizadas nas campanhas eleitorais para as autarquias locais é fixado nos seguintes valores:

- a) 1350 salários mínimos mensais nacionais em Lisboa e Porto;
- b) 900 salários mínimos mensais nacionais nos municípios com 100 000 ou mais eleitores;
- c) 450 salários mínimos mensais nacionais nos municípios com mais de 50 000 e menos de 100 000 eleitores;
- d) 300 salários mínimos mensais nacionais nos municípios com mais de 10 000 e até 50 000 eleitores;
- e) 150 salários mínimos mensais nacionais nos municípios com 10 000 ou menos eleitores.

3 - No caso de candidaturas apresentadas apenas a assembleias de freguesia, o limite máximo admissível de despesas é de 1/3 do salário mínimo mensal nacional por cada candidato.

4 - Os limites previstos nos números anteriores aplicam-se aos partidos políticos, coligações ou grupos de cidadãos eleitores proponentes, de acordo com o determinado em cada lei eleitoral.

5 - Para determinação dos valores referenciados no n.º 1, devem os partidos políticos ou coligações declarar ao Tribunal Constitucional o número de candidatos apresentados relativamente a cada acto eleitoral.

Artigo 21.º

Mandatários financeiros

1 - Por cada conta de campanha é constituído um mandatário financeiro, a quem cabe, no respectivo âmbito, a aceitação dos donativos previstos na alínea c) do n.º 1 do artigo 16.º, o depósito de todas as receitas e a autorização e controlo das despesas da campanha.

2 - O mandatário financeiro nacional pode designar mandatário financeiro de âmbito local, o qual será responsável pelos actos e omissões que no respectivo âmbito lhe sejam imputáveis no cumprimento do disposto na presente lei.

3 - A faculdade prevista no número anterior é obrigatoriamente concretizada nos casos em que aos órgãos das autarquias locais se apresentem candidaturas de grupos de cidadãos eleitores.

4 - No prazo de 30 dias após o termo do prazo de entrega de listas ou candidatura a qualquer acto eleitoral, o partido, a coligação ou o candidato a Presidente da República promove a publicação, em dois jornais de circulação nacional, da lista completa dos mandatários financeiros nacionais, devendo, em eleições autárquicas, o partido, a coligação ou o grupo de cidadãos eleitores publicar em jornal de circulação local a identificação do respectivo mandatário financeiro.

Artigo 22.º

Responsabilidade pelas contas

1 - Os mandatários financeiros são responsáveis pela elaboração e apresentação das respectivas contas de campanha.

2 - Os candidatos a Presidente da República, os partidos políticos ou coligações, os primeiros candidatos de cada lista ou o primeiro proponente de cada grupo de cidadãos eleitores candidatos a qualquer acto eleitoral, consoante os casos, são subsidiariamente responsáveis com os mandatários financeiros.

CAPÍTULO IV

Apreciação e fiscalização

Artigo 23.º

Apreciação pelo Tribunal Constitucional

- 1 - As contas anuais dos partidos políticos e as contas das campanhas eleitorais são apreciadas pelo Tribunal Constitucional, que se pronuncia sobre a sua regularidade e legalidade.
- 2 - Os acórdãos proferidos pelo Tribunal Constitucional sobre as contas referidas no número anterior, bem como as respectivas contas, com as receitas e as despesas devidamente discriminadas, são publicados gratuitamente na 2.ª série do *Diário da República* e disponibilizados no sítio oficial do Tribunal Constitucional na Internet.
- 3 - Para os efeitos previstos neste artigo, o Tribunal Constitucional pode requisitar ou destacar técnicos qualificados de quaisquer serviços públicos ou recorrer, mediante contrato, aos serviços de empresas de auditoria ou a revisores oficiais de contas para a realização de peritagens ou auditorias.
- 4 - Os contratos referidos no número anterior podem ser celebrados por ajuste directo e a sua eficácia depende unicamente da respectiva aprovação pelo Tribunal.
- 5 - Sem prejuízo do disposto no n.º 3, o Tribunal Constitucional poderá, ainda, vir a ser dotado dos meios técnicos e recursos humanos próprios necessários para exercer as funções que lhe são cometidas.

Artigo 24.º

Entidade das Contas e Financiamentos Políticos

- 1 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos é um órgão independente que funciona junto do Tribunal Constitucional e tem como funções coadjuvável-lo tecnicamente na apreciação e fiscalização das contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.
- 2 - No âmbito das funções referidas no número anterior, a Entidade das Contas e Financiamentos Políticos é responsável pela instrução dos processos que o Tribunal Constitucional aprecia, bem como pela fiscalização da correspondência entre os gastos declarados e as despesas efectivamente realizadas.
- 3 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos exerce a sua competência relativamente aos partidos políticos e às campanhas eleitorais para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as Assembleias Legislativas Regionais, para as autarquias locais e para Presidente da República.
- 4 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos pode realizar a qualquer momento, por sua iniciativa ou a solicitação do Tribunal Constitucional, inspecções e auditorias de qualquer tipo ou natureza a determinados actos, procedimentos e aspectos da gestão financeira quer das contas dos partidos políticos quer das campanhas eleitorais.
- 5 - Até ao dia de publicação do decreto que marca a data das eleições, deve a Entidade das Contas e Financiamentos Políticos, após consulta de mercado, publicar uma lista indicativa do valor dos principais meios de campanha, designadamente publicações, painéis publicitários e meios necessários à realização de comícios.
- 6 - A lista do número anterior é disponibilizada no sítio oficial do Tribunal Constitucional na Internet no dia seguinte à sua apresentação e serve de meio auxiliar nas acções de fiscalização.
- 7 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos pode solicitar a quaisquer entidades, públicas ou privadas, as informações e a cooperação necessárias.
- 8 - A lei define o mandato e o estatuto dos membros da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos e estabelece as regras relativas à sede, à organização e ao seu funcionamento.

Artigo 25.º

Composição da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos

1 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos é composta por um presidente e dois vogais, designados pelo Tribunal Constitucional, dos quais pelo menos um deverá ser revisor oficial de contas.

2 - A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos pode requisitar ou destacar técnicos qualificados de quaisquer serviços públicos ou recorrer, mediante contrato, aos serviços de peritos ou técnicos qualificados exteriores à Administração Pública, a pessoas de reconhecida experiência e conhecimentos em matéria de actividade partidária e campanhas eleitorais, a empresas de auditoria ou a revisores oficiais de contas.

3 - Os contratos referidos no número anterior podem ser celebrados por ajuste directo e a sua eficácia depende unicamente da respectiva aprovação pelo Tribunal Constitucional.

Artigo 26.º

Apreciação das contas anuais dos partidos políticos

1 - Até ao fim do mês de Maio, os partidos enviam ao Tribunal Constitucional, para apreciação, as contas relativas ao ano anterior.

2 - O Tribunal Constitucional pronuncia-se sobre a regularidade e a legalidade das contas referidas no artigo 14.º no prazo máximo de seis meses a contar do dia da sua recepção, podendo para o efeito requerer esclarecimentos aos partidos políticos, caso em que o prazo se interrompe até à recepção dos esclarecimentos referidos.

Artigo 27.º

Apreciação das contas das campanhas eleitorais

1 - No prazo máximo de 90 dias a partir da data da proclamação oficial dos resultados, cada candidatura presta ao Tribunal Constitucional as contas discriminadas da sua campanha eleitoral, nos termos da presente lei.

2 - No domínio das eleições autárquicas, cada partido ou coligação, se concorrer a várias autarquias, apresentará contas discriminadas como se de uma só candidatura nacional se tratasse, sem prejuízo do disposto no n.º 2 do artigo 15.º

3 - As despesas efectuadas com as candidaturas e campanhas eleitorais de coligações de partidos que concorram aos órgãos autárquicos de um ou mais municípios podem ser imputadas nas contas globais a prestar pelos partidos que as constituam ou pelas coligações de âmbito nacional em que estes se integram, de acordo com a proporção dos respectivos candidatos.

4 - O Tribunal Constitucional aprecia, no prazo de 90 dias, a legalidade das receitas e despesas e a regularidade das contas referidas no número anterior.

5 - O Tribunal Constitucional pode, nas eleições autárquicas, notificar as candidaturas para que, no prazo máximo de 90 dias, lhe seja apresentada conta de âmbito local.

6 - O Tribunal Constitucional, quando verificar qualquer irregularidade nas contas, deverá notificar a candidatura para apresentar, no prazo de 15 dias, as contas devidamente regularizadas.

Artigo 28.º

Sanções

1 - Sem prejuízo da responsabilidade civil ou penal a que nos termos gerais de direito haja lugar, os infractores das regras respeitantes ao financiamento dos partidos e das campanhas eleitorais previstas nos capítulos II e III ficam sujeitos às sanções previstas nos números e artigos seguintes.

2 - Os dirigentes dos partidos políticos, as pessoas singulares e os administradores de pessoas colectivas que pessoalmente participem na atribuição e obtenção de financiamento proibidos são punidos com pena de prisão de 1 a 3 anos.

3 - Os mandatários financeiros, os candidatos às eleições presidenciais ou os primeiros proponentes de grupos de cidadãos eleitores que não observem na campanha eleitoral os limites estabelecidos no artigo 20.º ou que obtenham para a campanha eleitoral receitas proibidas ou por formas não previstas na presente lei são punidos com pena de prisão de 1 a 3 anos.

4 - Em iguais penas incorrem os dirigentes de partidos políticos, as pessoas singulares e os administradores de pessoas colectivas que pessoalmente participem nas infracções previstas no número anterior.

5 - O procedimento criminal depende de queixa da entidade prevista no artigo 24.º

Artigo 29.º

Não cumprimento das obrigações impostas ao financiamento

1 - Os partidos políticos que não cumprirem as obrigações impostas no capítulo II são punidos com coima mínima no valor de 10 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 400 salários mínimos mensais nacionais, para além da perda a favor do Estado dos valores ilegalmente recebidos.

2 - Os dirigentes dos partidos políticos que pessoalmente participem na infracção prevista no número anterior são punidos com coima mínima no valor de 5 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

3 - As pessoas singulares que violem o disposto nos artigos 4.º e 5.º são punidas com coima mínima no valor de 5 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

4 - As pessoas colectivas que violem o disposto quanto ao capítulo II são punidas com coima mínima equivalente ao dobro do montante do donativo proibido e máxima equivalente ao quántuplo desse montante.

5 - Os administradores das pessoas colectivas que pessoalmente participem na infracção prevista no número anterior são punidos com coima mínima no valor de 5 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

6 - A não apresentação das contas no prazo previsto no n.º 1 do artigo 26.º determina a suspensão do pagamento da subvenção estatal a que o partido tem direito até à data da referida apresentação.

Artigo 30.º

Percepção de receitas ou realização de despesas ilícitas

1 - Os partidos políticos que obtenham receitas para a campanha eleitoral por formas não consentidas pela presente lei ou não observem os limites previstos no artigo 20.º são punidos com coima mínima no valor de 20 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 400 salários mínimos mensais nacionais e à perda a favor do Estado dos valores ilegalmente recebidos.

2 - As pessoas singulares que violem o disposto no artigo 16.º são punidas com coima mínima no valor de 10 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 50 salários mínimos mensais nacionais.

3 - As pessoas colectivas que violem o disposto no artigo 16.º são punidas com coima mínima equivalente ao triplo do montante do donativo proibido e máxima equivalente ao sêxtuplo desse montante.

4 - Os administradores das pessoas colectivas que pessoalmente participem na infracção prevista no número anterior são punidos com coima mínima no valor de 10 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

Artigo 31.º

Não discriminação de receitas e de despesas

1 - Os mandatários financeiros, os candidatos às eleições presidenciais, os primeiros candidatos de cada lista e os primeiros proponentes de grupos de cidadãos eleitores que não discriminem ou não comprovem devidamente as receitas e despesas da campanha eleitoral são punidos com

coima mínima no valor de 1 salário mínimo mensal nacional e máxima no valor de 80 salários mínimos mensais nacionais.

2 - Os partidos políticos que cometam a infracção prevista no n.º 1 são punidos com coima mínima no valor de 10 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

Artigo 32.º

Não prestação de contas

1 - Os mandatários financeiros, os candidatos às eleições presidenciais, os primeiros candidatos de cada lista e os primeiros proponentes de grupos de cidadãos eleitores que não prestem contas eleitorais nos termos do artigo 27.º são punidos com coima mínima no valor de 5 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 80 salários mínimos mensais nacionais.

2 - Os partidos políticos que cometam a infracção prevista no n.º 1 são punidos com coima mínima no valor de 15 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 200 salários mínimos mensais nacionais.

3 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, a não prestação de contas pelos partidos políticos determina a suspensão do pagamento da subvenção estatal a que o partido tenha direito até à data da sua efectiva apresentação.

Artigo 33.º

Competência para aplicar as sanções

1 - O Tribunal Constitucional é competente para aplicação das coimas previstas no presente capítulo.

2 - O Tribunal Constitucional actua, nos prazos legais, por iniciativa própria ou da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos, a requerimento do Ministério Público ou mediante queixa apresentada por cidadãos eleitores.

3 - O produto das coimas reverte para o Estado.

4 - O Tribunal pode determinar a publicitação de extracto da decisão, a expensas do infractor, num dos jornais diários de maior circulação nacional, regional ou local, consoante o caso.

CAPÍTULO V

Disposições finais e transitórias

Artigo 34.º

Revogação e entrada em vigor

1 - É revogada a Lei n.º 56/98, de 18 de Agosto, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 23/2000, de 23 de Agosto, e pela Lei Orgânica n.º 1/2001, de 14 de Agosto, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2 - A presente lei entra em vigor em 1 de Janeiro de 2005, com excepção do disposto no artigo 8.º e consequente revogação do n.º 2 do artigo 4.º da Lei n.º 56/98, de 18 de Agosto, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 23/2000, de 23 de Agosto.

Aprovada em 24 de Abril de 2003.

O Presidente da Assembleia da República, *João Bosco Mota Amaral*.

Promulgada em 3 de Junho de 2003.

Publique-se.

O Presidente da República, **JORGE SAMPAIO**.

Referendada em 5 de Junho de 2003.

O Primeiro-Ministro, *José Manuel Durão Barroso*.

Lei dos Partidos Políticos

**Lei Orgânica n.º 2/2003
22 de Agosto**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, a lei orgânica seguinte:

CAPÍTULO I Princípios fundamentais

Artigo 1.º Função político-constitucional

Os partidos políticos concorrem para a livre formação e o pluralismo de expressão da vontade popular e para a organização do poder político, com respeito pelos princípios da independência nacional, da unidade do Estado e da democracia política.

Os partidos políticos são, como refere Gomes Canotilho (in “Direito Constitucional”), associações privadas com funções constitucionais que exercem, fundamentalmente, uma função de mediação política, traduzida na organização e expressão da vontade popular, na participação nos órgãos representativos e na influência na formação dos governos.

Artigo 2.º Fins

São fins dos partidos políticos:

- a) Contribuir para o esclarecimento plural e para o exercício das liberdades e direitos políticos dos cidadãos;
- b) Estudar e debater os problemas da vida política, económica, social e cultural, a nível nacional e internacional;
- c) Apresentar programas políticos e preparar programas eleitorais de governo e de administração;
- d) Apresentar candidaturas para os órgãos electivos de representação democrática;
- e) Fazer a crítica, designadamente de oposição, à actividade dos órgãos do Estado, das Regiões Autónomas, das autarquias locais e das organizações internacionais de que Portugal seja parte;
- f) Participar no esclarecimento das questões submetidas a referendo nacional, regional ou local;
- g) Promover a formação e a preparação política de cidadãos para uma participação directa e activa na vida pública democrática;
- h) Em geral, contribuir para a promoção dos direitos e liberdades fundamentais e o desenvolvimento das instituições democráticas.

Artigo 3.º Natureza e duração

Os partidos políticos gozam de personalidade jurídica, têm a capacidade adequada à realização dos seus fins e são constituídos por tempo indeterminado.

Artigo 4.º Princípio da liberdade

- 1 - É livre e sem dependência de autorização a constituição de um partido político.
- 2 - Os partidos políticos prosseguem livremente os seus fins sem interferência das autoridades públicas, salvo os controlos jurisdicionais previstos na Constituição e na lei.

Artigo 5.º
Princípio democrático

- 1 - Os partidos políticos regem-se pelos princípios da organização e da gestão democráticas e da participação de todos os seus filiados.
- 2 - Todos os filiados num partido político têm iguais direitos perante os estatutos.

Artigo 6.º
Princípio da transparência

- 1 - Os partidos políticos prosseguem publicamente os seus fins.
- 2 - A divulgação pública das actividades dos partidos políticos abrange obrigatoriamente:
 - a) Os estatutos;
 - b) A identidade dos titulares dos órgãos;
 - c) As declarações de princípios e os programas;
 - d) As actividades gerais a nível nacional e internacional.
- 3 - Cada partido político comunica ao Tribunal Constitucional, para efeito de anotação, a identidade dos titulares dos seus órgãos nacionais após a respectiva eleição, assim como os estatutos, as declarações de princípios e o programa, uma vez aprovados ou após cada modificação.
- 4 - A proveniência e a utilização dos fundos dos partidos são publicitadas nos termos estabelecidos na lei do financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

V. artº 103º nº 3 alínea a) da Lei nº 28/82, de 15 de Novembro (Lei do Tribunal Constitucional)

Artigo 7.º
Princípio da cidadania

Os partidos políticos são integrados por cidadãos titulares de direitos políticos.

Artigo 8.º
Salvaguarda da ordem constitucional democrática

Não são consentidos partidos políticos armados nem de tipo militar, militarizados ou paramilitares, nem partidos racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.

V. artº 104º da Lei nº 28/82.

Artigo 9.º
Carácter nacional

Não podem constituir-se partidos políticos que, pela sua designação ou pelos seus objectivos programáticos, tenham índole ou âmbito regional.

Artigo 10.º
Direitos dos partidos políticos

- 1 - Os partidos políticos têm direito, nos termos da lei:
 - a) A apresentar candidaturas à eleição da Assembleia da República, dos órgãos electivos das Regiões Autónomas e das autarquias locais e do Parlamento Europeu e a participar, através dos eleitos, nos órgãos baseados no sufrágio universal e directo, de acordo com a sua representatividade eleitoral;
 - b) A acompanhar, fiscalizar e criticar a actividade dos órgãos do Estado, das Regiões Autónomas, das autarquias locais e das organizações internacionais de que Portugal seja parte;

- c) A tempos de antena na rádio e na televisão;
d) A constituir coligações.
2 - Aos partidos políticos representados nos órgãos electivos e que não façam parte dos correspondentes órgãos executivos é reconhecido o direito de oposição com estatuto definido em lei especial.

Artigo 11.º **Coligações**

- 1 - É livre a constituição de coligações de partidos políticos.
2 - As coligações têm a duração estabelecida no momento da sua constituição, a qual pode ser prorrogada ou antecipada.
3 - Uma coligação não constitui entidade distinta da dos partidos políticos que a integram.
4 - A constituição das coligações é comunicada ao Tribunal Constitucional para os efeitos previstos na lei.
5 - As coligações para fins eleitorais regem-se pelo disposto na lei eleitoral.

Ver artigos 22º e 22º-A da Lei nº 14/79, de 16 de Maio.

Artigo 12.º **Denominações, siglas e símbolos**

- 1 - Cada partido político tem uma denominação, uma sigla e um símbolo, os quais não podem ser idênticos ou semelhantes aos de outro já constituído.
2 - A denominação não pode basear-se no nome de uma pessoa ou conter expressões directamente relacionadas com qualquer religião ou com qualquer instituição nacional.
3 - O símbolo não pode confundir-se ou ter relação gráfica ou fonética com símbolos e emblemas nacionais nem com imagens e símbolos religiosos.
4 - Os símbolos e as siglas das coligações reproduzem rigorosamente o conjunto dos símbolos e das siglas dos partidos políticos que as integram.

Artigo 13.º **Organizações internas ou associadas**

Os partidos políticos podem constituir no seu interior organizações ou estabelecer relações de associação com outras organizações, segundo critérios definidos nos estatutos e sujeitas aos princípios e limites estabelecidos na Constituição e na lei.

CAPÍTULO II **Constituição e extinção**

SECÇÃO I **Constituição**

Artigo 14.º **Inscrição no Tribunal Constitucional**

O reconhecimento, com atribuição da personalidade jurídica, e o início das actividades dos partidos políticos dependem de inscrição no registo existente no Tribunal Constitucional.

I – Objectiva-se neste artigo o dever de registo dos partidos políticos junto do TC (v. artº 9º alínea a) e 103º nº 3 alínea a) da Lei nº 28/82.

II – V. artºs 21º, 22º, 22º-A e 24º nº 4 da Lei eleitoral da AR (Lei nº 14/79)

Artigo 15.º

Requerimento

- 1 - A inscrição de um partido político tem de ser requerida por, pelo menos, 7500 cidadãos eleitores.
- 2 - O requerimento de inscrição de um partido político é feito por escrito, acompanhado do projecto de estatutos, da declaração de princípios ou programa político e da denominação, sigla e símbolo do partido e inclui, em relação a todos os signatários, o nome completo, o número do bilhete de identidade e o número do cartão de eleitor.

De ressaltar que relativamente à anterior Lei dos Partidos Políticos (DL n.º 595/74, de 7 de Novembro), aumentou de 5000 para 7500 o número de cidadãos eleitores proponentes de uma nova força política, o que se entende não só para dignificação da constituição dos partidos, como para estabelecer uma hierarquia de importância com a constituição de grupos de cidadãos eleitores proponentes de candidaturas autárquicas, nomeadamente das Câmaras Municipais (v. art.º 19.º da LO n.º 1/2001).

Artigo 16.º

Inscrição e publicação dos estatutos

- 1 - Aceite a inscrição, o Tribunal Constitucional envia extracto da sua decisão, juntamente com os estatutos do partido político, para publicação no Diário da República.
- 2 - Da decisão prevista no número anterior consta a verificação da legalidade por parte do Tribunal Constitucional.
- 3 - A requerimento do Ministério Público, o Tribunal Constitucional pode, a todo o tempo, apreciar e declarar a ilegalidade de qualquer norma dos estatutos dos partidos políticos.

SECÇÃO II

Extinção

Artigo 17.º

Dissolução

- 1 - A dissolução de qualquer partido político depende de deliberação dos seus órgãos, nos termos das normas estatutárias respectivas.
- 2 - A deliberação de dissolução determina o destino dos bens, só podendo estes reverter para partido político ou associação de natureza política, sem fins lucrativos, e, subsidiariamente, para o Estado.
- 3 - A dissolução é comunicada ao Tribunal Constitucional, para efeito de cancelamento do registo.

Artigo 18.º

Extinção judicial

- 1 - O Tribunal Constitucional decreta, a requerimento do Ministério Público, a extinção de partidos políticos nos seguintes casos:
 - a) Qualificação como partido armado ou de tipo militar, militarizado ou paramilitar, ou como organização racista ou que perfiha a ideologia fascista;
 - b) Redução do número de filiados a menos de 5000;
 - c) Não apresentação de candidaturas em quaisquer eleições gerais e durante um período de seis anos consecutivos, em pelo menos um terço dos círculos eleitorais, ou um quinto das assembleias municipais, no caso de eleições para as autarquias locais;
 - d) Não comunicação de lista actualizada dos titulares dos órgãos nacionais por um período superior a seis anos;

- e) Não apresentação de contas em três anos consecutivos;
 - f) Impossibilidade de citar ou notificar, de forma reiterada, na pessoa de qualquer dos titulares dos seus órgãos nacionais, conforme a anotação constante do registo existente no Tribunal.
- 2 - A decisão de extinção fixa, a requerimento do Ministério Público ou de qualquer membro, o destino dos bens que serão atribuídos ao Estado.

*Cfr. artº 103º-F aditado à Lei do TC (Lei nº 28/82) pela Lei nº 13-A/98, de 26 de Fevereiro.
Ver, a propósito, o Acórdão do TC nº 304/2003 publicado no DR, I Série A, nº 165, de 19.07.2003..*

Artigo 19.º **Verificação do número de filiados**

O Tribunal Constitucional verifica regularmente, com a periodicidade máxima de cinco anos, o cumprimento do requisito do número mínimo de filiados previsto na alínea b) do n.º 1 do artigo anterior.

CAPÍTULO III **Filiados**

Artigo 20.º **Liberdade de filiação**

- 1 - Ninguém pode ser obrigado a filiar-se ou a deixar de se filiar em algum partido político, nem por qualquer meio ser coagido a nele permanecer.
- 2 - A ninguém pode ser negada a filiação em qualquer partido político ou determinada a expulsão, em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, instrução, situação económica ou condição social.
- 3 - Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da sua filiação partidária.
- 4 - Os estrangeiros e os apátridas legalmente residentes em Portugal e que se filiem em partido político gozam dos direitos de participação compatíveis com o estatuto de direitos políticos que lhe estiver reconhecido.

Artigo 21.º **Filiação**

- 1 - A qualidade de filiado num partido político é pessoal e intransmissível, não podendo conferir quaisquer direitos de natureza patrimonial.
- 2 - Ninguém pode estar filiado simultaneamente em mais de um partido político.

Artigo 22.º **Restrições**

- 1 - Não podem requerer a inscrição nem estar filiados em partidos políticos:
 - a) Os militares ou agentes militarizados dos quadros permanentes em serviço efectivo;
 - b) Os agentes dos serviços ou das forças de segurança em serviço efectivo.
- 2 - É vedada a prática de actividades político-partidárias de carácter público aos:
 - a) Magistrados judiciais na efectividade;
 - b) Magistrados do Ministério Público na efectividade;
 - c) Diplomatas de carreira na efectividade.
- 3 - Não podem exercer actividade dirigente em órgão de direcção política de natureza executiva dos partidos:
 - a) Os directores-gerais da Administração Pública;
 - b) Os presidentes dos órgãos executivos dos institutos públicos;

c) Os membros das entidades administrativas independentes.

Artigo 23.º
Disciplina interna

1 - A disciplina interna dos partidos políticos não pode afectar o exercício de direitos e o cumprimento de deveres prescritos na Constituição e na lei.

2 - Compete aos órgãos próprios de cada partido a aplicação das sanções disciplinares, sempre com garantias de audiência e defesa e possibilidade de reclamação ou recurso.

Artigo 24.º
Eleitos dos partidos

Os cidadãos eleitos em listas de partidos políticos exercem livremente o seu mandato, nas condições definidas no estatuto dos titulares e no regime de funcionamento e de exercício de competências do respectivo órgão electivo.

CAPÍTULO IV
Organização interna

SECÇÃO I
Órgãos dos partidos

Artigo 25.º
Órgãos nacionais

Nos partidos políticos devem existir, com âmbito nacional e com as competências e a composição definidas nos estatutos:

- a) Uma assembleia representativa dos filiados;
- b) Um órgão de direcção política;
- c) Um órgão de jurisdição.

Artigo 26.º
Assembleia representativa

1 - A assembleia representativa é integrada por membros democraticamente eleitos pelos filiados.

2 - Os estatutos podem ainda dispor sobre a integração na assembleia de membros por inerência.

3 - À assembleia compete, sem prejuízo de delegação, designadamente:

- a) Aprovar os estatutos e a declaração de princípios ou programa político;
- b) Deliberar sobre a eventual dissolução ou a eventual fusão com outro ou outros partidos políticos.

Artigo 27.º
Órgão de direcção política

O órgão de direcção política é eleito democraticamente, com a participação directa ou indirecta de todos os filiados.

Artigo 28.º
Órgão de jurisdição

Os membros do órgão de jurisdição democraticamente eleito gozam de garantia de independência e dever de imparcialidade, não podendo, durante o período do seu mandato, ser titulares de órgãos de direcção política ou mesa de assembleia.

Artigo 29.º
Participação política

Os estatutos devem assegurar uma participação directa, activa e equilibrada de mulheres e homens na actividade política e garantir a não discriminação em função do sexo no acesso aos órgãos partidários e nas candidaturas apresentadas pelos partidos políticos.

Artigo 30.º
Princípio da renovação

- 1 - Os cargos partidários não podem ser vitalícios.
- 2 - Exceptuam-se do disposto no número anterior os cargos honorários.
- 3 - Os mandatos dos titulares de órgãos partidários têm a duração prevista nos estatutos, podendo estes fixar limites à sua renovação sucessiva.

Artigo 31.º
Deliberações de órgãos partidários

- 1 - As deliberações de qualquer órgão partidário são impugnáveis com fundamento em infracção de normas estatutárias ou de normas legais, perante o órgão de jurisdição competente.
- 2 - Da decisão do órgão de jurisdição pode o filiado lesado e qualquer outro órgão do partido recorrer judicialmente, nos termos da lei de organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional.

Ver artºs 103ºD e 103º-E aditados pela Lei nº 13-A/98, de 26 de Fevereiro à Lei do TC (Lei nº 28/82).

Artigo 32.º
Destituição

- 1 - A destituição de titulares de órgãos partidários pode ser decretada em sentença judicial, a título de sanção acessória, nos seguintes casos:
 - a) Condenação judicial por crime de responsabilidade no exercício de funções em órgãos do Estado, das Regiões Autónomas ou do poder local;
 - b) Condenação judicial por participação em associações armadas ou de tipo militar, militarizadas ou paramilitares, em organizações racistas ou em organizações que perfilhem a ideologia fascista.
- 2 - Fora dos casos enunciados no número anterior, a destituição só pode ocorrer nas condições e nas formas previstas nos estatutos.

Artigo 33.º
Referendo interno

- 1 - Os estatutos podem prever a realização de referendos internos sobre questões políticas relevantes para o partido.
- 2 - Os referendos sobre questões de competência estatutariamente reservada à assembleia representativa só podem ser realizados por deliberação desta.

SECÇÃO II
Eleições

Artigo 34.º
Sufrágio

As eleições e os referendos partidários realizam-se por sufrágio pessoal e secreto.

Artigo 35.º
Procedimentos eleitorais

- 1 - As eleições partidárias devem observar as seguintes regras:
- a) Elaboração e garantia de acesso aos cadernos eleitorais em prazo razoável;
 - b) Igualdade de oportunidades e imparcialidade no tratamento de candidaturas;
 - c) Apreciação jurisdicionalizada da regularidade e da validade dos actos de procedimento eleitoral.
- 2 - Os actos de procedimento eleitoral são impugnáveis perante o órgão de jurisdição próprio por qualquer filiado que seja eleitor ou candidato.
- 3 - Das decisões definitivas proferidas ao abrigo do disposto no número anterior cabe recurso para o Tribunal Constitucional.

Ver artº 103º-C aditado à Lei do TC (Lei nº 28/82), pela Lei nº 13-A/98, de 26 de Fevereiro.

CAPÍTULO V
Actividades e meios de organização

Artigo 36.º
Formas de colaboração

- 1 - Os partidos políticos podem estabelecer formas de colaboração com entidades públicas e privadas no respeito pela autonomia e pela independência mútuas.
- 2 - A colaboração entre partidos políticos e entidades públicas só pode ter lugar para efeitos específicos e temporários.
- 3 - As entidades públicas estão obrigadas a um tratamento não discriminatório perante todos os partidos políticos.

Artigo 37.º
Filiação internacional

Os partidos políticos podem livremente associar-se com partidos estrangeiros ou integrar federações internacionais de partidos.

Artigo 38.º
Regime financeiro

O financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais é regulado em lei própria.

Ver artigos 103º-A e 103º-B da Lei do TC (Lei nº 28/82).

Artigo 39.º
Relações de trabalho

- 1 - As relações laborais entre os partidos políticos e os seus funcionários estão sujeitas às leis gerais de trabalho.
- 2 - Considera-se justa causa de despedimento o facto de um funcionário se desfiliar ou fazer propaganda contra o partido que o emprega ou a favor de uma candidatura sua concorrente.

CAPÍTULO VI
Disposições finais

Artigo 40.º
Aplicação aos partidos políticos existentes

1 - A presente lei aplica-se aos partidos políticos existentes à data da sua entrada em vigor, devendo os respectivos estatutos beneficiar das necessárias adaptações no prazo máximo de dois anos.

2 - Para efeitos do disposto no artigo 19.º, o prazo aí disposto conta-se a partir da data da entrada em vigor da presente lei.

Artigo 41.º
Revogação

São revogados:

- a) O Decreto-Lei n.º 595/74, de 7 de Novembro, e as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 126/75, de 13 de Março, pelo Decreto-Lei n.º 195/76, de 16 de Março, e pela Lei n.º 110/97, de 16 de Setembro;
- b) O Decreto-Lei n.º 692/74, de 5 de Dezembro;
- c) A Lei n.º 5/89, de 17 de Março.

Aprovado em 15 de Julho de 2003.

O Presidente da Assembleia da República, João Bosco Mota Amaral.

Promulgada em 7 de Agosto de 2003.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendada em 8 de Agosto de 2003.

O Primeiro-Ministro, José Manuel Durão Barroso.

Lei de organização e funcionamento da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos

Lei Orgânica n.º 2/2005 10 de Janeiro

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, a lei orgânica seguinte:

CAPÍTULO I Natureza, regime e sede

Artigo 1.º Objecto

A presente lei regula a organização e funcionamento da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos, criada pela Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

Artigo 2.º Natureza

A Entidade das Contas e Financiamentos Políticos, adiante designada por Entidade, é um órgão independente que funciona junto do Tribunal Constitucional e tem como atribuição coadjuvável tecnicamente na apreciação e fiscalização das contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais para Presidente da República, para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas e para as autarquias locais.

Artigo 3.º Regime

A Entidade rege-se pelo disposto na Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho, e na presente lei.

Artigo 4.º Sede

A Entidade tem sede em Lisboa, podendo funcionar em instalações do Tribunal Constitucional.

CAPÍTULO II Composição e estatuto dos membros

Artigo 5.º Composição

- 1 - A Entidade é composta por um presidente e dois vogais.
- 2 - Pelo menos um dos membros da Entidade deve ser revisor oficial de contas.
- 3 - Os membros da Entidade são designados por um período de quatro anos, renovável uma vez por igual período, e cessam funções com a tomada de posse do membro designado para ocupar o respectivo lugar.

Artigo 6.º
Modo de designação

- 1 - Os membros da Entidade são eleitos em lista pelo Tribunal Constitucional, em plenário, devendo recolher uma maioria de oito votos.
- 2 - A elaboração da lista é da iniciativa do Presidente do Tribunal Constitucional.

Artigo 7.º
Incompatibilidades

- 1 - Os membros da Entidade não podem ser titulares de órgãos de soberania, das Regiões Autónomas ou do poder local.
- 2 - Os membros da Entidade não podem exercer quaisquer funções em órgãos de partidos, de associações políticas ou de fundações com eles conexas, nem desenvolver actividades político-partidárias de carácter público.
- 3 - Durante o período de desempenho do cargo fica suspenso o estatuto decorrente da filiação em partidos ou associações políticas.
- 4 - Os membros da Entidade não podem exercer quaisquer funções ou deter participações sociais nas empresas de auditoria ou quaisquer outras que prestem apoio àquela Entidade ou ao Tribunal Constitucional no âmbito da fiscalização das contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.
- 5 - Os membros da Entidade não podem exercer quaisquer funções ou deter participações sociais nas empresas que directa ou indirectamente forneçam meios específicos de propaganda aos partidos ou em campanhas eleitorais.
- 6 - Os membros da Entidade estão obrigados à apresentação de declaração de património e rendimentos no Tribunal Constitucional, nos termos da legislação aplicável.

Artigo 8.º
Estatuto

- 1 - O presidente da Entidade auferirá a remuneração correspondente à de inspector-geral de Finanças e os vogais a correspondente à de subinspector-geral de Finanças, acrescendo, em ambos os casos, o respectivo suplemento de função inspectiva.
- 2 - Os membros da Entidade não podem ser prejudicados na estabilidade do seu emprego, na sua carreira e no regime de segurança social de que beneficiem por causa do exercício das suas funções.
- 3 - Os membros da Entidade retomam automaticamente as funções que exerciam à data da posse, ou aquelas para que foram transferidos ou nomeados durante o período de funções na Entidade, designadamente por virtude de promoção.
- 4 - Durante o exercício das suas funções os membros da Entidade não perdem a antiguidade nos seus empregos nem podem ser prejudicados nas promoções a que entretanto tenham adquirido direito.
- 5 - No caso de os membros da Entidade se encontrarem à data da posse investidos em função pública temporária, por virtude de lei, acto ou contrato, o exercício de funções na Entidade suspende o respectivo prazo.
- 6 - Quando os membros da Entidade forem magistrados judiciais ou do Ministério Público, funcionários ou agentes da administração central, regional ou local ou de institutos públicos exercem os seus cargos em comissão de serviço ou em regime de requisição, conforme os casos, com a faculdade de optar pelas remunerações correspondentes aos cargos de origem.
- 7 - Os magistrados judiciais e do Ministério Público podem ser designados membros da Entidade em comissão de serviço, nos termos do respectivo estatuto, não determinando esse provimento a abertura de vaga no lugar de origem ou naquele para que, entretanto, tenham sido nomeados.

8 - Quando os membros da Entidade forem trabalhadores de empresas públicas ou privadas exercem as suas funções em regime de requisição, nos termos da lei geral em vigor para o respectivo sector.

9 - Os membros da Entidade que exerçam funções docentes ou de investigação científica no ensino superior podem continuar no exercício dessas funções, sem prejuízo de, quando as mesmas forem exercidas em estabelecimento de ensino público, poderem requerer a suspensão dos prazos dos respectivos contratos ou dos prazos para a apresentação de relatórios ou prestação de provas a que estejam adstritos.

10 - Os membros da Entidade podem optar por exercer funções em regime de exclusividade ou em regime de acumulação, auferindo neste último caso 50% da respectiva remuneração.

11 - Por actos praticados no exercício das suas funções, os membros da Entidade são disciplinarmente responsáveis perante o Tribunal Constitucional, devendo a instrução do processo ser realizada pelo secretário-geral e incumbindo a decisão final ao Presidente, com recurso para o plenário, que julga definitivamente.

CAPÍTULO III

Competências

Artigo 9.º

Competências

1 - No âmbito das suas atribuições, compete à Entidade, nomeadamente:

a) Instruir os processos respeitantes às contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais que o Tribunal Constitucional aprecia;

b) Fiscalizar a correspondência entre os gastos declarados e as despesas efectivamente realizadas, no âmbito das contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais;

c) Realizar, por sua iniciativa ou a solicitação do Tribunal Constitucional, inspecções e auditorias de qualquer tipo ou natureza a determinados actos, procedimentos e aspectos da gestão financeira, quer das contas dos partidos políticos quer das campanhas eleitorais.

2 - Para efeitos do disposto no número anterior, compete à Entidade realizar as consultas de mercado que permitam a elaboração de lista indicativa do valor dos principais meios de campanha e de propaganda política com vista ao controlo dos preços de aquisição ou de venda de bens e serviços prestados, previstos nas alíneas a) e b) do n.º 3 do artigo 8.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

3 - A lista a que se refere o número anterior deve ser divulgada até ao dia da publicação do decreto que marca as eleições, não podendo dela constar qualquer dado susceptível de identificar a fonte das informações divulgadas.

Artigo 10.º

Regulamentos

1 - A Entidade pode definir, através de regulamento, as regras necessárias à normalização de procedimentos no que se refere à apresentação de despesas pelos partidos políticos e campanhas eleitorais abrangidas pela presente lei e pelo disposto na Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

2 - Os regulamentos da Entidade são publicados gratuitamente na 2.ª série do Diário da República e divulgados aos partidos políticos.

Artigo 11.º

Recomendações

A Entidade pode emitir recomendações genéricas dirigidas a uma ou mais entidades sujeitas aos seus poderes de controlo e fiscalização.

CAPÍTULO IV

Organização e funcionamento

Artigo 12.º
Deliberações

As deliberações da Entidade são tomadas, pelo menos, por dois votos favoráveis.

Artigo 13.º
Funcionamento

1 - O apoio administrativo necessário ao funcionamento da Entidade é prestado pelo Tribunal Constitucional.

2 - Os encargos com o funcionamento da Entidade são suportados pela dotação orçamental atribuída ao Tribunal Constitucional, sendo as correspondentes despesas imputadas à actividade criada para esta Entidade, nos termos da legislação aplicável.

3 - A Entidade pode, sob autorização do Presidente do Tribunal Constitucional, requisitar ou destacar técnicos qualificados de quaisquer serviços públicos ou recorrer, mediante contrato, aos serviços de peritos ou técnicos qualificados exteriores à Administração Pública, a pessoas de reconhecida experiência e conhecimentos em matéria de actividade partidária e campanhas eleitorais, a empresas de auditoria ou a revisores oficiais de contas.

4 - Os contratos referidos no número anterior podem ser celebrados por ajuste directo e a sua eficácia depende unicamente da respectiva aprovação pelo Tribunal Constitucional.

Artigo 14.º
Dever de sigilo

Os membros da Entidade, o pessoal que nela exerça funções, bem como os seus colaboradores eventuais ou permanentes, estão especialmente obrigados a guardar sigilo dos factos cujo conhecimento lhes advenha exclusivamente pelo exercício das suas funções, e que não possam ser divulgados, nos termos da lei.

CAPÍTULO V
Deveres para com a Entidade e o Tribunal Constitucional

Artigo 15.º
Dever de colaboração

A Entidade pode solicitar a quaisquer entidades, públicas ou privadas, as informações e a colaboração necessárias para o exercício das suas funções.

Artigo 16.º
Dever de comunicação de dados

1 - Os partidos políticos e coligações que apresentem candidaturas às eleições para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as Assembleias das Regiões Autónomas e para as autarquias locais, bem como os cidadãos candidatos às eleições para Presidente da República e os grupos de cidadãos eleitores que apresentem candidatura às eleições dos órgãos das autarquias locais, estão obrigados a comunicar à Entidade as acções de campanha eleitoral que realizem, bem como os meios nelas utilizados, que envolvam um custo superior a um salário mínimo.

2 - Os partidos políticos estão também obrigados a comunicar à Entidade as demais acções de propaganda política que realizem, bem como os meios nelas utilizados, que envolvam um custo superior a um salário mínimo.

3 - Os dados a que se referem os n.os 1 e 2 são fornecidos à Entidade em suporte escrito ou em suporte informático.

4 - O prazo para o cumprimento do dever de comunicação das acções de campanha eleitoral realizadas e dos meios nelas utilizados termina na data de entrega das respectivas contas.

5 - O prazo para o cumprimento do dever de comunicação das acções de propaganda política realizadas pelos partidos e dos meios nelas utilizados termina na data de entrega das contas dos partidos.

Artigo 17.º

Dever de entrega do orçamento de campanha

1 - Até ao último dia do prazo para entrega das candidaturas, os candidatos, partidos, coligações e grupos de cidadãos eleitores apresentam ao Tribunal Constitucional o seu orçamento de campanha.

2 - É obrigatória a entrega do orçamento de campanha em suporte informático.

Artigo 18.º

Dever de apresentação de contas

1 - Anualmente, os partidos políticos apresentam ao Tribunal Constitucional, em suporte escrito e informático, as respectivas contas, devendo, no ano anterior, comunicar à Entidade o seu responsável, quer seja pessoa singular ou órgão interno do partido, designadamente para o efeito previsto no n.º 2 do artigo 26.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

2 - Os mandatários financeiros das campanhas são responsáveis pela elaboração das respectivas contas da campanha, a apresentar ao Tribunal Constitucional, no prazo máximo de 90 dias a partir da data da proclamação oficial dos resultados, em suporte escrito e informático.

3 - Os candidatos a Presidente da República, os partidos políticos ou coligações, os primeiros candidatos de cada lista ou o primeiro proponente de cada grupo de cidadãos eleitores candidatos a qualquer acto eleitoral, consoante os casos, são subsidiariamente responsáveis com os mandatários financeiros.

4 - Das contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais constam as despesas, o montante e a fonte dos financiamentos recebidos.

CAPÍTULO VI

Controlo das contas

SECÇÃO I

Disposições gerais

Artigo 19.º

Base de dados

1 - A Entidade procede à elaboração de uma base de dados informatizada de que constam as acções de propaganda política dos partidos e as acções de campanha eleitoral, bem como os meios nelas utilizados.

2 - Os dados referidos no n.º 1 são fornecidos por cada um dos partidos políticos, coligação, cidadão ou grupo de cidadãos eleitores candidatos a acto eleitoral, nos termos dos n.os 1, 4 e 5 do artigo 16.º

3 - A Entidade pode permitir a actualização online dos dados, mediante identificação, em condições de segurança.

4 - Quando a constituição da base de dados obrigue ao tratamento de dados nominativos, esta fica sujeita às regras gerais de protecção de dados pessoais.

Artigo 20.º
Publicitação de informação na Internet

1 - A Entidade deve disponibilizar no sítio na Internet do Tribunal Constitucional toda a informação relevante a seu respeito, nomeadamente as normas que a regulam e a sua composição, incluindo os elementos biográficos dos seus membros e a legislação e regulamentação aplicável ao financiamento dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

2 - Do sítio referido no n.º 1 constam ainda:

- a) A lista indicativa do valor dos principais meios de campanha, a disponibilizar até ao dia de publicação do decreto que marca as eleições;
- b) Os orçamentos de campanha, a disponibilizar a partir do dia seguinte ao da sua entrega pelas candidaturas;
- c) A base de dados relativa a meios e actividades de propaganda política e de campanha eleitoral;
- d) As contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais e os relatórios sobre as respectivas auditorias;
- e) Os acórdãos a que respeitam os artigos 32.º, 34.º, 43.º e 45.º

Artigo 21.º
Publicação no Diário da República

1 - A Entidade envia para publicação gratuita na 2.ª série do Diário da República a lista indicativa do valor dos principais meios de campanha, bem como as contas dos partidos políticos e das campanhas eleitorais.

2 - A lista referida no n.º 1 deve ser publicada até ao dia de publicação do decreto que marca as eleições.

3 - O Tribunal Constitucional envia para publicação na 2.ª série do Diário da República os acórdãos a que respeitam os artigos 32.º, 34.º, 43.º e 45.º

Artigo 22.º
Suspensão da prescrição

A prescrição do procedimento pelas contra-ordenações previstas na Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho, e na presente lei suspende-se, para além dos casos previstos na lei, até à emissão do parecer a que se referem, consoante os casos, os artigos 28.º, 31.º, 39.º e 42.º

Artigo 23.º
Recurso das decisões da Entidade

1 - Dos actos da Entidade cabe recurso para o Tribunal Constitucional, em plenário.

2 - São irrecorríveis os actos da Entidade que se traduzam em emissão de recomendações ou que se destinem apenas a instruir ou a preparar decisões do Tribunal Constitucional, com ressalva daqueles que afectem direitos e interesses legalmente protegidos.

Artigo 24.º
Meios técnicos

Sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 13.º, o Tribunal Constitucional pode requisitar ou destacar técnicos qualificados de quaisquer serviços públicos ou recorrer, mediante contrato, aos serviços de empresas de auditoria ou a revisores oficiais de contas.

SECÇÃO II
Contas dos partidos políticos

Artigo 25.º

Entrega das contas anuais dos partidos políticos

Os partidos políticos enviam ao Tribunal Constitucional, para apreciação, as suas contas anuais, no prazo previsto no n.º 1 do artigo 26.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

Artigo 26.º

Envio à Entidade das contas dos partidos políticos

Após a recepção das contas dos partidos políticos, o Tribunal Constitucional remete-as à Entidade para instrução do processo e apreciação.

Artigo 27.º

Auditoria às contas dos partidos políticos

No âmbito da instrução dos processos, a Entidade realiza auditoria à contabilidade dos partidos políticos, circunscrita, no seu âmbito, objectivos e métodos, aos aspectos relevantes para o exercício da competência deferida à Entidade e ao Tribunal Constitucional.

Artigo 28.º

Parecer sobre o incumprimento da obrigação de entrega de contas dos partidos políticos

No caso de omissão de apresentação de contas, a Entidade pronuncia-se sobre a ocorrência de qualquer circunstância que permita antecipadamente excluir, quanto aos partidos em questão, a relevância do incumprimento da referida obrigação legal.

Artigo 29.º

Decisão sobre o incumprimento da obrigação de entrega de contas dos partidos políticos

1 - Após receber o parecer da Entidade referido no artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, quanto a cada partido político, se estava ou não sujeito à obrigação legal de apresentação de contas.

2 - Se não se verificarem circunstâncias que permitam antecipadamente excluir a relevância do incumprimento da obrigação legal, o Tribunal comunica o facto ao Ministério Público para este promover o que entender relativamente à omissão em causa, nos termos do artigo 103.º-A da lei sobre organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional.

Artigo 30.º

Relatório sobre a auditoria às contas dos partidos políticos

1 - Face aos resultados da auditoria referida no artigo 27.º e considerada a documentação entregue pelos partidos políticos, a Entidade elabora um relatório do qual constam as questões naquela suscitadas relativamente a cada partido político.

2 - No relatório, a Entidade procede à verificação da correspondência entre os gastos declarados e as despesas efectivamente realizadas pelos partidos políticos, no âmbito de acções de propaganda política.

3 - No relatório, a Entidade pronuncia-se ainda sobre o controlo efectuado nos termos do n.º 2 do artigo 9.º

4 - A Entidade elabora o relatório previsto no n.º 1 no prazo máximo de seis meses a contar da data da recepção das contas.

5 - A Entidade notifica os partidos políticos para se pronunciarem, querendo, no prazo de 30 dias, sobre a matéria constante do relatório referido no n.º 1, na parte que ao mesmo respeite, e prestar sobre ela os esclarecimentos que tiver por convenientes.

Artigo 31.º

Parecer sobre a prestação de contas dos partidos políticos

Após o prazo referido no n.º 5 do artigo anterior, a Entidade, tendo em conta as respostas dos partidos políticos, elabora, no prazo de 20 dias, parecer sobre a prestação de contas, identificando as irregularidades verificadas.

Artigo 32.º

Decisão sobre a prestação de contas dos partidos políticos

1 - Após receber o parecer da Entidade referido no artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, relativamente a cada partido político, num dos seguintes sentidos:

- a) Contas não prestadas;
- b) Contas prestadas;
- c) Contas prestadas com irregularidades.

2 - Para que possa ser havida como cumprida pelos partidos políticos a obrigação de prestação de contas é necessário que a estas subjaza um suporte documental e contabilístico devidamente organizado, nas suas várias vertentes, que permita conhecer da situação financeira e patrimonial dos partidos.

3 - No caso previsto na alínea c) do n.º 1, o Tribunal discrimina as irregularidades apuradas.

4 - Verificando o Tribunal, no processo de apreciação das contas que lhe foram submetidas, a ocorrência objectiva de irregularidades nas mesmas, ordena a vista dos autos ao Ministério Público para que este possa promover a aplicação da respectiva coima, nos termos do artigo 103.º-A da lei sobre organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional.

5 - O Tribunal notifica também os partidos políticos da decisão a que se refere o n.º 1.

Artigo 33.º

Notificação aos partidos políticos das promoções do Ministério Público

1 - O Tribunal notifica os partidos políticos das promoções do Ministério Público previstas no n.º 2 do artigo 29.º e no n.º 4 do artigo anterior, nos termos do artigo 103.º-A da lei sobre organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional.

2 - Os partidos políticos pronunciam-se, querendo, no prazo de 20 dias, sobre a matéria descrita nas promoções, na parte que lhes respeita, e prestam os esclarecimentos que tiverem por convenientes.

Artigo 34.º

Decisão sobre as contra-ordenações em matéria de contas de partidos políticos

Findo o prazo previsto no n.º 2 do artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, do sancionamento ou não dos partidos políticos, bem como das coimas a aplicar.

SECÇÃO III

Contas das campanhas eleitorais

Artigo 35.º

Entrega das contas das campanhas eleitorais

1 - Cada candidatura presta ao Tribunal Constitucional as contas discriminadas da sua campanha eleitoral, no prazo previsto no n.º 1 do artigo 27.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

2 - Tratando-se de eleições autárquicas, os partidos e coligações devem observar o disposto nos n.os 2 e 3 do artigo 27.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

Artigo 36.º

Envio das contas das campanhas eleitorais

Após a recepção das contas das campanhas eleitorais, o Tribunal Constitucional remete-as à Entidade para instrução do processo e apreciação.

Artigo 37.º

Contas de campanhas autárquicas

1 - Tratando-se de eleições autárquicas, a Entidade notifica as candidaturas para apresentarem conta de âmbito local, sempre que considere que tal elemento é necessário para a apreciação das respectivas contas da campanha, no prazo previsto no n.º 5 do artigo 27.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho.

2 - No caso de candidaturas apresentadas por partidos políticos que concorram a mais de uma autarquia local e de existirem despesas comuns e centrais, previstas no n.º 2 do artigo 15.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho, a conta respectiva a estas despesas tem como limite um valor máximo igual a 10% do limite global admissível para o conjunto das candidaturas autárquicas apresentadas.

3 - O prazo para o Tribunal Constitucional se pronunciar sobre a regularidade e a legalidade das contas da campanha suspende-se até à recepção da conta de âmbito local.

Artigo 38.º

Auditoria às contas das campanhas eleitorais

1 - No âmbito da instrução dos processos, a Entidade inicia os procedimentos de auditoria às contas das campanhas eleitorais, no prazo de cinco dias após a sua recepção.

2 - A auditoria é concluída no prazo de 35 dias.

Artigo 39.º

Parecer sobre o incumprimento da obrigação de entrega de contas das campanhas eleitorais

No caso de omissão de apresentação de contas, a Entidade pronuncia-se sobre a ocorrência de qualquer circunstância que permita antecipadamente excluir, quanto às candidaturas em questão, a relevância do incumprimento da referida obrigação legal.

Artigo 40.º

Decisão sobre o incumprimento da obrigação de entrega de contas das campanhas eleitorais

1 - Após receber o parecer da Entidade referido no artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, quanto a cada candidatura, se estava ou não sujeita à obrigação legal de apresentação de contas.

2 - Se não se verificarem circunstâncias que permitam antecipadamente excluir a relevância do incumprimento da obrigação legal, o Tribunal comunica o facto ao Ministério Público para este promover o que entender relativamente à omissão em causa.

Artigo 41.º

Relatório sobre a auditoria às contas das campanhas eleitorais

1 - Face aos resultados da auditoria referida no artigo 38.º, a Entidade elabora um relatório do qual constam as questões naquela suscitadas relativamente a cada candidatura.

2 - A Entidade notifica as candidaturas para, no prazo de 10 dias, se pronunciarem, querendo, sobre a matéria constante do relatório referido no n.º 1, na parte que à mesma respeite, e prestar sobre ela os esclarecimentos que tiver por convenientes.

Artigo 42.º

Parecer sobre as contas das campanhas eleitorais

- 1 - A Entidade elabora um parecer, tendo em conta os resultados da auditoria e as respostas das candidaturas, apreciando todas as questões relevantes para que o Tribunal Constitucional possa decidir da existência ou não de irregularidades nas contas apresentadas.
- 2 - No parecer, a Entidade pronuncia-se sobre a existência de omissões de entrega de contas por parte das candidaturas.
- 3 - A Entidade elabora o parecer no prazo máximo de 70 dias a partir do fim do prazo de apresentação das contas da campanha eleitoral.

Artigo 43.º

Decisão sobre a prestação de contas das campanhas eleitorais

- 1 - Após receber o parecer da Entidade referido no artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, do cumprimento da obrigação de prestação de contas das campanhas eleitorais e da existência ou não de irregularidades nas mesmas.
- 2 - O Tribunal Constitucional pronuncia-se no prazo máximo de 90 dias a partir do fim do prazo de apresentação das contas da campanha eleitoral.
- 3 - O Tribunal notifica os partidos políticos da decisão a que se refere o n.º 1, bem como o Ministério Público, para que este possa promover a aplicação das respectivas coimas.

Artigo 44.º

Notificação às candidaturas das promoções do Ministério Público

- 1 - A Entidade notifica as candidaturas da promoção do Ministério Público prevista no n.º 3 do artigo anterior.
- 2 - As candidaturas pronunciam-se, querendo, no prazo de 10 dias, sobre a matéria descrita na promoção, na parte que lhes respeita, e prestam os esclarecimentos que tiverem por convenientes.

Artigo 45.º

Decisão sobre as contra-ordenações em matéria de contas das campanhas eleitorais

Findo o prazo previsto no n.º 2 do artigo anterior, o Tribunal Constitucional decide, em plenário, da punição ou não das candidaturas, bem como das sanções a aplicar.

CAPÍTULO VII

Sanções

Artigo 46.º

Competência para aplicação de sanções

- 1 - O Tribunal Constitucional é competente para aplicar as sanções previstas na Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho, com ressalva das sanções penais.
- 2 - A Entidade é competente para aplicar as sanções previstas na presente lei.
- 3 - Das decisões da Entidade previstas no n.º 2 cabe recurso de plena jurisdição para o Tribunal Constitucional, em plenário.

Artigo 47.º

Incumprimento dos deveres de comunicação e colaboração

1 - Os mandatários financeiros, os candidatos às eleições presidenciais, os primeiros candidatos de cada lista e os primeiros proponentes de grupos de cidadãos eleitores que violem os deveres previstos nos artigos 15.º e 16.º são punidos com coima mínima no valor de 2 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 32 salários mínimos mensais nacionais.

2 - Os partidos políticos que cometam a infracção prevista no n.º 1 são punidos com coima mínima no valor de 6 salários mínimos mensais nacionais e máxima no valor de 96 salários mínimos mensais nacionais.

CAPÍTULO VIII

Disposições finais e transitórias

Artigo 48.º

Regime transitório

1 - Para apreciação das contas anuais dos partidos correspondentes ao ano de 2004, o Tribunal Constitucional conta com o apoio técnico da Entidade.

2 - Durante o ano de 2005, a Entidade procede à elaboração dos regulamentos indispensáveis à conformação, por parte dos partidos políticos e das candidaturas, às regras de financiamento e de organização de contas previstas na Lei n.º 19/2003, de 20 de Junho, e na presente lei.

Artigo 49.º

Entrada em vigor

A presente lei entra em vigor em 1 de Janeiro de 2005.

Aprovada em 2 de Dezembro de 2004.

O Presidente da Assembleia da República, João Bosco Mota Amaral.

Promulgada em 30 de Dezembro de 2004.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendada em 30 de Dezembro de 2004.

O Primeiro-Ministro, Pedro Miguel de Santana Lopes.

**RESULTADOS DAS ELEIÇÕES
PARA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**

(Os resultados indicados referem-se apenas aos partidos e coligações que, em qualquer dos actos eleitorais indicados, obtiveram mandatos)

Eleições	Inscritos	Votantes	Abstenções	AD (1)	APU (2)	BE (3)	CDS (4)
1976 % md 263	6.402.035	5.482.723	14,36				877.494 16,00 42
1979 % md 250	6.894.636	6.007.453	12,87	2.554.458 42,52 121	1.129.322 18,80 47		23.523(13) 0,39 -
1980 % md 250	7.179.023	6.026.395	16,06	2.706.667 44,91 126	1.009.505 16,75 41		13.765(13) 0,23 -
1983 % md 250	7.337.064	5.707.695	22,21		1.031.609 18,07 44		716.705 12,56 30
1985 % md 250	8.025.166	5.798.929	25,84		898.281 15,49 38		577.580 9,96 22
1987 % md 250	7.930.668	5.676.358	28,43				251.987 4,44 4
1991 % md 230	8.462.357	5.735.431	32,23				254.317 4,43 5
1995 % md 230	8.906.608	5.904.854	33,70				534.470 9,05 15
1999 % md 230	8.864.604	5.415.102	38,92			132.333 2,44 2	451.643 8,34 15
2002 % md 230	8.902.713	5.473.655	38,52			149.966 2,74 3	477.350 8,72 14

(1) AD-Aliança Democrática, coligação formada pelo PPD/PSD, CDS-PP e PPM (2) APU-Aliança Povo Unido, coligação formada pelo PCP e MDP/CDE (3) CDS-PP Centro Democrático Social-Partido Popular (4) CDU-Coligação Democrática Unitária, coligação formada pelo PCP e PEV (5) FRS-Frente Republicana e Socialista, coligação formada pelo PS, UEDS e ASDI (6) Partido Comunista Português (7) PRD-Partido Renovador Democrático (8) PS-Partido Socialista (9) PPD/PSD-Partido Popular Democrático/Partido Social Democrata (10) PSN-Partido da Solidariedade Nacional (11) UDP-União Democrática Popular

CDU (5)	FRS (6)	PCP (7)	PRD (8)	PS (9)	PSD (10)	PSN (11)	UDP (12)
		786.701 14,35 40		1.911.769 34,87 107	1.336.697 24,38 73		91.691 1,67 1
				1.642.136 27,33 74	141.227 (15) 2,35 7		130.842 2,18 1
	1.606.198 26,65 71			67.081 (14) 1,11 3	147.644. (15) 2,45 8		83.204 1,38 1
				2.061.309 36,12 101	1.554.804 27,24 75		27.260 (16) 0,48 -
			1.038.893 17,92 45	1.204.321 20,77 57	1.732.288 29,87 88		73.401 1,27 -
689.137 12,14 31			278.561 4,91 7	1.262.506 22,24 60	2.850.784 50,22 148		50.717 0,89 -
504.583 8,80 17			35.077 0,61 -	1.670.758 29,13 72	2.902.351 50,60 135	96.906 1,68 1	6.157 0,11 -
506.157 8,57 15				2.583.755 43,76 112	2.014.589 34,12 88	12.613 0,21 -	33.876 0,57 -
451.643 8,34 15				2.385.922 44,06 115	1.750.158 32,32 81		
379.870 6,94 12				2.068.584 37,79 96	2.200.765 40,21 105		

(12) Resultados referentes apenas aos círculos eleitorais dos Açores e Madeira, dado que nas eleições legislativas de 1979 e 1980, o CDS-PP integrou a AD (13) Resultados referentes apenas aos círculos eleitorais dos Açores, Madeira, Europa e Fora da Europa, dado que nas eleições legislativas de 1980, o PS integrou a coligação FRS (14) Resultados referentes apenas aos círculos eleitorais dos Açores e Madeira, dado que nas eleições legislativas de 1979 e 1980, o PPD/PSD integrou a AD (15) Nos círculos eleitorais de Coimbra, Porto, Europa e Fora da Europa, a UDP concorreu em coligação com o PSR, resultados estes que não foram somados aos totais nacionais acima transcritos.

BIBLIOGRAFIA

- Canotilho (J.J.Gomes)** - “Direito Constitucional” - Almedina, 1991
- Canotilho (J.J.Gomes) e Moreira (Vital)** - “Constituição da República Portuguesa anotada”, 3ª edição revista de 1993 - Coimbra Editora
- Canotilho (J.J.Gomes)** - “Direito Constitucional e Teoria da Constituição”, Almedina, 1998
- Carpentier (A.)** - “Codes et Lois” - Editions Techniques, S.A.
- Cotteret (J.M.) e Emeri (C.)** - “Sistemas Eleitorais” - Livros do Brasil
- Comissão Nacional de Eleições** - “Dicionário de Legislação Eleitoral”, vol. I ed. própria, 1995
- Cruz, Manuel Braga da** - “Sistema eleitoral português - debate político e parlamentar” - PCM/IN/CM
- Cruz, Manuel Braga da** - “Sistemas eleitorais: o debate científico” - I.C.Sociais
- Duverger (Maurice)** - “Os grandes sistemas políticos” - Almedina
- Duverger (Maurice)** - “Institutions politiques” - 2º vol. - Themis, P.U.F.
- Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra** - “Pareceres sobre o Anteprojecto de Reforma da Lei Eleitoral para a Assembleia da República” - FDUC, 1998
- Guedes (Luís Marques)** - “Uma Constituição Moderna para Portugal - A Constituição da República revista em 1997 (anotada), Grupo Parlamentar do PSD, 1997
- Magalhães (José)** - Dicionário de Revisão Constitucional - Editorial Notícias
- Lacão (Jorge)** - “Constituição da República Portuguesa - 4ª revisão- Setembro 1997” (anotada) - Texto Editora, 1997
- Masclat (J.C.)** - “Droit Electoral” - P.U.F.
- Mendes (Armindo Ribeiro)** - “ A Jurisprudência do Tribunal Constitucional em matéria eleitoral”
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Lei Eleitoral da Assembleia da República” (actualizada, anotada e comentada) – 3ª reedição dos autores, 2002
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Presidente da República – Legislação Eleitoral” (actualizada, anotada e comentada) – 2ª reedição dos autores, 2000
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Lei Eleitoral da Assembleia Legislativa Regional da Madeira” (actualizada, anotada e comentada) – 3ª reedição dos autores, 2004
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Lei Eleitoral da Assembleia Legislativa Regional dos Açores”(actualizada, anotada e comentada) – 3ª reedição dos autores, 2004
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Lei Eleitoral dos Órgãos das autarquias locais” (actualizada, anotada e comentada) – edição dos autores, 2001
- Mendes (Fátima Abrantes) e Miguéis (Jorge)** - “Lei Orgânica do Regime do Referendo” (anotada e comentada) - edição dos autores, 1998
- Miranda (Jorge)** - “O direito eleitoral na Constituição” - *in* “Estudos sobre a Constituição - 2º vol.” - Livraria Petrony
- Miranda (Jorge)** - “Estudos de direito eleitoral” - Lex-Edições Jurídicas, 1995
- Miranda (Jorge)** - “Ideias para uma revisão constitucional em 1996” - Edições Cosmos, 1996
- Miranda (Jorge)** - “Direito Constitucional III – Direito Eleitoral, Direito Parlamentar” – AAFDL, 2003
- Nohlen (D.)** - “Elections and electoral systems” - F.E.S.
- Otero (Paulo)** - “O acordo de revisão constitucional” - AAFDL, 1997
- Oliveira (Tiago de)** - “O sistema eleitoral português como forma de representação” – *in* “Análise Social - vol. XVII (65) - 1981”
- Presidência do Conselho de Ministros** - “Revisão da Lei Eleitoral para a Assembleia da República: Anteprojecto de Articulado e Relatório” - PCM, 1997
- Presidência do Conselho de Ministros, Ministério da Ciência e Tecnologia** - “Revisão da Lei Eleitoral para a Assembleia da República: Estudos de Delimitação de Círculos uninominais de Candidatura” - PCM, 1998

Seara (Fernando Roboredo) e outros - “Textos fundamentais de Direito Constitucional” - SPB Editores e Livreiros, Lda, 1996

Sousa (M. Rebelo de) - “Os partidos políticos no direito constitucional português” –Livraria Cruz

Vasques (J. R. Parada) - “Codigo do Derecho Publico” - Marcial Pons Librero – Editor

“Código Eleitoral (projecto) - 1987” - Separata do Boletim do Ministério da Justiça nº 364

“Acórdãos do Tribunal Constitucional” - 6º e 14º volumes (1985 e 1989), Imprensa Nacional - Casa da Moeda

“Constituição da República Portuguesa” - 6ª revisão: 2004, Assembleia da República, Divisão de Edições, 1997

“Eleições para a Assembleia da República” - Legislação anotada e manual dos delegados e dos membros das mesas das assembleias e secções de voto” - Editorial Caminho

“Sistemas eleitorais/leis eleitorais” - cadernos de informação - Assembleia da República (Biblioteca - DILP)

ÍNDICE GERAL

- **Lei Eleitoral da Assembleia da República**-Lei nº 14/79, de 16 de Maio
- Índice sistemático da Lei nº 14/79

- **Legislação Complementar**

- Constituição da República Portuguesa - 6ª Revisão-, 2004 (excertos)
 - Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de Agosto – Direito de reunião
 - Decreto-Lei nº 85-D/75, de 26 de Fevereiro - Tratamento jornalístico às diversas candidaturas
 - Decreto-Lei nº 95-C/76, de 30 de Janeiro (excertos) - Organização do processo eleitoral no estrangeiro
 - Lei nº 71/78, de 28 de Dezembro - Comissão Nacional de Eleições
 - Decreto-Lei nº 411-B/79, de 3 de Outubro - Mandatários dos círculos eleitorais de fora do território nacional
 - Código Penal de 1982, revisto pela Lei nº 48/95 (excertos)
 - Lei nº 28/82, de 15 de Novembro (excertos) - Organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional
 - Lei nº 97/88, de 17 de Agosto - Afixação e inscrição de mensagens de publicidade e propaganda
 - Lei nº 64/93, de 26 de Agosto - Regime jurídico de incompatibilidades e impedimentos dos titulares de cargos políticos e altos cargos públicos
 - Lei nº 12/96, de 18 de Abril - Novo regime de incompatibilidades
 - Lei nº 13/99, de 22 de Março (excertos) - Estabelece o novo regime jurídico do recenseamento eleitoral
 - Lei nº 22/99, de 21 de Abril - Regula a criação de bolsas de agentes eleitorais e a compensação dos membros das mesas das assembleias ou secções de voto em actos eleitorais e referendários
 - Lei nº 26/99, 3 de Maio – Alarga a aplicação dos princípios reguladores da propaganda e a obrigação da neutralidade das entidades públicas à data da marcação das eleições ou do referendo
 - Lei nº 10/2000, 21 de Junho – Regime Jurídico da publicação ou difusão de sondagens e inquéritos de opinião
 - Portaria 118/2001, 23 de Fevereiro – Regulamento da Lei das Sondagens –artº 3º da Lei 10/2000
 - Lei Orgânica nº 4/2001, 30 de Agosto (excertos) – Alteração à Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas
 - Lei 19/2003, 20 Junho - Lei do Financiamento dos Partidos Políticos e das Campanhas Eleitorais-
 - Lei Orgânica nº 2/2003, 22 de Agosto - Lei dos partidos políticos
 - Lei Orgânica nº 2/2005, 10 de Janeiro – Lei de Organização e Funcionamento da Entidade das Contas e Financiamentos Políticos
-
- Resultados das eleições para a Assembleia da República
 - Bibliografia

Maria de Fátima Figueira

Abrantes Mendes

Assessora Jurista Principal da Assembleia da República.
Destacada, desde Junho de 1979, na Comissão Nacional de Eleições, onde exerce funções de Secretário.

Jorge Manuel Ferreira Miguéis

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1974).
Membro da Comissão Nacional de Eleições.

Subdirector Geral do Secretariado Técnico
dos Assuntos para o Processo Eleitoral do Ministério
da Administração Interna, organismo que integra
desde Janeiro de 1975.

edição de autor
com o patrocínio da Comissão Nacional de Eleições

M^a Fátima Abrantes Mendes
Jorge Miguéis
2005